



Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Português I

Volume 2

Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE CIÊNCIA,
TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

**MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO**



Apoio:



FAPERJ

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

www.cederj.edu.br

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-presidente

Marilvia Dansa de Alencar

Coordenação do Curso de Letras

UFF - Livia Maria de Freitas Reis Teixeira

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Rosane Monnerat

Ilana Rebello Viegas

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Fabio Peres

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Anna Maria Osborne

Mariana Pereira de Souza

Paulo Alves

AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Thaís de Siervi

Departamento de Produção

EDITOR

Fábio Rapello Alencar

COORDENAÇÃO DE REVISÃO

Cristina Freixinho

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Beatriz Fontes

Carolina Godoi

Thelenayce Ribeiro

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Ronaldo d'Aguiar Silva

DIRETOR DE ARTE

Alexandre d'Oliveira

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Alessandra Nogueira

Alexandre d'Oliveira

André Guimarães de Souza

Andreia Villar

Bianca Lima

Ricardo Polato

Sanny Reis

ILUSTRAÇÃO

Fernando Romeiro

CAPA

Fernando Romeiro

PRODUÇÃO GRÁFICA

Verônica Paranhos

Copyright © 2011, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

M748p

Monnerat, Rosane.

Português I. v. 2 / Rosane Monnerat, Ilana Rebello Viegas. – Rio de Janeiro : Fundação CECIERJ, 2011.

306 p. ; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-810-1

1. Português. 2. Descrição 3. Narração. 4. Argumentação. 5. Gêneros textuais. I. Viegas, Ilana Rebello. II. Título.

CDD:375

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT e AACR2.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação

Gabriell Carvalho Neves Franco dos Santos

Universidades Consorciadas

CEFET/RJ - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA

Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

FAETEC - FUNDAÇÃO DE APOIO À ESCOLA TÉCNICA

Presidente: Alexandre Sérgio Alves Vieira

IFF - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE

Reitor: Jefferson Manhães de Azevedo

UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO

Reitor: Luis César Passoni

UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor: Ruy Garcia Marques

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitor: Roberto Leher

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Reitora: Ricardo Luiz Louro Berbara

UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| Aula 16 – A semântica dos tempos e modos verbais nas articulações textuais (I) _____ | 7 |
| <i>Rosane Monnerat / Ilana Rebello Viegas</i> | |
| Aula 17 – A semântica dos tempos e modos verbais nas articulações textuais (II) _____ | 21 |
| <i>Rosane Monnerat / Ilana Rebello Viegas</i> | |
| Aula 18 – Recursos retóricos e estilísticos na produção/recepção do texto _ | 37 |
| <i>Rosane Monnerat / Ilana Rebello Viegas</i> | |
| Aula 19 – Organizando os textos: tipologia textual e domínios discursivos _ | 55 |
| <i>Rosane Monnerat / Ilana Rebello Viegas</i> | |
| Aula 20 – Os gêneros textuais: um pouco de história _____ | 75 |
| <i>Rosane Monnerat / Ilana Rebello Viegas</i> | |
| Aula 21 – Descrição: o que é e como se faz _____ | 95 |
| <i>Rosane Monnerat / Ilana Rebello Viegas</i> | |
| Aula 22 – Narração: a vida em movimento _____ | 117 |
| <i>Rosane Monnerat / Ilana Rebello Viegas</i> | |
| Aula 23 – Argumentação: a polêmica em foco _____ | 143 |
| <i>Rosane Monnerat / Ilana Rebello Viegas</i> | |
| Aula 24 – Modos de organização do discurso: o enunciativo _____ | 161 |
| <i>Rosane Monnerat / Ilana Rebello Viegas</i> | |
| Aula 25 – Registros de língua e situação de comunicação _____ | 181 |
| <i>Rosane Monnerat / Ilana Rebello Viegas</i> | |
| Aula 26 – Estruturação do texto escrito: conceituação de frase, oração, período e parágrafo _____ | 203 |
| <i>Rosane Monnerat / Ilana Rebello Viegas</i> | |
| Aula 27 – Tópico frasal e estratégias de desenvolvimento do parágrafo _ | 223 |
| <i>Rosane Monnerat / Ilana Rebello Viegas</i> | |
| Aula 28 – Processos de produção e recepção do texto: reescrituração, síntese e revisão _____ | 243 |
| <i>Rosane Monnerat / Ilana Rebello Viegas</i> | |

Aula 29 – Multiplicidade de linguagens: texto verbal x texto não verbal _ **263**

Rosane Monnerat / Ilana Rebello Viegas

Aula 30 – A linguagem dos signos e das cores no texto visual:
relações motivadas – ícones, índices, símbolos _____ **281**

Rosane Monnerat / Ilana Rebello Viegas

Referências _____ **297**

A semântica dos tempos e modos verbais nas articulações textuais (I)

*Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas*

AULA

16

Meta da aula

Apresentar a dinâmica dos tempos verbais no texto e os efeitos de sentido decorrentes da articulação tempo/modo e atitude comunicativa.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar a ordenação temporal relativa ao momento da fala;
2. identificar a ordenação temporal relativa a um marco temporal, ou ponto de referência;
3. diferenciar modo e tempo verbais e reconhecer os valores semânticos no emprego dos modos verbais.

INTRODUÇÃO

O tempo cronológico é medido por dias, meses e anos. E como é feita a representação desse tempo na língua?

Na língua, o tempo é expresso pelos tempos verbais e pelos advérbios de tempo. Os acontecimentos são situados em relação a um *agora*, que é o momento em que se fala, e a um momento passado, ou futuro em relação a esse *agora*.

A ordenação do tempo no texto, portanto, não é uma imitação do tempo real, cronológico, mas um jogo complexo de articulações, com o objetivo de criar efeitos de sentido. Dessa forma, pode-se tornar presente o passado; passado o presente; presente o futuro etc.

Assim, se digo “Ontem um temporal devastou Angra dos Reis”, estarei situando esse acontecimento em relação ao momento em que falo. Da mesma forma, se disser, “Daqui a dois anos, terei terminado o meu curso de inglês”, estarei estabelecendo um marco temporal futuro (dois anos à frente) e situando o acontecimento “terminar meu curso de inglês” em um momento anterior a esse marco temporal.

OS TEMPOS E OS MODOS VERBAIS NAS ARTICULAÇÕES TEXTUAIS

Entende-se por MODO a propriedade que o verbo tem de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de ordem) da pessoa que fala em relação ao que enuncia e, por TEMPO, a propriedade de localizar o processo verbal no momento de sua ocorrência, referindo-se à pessoa que fala ou a outro fato qualquer.

OS TEMPOS VERBAIS

Há, então, duas maneiras de ordenar os tempos num texto:

1º) em relação ao momento da enunciação, da fala;

2º) em relação a um marco temporal, ou ponto de referência inscrito no texto.

Vejamos, agora, cada uma dessas maneiras de ordenar os tempos em um texto:

1º) **Ordenação quanto ao momento da fala**

PRESENTE: o acontecimento é simultâneo ao momento da fala.

O presente expressa:

a) o que ocorre no momento da fala.

Ex.: Agora *estou* muito ocupada.

b) o que tem propriedades permanentes, como as verdades científicas, os provérbios etc.

Ex.: O sol *é* uma estrela de 5ª grandeza.

Observação:

1) O presente do indicativo se emprega com valor de futuro do presente nos registros semiformal e informal.

Ex.: Amanhã eu *viajo* bem cedo (*viajo* por *viajarei*);

2) O presente do indicativo do verbo “estar” se emprega numa perífrase verbal (locução verbal) com o gerúndio do verbo principal para expressar concomitância em relação ao momento da fala.

Ex.: *Estou vendo* televisão agora.

No português de Portugal, essa perífrase verbal é formada pelo verbo “estar” no presente do indicativo, mais a preposição “a” e o infinitivo do verbo principal.

Ex.: *Estou a ver* televisão agora.

PASSADO: o acontecimento é anterior ao momento da fala.

Ex.: Ontem *trabalhei* até tarde. (Pretérito perfeito)

FUTURO: o acontecimento é posterior ao momento da fala.

Ex.: Ela *chegará* da Europa amanhã. (Futuro do presente)

Resumindo:

| Ordenação do TEMPO quanto ao momento da fala | | |
|--|--|--|
| Presente | Passado | Futuro |
| Expressa o que ocorre no momento da fala e o que tem propriedades permanentes. | O pretérito perfeito representa o fato como concluído. | O futuro do presente expressa um acontecimento posterior ao momento da fala. |

2º) Ordenação quanto a um marco temporal

1) Se o marco temporal estiver no passado, os fatos podem ser concomitantes, anteriores ou posteriores a ele.

a) PRETÉRITO PERFEITO: representa o fato com limites dentro de um marco temporal, valor pontual.

Ex.: No dia 13 de maio de 1888, *foi promulgada* a Lei Áurea.

(O acontecimento promulgação da Lei Áurea é concomitante ao marco temporal pretérito: 13 de maio de 1888, e é um fato acabado dentro daquele limite temporal.)

b) PRETÉRITO IMPERFEITO: representa o fato como não concluído em relação a um outro fato (marco temporal) também não concluído no passado, valor durativo.

Ex.: Eu *gostava* de caminhar na praia, quando *morava* no Rio de Janeiro.



Sanja Gjenero

Figura 16.1: Caminhando na praia.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1191968>

c) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO: representa o fato como concluído e anterior a um ponto de referência passado.

Ex.: Quando ele *chegou*, eu já *partira* (ou *havia partido*).
("Haver partido" é um fato anterior ao marco temporal passado "chegar".)

d) FUTURO DO PRETÉRITO: representa o fato como posterior ao marco temporal pretérito.

Ex.: No dia 7 de setembro de 1822, D. Pedro *vinha* com sua comitiva de Santos. Nesse mesmo dia, *proclamaria* a Independência do Brasil. (Fato posterior ao marco temporal passado: *vinha*.)

2) Se o marco temporal estiver no futuro, os fatos também podem ser concomitantes, anteriores ou posteriores a ele.

a) PRESENTE DO FUTURO (acontecimentos simultâneos): constituído do verbo “estar” no futuro do presente, mais o gerúndio do verbo principal.

Ex.: Quando ele *chegar*, ainda *estarei trabalhando* neste capítulo.

b) FUTURO ANTERIOR (futuro do presente composto: verbo “ter” no futuro do presente, mais particípio do verbo principal): acontecimento anterior a um marco temporal.

Ex.: Quando ele *chegar*, já *terei terminado* o trabalho.

c) FUTURO DO FUTURO: fato posterior a um marco temporal futuro.

Ex.: Depois que ele *viajar*, *ficarei* mais descansado.

Resumindo:

| Ordenação do TEMPO quanto a um marco temporal | | | |
|--|--|---|---|
| Marco temporal no passado | | | |
| Pretérito perfeito | Pretérito imperfeito | Pretérito mais-que-perfeito | Futuro do pretérito |
| Representa o fato com limites dentro de um marco temporal, valor pontual. | Representa o fato como não concluído em relação a outro fato (marco temporal) também não concluído no passado, valor durativo. | Representa o fato como concluído e anterior a um ponto de referência passado. | Representa o fato como posterior ao marco temporal passado. |
| Marco temporal no futuro | | | |
| Presente do futuro | Futuro anterior composto | Futuro do futuro | |
| Acontecimentos simultâneos. Constituído do verbo “estar” no futuro do presente mais o gerúndio do verbo principal. | Verbo “ter” no futuro do presente, mais o particípio do verbo principal. Acontecimento anterior a um marco temporal. | Fato posterior a um marco temporal futuro. | |

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1 e 2

1. Você acabou de estudar que há duas maneiras de ordenar os tempos verbais em um texto:

1ª) em relação ao momento da enunciação;

2ª) em relação a um marco temporal ou ponto de referência inscrito no texto.

Leia os textos jornalísticos a seguir e identifique o tempo verbal. Observe o exemplo:

EXEMPLO: “Implosão do Frei Caneca não teve os resultados esperados.”

(Fonte: *JB online*. 13 mar. 2010. <http://jbonline.terra.com.br/pextra/2010/03/13/e130315095.asp>)

Tempo: PRETÉRITO PERFEITO (o acontecimento – a implosão do presídio Frei Caneca – é anterior ao momento da fala.)

a) “Um homem *mantém* a ex-mulher e o filho, um bebê de 1 ano e 8 meses, reféns há mais de 30 horas em uma casa no bairro São Francisco, zona centro sul de Manaus (AM).”

(Fonte: *JB online*. 13 mar. 2010. <http://jbonline.terra.com.br/pextra/2010/03/13/e130315107.asp>)

b) “Taxistas de Nova York *roubaram* mais de US\$ 8 milhões em 2 anos.”

(Fonte: *JB online*. 13 mar. 2010. <http://jbonline.terra.com.br/pextra/2010/03/13/e130315088.asp>)

c) “Área de presídio implodido no Rio *será usada* para construção de casas.”

(Fonte: *O fluminense online*. 13 mar. 2010. <http://jornal.ofluminense.com.br/editorias/cidades/area-de-presidio-implodido-no-rio-sera-usada-para-construcao-de-25-mil-casas>)

d) “Um sargento do Exército *foi preso* na noite desta sexta-feira (12) pela Polícia Rodoviária Estadual na rodovia Castello Branco, em Tatuí (141 km de São Paulo).”

(Fonte: *Folha online*. 13 mar. 2010. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u706514.shtml>)

2. Complete as frases, empregando corretamente os verbos entre parênteses e, assim, estabelecendo a coesão temporal:

- a) As crianças brincavam enquanto a mãe _____ a casa. (arrumar)
- b) Quando ele _____, eu já havia resolvido o que fazer. (telefonar)
- c) Depois que ele for contratado, _____ mais aliviada. (ficar)

RESPOSTA COMENTADA

1. a) *Tempo presente: o acontecimento é simultâneo ao momento da publicação da manchete.*
 - b) *Tempo pretérito perfeito: o acontecimento – o roubo efetuado por taxistas – é anterior ao momento da publicação da manchete.*
 - c) *Tempo futuro: o acontecimento – construção de casas – é posterior ao momento da publicação da manchete.*
 - d) *Tempo pretérito perfeito: representa o fato – a prisão do sargento do Exército – com limites dentro de um marco temporal – noite desta sexta-feira (12).*
2. a) *arrumava;*
 - b) *telefonou;*
 - c) *ficarei.*

OS MODOS VERBAIS

Antes de começarmos a estudar os modos verbais, é preciso esclarecer que, neste curso, não focalizaremos a conjugação dos verbos em si, mas seu emprego no texto.

São três os modos verbais: o *indicativo*, o *subjuntivo* e o *imperativo*.

O *MODO INDICATIVO* expressa, em geral, uma ação ou estado considerados na sua certeza, realidade, em referência ao presente, ao passado e ao futuro.

Já quando empregamos o *MODO SUBJUNTIVO*, a nossa atitude é completamente outra. Encaramos a existência do fato como incerta, duvidosa, ou mesmo irreal. O próprio nome “subjuntivo” já indica o seu papel no texto. “Subjuntivo” vem do latim *subjunctivus*, que quer dizer “que serve para ligar, para subordinar”. Portanto, o subjuntivo indica uma ação concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida.

Por isso, podemos dizer que o emprego dos tempos verbais do *modo indicativo* é motivado semanticamente. Já as formas do *modo subjuntivo* não são autônomas para situar o conteúdo do verbo no tempo.

Vamos analisar os exemplos seguintes:

(1) *Quero que me ajude, se puder.*

(2) *Queria que me ajudasse, se pudesse.*

Em (1), as formas “ajude” e “puder” – presente e futuro do subjuntivo – são empregadas por exigência do ponto de referência “Quero”. Da mesma forma, em (2), “ajudasse” e “pudesse” – pretérito imperfeito do subjuntivo – são empregadas por exigência do marco temporal “Queria”.

Essa é a razão de uma frase como “Talvez viajo amanhã” soar tão estranha a nossos ouvidos. O advérbio “talvez” implica dúvida, por isso não cabe o presente do indicativo “viajo” na oração. A sentença esperada seria: “Talvez viaje amanhã”, com o verbo no presente do subjuntivo.

Analizamos essa correlação de tempos/modos verbais (em latim chamada de *consecutio temporum*), quando estudamos a coesão temporal, mecanismo gramatical de coesão textual (ver Aula 5).

O esquema seguinte ilustrará a questão:

Quadro 16.1: Tempos dos modos Indicativo e Subjuntivo

| Tempo | Modo Indicativo | Modo Subjuntivo |
|-------------------|--|------------------------------------|
| Presente | Afirmo que ela estuda. | Duvido que ela estude. |
| Imperfeito | Afirmo que ela estudava. | Duvido que ela estudasse |
| Perfeito | Afirmo que ela estudou (ou tem estudado). | Duvido que ela tenha estudado. |
| Mais-que-perfeito | Afirmava que ela estudara (ou tinha estudado). | Duvidava que ela tivesse estudado. |

Já o *MODO IMPERATIVO*, embora seu nome sugira “comando”, é o modo da exortação, do conselho, do convite, mais do que da ordem propriamente dita, já que a língua dispõe também de outros meios para indicar “ordem”. Por exemplo, podemos usar o infinitivo para dar uma ordem: “Marchar!”

ATIVIDADES



Atendem ao Objetivo 3

3. Dentre os enunciados a seguir, identifique aqueles em que a relação tempos/modos verbais não está correta. Em seguida, reescreva-os corretamente.

a) Talvez finalizo a negociação amanhã.

b) Tenho certeza de que Ana goste de estudar.

c) Se puder, telefono para você mais tarde.

d) Se tivesse dinheiro, vou viajar para a Europa.

4. Observe o texto publicitário a seguir.



Figura 16.2: “Tire o peso da dúvida. Faça o teste do vírus da AIDS.” – Ministério da Saúde

Fonte: <http://www.aids.gov.br/campanha/campanha-de-diagnostico>

a) Em que modo estão as formas verbais empregadas no texto publicitário?

b) O que esse modo verbal expressa? Está de acordo com o gênero textual – anúncio publicitário?

RESPOSTA COMENTADA

3. a) O advérbio “talvez” implica dúvida, por isso não cabe o presente do indicativo “finalizo” na oração. A sentença esperada seria: “Talvez finalize a negociação amanhã.”, com o verbo no presente do subjuntivo.

b) A expressão “tenho certeza” implica certeza, por isso não está correto o emprego do presente do subjuntivo “goste” na oração. A sentença esperada seria: “Tenho certeza de que Ana gosta de estudar”, com o verbo no presente do indicativo.

c) O emprego dos verbos/modos verbais está correto. O conector “se” implica dúvida e, por isso, exige verbo no subjuntivo: “puder” (futuro); o presente do indicativo (“telefone”) em lugar do futuro (também possível: “telefonarei”) se justifica pela prospecção indicada pela locução adverbial “mais tarde”.

d) Em: “Se tivesse dinheiro, vou viajar para a Europa”, o futuro do presente (“vou viajar”), na segunda parte da oração, não pode estar articulado a uma hipótese não real (pois a pessoa efetivamente não tem dinheiro). O correto seria “Se tivesse dinheiro, viajaria para a Europa”, com o segundo verbo no futuro do pretérito.

4. a) As formas verbais “tire” e “faça”, empregadas no texto publicitário, estão no modo imperativo.

b) O modo imperativo indica ordem, pedido. Tal modo, no texto publicitário, incita o leitor a agir em uma determinada direção.

CONCLUSÃO

Acreditamos que, até agora, ao estudar verbos, você tenha se detido apenas na conjugação verbal. Isso é importante, sem dúvida alguma, mas muito mais importante é saber empregar adequadamente os tempos dos verbos, articulando-os aos modos verbais. Foram essas noções que procuramos passar a você na aula de hoje: não só perceber a diferença de atitude do falante na seleção do modo verbal que emprega, como também escolher, com propriedade, o tempo verbal a ser utilizado em função do momento da enunciação ou de outro marco temporal qualquer. Esses conhecimentos, com certeza, irão ajudá-lo na redação de seus próximos textos!

ATIVIDADES FINAIS**Atendem aos Objetivos 1, 2 e 3**

1. Imagine que você queira dar um recado a um colega de trabalho, empregando o verbo “telefonar” na seguinte frase:

Carlos, Ana (*telefonar*) para você.

Escreva como ficaria essa frase, se você quisesse indicar que esse fato:

a) está acontecendo no momento em que você fala:

b) acabou de acontecer:

c) vai acontecer:

2. Leia as frases:

a) Farei a viagem dos meus sonhos!

b) Andava sempre de bicicleta nas tardes de verão.

c) Eu já havia terminado de assistir ao jogo, quando meus primos chegaram.

Qual dessas frases

a) indica um fato acabado?

b) exprime o firme propósito de realizar alguma ação?

c) indica uma ação que se prolonga no passado?

3. Em uma cerimônia religiosa de casamento, costuma-se ouvir a seguinte frase:

a) “O que Deus uniu o homem não separe.”

Agora, leia essa mesma frase com o verbo “separar” em outro tempo verbal:

b) “O que Deus uniu o homem não separa.”

Qual dessas duas frases deixa claro que o casamento é um ato indissolúvel? Por quê?

RESPOSTA COMENTADA

1. a) *Carlos, Ana telefona para você (verbo no presente do indicativo). A locução verbal “está telefonando para você” também é possível.*
b) *Carlos, Ana telefonou para você (verbo no pretérito perfeito do indicativo)*
c) *Carlos, Ana telefonará para você (verbo no futuro do presente do indicativo). Também seria possível a perífrase verbal “vai telefonar para você”.*
2. a) *A frase (c) “Eu já havia terminado de assistir ao jogo, quando meus primos chegaram.” indica um fato acabado. O pretérito mais-que-perfeito (havia terminado) representa o fato como concluído e anterior a um ponto de referência passado e também concluído (pretérito perfeito: chegaram).*
b) *A frase (a) “Farei a viagem dos meus sonhos!” exprime o firme propósito de realizar alguma ação, com o verbo “fazer” no futuro do presente do indicativo.*
c) *A frase (b) “Andava sempre de bicicleta nas tardes de verão.”, com o verbo no pretérito imperfeito (andava) indica uma ação que se prolonga no passado.*
3. *A frase (b) deixa claro que o casamento é um ato indissolúvel. Em (a), a forma verbal “separe” está conjugada no modo subjuntivo e exprime, portanto, um desejo, uma expectativa. Já na frase (b), a forma verbal “separa” está conjugada no presente do indicativo, exprimindo convicção e enunciando um fato cuja ocorrência é dada como certa.*

RESUMO

O tempo cronológico é medido por dias, meses e anos. Na língua, o tempo é expresso pelos tempos verbais e pelos advérbios de tempo. Os acontecimentos são situados em relação a um *agora*, que é o momento em que se fala, e a um momento passado, ou futuro em relação a esse *agora*. Entende-se por TEMPO a propriedade de localizar o processo verbal no momento de sua ocorrência, referindo-se à pessoa que fala ou a outro fato qualquer, e por MODO, a propriedade que tem o verbo de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de ordem) da pessoa que fala em relação ao que enuncia. Há duas maneiras de ordenar os tempos num texto: em relação ao momento da enunciação e em relação a um marco temporal, ou ponto de referência inscrito no texto.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos continuar estudando a semântica dos tempos e modos verbais nas articulações textuais.

A semântica dos tempos e modos verbais nas articulações textuais (II)

*Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas*

AULA

17

Meta da aula

Apresentar a dinâmica dos tempos verbais no texto e os efeitos de sentido decorrentes da articulação tempo/modo e atitude comunicativa.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar os tipos de atitude comunicativa, diferenciando o "mundo narrado", do "mundo comentado";
2. empregar corretamente os tempos verbais do mundo narrado e do mundo comentado;
3. aplicar a "metáfora temporal";
4. reconhecer o valor da "metáfora temporal" como recurso de polidez.

INTRODUÇÃO

Quando se fala em estudo de verbos, logo se pensa na conjugação dos verbos, distribuídos em três grandes grupos: verbos terminados em -ar, que pertencem à 1ª conjugação; verbos terminados em -er, que pertencem à 2ª conjugação e os terminados em -ir, pertencentes à 3ª conjugação. Uma prática muito comum, também, nas aulas de língua portuguesa, é se pedir aos alunos que conjuguem esses verbos em determinados tempos e modos. Isso é importante, mas não basta. E você logo entenderá o porquê. Na aula passada, você aprendeu algumas noções relacionadas ao estudo dos verbos, como, por exemplo, a diferença entre os conceitos de modo e tempo verbais, e os diferentes empregos dos modos e dos tempos dos verbos.

Na aula de hoje, vamos continuar falando de verbos, ampliando o seu conhecimento sobre esse assunto, ao observarmos os efeitos de sentido decorrentes do emprego dos tempos e modos verbais condicionados a diferentes atitudes comunicativas.

OS TEMPOS VERBAIS NO TEXTO

Vamos, agora, articular a classificação dos tempos verbais ao texto, examinando-os de acordo com três características que fazem parte do sistema temporal:

- 1) a *atitude comunicativa*;
- 2) a *perspectiva*;
- 3) o *relevo*.

Essa classificação foi proposta pelo linguista Harald Weinrich.

Harald Weinrich publicou, em 1964, um trabalho sobre os tempos verbais no alemão. Foi feita uma tradução e adaptação desse livro para o espanhol, em 1968: *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*.

A análise de Weinrich: a narração e o comentário

Começaremos a estudar, agora, cada um dos fatores articulados à classificação dos tempos verbais, segundo a proposta de Weinrich.

Atitude comunicativa

Existem dois tipos de *atitude comunicativa*: narrar e comentar. Cada língua tem seus tempos verbais próprios para assinalar a atitude comunicativa.

Os tempos usados no texto da narrativa – MUNDO NARRADO – são os tempos do passado: pretérito perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito e futuro do pretérito, e os tempos empregados no texto do comentário, ou texto argumentativo – MUNDO COMENTADO –, são o presente, o pretérito perfeito (simples e composto) e o futuro do presente.

Como vemos, a classificação dos tempos verbais em tempos de narração e do comentário enfatiza o modo indicativo.

Na narrativa, a atitude é mais relaxada; tende a haver um distanciamento em relação aos fatos narrados, o que leva a essa atitude mais descontraída. Já no comentário, a atitude é de comprometimento, engajamento, porque comentar é engajar-se e forçar o interlocutor a engajar-se também.

Perspectiva

Além da *atitude comunicativa*, é preciso observar, também, a *perspectiva* a partir da qual os tempos são empregados. Em relação à *perspectiva*, então, em cada mundo, há os tempos-zero, ou seja, sem perspectiva, e os tempos retrospectivos e prospectivos.

Alguns tempos verbais são utilizados para narrar; outros, para comentar. Para cada tipo de atitude comunicativa – narrar ou comentar –, há os *tempos-zero*, que não expressam perspectiva, ou seja, apenas sinalizam que se trata de um relato ou de um comentário. Porém, há tempos verbais com *perspectiva retrospectiva* (os que sinalizam para eventos anteriores ao tempo base) e aqueles com *perspectiva prospectiva* (os que sinalizam para eventos posteriores ao tempo-base).

No mundo comentado, o tempo-zero é o presente; o retrospectivo é o pretérito perfeito, e o prospectivo, o futuro do presente.

Veja esses tempos no gráfico a seguir:

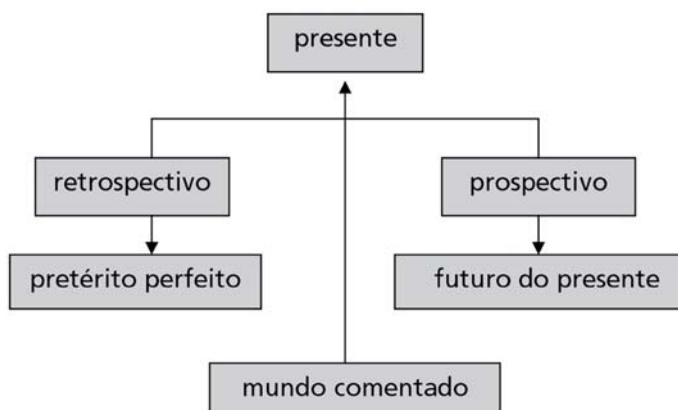


Figura 17.1: Tempos verbais do mundo comentado.

No mundo narrado, há dois tempos-zero, o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito; o tempo retrospectivo é o pretérito mais-que-perfeito, e o prospectivo, o futuro do pretérito, em relação aos tempos-zero.

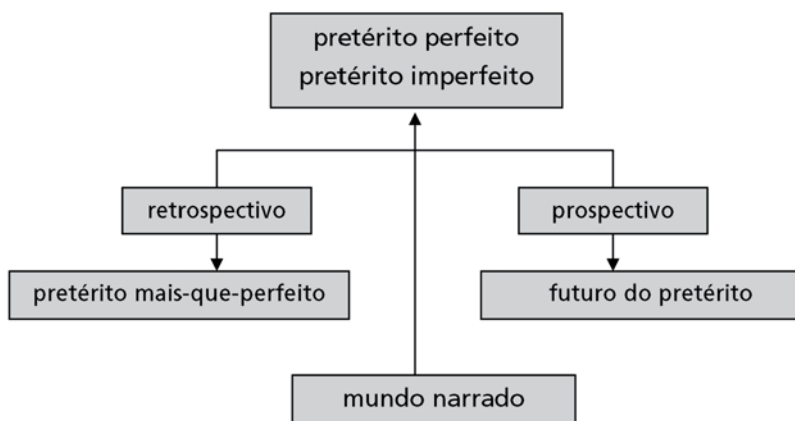


Figura 17.2: Tempos verbais do mundo narrado.

Já vimos o que é atitude comunicativa e perspectiva. Agora, vejamos o que é relevo em relação aos tempos verbais.

Relevo

Quanto ao *relevo*, o texto se divide em primeiro plano e segundo plano, dando informações ao receptor sobre a informação considerada principal e a considerada secundária. Em português, o relevo é marcado por meio do tempo verbal, apenas no mundo narrado: o perfeito indica o plano principal da narrativa, e o imperfeito, o plano de fundo.

O esquema seguinte o ajudará a perceber essas relações.

Tabela 17.1: Tempos verbais segundo Weinrich

| Tempos verbais (segundo Weinrich) | Sem perspectiva | Com perspectiva | |
|--|--|-----------------------------|---------------------|
| | Tempo-zero | Reprospectiva | Prospectiva |
| MUNDO COMENTADO (Aproximação) | Presente | Pretérito perfeito composto | Futuro do presente |
| MUNDO NARRADO (Distanciamento) | Pretérito perfeito (com relevo) | Pretérito mais-que-perfeito | Futuro do pretérito |
| | Pretérito imperfeito (sem relevo) | | |

O dia estava lindo, o céu bastante azul, sem nenhuma nuvem. As crianças brincavam na areia, construindo castelos que as ondas, de vez em quando, destruíam. Maria não desgrudava os olhos de sua filha menor, que ainda não sabia nadar.

Foi quando, de repente, uma onda enorme arrebentou na areia...



Kristen Core

Figura 17.3: Crianças na areia.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/900473>

Preste atenção no fragmento a seguir:

Agora, vamos analisá-lo de acordo com o que acabamos de aprender:

No primeiro parágrafo, observa-se a recorrência do mesmo tempo verbal – o pretérito imperfeito do indicativo –, que indica ao leitor o segundo plano do relato, ou seja, o pano de fundo. Quando ocorre a mudança do imperfeito para o perfeito do indicativo, assinala-se a mudança de perspectiva, passa-se ao plano principal da narrativa, à ação propriamente dita.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 2

Vamos agora analisar os tempos do mundo narrado e do mundo comentado.

1. Leia, a seguir, um trecho de uma reportagem extraída do jornal *O Globo online* do dia 16 de março de 2010.

Proposta de Ibsen faz Rio cair de 1º para 22º no recebimento de royalties

Escolhidos pela Câmara como parâmetros para divisão das atuais e futuras receitas governamentais com o petróleo, os fundos de participação dos Estados (FPE) e dos Municípios (FPM) *estão sendo* questionados pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e pelo Tribunal de Contas da União (TCU). Nos últimos meses, as duas instituições consideraram arbitrárias as regras em vigor de distribuição desses recursos públicos e determinaram sua correção. *É* com base nessa questionada metodologia dos fundos que a arrecadação do Estado do Rio *desabará* cerca de R\$ 5 bilhões e de seus municípios, cerca de R\$ 2 bilhões, se a emenda Ibsen *entrar* em vigor, como *mostra* reportagem de Gustavo Paul, publicada na edição desta terça-feira, no GLOBO. Nesse caso, o Rio, estado que mais *recebe* royalties atualmente, passará a 22 pelo ranking do FPE.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/economia/mat/2010/03/15/proposta-de-ibsen-faz-rio-cair-de-1-para-22-no-recebimento-de-royalties-916072862.asp>

a) Nesse trecho de reportagem, a intenção é narrar ou comentar? Justifique.

b) Em que tempos estão os verbos em destaque?

c) A escolha desses tempos verbais revela engajamento ou distanciamento em relação àquilo que se diz?

d) Reescreva os trechos a seguir, utilizando tempos verbais do mundo narrado, a fim de evitar um engajamento mais ostensivo do repórter em relação àquilo que relata.

l) "Proposta de Ibsen *faz* Rio cair de 1º para 22º no recebimento de royalties"

II) "(...) a arrecadação do Estado do Rio *desabarará* cerca de R\$ 5 bilhões e de seus municípios, cerca de R\$ 2 bilhões, se a emenda Ibsen *entrar* em vigor (...)."

RESPOSTA COMENTADA

1. a) No trecho da reportagem do jornal O Globo online, a intenção é comentar. O texto não traz a assinatura de um repórter, o que nos leva a supor que se trata da opinião do jornal.

b) Os verbos encontram-se no presente do indicativo (*faz, estão sendo, mostra e recebe*), no futuro do presente do indicativo (*desabarará e passará*) e no futuro do presente do subjuntivo (*entrar*).

c) Ao utilizar os tempos verbais do mundo comentado (com exceção de dois verbos – *consideraram* e *determinaram* – que estão no pretérito perfeito, configurando o mundo narrado), a atitude do autor do texto (representante da voz do jornal) é de comprometimento, engajamento, porque comentar é engajar-se e forçar o interlocutor a engajar-se também.

d) (I) “Proposta de Ibsen faria (futuro do pretérito do indicativo) Rio cair de 1 ° para 22° no recebimento de royalties”
(II) “(...) a arrecadação do Estado do Rio desabaria (futuro do pretérito do indicativo) cerca de R\$ 5 bilhões e de seus municípios, cerca de R\$ 2 bilhões, se a emenda Ibsen entrasse (pretérito imperfeito do subjuntivo) em vigor (...).”

A METÁFORA TEMPORAL

Pode ocorrer, no entanto, usarmos tempos do mundo comentado no narrado, e tempos do mundo narrado no mundo comentado. Isso caracteriza o que Weinrich chama de *metáfora temporal*.

Mas por que fazer uso das metáforas temporais?

Compare os dois segmentos:

1) No dia 7 de setembro de 1822, Dom Pedro e sua comitiva *partiram* de Santos em direção a São Paulo. Às margens do riacho Ipiranga, Pedro *proclamou* a independência do Brasil e se tornou, logo depois, o primeiro imperador do Brasil.

2) No dia 7 de setembro de 1822, Dom Pedro e sua comitiva *partem* de Santos em direção a São Paulo. Às margens do riacho Ipiranga, Pedro *proclama* a independência do Brasil e se *tornará*, logo depois, o primeiro imperador do Brasil.

Como você deve ter observado, não há diferença de conteúdo proposicional nas duas versões desse texto narrativo. O que muda é a atitude ilocucional, ou estilística, como diriam os manuais de gramática do português. Esses manuais chamam a 2ª versão de *presente histórico*.

Mas, na verdade, o que ocorre?

O texto número (1) apresenta uma narrativa, com tempos do mundo narrado, como é de praxe. Já o texto número (2) continua a apresentar uma narrativa, mas, desta feita, os tempos não são os do mundo narrado, mas sim, os do mundo comentado.

Que efeito se consegue com essa atitude comunicativa?

O uso dos tempos do mundo comentado (no caso, o presente do indicativo) no mundo narrado provoca uma atitude de maior engajamento, aproxima os fatos, como se tivéssemos recorrido ao *zoom* de uma câmera, aumentando, portanto, a tensão narrativa.

Vejamos, agora, o que ocorre quando a metáfora temporal se realiza no sentido contrário, isto é, empregamos tempos do mundo narrado no mundo comentado:

(3) O governo *tem* obrigação de diminuir os gastos com as viagens ao exterior e com a propaganda partidária.

(4) O governo *teria* por obrigação diminuir os gastos com as viagens ao exterior e com a propaganda partidária.

E agora, qual é o efeito de sentido de (3) para (4)?

Notamos que também não há modificação de conteúdo proposicional entre as duas versões. Há modificação no processo de enunciação. A versão (4) é menos autoritária, mais polida que a (3), e isso ocorre porque o emprego dos verbos do mundo comentado no mundo narrado implica distanciamento, ou pouco comprometimento.

Na linguagem oral, fazemos uso de tempos do passado – em situações em que poderíamos usar o presente – para sermos polidos. Por exemplo, se, ao entrar numa sapataria, digo: “Queria ver aquele sapato”, é óbvio que o futuro do pretérito não tem valor de passado. Uso o futuro do pretérito para fazer polidamente um pedido, marcar uma **MODALIZAÇÃO**.

Além da utilização de tempos do mundo narrado no mundo comentado, há outras formas de se modalizar um texto, tornando-o menos autoritário:

– Uso de advérbios modalizadores: *provavelmente, possivelmente, certamente* etc.

– Uso de predicados cristalizados: *é provável, é preciso, é certo* etc.;

– Uso de auxiliares modais: *dever, querer, poder* etc.

– Uso de verbos de atitude proposicional: *eu sei, eu duvido, eu creio* etc.

MODALIZAÇÃO

Designa a atitude do falante em relação ao seu próprio enunciado.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 2 e 3

2. Leia o diálogo que se segue entre uma cliente e uma vendedora:



Uma mulher entra em uma loja de roupas femininas e logo uma vendedora vem ao seu encontro:

– Posso ajudá-la?

– Sim; eu gostaria de experimentar um modelo de número 42, daquele vestido que está na vitrine. – diz a mulher, apontando para o vestido da vitrine. Antes de buscar o vestido, a vendedora ainda pergunta:

– Você tem preferência por alguma cor? Temos azul, vermelho, preto e verde.

– Eu quero um vermelho.

E a vendedora vai para o fundo da loja buscar o vestido.

Em relação ao diálogo, responda:

a) Transcreva uma fala em que o emprego do tempo verbal denota uma forma educada de expressão de um desejo, ou seja, em que o texto é modalizado.

b) No texto, além das falas diretas dos personagens, há a presença de um narrador que fornece informações sobre a situação comunicativa. Qual é o tempo verbal utilizado pelo narrador? Que efeito semântico-discursivo esse tempo verbal dá ao fato narrado?

c) O verbo no presente na última fala da cliente, “Eu quero um vermelho,” exprime um tom autoritário. Reescreva essa fala, utilizando o pretérito imperfeito, a fim de que o pedido da cliente não pareça tão autoritário.

RESPOSTA COMENTADA

a) No diálogo, a modalização é empregada na fala da vendedora: “Posso ajudá-la?”, com o uso do verbo auxiliar modal “poder” e na

fala da cliente: “Eu gostaria de experimentar um modelo de número 42, daquele vestido que está na vitrine”, com o uso do futuro do pretérito para fazer polidamente um pedido.

b) No texto, o tempo verbal utilizado pelo narrador é o presente (entra, vem, diz, pergunta e vai). O uso do tempo presente aproxima os fatos, dando a falsa impressão de que os fatos estão acontecendo no momento da leitura.

c) A cliente poderia ter dito: “Eu queria um vermelho.”

CONCLUSÃO

Ao final desta aula, você deve ter percebido que a escolha dos tempos verbais nem sempre é isenta de intenções. Ao optar por determinados tempos e modos verbais, o autor do texto pode demonstrar um maior envolvimento com aquilo que enuncia, ou então, simplesmente se distanciar, a fim de não se comprometer com a informação que apresenta. Além disso, muitas vezes, valemo-nos do emprego de modos e tempos de verbos para veicular estratégias de polidez na interação com nossos interlocutores, isto é, usamos essas estratégias para “modalizar” nossos enunciados.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

1. Leia alguns trechos da reportagem seguinte, extraída do *JB Online*, de 13 de março de 2010.

Redistribuição dos royalties inviabiliza Copa e as Olimpíadas 2016

JB Online

RIO – O governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, *afirmou* neste sábado que a redistribuição dos royalties do pré-sal *inviabilizaria* a realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas no Brasil. “Essa emenda *inviabiliza* a Copa do Mundo, as Olimpíadas de 2016”, *disse* Cabral. (...)

Cabral *reivindica* que pelos menos 40% das reservas de petróleo já descobertas sejam mantidas dentro do modelo atual de distribuição de royalties. (...)

Cabral *reuniu-se* na quarta com o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Gilmar Mendes, e *pediu* o julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade para que a emenda não *fosse* votada. A ministra do STF Ellen Gracie *negou* a liminar, fato mencionado no Plenário pelo presidente da Casa, Michel Temer (PMDB-SP), para iniciar a votação.

(Fonte: JB Online. 13 mar. 2010 – <http://jbonline.terra.com.br/pextra/2010/03/13/e130315100.asp>)



Luiz Baltar

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/462560>

a) Em cada parágrafo, destacamos alguns verbos. Identifique se estão conjugados nos tempos do mundo narrado ou do mundo comentado.

1º parágrafo:

2º parágrafo:

3º parágrafo:

b) O primeiro parágrafo é iniciado com verbos no pretérito perfeito, caracterizando o mundo narrado. Porém, para reproduzir a fala do governador Sérgio Cabral, o repórter utiliza o presente do indicativo.

No 2º parágrafo, para expor a opinião do governador, novamente o repórter utiliza o presente do indicativo.

E, por último, no 3º parágrafo, o repórter volta a utilizar o pretérito perfeito, distanciando-se do fato.

Ao utilizar o tempo presente do modo indicativo em alguns trechos da reportagem, o repórter expõe uma atitude comunicativa. Explique.

c) Observe o seguinte enunciado: “Cabral *reivindica* que pelos menos 40% das reservas de petróleo já descobertas *sejam* mantidas dentro do modelo atual de distribuição de royalties”.

O uso do tempo presente aproxima os fatos e confere ao texto um tom mais autoritário. Já o emprego dos verbos do mundo narrado implica distanciamento, ou pouco comprometimento.

Assim, reescreva esse trecho, utilizando o pretérito imperfeito, a fim de que a reivindicação do governador não pareça tão autoritária.

d) Além do pretérito imperfeito, o futuro do pretérito também deixa o texto mais polido, menos autoritário. Reescreva o trecho: “Essa emenda *inviabiliza* a Copa do Mundo, as Olimpíadas de 2016”, utilizando o futuro do pretérito.

e) Identifique a modalização em: “Royalties: Cabral está certo, mas onde vai parar este dinheiro?”

RESPOSTA COMENTADA

1. a) 1º parágrafo: mundo narrado (pretérito perfeito do indicativo: afirmou e disse e futuro do pretérito: inviabilizaria) e mundo comentado (presente do indicativo: inviabiliza).

2º parágrafo: mundo comentado (presente do indicativo: reivindica).

3º parágrafo: mundo narrado (pretérito perfeito do indicativo: reuniu, pediu, negou e pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse).

b) O uso do presente do indicativo no mundo narrado provoca uma atitude de maior engajamento.

c) “Cabral reivindicou que pelos menos 40% das reservas de petróleo já descobertas fossem mantidas dentro do modelo atual de distribuição de royalties.”

d) “Essa emenda inviabilizaria a Copa do Mundo, as Olimpíadas de 2016”.

e) O uso do predicado cristalizado: “está certo”, modalizando por meio da atitude comunicativa da certeza.

RESUMO

A classificação dos tempos verbais pode ser articulada ao texto, de acordo com três características que fazem parte do sistema temporal: a *atitude comunicativa* (narrar ou comentar), a *perspectiva* (para cada tipo de atitude comunicativa há os *tempos-zero*, que não expressam perspectiva, ou seja, apenas sinalizam que se trata de um relato ou de um comentário; os tempos com *perspectiva retrospectiva*, que sinalizam para eventos anteriores ao tempo base, e aqueles tempos com *perspectiva prospectiva*, que sinalizam para eventos posteriores ao tempo base) e o *relevo* (marcado por meio do tempo verbal, apenas no mundo narrado: o perfeito indica o plano principal da narrativa e o imperfeito, o pano de fundo). A partir dessa caracterização, pode-se falar em *mundo narrado* e *mundo comentado*, cada qual com seus tempos verbais específicos. A *metáfora temporal* corresponde ao emprego de tempos do *mundo narrado* no *mundo comentado*, ou vice-versa.

LEITURAS RECOMENDADAS

CABRAL, Sergio. Redistribuição dos royalties inviabiliza copa e as olimpíadas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/>>. Acesso em: 03 fev. 2011.

KOCH, Ingedore G. V. *Argumentação e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

PROPOSTA de Ibsen faz Rio cair de 1 ° para 22° no recebimento de royalties. 16 mar. 2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/mat/2010/03/15/proposta-de-ibsen-faz-rio-cair-de-1-para-22-no-recebimento-de-royalties-916072862.asp>>. Acesso em: 03 fev. 2011.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos estudar os recursos retóricos e estilísticos na produção textual.

Recursos retóricos e estilísticos na produção/ recepção do texto

*Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas*

AULA

18

Meta da aula

Apresentar a importância de recursos retóricos e estilísticos na produção/recepção textual.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer como os jogos de palavras, as provocações, as reiteraões, as perguntas retóricas são mecanismos coadjuvantes na construção do projeto de fala do locutor;
2. identificar determinadas figuras de estilo, tais como hipérboles, antíteses, paralelos etc., como elementos responsáveis pela direção argumentativa do texto;
3. destacar elementos do plano sonoro do texto sugestivos de sentidos que contribuem para a sua apreensão significativa global.

INTRODUÇÃO

Na Aula 14, estudamos o sentido de língua (denotado) e o sentido de discurso (conotado), articulados, respectivamente, aos processos de compreensão e de interpretação. Paralelamente, analisamos também os dois planos da língua: o plano do conteúdo (que abrange os sentidos veiculados) e o plano da expressão (que abarca os sons por meio dos quais os conteúdos são manifestados). Na aula de hoje, vamos continuar estudando as relações entre o plano do conteúdo e o plano da expressão, bem como os efeitos de sentido advindos da superposição do conotado ao denotado, lembrando sempre que toda essa produção de sentido é gerada a partir da intencionalidade do locutor, numa dada situação *comunicativa*.

A **RETÓRICA** é a técnica (ou arte, como preferem alguns) de convencer o interlocutor por meio da oratória ou outros meios de comunicação. Classicamente, o discurso no qual se aplica a retórica é verbal, mas há também o discurso escrito e o discurso visual.

(Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ret%C3%B3rica>).

RECURSOS RETÓRICOS E/OU ESTILÍSTICOS

São muitos os recursos de **RETÓRICA** e/ou estilísticos que intervêm no processo comunicativo. Valemo-nos deles não só para reforçar, intensificar, ou, ao contrário, amenizar nossos enunciados, como também para provocar o interlocutor.

Destacaremos alguns dos muitos recursos retóricos que contribuem para a veiculação do projeto de fala do locutor.

As perguntas retóricas

As *perguntas retóricas*, por exemplo, são aquelas formuladas sem objetivo de receber uma resposta, mas apenas de causar um efeito retórico, impressionando o interlocutor.

Ex.: “Como seria a vida do homem no mundo sem a possibilidade de comunicação?”

As provocações também alavancam ou estimulam a interlocução. Um exemplo da provocação, no campo linguístico, pode ser veiculado pela disjunção argumentativa, que estudamos na Aula 7.

Vamos relembrar a disjunção argumentativa:

Os segmentos textuais são ligados por *ou* e exprime-se uma alternância, mas com efeito de sentido de provocação.

Observe os exemplos:

(1) Você precisa me pagar o que deve. *Ou* você prefere que eu tome medidas mais drásticas?

(2) Você precisa estudar para as provas. *Ou* você prefere repetir a série?

Nos dois exemplos, a conjunção “ou” estabelece uma relação de disjunção argumentativa. Nesse tipo de disjunção, os enunciados são resultantes de dois atos de fala distintos, em que o segundo procura provocar o leitor/ouvinte para levá-lo a modificar sua opinião ou, simplesmente, a aceitar a opinião expressa no primeiro.

As repetições

Um outro recurso retórico interessante e bastante apelativo são as repetições.

Leia o exemplo a seguir, retirado de um anúncio publicitário:

“Fundos de Investimento Santander.

Fáceis de aplicar, fáceis de escolher, fáceis de consultar.

É uma mão na roda.” – Banco Santander.

Fonte: Revista *IstoÉ* – 25/7/2001

No texto publicitário do Banco Santander, a repetição da forma “fáceis de” intensifica e serve para argumentar em favor do banco. Isso significa dizer que os investimentos nesse banco são sempre “fáceis”; o leitor não encontra obstáculos em contratá-los, o que nem sempre é comum em se tratando de bancos.

Quando a repetição da mesma palavra ou grupo de palavras ocorre no início da frase, chama-se *anáfora*. É uma “figura de linguagem” muito comum na música, nos discursos políticos e na literatura, em geral. Observe os exemplos:

(1)

Maria, Maria

Mas é preciso ter força

É preciso ter raça

É preciso ter gana sempre

(NASCIMENTO, Milton).

(2)

Na solidão solitude,

Na solidão entrei,

Na solidão perdi-me,

Nunca me alegrarei

(ANDRADE, Mário).

É importante diferenciar a anáfora, figura retórica, da anáfora, na Linguística Textual, um mecanismo de retomada do que já foi dito. Estudamos esse tipo de anáfora na Aula 8. Você se lembra? Trata-se da “coesão endofórica referencial”, quando se faz uma remissão a elemento presente no texto.

Para recordar, observe o seguinte enunciado:

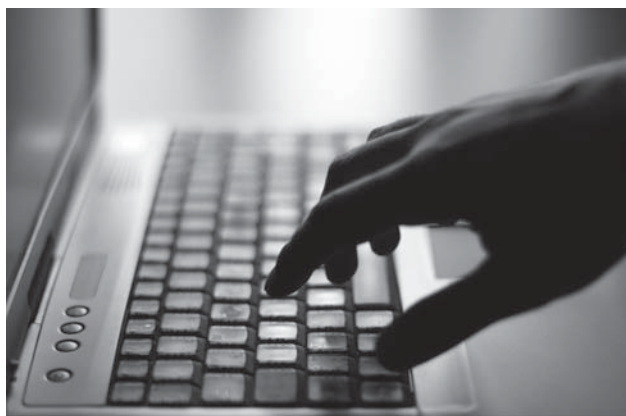
(a) A modelo viajou para a *Holanda* na manhã de sábado. *Lá*, cercada de seguranças, tirou fotos para uma campanha publicitária.

No exemplo (a), a palavra “Holanda” é recuperada pelo advérbio de lugar “lá”. Assim, tem-se a anáfora, pois um termo já mencionado foi retomado.

Mas sabemos que nem sempre a repetição tem efeito estilístico. Quando é decorrente da pobreza vocabular, ou da falta de progressão temática, constitui um grave defeito que prejudica a coesão textual.

Muitas pessoas têm preferido comprar CDs pela internet. As lojas virtuais oferecem um catálogo com a lista dos CDs mais vendidos e os clientes escolhem os CDs que desejam, sem pagar mais pelos CDs, já que o frete dos CDs geralmente é grátis.

Nesse texto, a palavra “CD” é utilizada cinco vezes. A fim de evitar essa repetição desnecessária, o texto poderia ser escrito da seguinte forma:



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1260785>

Muitas pessoas têm preferido comprar CDs pela internet. As lojas virtuais oferecem um catálogo com a lista dos mais vendidos, e os clientes escolhem os que desejam, sem pagar mais pelos CDs, já que o frete geralmente é grátis.

Você deve ter percebido que, na segunda oração, para não repetir “CDs”, empregamos “o local onde se vendem CDs – as “lojas”. Ainda nessa oração, optamos pelo mecanismo da *elipse*, ao omitir “CDs”, após “catálogo”, recuperando, mais à frente, os “CDs” pelo pronome demonstrativo “os” (*coesão gramatical referencial*) em “a lista dos mais vendidos” e em “os clientes escolhem os...”. O pronome relativo “que”, em “os que desejam”, recupera, por sua vez, o demonstrativo “os”. O nome “CDs” aparece na penúltima oração “sem pagar mais pelos CDs, e é omitido na última, por *elipse*: “já que o frete é grátis”.

As figuras de estilo: hipérbole, antítese e quiasmo

As *figuras de estilo*, ou *de linguagem*, também conhecidas como *figuras retóricas* constituem formas elaboradas de exprimir o pensamento para torná-lo mais comovente, mais original, mais incisivo. Dentre elas, destacamos a *hipérbole*, a *antítese* e o *quiasmo* (jogo de palavras).

A *hipérbole* ocorre quando se intensifica ou exagera o que , na verdade, é mais atenuado.

Ex.: Já chorei um rio de lágrimas, ou

Já lhe falei um milhão de vezes etc.

A *hipérbole* é um recurso muito utilizado na linguagem da publicidade, sempre com o objetivo de enaltecer, aumentar as qualidades do produto, como em:

(1) “Mais uma *megafusão* no mundo dos negócios: sua casa e seu escritório.” – Tele Centro Sul (Fonte: Revista *Veja*, 5/8/1998)

(2) “Vai levar a *garantidona*, a *garantidaça* ou a *garantidésima*? Linhas de TVs Lumina. O máximo em tecnologia, o mínimo em consumo de energia.” – Semp Toshiba (Fonte: Revista *Veja*, 1/8/2002)

Já a *antítese* é a aproximação dos contrários, ou seja, opõem-se, numa mesma frase, pensamentos ou ideias de sentido contrário.

Ex.: *Eles vivem uma relação de amor e ódio.*

O *quiasmo*, um jogo de palavras, consiste na disposição cruzada da ordem das partes simétricas de duas frases de modo que formem uma antítese, ou um paralelo.

Observe o quinto verso do poema, a seguir, de Machado de Assis:

A mosca azul

Era uma mosca azul, asas de ouro e granada,
Filha da China ou do Indostão,
Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada,
Em certa noite de verão.
E *zumbia*, e *voava*, e *voava*, e *zumbia*,
Refulgindo ao clarão do sol
E da lua, — melhor do que refulgiria
Um brilhante do Grão-Mogol.
(...)

(ASSIS, Machado de. A mosca azul. In: *Obra completa*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985, p. 161.)



ATIVIDADES

Atendem aos Objetivos 1 e 2

1. Leia o trecho seguinte, extraído do livro *Recordações do escrívão Isaías Caminha* de Lima Barreto:

“Não era ele o seu grande eleitor? Não era ele o seu banqueiro para os efeitos eleitorais? E nós, lá na roça, tínhamos quase convicção de que o verdadeiro deputado era o coronel e o doutor Castro, um simples preposto seu. As minhas idas e vindas ao hotel repetiam-se e não o encontrava. Vinham-me então os terrores sombrios da falta de dinheiro, da falta absoluta. Voltava para o hotel taciturno, preocupado, cortado de angústias. Sentia-me só, só naquele grande

e imenso formigueiro humano, só, sem parentes, sem amigos, sem conhecidos que uma desgraça pudesse fazer amigos. Os meus únicos amigos eram aquelas notas sujas encardidas; eram elas o meu único apoio, eram elas que me evitavam as humilhações, os sofrimentos, os insultos de toda sorte; e quando eu trocava uma delas, quando as dava ao condutor do bonde, ao homem do café, era como se perdesse um amigo, era como se me separasse de uma pessoa bem amada... Eu nunca compreendi tanto a avareza como naqueles dias em que dei alma ao dinheiro, e o senti tão forte para os elementos da nossa felicidade externa e interna.”

(BARRETO, Lima. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. Rio de Janeiro: Garnier, 1989. p. 52-53.)

No texto de Lima Barreto, há algumas interrogações. Você sabe que uma interrogação é um ato interpessoal, ou seja, de um lado, existe um locutor que interroga e que, ao fazê-lo, deseja obter uma informação; de outro, existe o interlocutor que, em princípio, se presume capaz de informar e, por isso, de responder.

Já a chamada pergunta retórica não inclui, na sua definição, a obrigatoriedade de resposta, pelo contrário, dispensa-a, como no texto publicitário do carro Honda Fiat:

Seu carro não leva a bike? Acorda.

Seu carro não leva a prancha? Acorda.

Seu carro não leva o cachorro? Acorda.

Sono pesado esse seu, hein?

Tá na hora de acordar para o Honda Fiat. (...)

Fonte: Revista *Veja*, 23/2/05.

a) Agora, volte ao texto de Lima Barreto e identifique algumas perguntas retóricas.

Releia o seguinte trecho:

“Sentia-me só, só naquele grande e imenso formigueiro humano, só, *sem* parentes, *sem* amigos, *sem* conhecidos que uma desgraça pudesse fazer amigos.”

b) Outro recurso retórico são as repetições. Nesse trecho, a repetição é decorrente da pobreza vocabular? Justifique.

c) Além da repetição, utiliza-se uma figura de linguagem que consiste na aproximação de contrários. Identifique.

2. As piadas também exploram com malícia as figuras de linguagem. Identifique, então, a figura que sustenta a anedota a seguir:



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/994628>

Um turista vinha passar alguns dias no Rio de Janeiro. Um amigo, que já havia morado um tempo no Rio, advertiu-o:

– Cuidado com o trânsito no Rio. É uma loucura! Os carros andam voando! O turista ficou impressionadíssimo. Quando chegou no Rio, pegou um táxi:

– Me leva para Botafogo?

E o chofer pergunta:

– A que altura?

O turista, então, responde:

– Se passares de cinco metros, eu te arrebento.

RESPOSTA COMENTADA

1. a) *“Não era ele o seu grande eleitor? Não era ele o seu banqueiro para os efeitos eleitorais?”*

b) *Você deve ter percebido que, no trecho “Sentia-me só, só naquele grande e imenso formigueiro humano, só, sem parentes, sem amigos, sem conhecidos que uma desgraça pudesse fazer amigos.”, a repetição NÃO é decorrente da pobreza vocabular. No texto, a repetições representam um recurso argumentativo, de ênfase.*

c) *Em “Sentia-me só, só naquele grande e imenso formigueiro humano, só, sem parentes, sem amigos, sem conhecidos que uma desgraça pudesse fazer amigos”, é utilizada a antítese, porque ao mesmo tempo em que o personagem-narrador está em um “grande e imenso formigueiro humano”, sente-se só.*

2. *Na piada, o amigo do turista utilizou a figura de linguagem chamada hipérbole, quando disse: “Os carros andam voando!”. O riso é provocado porque o turista entendeu literalmente a fala do amigo. Quando o chofer perguntou em que altura do bairro Botafogo ele desejava ir, respondeu que “se passasse de cinco metros,” arrebentaria o chofer.*

O PLANO SONORO COMO RECURSO ESTILÍSTICO

Já sabemos que a comunicação se faz por meio de textos constituídos de palavras e que cada palavra comporta um plano de expressão e um plano de conteúdo.

Os conteúdos se manifestam por meio de uma cadeia sonora. Muitas vezes, esses elementos sonoros são organizados de modo não só a cumprir a sua missão primeira de expressar os conteúdos, mas também

de modo a contribuir, com sua disposição e organização, para reforçar ou recriar os elementos significativos. Isso ocorre com frequência na linguagem poética. Vamos observar, agora, um trecho do poema “Trem de ferro”, de Manuel Bandeira, para entender melhor essa articulação do plano sonoro com o plano de conteúdo:

Café com pão
Café com pão
Café com pão
Virgem Maria, que foi isto, maquinista?



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/504492>

Os versos de três sílabas, com acento na segunda e na última, criam um ritmo, por meio da alternância entre sílabas fortes e fracas, que sugere o barulho do trem. Indo mais longe, poderíamos dizer até que o quarto verso (verso é cada linha da composição), que quebra essa “engrenagem”, pode sinalizar o momento em que o trem geralmente apita...

Vemos, então, que o material fônico se coloca a serviço do plano do conteúdo, enfatizando-o e recriando-o, por meio de “deslizamentos” de sentido.

Os recursos fônicos mais explorados são o *ritmo*, a *rima*, as *aliterações* e as *onomatopeias*.

O ritmo

O *ritmo* é o resultado de três fatores: a *métrica*, a *cadência*, o *refrão*.

A MÉTRICA é a “medida” do verso, ou seja, a contagem de sílabas de um verso. Os versos regulares têm de uma a doze sílabas, com acentos dispostos regularmente. Mas o que cria realmente o efeito do ritmo é, sobretudo, a alternância entre sílabas fortes (tônicas) e fracas (átonas).

Vejamos, como exemplo, uma estrofe (agrupamento de versos) da poesia “Cantigas praianas”, de um poeta chamado Vicente de Carvalho:

Ouves *acaso* quando *entardece*
Vago *murmúrio* que vem do *mar*,
Vago *murmúrio* que mais *parece*
Voz de uma *prece*
Morrendo no *ar*?
↪

Dá para sentir, então, a CADÊNCIA, que é o agradável efeito **EUFÔNICO** resultante da distribuição de sílabas tônicas no verso. Em todos os tipos de versos, há acentos que caem obrigatoriamente em determinadas sílabas. Nesses versos, o acentoônico cai regularmente na 4ª e na 9ª sílabas.

Observamos, ainda, no verso em análise, a repetição da expressão “vago murmúrio”, em estruturas paralelas, contribuindo, também, para a organização rítmica do enunciado.

E, por falar em repetição, vamos falar sobre o REFRÃO, elemento também importante no plano sonoro. O refrão é um conjunto de versos que se repetem ao longo do poema, contribuindo para assinalar determinados trechos significativos do poema. Observe o poema de Alphonsus de Guimaraens:

A catedral

Entre **BRUMAS**, ao longe, surge a aurora,
o **HIALINO** orvalho aos poucos se evapora,
agoniza o **ARREBOL**.

EUFÔNICO

Capaz de produzir sons harmoniosos.

BRUMA

Névoa seca, neblina.

HIALINO

Que tem a aparência
ou a transparência
de um vidro.

ARREBOL

Cor de fogo característica do reflexo do sol nas nuvens, tanto ao nascer quanto ao se pôr.

EBÚRNEA

De marfim, alvo e liso como o marfim.

LÚGUBRE

Que exprime ou inspira sombria tristeza; fúnebre.

RESPONSOS

Palavras cantadas ou recitadas nos cultos religiosos, por uma ou mais vozes, e respondidas pelo coro.

ÁUREA

(Adjetivo masculino: Áureo) De ouro.

**REFULGENTE
(ADJETIVO)**

Resplandecente; que brilha intensamente.

A catedral **EBÚRNEA** do meu sonho
aparece, na paz do céu risonho,
toda branca de sol.

*E o sino canta em **LÚGUBRES RESPONSOS**.
Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!*

O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma **ÁUREA** seta lhe cintila em cada
REFULGENTE raio de luz.

A catedral ebúrnea do meu sonho,
onde os meus olhos tão cansados ponho,
recebe a bênção de Jesus.

*E o sino clama em **lúgubres responsos**:
Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!*

Por entre lírios lilases desce
a tarde esquiva: amargurada prece
põe-se a lua a rezar.
O entardecer aumenta a agonia do poeta.

A catedral ebúrnea do meu sonho
aparece na paz do céu tristonho,
toda branca de luar.

*E o sino chora em **lúgubres responsos**:
Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus! ”*

(...)

(GUIMARAENS, Alphonsus de)

No poema, é explícita a passagem de um dia completo: aurora, dia, anoitecer e noite fechada. O eu-lírico descreve seus estados de alma, usando a musicalidade por meio das ações do sino que expressam seus sentimentos e sua ânsia de espiritualidade. Ao longo do poema, o *refrão* “E o sino canta em lúgubres responsos:/Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”, insistentemente marcado pelas ações do sino, traduzem a angústia íntima do poeta, à medida que o dia passa.

A rima

As *rimas* são a coincidência de sons das sílabas finais de dois ou mais versos.

Quanto à sua disposição, as rimas podem ser:

1) *alternadas* ou *cruzadas* (esquema ABAB)

Ex.:

Na névoa da manhã, tranquila e suave (A)

Vieste do fundo incerto do passado; (B)

Ainda tinhas o mesmo passo da *ave* (A)

E o mesmo olhar magoado... (B)

(CARVALHO, Ronaldo de)

2) *opostas* ou *interpoladas* (esquema ABBA)

Ex.:

Vai-se a primeira pomba despertada. (A)

Vai-se outra mais... Mais outra... e enfim dezenas (B)

De pombas vão-se dos pombais apenas (B)

Raia, sanguínea e fresca, a madrugada. (A)

(CORREIA, Raimundo)

3) *paralelas* ou *emparelhadas* (esquema AABBC...))

Ex.:

Estada de ouro na janela o poente: (A)

e cerrei a janela calmamente; (A)

no meu cigarro havia um céu inteiro: (B)

e deixei-o apagar-se no cinzeiro; (B)

o romance que eu lia era o mais lindo: (C)

e marquei minha página, sorrindo (C)

(ALMEIDA, Guilherme de)

A aliteração

A *aliteração* é a repetição de sons idênticos ou semelhantes no início de várias palavras de uma frase ou verso. O leitor deve inferir qual o seu valor para o significado global do enunciado.

Vejamos um exemplo de aliteração nesses versos da poesia “Violões que choram...”, do poeta Cruz e Sousa:

Vozes **VELADAS**, *veludosos* vozes,

VOLÚPIAS dos violões, *vozes veladas*

Vagam nos velhos **VÓRTICES** *velozes*

Dos ventos, *vivas, vãs, vulcanizadas.*

Não é difícil perceber que a repetição da consoante “v” sugere o som das cordas do violão.

VELADAS

Abafadas.

VOLÚPIAS

Delícias.

VÓRTICES

Redemoinhos.

A onomatopeia

As *onomatopeias* sugerem o som da palavra que representam, isto é, o som (o plano da expressão) lembra o que a palavra significa.

Ex.: A campainha tocava insistente: *blim... blom... blim... blom...*

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

3. Leia os textos publicitários a seguir e identifique qual recurso fônico – o *ritmo*, a *rima*, as *aliteraões* e as *onomatopeias* – foi utilizado a fim de tornar o texto mais sedutor.

a) “Philips. Dá o tom em matéria de som.” – Philips.

Fonte: Revista *Superinteressante*, 11/1987.

b) “A forma muda. A essência fica.” – Artigos de *toalete Francis*.

Fonte: Revista *Claudia*, 8/1990.

c) “Venha, veja e viva.” Hotel Primus.

Fonte: Revista *Desfile*, 2/1990.

d) “Promoção Clic da Copa. Você vai gostar tanto, que vai tirar todas as fotos assim.” – Rio Sul Shopping.

Fonte: Revista *Veja*, 5/6/2002.

e) “Vapt Vupt. Fila, só para elogios.” – Governo de Goiás – Serviço Integrado de Atendimento ao Cidadão.

Fonte: Revista *Veja*, 29/5/2002.

RESPOSTA COMENTADA

3. a) Em “Philips. Dá o tom em matéria de som.”, a palavra “tom” rima com “som”.

b) Em “A forma muda. A essência fica.”, as estruturas paralelas (artigo + substantivo + verbo) dão ritmo ao enunciado.

c) Em “Venha, veja e viva.”, a repetição do fonema “v” configura o que chamamos de *aliteração*. Além disso, percebe-se o ritmo ternário (ritmo composto de três unidades: (1) Venha, (2) veja e (3) viva).

d) Em “Promoção Clic da Copa. Você vai gostar tanto, que vai tirar todas as fotos assim.”, a palavra “clic” lembra o barulho da máquina

de retrato, ao ser acionada para tirar uma foto. Logo, é uma onomatopeia.

e) Em "Vapt Vupt. Fila, só para elogios.", a expressão "vapt vupt" também é uma onomatopeia.

Você já deve ter percebido que um texto não é a soma aleatória de letras, sílabas e palavras. Podemos produzir sentido com a repetição de uma simples letra, com a disposição gráfica das palavras na folha de papel, com o arranjo entre as palavras etc., como o poema a seguir, de Augusto de Campos.

```

LUXO      LUXO      LUXO      LUXO      LUXOLUXOLUXO
LUXO      LUXO      LUXO      LUXO      LUXOLUXOLUXO
LUXO      LUXO      LUXO      LUXO      LUXOLUXOLUXO
LUXO      LUXO      LUXO      LUXO      LUXO      LUXO
LUXO      LUXO      LUXO      LUXO      LUXO      LUXO
LUXO      LUXO      LUXO      LUXO      LUXO      LUXO
LUXO      LUXO      LUXO      LUXO      LUXO      LUXO
LUXOLUXO  LUXO      LUXO      LUXO      LUXOLUXO
LUXOLUXO  LUXO      LUXO      LUXO      LUXOLUXO
LUXOLUXO  LUXO      LUXO      LUXO      LUXOLUXO

```

(CAMPOS, Augusto de)

CONCLUSÃO

Os recursos estilísticos e os elementos do plano sonoro são, como pudemos observar, fatores de grande importância na produção de um texto, pois contribuem para reforçar ou realçar o conteúdo significativo da mensagem. E isso porque a apreensão do sentido global de um texto não se dá, como já sabemos, apenas no nível da compreensão do conteúdo significativo dos vocábulos. O sentido se completa, não só por meio da percepção dos implícitos, mas também pelos efeitos de sentido obtidos no plano sonoro das palavras. Tais recursos estilísticos são muito utilizados na linguagem poética, nas músicas e na linguagem publicitária.

Agora, para finalizar esta aula, faremos mais uma atividade.

ATIVIDADES FINAIS

Atendem aos Objetivos 1, 2 e 3

1. Leia o poema “A onda”, de Manuel Bandeira:



Figura 18.1: Ondas.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1250481>

A onda

a onda anda

aonde anda

a onda?

a onda ainda

ainda onda

ainda anda

aonde?

aonde?

a onda a onda

(Fonte: BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986, p. 255.)

O poema de Manuel Bandeira lembra o movimento da onda, e todo ele, em sua forma, busca reforçar o conteúdo pelo emprego de recursos visuais e musicais.

a) Que relação mantém o ritmo do poema com o movimento da onda?

b) Que sugere a disposição gráfica do poema?

c) Podemos afirmar que a interrogação “aonde anda/a onda?” é retórica?

2. Leia, agora, a primeira estrofe do poema: “Essa que eu hei de amar...”, de Guilherme de Almeida:

Essa que eu hei amar perdidamente um dia,
será tão loura, e clara, e vagarosa e bela,
que eu pensarei que é sol que vem, pela janela,
trazer luz e calor a esta alma escura e fria.

a) Identifique as rimas finais da estrofe.

b) Identifique um exemplo de antítese.

RESPOSTA COMENTADA

1. a) O poema é constituído de uma alternância constante de vogal oral e vogal nasal. Todas as nasais são tônicas; todas as orais são átonas.

on - da: on- (vogal nasal tônica) e -da (vogal oral átona)

an - da: an- (vogal nasal tônica) e -da (vogal oral átona)

A vogal nasal é mais longa que a oral. O poema é constituído basicamente de vogais. Essas vogais, do ponto de vista acústico, representam “ondas” compostas de movimentos regulares.

- b) A disposição gráfica do poema sugere o movimento ondulatório da onda.*
- c) Sim, porque as perguntas retóricas são formuladas sem objetivo de receber uma resposta, mas apenas de causar um efeito retórico, impressionando o interlocutor.*
2. *a) “Dia” rima com “fria” e “bela”, com “janela”. Assim, tem-se o esquema ABBA (rimas opostas ou interpoladas).*
- b) Exemplos de antíteses: luz/escuro, calor/fria (4º verso).*

RESUMO

A língua é veiculada por meio de dois planos: o plano do conteúdo (plano dos conceitos) e o plano da expressão (plano dos sons, o qual transporta os conceitos). A articulação desses dois planos se concretiza nas palavras da língua, as quais carregam um significado denotado e outro conotado, este último superposto ao primeiro e acrescido de valores sociais e impressões pessoais. Toda essa produção de sentido é gerada a partir da intencionalidade do locutor, numa dada situação comunicativa. Muitos efeitos de sentido – conseguidos por meio de recursos retóricos e/ou estilísticos ou, ainda, por meio de recursos gerados a partir do plano sonoro da língua – são importantes pistas para a compreensão/ interpretação do enunciado. Dentre os recursos retóricos, destacam-se a hipérbole, a antítese, o quiasmo, e, dentre os recursos advindos do plano sonoro da língua, sobressaem o ritmo, a rima, as aliteraões e as onomatopeias.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, continuando a trabalhar com textos, vamos estudar os conceitos de tipo e gênero textual, bem como os domínios discursivos. Até lá!

Organizando os textos: tipologia textual e domínios discursivos

Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas

AULA

19

Meta da aula

Apresentar os conceitos de tipo e gênero textual e domínios discursivos.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar, a partir de sua competência sociocomunicativa, textos utilizados em diversos contextos de uso linguístico;
2. identificar o tipo textual predominante (descrição, narração, argumentação, exposição e injunção), levando em conta a função e o suporte (local físico ou material onde aparecem: jornal, *outdoor*, livro didático, televisão, embalagem...), em textos diferentes;
3. reconhecer algumas marcas linguísticas utilizadas para que os tipos textuais cumpram a sua função;
4. identificar o gênero textual, o domínio discursivo e a função predominante (informativa, persuasiva etc.) dos textos em situações específicas de interlocução.

INTRODUÇÃO

COMPETÊNCIA SOCIOCOMUNICATIVA pode ser definida como a capacidade que uma pessoa desenvolve – a partir do seu conhecimento linguístico (gramatical e lexical), conhecimento de mundo e da situação de comunicação – para perceber as diferenças na organização dos textos.

Na primeira aula, você estudou que, por meio do discurso, produzem-se textos. O texto foi, então, definido como um todo organizado de sentido produzido/recebido por sujeitos, num dado espaço e num dado tempo.

Você viu também que todo ato de comunicação social pressupõe uma interação. Agora, dando continuidade a esse estudo, precisamos entender que, nessa troca, cada um dos participantes constrói o seu texto – seja ele verbal (oral/escrito) ou não verbal – de acordo com a finalidade comunicativa: descrever, narrar, argumentar... Em outras palavras, se você faz uma viagem e depois quer contar a alguém como tudo ocorreu, com certeza, produzirá uma narrativa; da mesma forma, se você vai a uma entrevista de emprego, certamente construirá um texto predominantemente argumentativo, a fim de convencer o entrevistador de que você deve ser o contratado.

Assim, cada texto tem algo a dizer e é organizado de acordo com uma estrutura determinada. A **COMPETÊNCIA SOCIOCOMUNICATIVA** dos falantes/ouvintes leva-os a detectar o que é mais adequado ou inadequado em cada uma das práticas sociais.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Observe os textos a seguir:

Texto 1:

Vamos desatar esse nó.
Vamos mudar este país.

Reforma da Previdência.
Reforma Tributária.
O povo quer. O Brasil precisa.

O futuro do Brasil depende das reformas. É através delas que vamos corrigir as distorções, as injustiças, combater a corrupção e incentivar a produção, retomando o crescimento, gerando novos empregos e oportunidades para todos os brasileiros.
Com a Reforma da Previdência, vamos distribuir com mais igualdade os benefícios, moderar e controlar com mais rigor o sistema, combatendo a corrupção e redistribuindo melhor os recursos do País nas áreas sociais.
Com a Reforma Tributária, vamos simplificar o sistema tributário para reduzir os custos de produção das empresas e combater a sonegação.
O objetivo é criar mais empregos e aumentar a competitividade do setor produtivo, gerando mais oportunidades de investimento e distribuindo melhor a renda no País.
Com as reformas, o Brasil muda. Sem as reformas, tudo fica como está.



Fonte: Revista *Isto é* (30/04/03).

Texto 2:

PIZZA

Ingredientes:

- 4 copos de farinha de trigo
- 1 colher de margarina
- 1 pitada de sal
- 1 copo de água
- 1 ovo

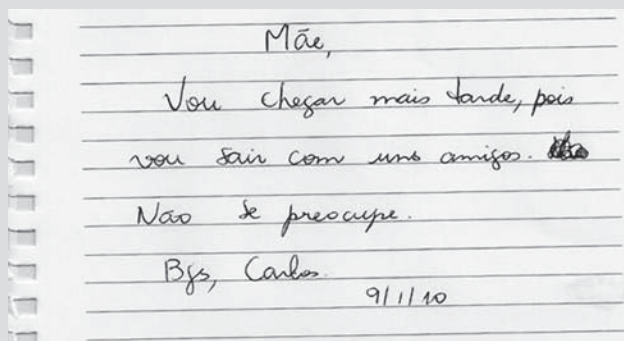


Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/952530>

Modo de fazer:

1. Numa travessa, misture a farinha de trigo, a margarina e o sal.
2. Numa leiteira, misture com a água, o ovo e o fermento.
3. Depois de dissolver o fermento, faça um buraco na massa e jogue a mistura do fermento. Misture tudo e jogue farinha de trigo até soltar das mãos. Bata a massa.
4. Unte o tabuleiro com margarina, estique a massa no mesmo e coloque para descansar durante 40 minutos. Depois, recheie com o que quiser e coloque para assar.

Texto 3:



Com certeza, você percebeu que os textos são diferentes quanto à forma e quanto ao conteúdo (mensagem que transmitem). Agora, use a sua competência sociocomunicativa, ou seja, o seu conhecimento linguístico (gramatical e lexical), conhecimento de mundo e da situação de comunicação, para identificar os textos acima, justificando as suas escolhas.

Texto 1:

Texto 2:

Texto 3:

RESPOSTA COMENTADA

Você deve ter identificado o texto 1 como sendo um anúncio publicitário, porque procura convencer o leitor a “comprar” uma ideia (Reforma da Previdência e Reforma Tributária). Já o texto 2 é uma receita culinária, porque ensina como se deve fazer uma pizza. E, por último, o texto 3, um bilhete, pois é um pequeno lembrete, no caso, do filho para a mãe.

Após realizar essa atividade, você deve ter compreendido melhor que a nossa competência sociocomunicativa nos permite identificar diferentes textos que circulam na sociedade.

Agora, vamos aprofundar um pouco mais esse estudo. Apresentaremos alguns conceitos importantes, como os de tipo textual, gênero textual e domínio discursivo (MARCUSCHI, 2008).

QUE SÃO TIPOS TEXTUAIS?

Embora existam muitos trabalhos sobre tipologia textual, apresentaremos os conceitos de Marcuschi (2008), tendo em vista que não é possível expor todos os estudos sobre o tema em uma abordagem tão breve como esta.

Para Marcuschi (2008), “tipo textual” designa uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). O autor, então, propõe cinco tipos textuais, a saber: *narração*, *descrição*, *exposição*, *argumentação* e *injunção*.

O primeiro tipo – o *tipo narrativo* – caracteriza-se por descrever as ações do mundo de acordo com os objetivos dos diferentes protagonistas. A narração nos apresenta, então, um quadro animado, com objetos em movimento, a vida que segue seu curso e se transforma de um momento para o outro. É por isso que a narração não discorre sobre uma história, ela é uma história.

Observe o texto a seguir, adaptado de uma fábula de **ESOPO**:

A raposa e as uvas

Uma raposa, sentindo muita fome, foi até um vinhedo atrás de uvas. Chegando lá, encontrou uma parreira carregada de cachos enormes e maduros. Logo lambeu os beijos e começou a pular, na tentativa de alcançar as uvas. Porém, por mais que tentasse, não conseguia. A parreira era muito alta. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo:

– Eu não queria mesmo... Além disso, estão verdes e não me servem!

Moral: desprezar o que não se consegue conquistar é fácil.

ESOPO foi um fabulista grego do século VI a.C. As fábulas de Esopo serviram como base para recriações de outros escritores ao longo dos séculos, como Fedro e La Fontaine. As fábulas sugerem normas de conduta que são exemplificadas pela ação dos animais (mas também de homens, deuses e mesmo coisas inanimadas).



Figura 19.1: Esopo, de Diego Velázquez.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Esopo>

O texto lido, a fábula “A raposa e as uvas”, é predominantemente narrativo, ou seja, apresenta personagem (a raposa) e relata fatos (a ida da raposa ao vinhedo e a tentativa de alcançar as uvas). Além dessas duas características, o texto ainda fornece dados a respeito do local – lugar onde as ações se desenrolaram: um vinhedo.

Assim, na narração, há mudança de um estado para outro (ponto de vista dinâmico) e, por isso, entre os enunciados, há uma relação de anterioridade e posterioridade: primeiro, a raposa sente fome; depois, vai ao vinhedo e assim por diante.

O segundo tipo – o *tipo descritivo* – caracteriza-se por nomear, localizar/situar e qualificar os seres no mundo, de maneira objetiva/subjetiva. Nesse tipo textual, o autor-observador não relata, como no narrativo, as transformações de estado que vão ocorrendo progressivamente com pessoas ou objetos, mas as propriedades e aspectos desses elementos num certo estado.

Por exemplo, na fábula lida, algumas passagens são descritivas, como “parreira carregada de cachos enormes e maduros”, “a parreira era muito alta” e as uvas “estão verdes”. Se quisermos descrever uma raposa como animal mamífero, construiremos um texto predominantemente descritivo, como o que se segue:

As raposas são mamíferos carnívoros da família dos canídeos, sendo a maioria pertencente ao gênero *Vulpes* (alimentação baseada basicamente de carne de outros animais). Alimenta-se, principalmente, de aves, pequenos roedores, coelhos, peixes, ovos, frutos e insetos. O grupo está bem distribuído geograficamente e inclui numerosas espécies.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Raposa>

Assim, na descrição, são relatados vários aspectos de um lugar, de um ser ou de um objeto, sob um ponto de vista estático. Não há progressão temporal entre os enunciados.

O terceiro tipo – o *tipo expositivo* – caracteriza-se por expor, definir, enumerar e explicar fatos e elementos de informação. Os textos em que predominam as sequências expositivas possuem estruturas que partem, em geral, de uma constatação, saindo para a problematização e, em seguida, uma explicação, constituindo uma conclusão. O texto a seguir é expositivo.

A raposa vermelha, assim como as outras, está pouco ameaçada, sendo listada como “pouco preocupante” e, por isso, é caçada em muitos lugares dos EUA e da Europa, por “desporto”, durante os meses de outubro a fevereiro. Na Inglaterra, em 2005, a caça deste animal, que já era considerada uma tradição secular, foi proibida. A caça excessiva pode pôr este animal em perigo e levar à perda do seu *habitat* natural.

Fonte: Texto adaptado – <http://pt.wikipedia.org/wiki/Raposa-vermelha>



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vulpes_vulpes_sitting.jpg

No texto expositivo, há o predomínio de frases declarativas, ou seja, a exposição de fatos sem se ter como objetivo pôr em discussão uma ideia.

O quarto tipo textual – o *tipo argumentativo* – caracteriza-se pela presença de um argumentador que, diante de um tema polêmico, apresenta uma tese, apoiada em argumentos, a fim de convencer um público-alvo.

A seguir, reproduzimos alguns trechos de um artigo publicado na revista *Superinteressante* de abril de 1991, do então secretário do Meio Ambiente do Maranhão, Fernando César Mesquita, criticando o governador do Amazonas, Gilberto Mestrinho, pela caça indiscriminada ao jacaré.

Seria ingenuidade afirmar que as nações ricas não cobiçam a Amazônia (...). Seria, também, ingênuo achar que o governo, em qualquer época, administrou adequadamente suas riquezas. Planos foram implantados, sem preocupações ecológicas, haja vista a política de incentivos fiscais para projetos agropecuários. Erros foram cometidos, mas os governantes não aprenderam que é necessário mudar atitudes e práticas administrativas. (...). Assim, enquanto o governo não leva a Amazônia a sério, com propostas realísticas e aloca recursos substanciais para estudos e pesquisas com começo, meio e fim, o único caminho é tentar reduzir os índices de devastação. Como também não se gasta o mínimo indispensável em educação ambiental, imprescindível para mudar hábitos e costumes da população, o remédio é aplicar a legislação contra quem pratica crimes ecológicos.

Fonte: MESQUITA (1991), em <http://super.abril.com.br/ecologia/caca-indiscriminada-quem-comeu-comida-jacare-440017.shtml>

Como se pode notar, o texto lido apresenta um ponto de vista crítico do autor sobre o assunto em questão, ou seja, o enunciador manifesta explicitamente sua opinião – ele é contra a internacionalização da Amazônia.

E, por último, o quinto tipo – o *tipo injuntivo* – caracteriza-se por fazer o destinatário agir de certo modo ou em determinada direção, como acontece em textos publicitários. Frases como “Ajude a combater o desmatamento da Amazônia”, “Vamos mudar este país” convocam, explicitamente, o leitor a tomar uma atitude.

Podemos resumir algumas características dos tipos textuais no quadro a seguir:

Quadro 19.1: Características dos tipos textuais

| Tipos textuais | Agente | Conteúdo | Objetivo | Algumas marcas linguísticas |
|----------------------|--------------------|--------------------------------------|--------------------------------------|--|
| Descritivo | Observador | Seres, objetos, cenas, processos | Identificar, localizar e qualificar. | Substantivos, adjetivos, advérbios. |
| Narrativo | Narrador | Ações ou acontecimentos. | Relatar. | Tempos verbais do mundo narrado, advérbios, conjunções temporais, discurso relatado. |
| Expositivo | Expositor | Transmissão e construção de saberes. | Expor e informar. | Conectores de tipo lógico, tempos verbais do mundo comentado, citações. |
| Argumentativo | Argumentador | Opiniões e argumentos. | Discutir, argumentar. | Conjunções, preposições/orações, recurso à autoridade. |
| Injuntivo | Incitador/injuntor | Ordens, instruções e prescrições. | Incitar, ordenar, prescrever. | Verbos (imperativo, infinitivo, futuro do presente), vocativos. |

Vale lembrar que todos os nossos textos são construídos com base em um tipo textual. Esses tipos podem aparecer de forma exclusiva ou, ainda, mesclada num texto.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 2 e 3

2.

2.1. Tendo em vista a definição de cada tipo textual apresentada anteriormente, classifique as passagens abaixo em descritiva, narrativa, expositiva, argumentativa ou injuntiva, levando em conta a função e o suporte (local físico ou material onde aparecem: jornal, *outdoor*, livro didático, televisão, embalagem...) possível de cada uma.

a) Dados da Polícia Federal mostram que os brasileiros estão bebendo e, depois, dirigindo, mesmo com a Lei Seca.

b) Se for dirigir, não beba.

c) O álcool prejudica o desempenho em vários campos, desde a simples reação e coordenação de atividades, até as tarefas relacionadas a julgamento ou habilidade de desempenhar várias tarefas simultaneamente. Muitos acidentes de trânsito têm sido provocados pelo excesso de bebida alcoólica no sangue do motorista.

d) O rapaz aparentava 20 anos, branco, de estatura média e físico malhado.

e) Pedro, na noite de sábado, saiu com uns amigos para mais uma noitada. Conversaram, dançaram, brincaram, comeram e beberam.

2.2. Para classificar as passagens acima como descritivas, narrativas, expositivas, argumentativas ou injuntivas, com certeza, você se baseou em algumas características. Agora, identifique nas passagens (A) e (B) uma marca linguística própria do tipo textual que as caracteriza.

RESPOSTA COMENTADA

2.

2.1.

a) O texto é expositivo, pois tem a simples função de informar sobre um determinado assunto e aparece, normalmente, em jornais.

b) O texto é injuntivo, pois tem a função de fazer o destinatário agir de certo modo ou em determinada direção e aparece, normalmente, em textos publicitários, seja na televisão, seja em jornais, em revistas ou em outdoors.

c) O texto é exemplo de texto argumentativo, pois visa defender uma tese, expondo, para tanto, fatos. Aparece, normalmente, em jornais e revistas.

d) O texto é descritivo, pois apresenta características de seres. Pode aparecer inserido em textos maiores – romances, contos, reportagens etc. – a fim de fazer o destinatário ver, em pormenores, elementos de um objeto de discurso.

e) E, por último, o texto é narrativo, pois tem por objetivo descrever ações. Poderia aparecer em um jornal, dentro de uma reportagem ou, até mesmo, em um romance.

2.2.

a) No texto (A), expositivo, a marca linguística se evidencia no emprego dos verbos no presente (mundo comentado): “mostram”, “estão”. Além disso, há a citação de uma entidade para dar maior veracidade ao fato: “Dados da Polícia Federal mostram”.

b) No texto (B), injuntivo, há o uso do verbo no imperativo: “não beba” e a marca da modalidade com o emprego da conjunção condicional “se”, em “se for dirigir”.

Possivelmente você não teve dificuldade para classificar esses pequenos textos. Porém, quando se trata de textos maiores, as dificuldades podem aparecer, porque raramente um texto apresenta um único tipo textual. Assim, o mais comum é que um texto apresente sequências de tipos textuais diferentes, embora possa predominar uma delas, que é usada para a sua classificação.

Desse modo, quando dizemos que um romance é uma narração, estamos dizendo que sua base é narrativa, mas não quer dizer que não apresente os outros tipos textuais.

Agora que já vimos o que são tipos textuais e quais as suas características principais, conceituaremos também gênero textual e domínio discursivo. Vale lembrar que retomaremos os tipos textuais: descrição, narração e argumentação em outras aulas, a fim de fazermos um estudo mais detalhado. Tais tipos são os que, normalmente, aparecem nos livros didáticos.

QUE SÃO GÊNEROS TEXTUAIS E DOMÍNIOS DISCURSIVOS?

Além do conceito de tipos textuais, Marcuschi (2008) também define gêneros textuais e domínios discursivos.

Gênero textual corresponde ao texto materializado que encontramos em nossa vida diária e que apresenta características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característicos. São exemplos de gêneros textuais: telefonema, sermão, carta, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, cardápio, piada etc.

Assim, a escolha do tipo e do gênero textual deve levar em conta os objetivos visados, o lugar social e os papéis dos participantes. Por exemplo, no gênero propaganda política, o publicitário utilizará predominantemente sequências argumentativas; no gênero guia turístico, o tipo descritivo será o mais utilizado e assim por diante. Como afirma Koch (2006, p. 53),

O contato com os textos da vida cotidiana, como anúncios, avisos de toda a ordem, artigos de jornais, catálogos, receitas médicas, prospectos, guias turísticos, literatura de apoio à manipulação de máquinas etc., exercita a nossa capacidade metatextual para a construção e inteligência de textos.

Dessa forma, durante toda a nossa vida, ao falarmos ou escutarmos, ao lermos ou escrevermos, aprendemos a agrupar os textos de acordo com as características comuns e, conseqüentemente, construímos um repertório de textos. Aprendemos a buscar notícias e classificados nos jornais; aprendemos a localizar informações que nos interessam nos extratos de conta de luz, água, telefone; lemos revistas para sabermos o que vai acontecer nos próximos capítulos da novela; escrevemos uma carta ou um *e-mail* para nossos parentes ou amigos etc.

Os gêneros, então, podem ser caracterizados por três elementos: o assunto (o que é ou pode ser dito por meio do texto), o formato (a estrutura particular em que os textos são apresentados) e o estilo (palavras ou expressões selecionadas e os modos de construir as frases). Na próxima aula, aprofundaremos mais o estudo sobre os gêneros textuais.

Agora, vamos ao terceiro conceito elaborado por Marcuschi (2008) em relação à classificação dos textos – o de domínio discursivo.

Domínio discursivo designa uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. São domínios discursivos: o jurídico, o jornalístico, o religioso, o midiático, o político, o acadêmico etc. Esses domínios dão origem a vários gêneros. Por exemplo, o domínio jornalístico dá origem aos gêneros: reportagem, editorial, carta de leitor, classificado; o domínio religioso dá origem aos gêneros: sermão, parábola, reza e assim por diante.

Resumindo, temos:

Quadro 19.2: Tipos e gêneros textuais e domínios discursivos

| Tipos textuais | Exemplos de gêneros textuais | Domínios discursivos |
|----------------|--|---|
| Descrição | Cardápio, lista de compras, edital de concurso... | Jurídico, jornalístico, religioso, midiático, político, acadêmico, literário etc. |
| Narração | Contos, piadas, romances, fábulas, novelas, depoimentos... | |
| Exposição | Seminário, conferência, artigo ou verbete de enciclopédia, relatório científico... | |
| Argumentação | Texto de opinião, carta de leitor, peça judiciária... | |
| Injunção | Propaganda, receita culinária, aviso, manual de instrução, bula de remédio... | |

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 3 e 4

3. a) Imagine que você queira escrever alguns textos com as funções a seguir. Qual gênero seria mais adequado para cumprir cada função? Complete o quadro.

| Função | Gênero |
|--|--------|
| Informar sobre algum acontecimento do dia. | |
| Vender um carro. | |
| Ensinar como fazer uma comida. | |
| Lembrar alguém sobre algum encontro. | |
| Comentar um texto lido no jornal. | |

b) Leia o texto a seguir e identifique de qual gênero e domínio discursivo se trata.

O 'sujeito da esquina'

● O presidente do STF, Gilmar Mendes, afirmou que os juízes não podem consultar o “sujeito da esquina” antes de tomar decisões e precisam enfrentar a opinião pública. O que todos gostariam de saber é quem representaria o “sujeito da esquina” no conceito do sr. Gilmar Mendes. Se tal figura corresponde ao cidadão que se revolta com a impunidade que impera no país, ao ver, como exemplo, o STF libertar banqueiros milionários corruptos, certamente somos todos nós.

SEBASTIÃO PEDROSO DE LIMA
(por e-mail, 8/5), Rio

Fonte: Jornal O Globo (9 maio 2009).

c) No texto “O ‘sujeito da esquina’”, qual o tipo textual predominante? Justifique tomando por base o gênero textual.

RESPOSTA COMENTADA

3. a) Para escrever sobre algum acontecimento do dia, o gênero mais adequado será uma reportagem, ou um relato em diário, se forem anotações pessoais. Se você quer vender um carro, o gênero mais adequado será o classificado. Ensinar como fazer uma comida se encaixa no gênero receita culinária. Para lembrar alguém sobre algum encontro, você pode utilizar o gênero bilhete ou, então, e-mail. E, para comentar um texto lido no jornal, um gênero possível seria a carta de leitor.

b) O texto “O ‘sujeito da esquina’” é uma carta de leitor e se situa no domínio discursivo do jornalismo.

c) No texto “O ‘sujeito da esquina’”, predomina a argumentação, porque a carta de leitor é um gênero textual cujo autor expressa opiniões (favoráveis ou não) a respeito de assuntos publicados em revistas, jornais, ou sobre o tratamento dado a esses assuntos.

CONCLUSÃO

Você já deve ter percebido que vivemos rodeados por textos, sejam eles verbais, sejam não verbais, e lançamos mão desses textos para exprimir pensamentos e, conseqüentemente, podermos nos comunicar. E, assim, de acordo com os objetivos por nós pretendidos, utilizaremos determinados gêneros textuais e empregaremos certas sequências textuais – narrativas, descritivas, argumentativas, injuntivas ou expositivas – para interagirmos com nossos semelhantes na vida em sociedade.

Para finalizar esta aula, faremos uma última atividade que engloba todos os conceitos trabalhados.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2, 3, 4 e 5

O texto que você vai ler a seguir é um trecho do Capítulo XXXII do romance *Dom Casmurro*, de **MACHADO DE ASSIS**. O romance tematiza o adultério sob a ótica de seu personagem-narrador, o solitário Dom Casmurro, que acredita ter sido traído por sua mulher, Capitu.

O trecho selecionado para estudo mostra a descoberta do amor de Bentinho (Dom Casmurro) e Capitu, e esboça as personalidades de ambos.

Capítulo XXXII – Olhos de ressaca

Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. (...) passados alguns dias do ajuste com o agregado, fui ver a minha amiga; eram dez horas da manhã. D. Fortunata, que estava no quintal, nem esperou que eu lhe perguntasse pela filha.

– Está na sala, penteando o cabelo, disse-me; vá devagarzinho para lhe pregar um susto.

Fui devagar, mas ou o pé ou o espelho traiu-me. Este pode ser que não fosse; era um espelhinho de pataca (perdoai a barateza), comprado a um mascate italiano, moldura tosca, argolinha de latão, pendente da parede, entre as duas janelas. Se não foi ele, foi o pé. Um ou outro, a verdade é que, apenas entrei na sala, pente, cabelos, toda ela voou pelos ares, e só lhe ouvi esta pergunta:

MACHADO DE ASSIS (21 de junho de 1839 – 29 de setembro de 1908) foi um escritor brasileiro, amplamente considerado como o maior nome da literatura nacional. Escreveu em praticamente todos os gêneros literários, sendo poeta, cronista, dramaturgo, contista, folhetinista, jornalista e crítico literário. Testemunhou a mudança política no país quando a República substituiu o Império e foi um grande comentarista e relator dos eventos político-sociais de sua época.



Figura 19.2: Machado de Assis, 1896, Academia Brasileira de Letras.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Machado_de_Assis

- Há alguma coisa?
 - Não há nada, respondi; vim ver você antes que o Padre Cabral chegue para a lição. Como passou a noite?
 - Eu bem. José Dias ainda não falou?
 - Parece que não.
 - Mas então quando fala?
 - Disse-me que hoje ou amanhã pretende tocar no assunto; não vai logo de pancada, falará assim por alto e por longe, um toque. Depois, entrará em matéria. Quer primeiro ver se mamãe tem a resolução feita...
 - Que tem, tem, interrompeu Capitu. E se não fosse preciso alguém para vencer já, e de todo, não se lhe falaria. Eu já nem sei se José Dias poderá influir tanto; acho que fará tudo, se sentir que você realmente não quer ser padre, mas poderá alcançar?... Ele é atendido; se, porém... É um inferno isto! Você teime com ele, Bentinho.
 - Teimo; hoje mesmo ele há de falar.
 - Você jura?
 - Juro! Deixe ver os olhos, Capitu.
- Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada.” Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra idéia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

(...)

Fonte: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/html/romance/marm08.htm>

O texto que você leu é predominantemente narrativo, ou seja, alguém (o narrador) conta uma série de ações ou acontecimentos em sequência cronológica (enredo), vividos por seres humanos (personagens) num determinado local e tempo (localização espacial e temporal).

1. O título do capítulo traz informações sobre qual desses elementos narrativos?

2. Dentre os cinco tipos textuais estudados (narração, descrição, exposição, argumentação e injunção), o título se ajustaria a qual deles? Que expressão é utilizada para cumprir a função desse tipo textual no título em questão?

3. No texto, aparecem algumas sequências textuais que trazem informações do espaço e do tempo. Copie do primeiro e do segundo parágrafos algumas delas. Tais sequências são exemplos de qual tipo textual?

4. Observe a passagem: “Disse-me que hoje ou amanhã pretende tocar no assunto; não vai logo de pancada, falará assim por alto e por longe, um toque. Depois, entrará em matéria. Quer primeiro ver se mamãe tem a resolução feita...”. Por que se trata de uma sequência narrativa? Que classe gramatical (substantivos, adjetivos, verbo, pronome...) é utilizada para cumprir a função desse tipo textual nessa passagem?

5. As sequências: “Há alguma coisa?”, “Mas então quando fala?” e “Você jura?” são exemplos de qual tipo textual? Justifique.

6. O texto lido é um trecho do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e se prende a uma função prioritariamente estética, produtora de prazer. Em qual domínio discursivo pode ser inserido?

RESPOSTA COMENTADA

1. O título do capítulo, “Olhos de ressaca”, traz informações sobre um personagem – a Capitu.
2. O título sugere uma descrição. A expressão utilizada para descrever é “de ressaca”.
3. No texto, aparecem algumas sequências textuais que trazem informações do espaço e do tempo. Do primeiro e do segundo parágrafos, podemos citar alguns exemplos: sequências que trazem informações sobre o espaço (“que estava no quintal”, “Está na sala”) e sequências que trazem informações sobre o tempo (“passados alguns dias do ajuste com o agregado”, “eram dez horas da manhã”). As sequências sobre o espaço são descritivas, mas as temporais, não. Por exemplo, quando se fala “passados alguns dias”, está-se narrando.
4. A passagem: “Disse-me que hoje ou amanhã pretende tocar no assunto; não vai logo de pancada, falará assim por alto e por longe, um toque. Depois, entrará em matéria. Quer primeiro ver se mamãe tem a resolução feita...” corresponde a uma sequência narrativa, porque apresenta uma sucessão cronológica de ações: “disse-me”, “pretende tocar no assunto”, “não vai logo de pancada”, “falará assim”, “entrará em matéria”, “quer primeiro ver”. Para tanto, são utilizados verbos.
5. As sequências: “Há alguma coisa?”, “Mas então quando fala?” e “Você jura?” são exemplos do tipo injuntivo, porque tem por objetivo manter um contato por meio de interrogações e exprimir uma ordem, ou seja, fazer o interlocutor agir em determinada direção.
6. O romance faz parte do domínio discursivo dos textos literários.

RESUMO

Diferenças nas situações comunicativas provocam diferenças no plano composicional dos textos. Segundo a sua tipologia – espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas) –, os textos podem ser predominantemente narrativos (narram fatos, ações), descritivos (apresentam características de seres, objetos e lugares), expositivos (informam sobre um determinado assunto), argumentativos (defendem uma tese, expondo, para tanto, fatos) ou injuntivos (levam o destinatário a agir de certo modo ou em determinada direção). Sendo assim, todos os textos são construídos com base em um tipo textual, porém, esses tipos podem aparecer de forma exclusiva ou, ainda, mesclada num texto.

Os textos se materializam em gêneros – realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas – os quais, por sua vez, fazem parte de determinados domínios discursivos – esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Vários gêneros podem fazer parte de um mesmo domínio discursivo como, por exemplo, os gêneros reportagem, editorial, carta de leitor, que pertencem ao domínio jornalístico.

Assim, do mesmo modo que desenvolvemos uma competência linguística quando aprendemos um determinado código linguístico, desenvolvemos também uma competência sociocomunicativa (conhecimento linguístico, de mundo e da situação de comunicação) que nos permite identificar o que é mais adequado ou inadequado em cada uma das práticas sociais e, conseqüentemente, construir diferentes textos.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, faremos um estudo mais detalhado sobre a origem das discussões a respeito de gêneros textuais e apresentaremos algumas características de determinados gêneros. Até lá!

LEITURAS RECOMENDADAS

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. MEC. *Machado de Assis*. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/arquivos/html/romance/marm08.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

KARKOWSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

Os gêneros textuais: um pouco de história

*Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas*

AULA

20

Meta da aula

Apresentar os conceitos de tipo e gênero textual e domínios discursivos.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar critérios utilizados para o agrupamento dos gêneros textuais;
2. reconhecer "gêneros primários" e "gêneros secundários";
3. identificar diferentes "suportes" onde os gêneros textuais aparecem;
4. reconhecer o universo discursivo sociocultural dentro do qual cada gênero de texto se insere, considerando as intenções do enunciador, a relação entre os interlocutores e o tipo textual escolhido.

INTRODUÇÃO

Em nossas aulas, temos podido observar que vivemos cercados de textos. A nossa competência sociocomunicativa nos permite diferenciar um texto de outro e saber qual é o mais indicado para ser utilizado em uma determinada situação. Por exemplo, para vender um carro, o gênero mais indicado é o anúncio; para enviar um recado, os gêneros mais adequados são o bilhete, o *e-mail* ou o telegrama; para noticiar um fato, o gênero mais adequado é a reportagem, e assim por diante.

Hoje, temos essa consciência porque os textos já foram e continuam sendo estudados e agrupados por muitos pesquisadores. Porém, imagine se, para cada nova situação de comunicação, tivéssemos que inventar um gênero novo?! Sem dúvida, perderíamos muito tempo e talvez tivéssemos dificuldades de nos organizar nesse emaranhado de múltiplos gêneros.

Com certeza, você já ouviu falar em “gênero discursivo” e “gênero textual”. Mas qual é a diferença?

GÊNEROS DISCURSIVOS OU GÊNEROS TEXTUAIS?

A terminologia empregada pelos teóricos varia entre “gêneros do discurso ou discursivos” e “gêneros de texto ou textuais”.

A linguista Roxane Rojo (2005), em seus estudos, procura explicar a diferença terminológica entre “gêneros do discurso” e “gêneros textuais”. Segundo a autora, a teoria dos *gêneros do discurso* centra-se, sobretudo, no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos, e a teoria dos *gêneros de textos*, na descrição da **MATERIALIDADE TEXTUAL**.

MATERIALIDADE TEXTUAL

São aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos de um texto. Tais aspectos dão ao texto forma e sentido.



Figura 20.1: Diferença terminológica entre gênero discursivo e gênero textual.

Segundo Rojo, apesar de os teóricos seguirem caminhos diferentes para o tratamento dos gêneros – uns mais centrados na descrição das situações de enunciação em seus aspectos sócio-históricos; outros, na descrição da composição e da materialidade linguística dos textos no gênero – , todos acabam por fazer descrições de “gêneros”, de enunciados ou de textos pertencentes ao gênero.

Em nossa aula, adotaremos a terminologia “gênero textual”. Vamos rever a definição apresentada na Aula 19:



Gênero textual corresponde ao texto materializado que encontramos em nossa vida diária e que apresenta características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característicos. São exemplos de gêneros textuais: telefonema, sermão, carta, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, cardápio, piada etc.

Apresentamos, a seguir, um breve retorno às origens das discussões a respeito de gêneros textuais.

ORIGEM DAS DISCUSSÕES A RESPEITO DE GÊNEROS TEXTUAIS

A expressão “gênero” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários. Você já deve ter ouvido falar em “gênero lírico”, “gênero dramático” e “gênero épico”. Essa divisão partiu dos filósofos da Grécia Antiga, como Platão e Aristóteles.

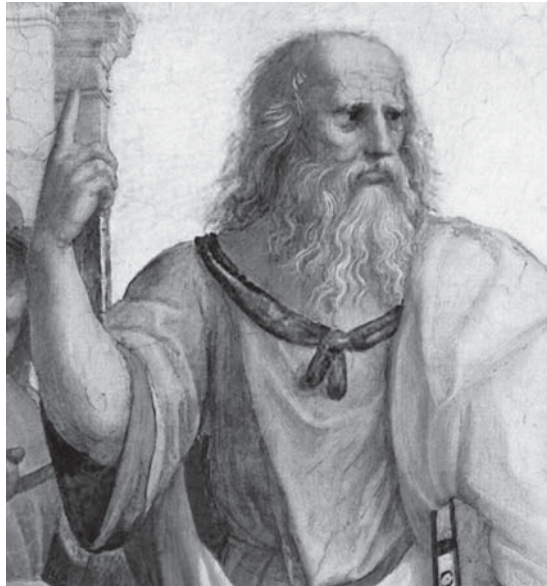


Figura 20.2: O filósofo Platão, de Rafael Sanzio.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Plato-raphael.jpg>

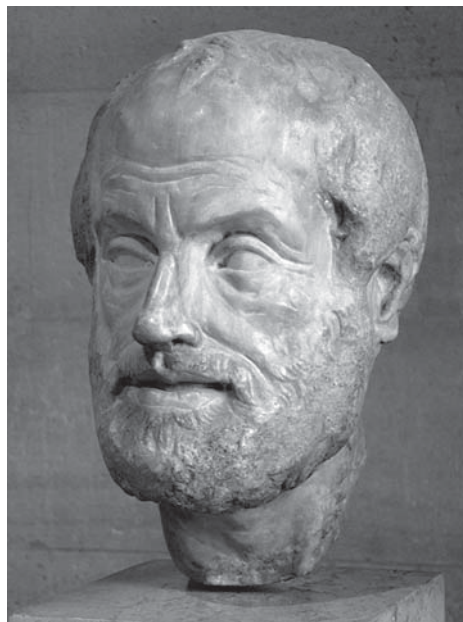


Figura 20.3: Busto do filósofo e professor Aristóteles, no Museu do Louvre.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Aristoteles_Louvre.jpg

O *gênero épico* (também chamado *narrativo*) nada mais faz do que relatar um enredo, sendo ele imaginário ou não, situado em tempo e lugar determinados, envolvendo uma ou mais personagens.

O *gênero lírico* é, na maioria das vezes, expresso pela poesia. Esse gênero preocupa-se, principalmente, com o mundo interior de quem escreve o poema, o eu-lírico.

Por último, o *gênero dramático* é composto de textos que são escritos para serem encenados em forma de peças de teatro.

É com Aristóteles que surge uma teoria mais sistemática sobre os gêneros e sobre a natureza do discurso. No capítulo III do livro *Retórica*, Aristóteles afirma que existem três gêneros da retórica: o “deliberativo”, o “judiciário” e o “demonstrativo”, também chamado “epidítico”.

O *gênero deliberativo* servia para aconselhar ou desaconselhar sobre uma questão de interesse público ou particular, gerando uma ação futura.

O *judiciário* servia para acusar e defender, refletindo sobre o passado.

E, por último, o *gênero demonstrativo* servia para elogiar e censurar, levando em conta o estado atual das coisas, ou seja, o tempo presente.

Atualmente, a noção de “gênero” já não mais se vincula apenas à literatura, mas a uma prática social e a uma prática textual-discursiva.

Bakhtin, linguista russo, cuja concepção de linguagem serviu de herança em relação aos diversos conceitos de gêneros, é referência comum entre os teóricos que se debruçam sobre o assunto.



Figura 20.4: Linguista russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bakhtin.jpg>

Já na metade do século XX, graças aos estudos de Mikhail Bakhtin, o interesse pelos gêneros ultrapassou o âmbito dos estudos literários para abarcar a comunicação oral e escrita. Até então, o conceito de gêneros era associado aos estudos literários, tendo em vista a grande influência de Aristóteles.

Em 1979, em sua obra original *Estetika Slovesnogo Tvortchestva*, Bakhtin já abordava a noção de gênero textual. O autor discutia os caminhos para um estudo da linguagem como atividade sociointeracional. Após várias traduções, em diferentes idiomas, percebe-se que os estudos de Bakhtin muito influenciaram o que está atualmente definido no campo de gêneros textuais.

Vejamos, agora, a definição de Bakhtin para gêneros. O linguista utiliza a terminologia *gênero do discurso*.

Segundo Bakhtin (2000, p. 279), cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo a isso que denominamos *gêneros do discurso*.

Após termos visto o conceito de “gêneros” elaborado por Bakhtin, apresentaremos os critérios que são, normalmente, utilizados para classificar um texto como sendo de um determinado gênero.

CRITÉRIOS UTILIZADOS PARA O AGRUPAMENTO DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Para Bakhtin, os gêneros do discurso são caracterizados por três elementos:

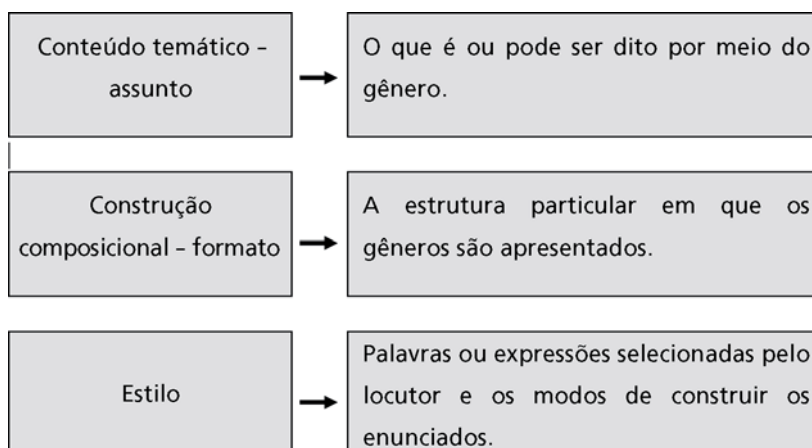
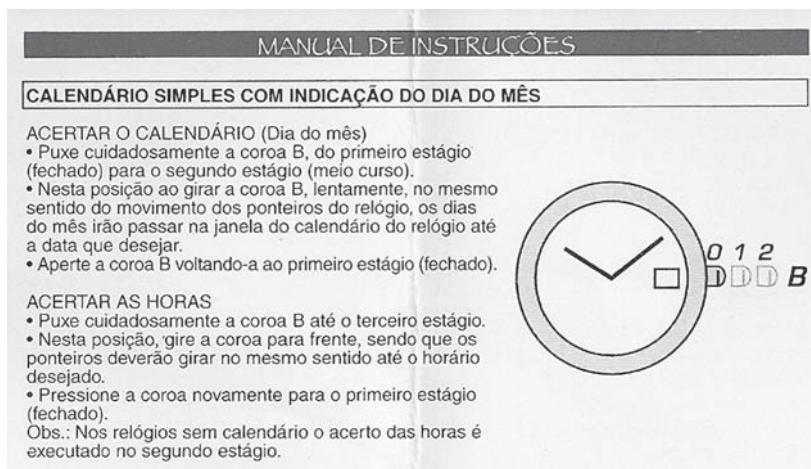


Figura 20.5: Critérios utilizados para o agrupamento dos gêneros textuais.

Vamos identificar esses critérios em um gênero textual: um manual de instruções, ou seja: que características o texto apresenta que nos permitem classificá-lo como um manual de instruções?



Vamos analisar o texto:

- 1º – Qual o conteúdo temático do texto? Com certeza, você deve ter percebido que é um texto que fornece ao leitor a descrição das etapas a serem seguidas para acertar o calendário e as horas de um relógio de uma determinada marca e modelo.
- 2º – Como o texto é apresentado? O manual de instruções apresenta uma estrutura que se compõe de um texto em tópicos, sobre como proceder para realizar alguma ação relacionada ao produto.
- 3º – Como os enunciados são construídos? Você deve ter percebido o predomínio de formas verbais e expressões de sentido imperativo.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Leia os textos e identifique as características por eles apresentadas que nos permitem classificá-los como um determinado gênero textual.

Texto 1:



Fonte: <http://www.aids.gov.br/campanha/campanha-de-diagnostico>

a) Conteúdo temático: qual o conteúdo temático do texto?

b) Construção composicional: como o texto é apresentado?

c) Estilo: como os enunciados são construídos?

Texto 2:

Desordem urbana

• Quem tem amor ao Rio e quiser se indignar, sugiro que dê uma passadinha no fim de expediente na Rua da Carioca para testemunhar um verdadeiro atentado à cidade: um exército de funcionários de bares, lanchonetes e padarias lavando seus estabelecimentos e latões de lixo em plena calçada — que fica totalmente emporcalhada — com a sujeira sendo jogada na galeria de águas pluviais e obrigando os pedestres a trafegarem pela rua. Com o calçamento apresentando verdadeiras crateras e canteiros de árvores cimentados, faz-se necessário, com a máxima urgência, um choque de ordem no tradicional e belo logradouro carioca.

Fonte: Jornal *O Globo*, 15/02/2010, p. 6 – Seção: Cartas do Leitor.

a) Conteúdo temático: qual o conteúdo temático do texto?

b) Construção composicional: como o texto é apresentado?

c) Estilo: como os enunciados são construídos?

Texto 3:

CELTA Life VHC, preto,
05/05 2pts, IPVA 2010
pg, ar gelando, trv., alar-
me, 48.300km, estado
de novo R\$ 18.500,00
Tel. [REDACTED]

Fonte: Jornal *O Fluminense*, 21/03/2010, p. 17
(Caderno: Classificados).

a) Conteúdo temático: qual o conteúdo temático do texto?

b) Construção composicional: como o texto é apresentado?

c) Estilo: como os enunciados são construídos?

RESPOSTA COMENTADA

Texto 1:

a) *Conteúdo temático: o texto é um anúncio publicitário, porque procura convencer o leitor a “comprar” uma ideia: “Fazer o teste do vírus da AIDS.”*

b) *Construção composicional: a estrutura tradicional de um anúncio publicitário compõe-se do título (“Tire o peso da dúvida. Faça o teste do vírus da AIDS.”), da ilustração, da linha de assinatura (Ministério da Saúde), que inclui o nome do produto e que se posiciona, geralmente, junto do logotipo (marca: desenho da bandeira do Brasil) e do slogan (a frase-emblema que define o produto ou a marca: “Fique sabendo – O exame de AIDS é um direito seu”). Alguns anúncios publicitários ainda apresentam um texto argumentativo (“Se você já fez sexo sem camisinha, faça o teste na rede pública de saúde. É gratuito e sigiloso.”).*

c) *Estilo: predomínio de formas verbais no modo imperativo: “tire” e “faça”. O modo imperativo indica ordem, pedido. Tal modo, no texto publicitário, incita o leitor a agir em uma determinada direção.*

Texto 2:

a) *Conteúdo temático: o texto é uma carta de leitor, em que o autor expressa opiniões (favoráveis ou não) a respeito de assuntos publicados em revistas e jornais, ou denuncia algum fato. Na carta lida, o falante denuncia o abandono da rua da Carioca, no centro da cidade do Rio de Janeiro.*

b) *Construção composicional: a carta de leitor apresenta uma estrutura semelhante à da carta pessoal. Apesar disso, é comum a imprensa publicar apenas o corpo da carta ou parte dela (como no caso da carta lida), por falta de espaço.*

c) *Estilo: é um texto predominantemente argumentativo. O autor da carta monta sua argumentação por meio de relações de causa-consequência (causa: funcionários de bares, lanchonetes e padarias lavam seus estabelecimentos e latões de lixo em plena calçada da rua da Carioca/consequência: a desordem urbana) e de citações. Percebe-se, ainda, o predomínio de relações e progressão lógica de ideias, palavras e/ou expressões modalizadoras (“sugiro”) e valorativas (“verdadeiro atentado à cidade”, “totalmente emporcalhada”, “tradicional e belo logradouro carioca”) e períodos compostos por subordinação.*

Texto 3:

a) *Conteúdo temático: o texto é um classificado de jornal. É um texto predominantemente descritivo, em que o autor procura mostrar as características do produto que deseja vender, no caso, um automóvel.*

b) *Construção composicional: o classificado de jornal é um gênero textual que se apresenta em boxes alinhados em colunas estreitas. As informações são apresentadas de forma simplificada, o que é típico deste gênero, devido ao espaço reduzido e ao custo da publicação. Os anúncios são, geralmente, avaliados pelo número de linhas.*

c) *Estilo: predomínio de substantivos e adjetivos e palavras abreviadas, pois quanto maior o anúncio, mais caro é.*

Continuando a nossa aula, vamos conhecer a distinção fundamental, realizada por Bakhtin, entre *gêneros primários* ou *simples* e *secundários* ou *complexos*.

GÊNEROS PRIMÁRIOS OU SIMPLES E SECUNDÁRIOS OU COMPLEXOS

Segundo Bakhtin, os *gêneros primários* se relacionam de forma direta com a realidade, constituindo-se em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. São exemplos de gêneros primários: bilhetes, cartas, diálogos e relato familiar.

Já os *gêneros secundários* mostram uma comunicação cultural mais complexa, realizada, sobretudo, pela escrita: artística, científica e socio-política, como o romance, o teatro, o artigo de divulgação científica etc.

Os *gêneros secundários* acabam, de certo modo, suplantando os *gêneros primários*, tendo em vista que os *primários* fazem parte de uma troca verbal espontânea, e os *secundários* representam uma intervenção nessa espontaneidade, pois se apresentam de modo mais complexo, sendo geralmente escritos. Na verdade, os *gêneros primários* são instrumentos de criação dos *gêneros secundários*.

Para Bakhtin, os gêneros não devem ser entendidos como uma camisa de força na qual se retém cada forma do pensamento humano. Pelo contrário, os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis, representantes de valores culturalmente instituídos, sujeitos ao tempo e ao espaço no qual são originados.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Volte aos textos da Atividade 1: anúncio publicitário, carta de leitor e classificado de jornal. De acordo com a classificação proposta por Bakhtin, esses gêneros são primários ou secundários?

RESPOSTA COMENTADA

Os gêneros “anúncio publicitário”, “carta de leitor” e “classificado de jornal” são gêneros secundários. Surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo, desenvolvido e organizado.

Antes de continuarmos abordando outros aspectos dos gêneros, vale a pena, ainda, explicar que, no processo de elaboração, os gêneros secundários incorporaram e reelaboraram diversos gêneros primários. Por exemplo, a carta de leitor é uma reelaboração da carta simples, pessoal. Dessa forma, os gêneros primários que integram os secundários, transformam-se e adquirem um caráter especial, ou seja, perdem o vínculo imediato com a realidade concreta.

Para melhor compreensão do fenômeno de absorção e transformação dos gêneros primários pelos secundários, Bakhtin traz, como exemplo, uma carta ou um diálogo cotidiano. Uma carta ou um frag-

mento de conversação do dia a dia, quando inseridos em um romance, desvinculam-se da realidade comunicativa imediata, só conservando seus significados no plano de conteúdo do romance, ou seja, não se trata mais de atividades verbais do cotidiano, e sim, de uma atividade verbal artística, elaborada e complexa. Apenas a matéria dos gêneros – primário e secundário – é a mesma: enunciados verbais, fenômenos de mesma natureza. O que os diferencia é o grau de complexidade e elaboração em que se apresentam.

Agora que já vimos um pouco do surgimento da teoria sobre os “gêneros”, vamos identificar onde aparecem os textos, ou seja, o “suporte”.

ONDE APARECEM OS GÊNEROS TEXTUAIS: O SUPORTE

Na Aula 19, vimos que é possível identificar diferentes textos, levando em conta a função e o suporte (local físico ou material onde aparecem: jornal, *outdoor*, livro didático, televisão, embalagem...).

Assim, os textos não aparecem soltos em nossa sociedade. Pelo contrário, na maioria das vezes, o lugar em que aparecem ajuda na identificação do gênero.

Observe o enunciado a seguir:

“Carlos, estou esperando a sua resposta. Te amo! Me ligue. Ana.”

Se esse enunciado estiver escrito num papel colocado sobre a escrivania da pessoa indicada (Carlos), pode ser um *bilhete*; se for enviado pela internet, pode ser um *e-mail*; se for postado no correio, pelo telefone, pode ser um *telegrama* e assim por diante. Dessa forma, um mesmo texto pode aparecer em suportes diferentes: papel de carta, papel de telegrama e internet. O conteúdo não muda, mas o gênero é identificado na relação com o suporte.

Afinal, o que é suporte?

Segundo Marcuschi (2008, p. 174), *suporte* é um lugar físico ou virtual com formato específico, que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.

Marcuschi ainda faz uma distinção entre *suporte convencional* e *suporte incidental*.

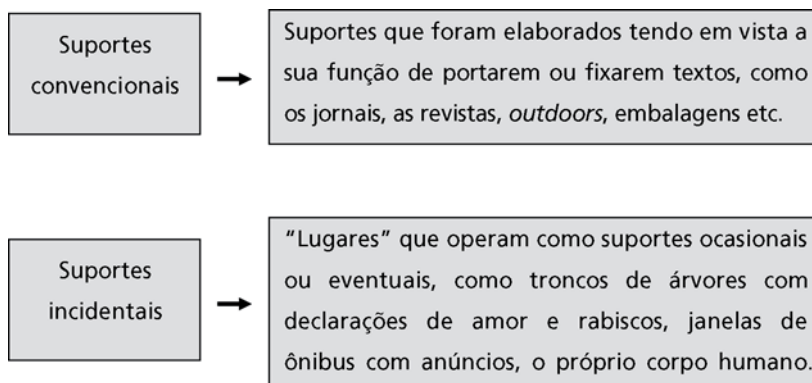


Figura 20.6: Definição e exemplos de suporte convencional e suporte incidental.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 3

3.

3.1. Identifique o suporte convencional em que, normalmente, aparecem os enunciados a seguir.

a) “Contém glúten.”

b) “Venda sob prescrição médica.”

c) “Proibido estacionar.”

d) “Promoções imperdíveis.”

3.2. Além dos suportes convencionais, os enunciados (c) e (d) podem aparecer em suportes incidentais. Identifique um.

RESPOSTA COMENTADA

3.1. O enunciado (a) aparece em embalagens de alimentos, pois “glúten” (proteína que se encontra na semente de muitos cereais combinada com o amido, responsável pela elasticidade da massa

da farinha) é uma proteína que pode fazer parte de determinados alimentos.

O enunciado (b) normalmente aparece em embalagens de remédios.

O enunciado (c) aparece escrito em placas de trânsito.

O enunciado (d) pode estar escrito em jornais, revistas, encartes de lojas e supermercados, outdoor, faixas etc.

3.2. O enunciado (c) pode ser escrito no portão de garagem de uma casa, no chão etc. Já o enunciado (d) pode também estar escrito no próprio vidro da vitrine de uma loja.

CONCLUSÃO

Você já deve ter percebido que nossos textos são organizados, estrategicamente, em gêneros, em decorrência das escolhas feitas entre as diversas possibilidades de formulação que a língua nos oferece.

Cada texto tem algo a dizer e é organizado de acordo com uma estrutura determinada. Dessa forma, para realizarmos uma leitura competente, precisamos reconhecer o universo discursivo sociocultural dentro do qual cada gênero de texto se insere, considerando as intenções do enunciatador (conteúdo temático), a relação entre os interlocutores e o tipo textual (descrição, narração, argumentação...) escolhido.

Lemos um texto, então, a partir do modo como o texto se encontra linguisticamente construído.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

Leia o texto seguinte:

Senado estuda legislação nacional para dar proteção aos autistas

Síndrome complexa e cujas causas ainda são pouco conhecidas pela Medicina afeta cerca de 2 milhões de brasileiros e suas famílias. Custos de tratamento elevados marginalizam os de origem mais pobre



JORNAL DO SENADO



Senado estuda legislação nacional para dar proteção aos autistas

Síndrome complexa e cujas causas ainda são pouco conhecidas pela Medicina afeta cerca de 2 milhões de brasileiros e suas famílias. Custos de tratamento elevados marginalizam os de origem mais pobre.

O Senado analisará no próximo ano proposta de legislação para a criação de um sistema nacional integrado de atendimento à pessoa autista, transtorno que afeta diretamente cerca de 2 milhões de brasileiros e suas famílias, conforme estatística apresentada pelo professor do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Marcos Tomanik Mercadante, (...).

O primeiro passo foi o compromisso do senador Flávio Arns (PSDB-PR) de apresentar relatório à Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH), encaminhando o anteprojeto elaborado pela Associação em Defesa do Autista (Adefa). “A CDH vai estudá-lo e pode fazer as adequações por emenda”, explica Arns. Inspirado em lei da Paraíba, o anteprojeto visa desde a criação de um cadastro nacional até à capacitação de profissionais e a especialização da rede de serviços nas três esferas de governo – municipal, estadual e federal (...).

Complexo e ainda cercado de dúvidas sobre as verdadeiras causas, o autismo – agora denominado como transtorno do espectro autista (TEA), por sua gama de variações – é uma inadequação no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave por toda a vida. Aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida, sendo mais comum no sexo masculino. Afeta famílias de qualquer classe social, configuração étnica e racial. Pode variar de um nível leve, caracterizado como de alto desempenho, até casos de maior gravidade, associados, por exemplo, a retardo mental.

A ideia de uma legislação federal que garanta direitos e proteja os autistas nasceu de entendimentos entre o senador Paulo Paim (PT-RS) e a Adefa. Em alguns estados, como São Paulo, por exemplo, é preciso entrar na Justiça para conseguir tratamento especializado. É o que vai fazer o jornalista Paiva Júnior, editor da revista *Autismo*. Ele calcula gastos de R\$ 3 mil mensais com seu filho Giovani, de três anos e meio, entre sessões de terapia psicológica e ocupacional, consultas com neuropediatras e fonoaudiólogos, além de mediador pedagogo para acompanhar a criança na escola regular.

(...)



Pseudomografia/Creative Commons

Criança da escola para autistas: legislação paraibana prevê educação escolar na mesma instituição das demais crianças e programas de capacitação profissional.

Fonte: *Jornal do Senado*, 23/11/2010, p. 4 e 5.

Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/noticia.asp?codEditoria=521&dataEdicaoVer=20101123&dataEdicaoAtual=20101123&nomeEditoria=Especial+Cidadania>

1. Após ler o texto, identifique:

a) o gênero textual.

b) o suporte.

c) o conteúdo temático.

d) algumas características da construção composicional.

e) algumas características do estilo.

2. Identifique outros suportes em que esse gênero textual pode aparecer.

3. O texto lido é um gênero primário ou secundário? Explique.

RESPOSTA COMENTADA

1.

a) *Gênero textual: notícia de jornal.*

b) *Suporte: o jornal, por se tratar de uma notícia publicada em jornal.*

c) *Conteúdo temático: o texto lido é uma notícia que fala sobre a possibilidade de o Senado analisar um projeto de atendimento à pessoa com autismo. O texto é escrito de forma objetiva e não é assinado.*

d) *Características da construção composicional: uma notícia geralmente compõe-se de três partes: a manchete ou título ("Senado estuda legislação nacional para dar proteção aos autistas"), lead – aparece logo abaixo da manchete e apresenta um resumo, feito em poucas linhas, do conteúdo da notícia – ("Síndrome complexa e cujas causas ainda são pouco conhecidas pela Medicina afeta cerca de 2 milhões de brasileiros e suas famílias. Custos de tratamento elevados marginalizam os de origem mais pobre.") e o corpo, ou seja, a matéria propriamente dita, em que são fornecidas respostas às questões fundamentais do jornalismo: o quê (fatos), quem (personagens/pessoas), quando (tempo), onde (lugar), como e por quê.*

e) *Características do estilo: a linguagem empregada na notícia é impessoal, clara, objetiva e direta. A notícia em questão apresenta sequências com verbos no presente (quando o jornalista comenta e expõe o fato) e verbos no passado (quando o jornalista narra algum fato).*

2. A notícia poderia ser publicada também em revistas e sites (de jornais, de revistas) da internet.
3. A notícia é um gênero secundário, porque é uma atividade verbal elaborada e complexa.

RESUMO

Em relação ao estudo dos “gêneros”, a terminologia empregada pelos teóricos varia entre *gêneros do discurso* ou *discursivos* (estudos mais centrados nas situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos e *gêneros de texto* ou *textuais* (estudos mais centrados na descrição da materialidade textual). Apesar dessa diferenciação terminológica, todos os teóricos acabam por fazer descrições de “gêneros”, de enunciados ou de textos pertencentes ao gênero. A expressão “gênero” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários. Atualmente, a noção de “gênero” já não mais se vincula apenas à literatura, mas a uma prática social e a uma prática textual-discursiva.

Para Bakhtin, linguista russo que influenciou muito os estudos sobre os gêneros, os “gêneros do discurso” são caracterizados por três elementos: *conteúdo temático* (o que é ou pode ser dito por meio do gênero), *construção composicional* (a estrutura particular como os gêneros são apresentados) e *estilo* (palavras ou expressões selecionadas pelo locutor e os modos de construir os enunciados).

Bakhtin ainda agrupa os gêneros em *primários* (aqueles que se relacionam de forma direta com a realidade, constituindo-se em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea, como bilhetes, cartas, diálogos e relato familiar) e *secundários* (aqueles que mostram uma comunicação cultural mais complexa, realizada, sobretudo, pela escrita: artística, científica e sociopolítica, como o romance, o teatro e o artigo de divulgação científica).

Portanto, vivemos cercados de textos que aparecem em diferentes *suportes* (lugar físico ou virtual com formato específico, que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto) e é a nossa competência sociocomunicativa que nos permite diferenciar um texto de outro e saber qual é o mais indicado para ser utilizado em uma determinada situação.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, faremos um estudo mais detalhado sobre o tipo textual “descrição”. Até lá!

Descrição: o que é e como se faz

*Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas*

AULA 21

Meta da aula

Apresentar as características principais
do tipo textual descritivo.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer textos e trechos predominantemente descritivos;
2. identificar alguns elementos organizacionais e estruturais de textos em que predominam sequências descritivas;
3. identificar o tema-núcleo de textos descritivos;
4. reconhecer as diferentes categorias de língua utilizadas para descrever – nomear, localizar/situar e qualificar.

INTRODUÇÃO

Você já deve ter ouvido frases como estas: “Esse texto é uma descrição”, ou “Esse texto é descritivo”. Afinal, descrição ou descritivo? O termo “descrição” nomeia um resultado e o termo “descritivo”, um processo, ou seja, um procedimento discursivo. Assim, o tipo textual é chamado de *descritivo*, como também o são o tipo *narrativo* e o *argumentativo*. O termo *descrição*, portanto, deve ser utilizado para definir um texto ou um fragmento de texto em que predominam sequências descritivas.

Mas o que é descrever? Sem dúvida, você já leu um classificado de oferta de emprego ou de venda de automóvel (ou de imóvel), horóscopo, bula de remédio e receita de cozinha. Todos esses gêneros textuais são predominantemente descritivos. Por quê? Que características comuns esses textos apresentam que os fazem ser descritivos?

ALUÍSIO

AZEVEDO (São Luís, 14 de abril de 1857 – Buenos Aires, 21 de janeiro de 1913) foi um romancista, contista, cronista, diplomata, caricaturista e jornalista brasileiro, além de bom desenhista e discreto pintor. Inaugurou a estética do naturalismo no Brasil, com a publicação do romance *O mulato* (1881), mostrando a influência do meio social e da hereditariedade na formação dos indivíduos. É também autor de outros romances de mesma estética, como *Casa de pensão* (1884), *O cortiço* (1890) e outros.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Alu%C3%ADsio_Azevedo



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1084633>

DEFINIÇÃO E FUNÇÃO DO TIPO TEXTUAL

Na Aula 19, estudamos que o tipo textual “descritivo” caracteriza-se por nomear, localizar/situar e qualificar os seres no mundo, de maneira objetiva/subjetiva. Nesse tipo textual, o autor-observador não relata, como no narrativo, as transformações de estado que vão ocorrendo progressivamente com pessoas ou objetos, mas as propriedades e aspectos desses elementos, num certo estado.

Vamos começar analisando um pequeno trecho extraído do romance *O cortiço*, de **ALUÍSIO AZEVEDO**.



Figura 21.1: Aluísio Azevedo.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Alu%C3%ADsio_Azevedo.

“Rita havia parado em meio do pátio.

Cercavam-na homens, mulheres e crianças; todos queriam novas dela. Não vinha em traje de domingo; trazia casaquinho branco, uma saia que lhe deixava ver o pé sem meia num chinelo de polimento com enfeites de **MARROQUIM** de diversas cores. No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam sua fisionomia com um realce fascinador.”

Fonte: Azevedo (1997).

MARROQUIM

Pele de cabra.

Um romance não é um gênero textual predominantemente descritivo. Pelo contrário, em um romance, o autor narra ações desenvolvidas por personagens, produzindo um texto narrativo. Porém, na Aula 19, estudamos que os tipos textuais (descritivo, narrativo e argumentativo) podem também aparecer de forma mesclada em um texto. É o que acontece no romance.

Quando lemos o trecho extraído do romance *O cortiço*, vemos, de imediato, que se trata de um texto narrativo, pois notamos, logo nas suas primeiras frases, uma das características básicas desse tipo textual – a sequência cronológica, marcada pela sucessão de ações indicadas pelas formas verbais: “havia parado”, “cercavam” e “queriam”. Em seguida, há uma interrupção do texto narrativo pela introdução do segmento descritivo:

trajo de domingo; trazia casaquinho branco, uma saia que lhe deixava ver o pé sem meia num chinelo de polimento com enfeites de marroquim de diversas cores. No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho...

Assim, podemos afirmar que esse último trecho é descritivo e que, nele, o autor – Aluísio Azevedo – retrata uma personagem feminina: a Rita. Ele a descreve fisicamente, inclusive, mostrando a sensualidade da personagem: “E toda ela respirava (...) um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano...”.

Normalmente, para descrever, utilizamos substantivos e adjetivos: “trajo de domingo”, “casaquinho branco”, “farto cabelo”, “crespo e reluzente”, “fio de dentes claros e brilhantes”, porém, no trecho de *O cortiço*, além dessas duas classes gramaticais, Aluísio Azevedo também utiliza verbos para descrever a personagem: “saracoteando o rijo e atrevido quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda...”, o que confere à descrição um caráter dinâmico.

Agora que já definimos e vimos a função do tipo textual descritivo, faremos uma atividade.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Dentre os textos a seguir, qual ou quais são predominantemente descritivos? Identifique alguns elementos organizacionais e estruturais dos textos que nos permitem classificá-los como descritivos.

Texto A:

“Resumo das novelas

Coração Leviano

Claudia se arrepende de ter abandonado Carlos na porta da igreja. Ela o procura para pedir desculpas, mas ele a manda embora de sua casa. Pedro rouba as jóias de Simone e foge com sua amante Patrícia. Ricardo flagra a namorada aos beijos com seu melhor amigo em um bar.

Jogo Perigoso

Heitor descobre que é traído por Milena e pede satisfações. Vitória percebe que alguém está desviando dinheiro da empresa e pensa logo no marido Jonas. Bruno pede Cecília em casamento, mas não sabe que Pietra (sua ex-namorada) está preparando uma armadilha para os dois pombinhos. (...)”

Fonte: *Jornal da Gente*, 18 jan. 2011.

Texto B:

PROGRAMAÇÃO

TV DA GENTE

| | |
|--------------------------------------|----------------------------|
| 05:50 – Aprendendo com a GENTE. | 15:00 – Ciência DA GENTE |
| 07:00 – Telecurso Ensino Médio | 17:00 – Momento com Deus |
| 08:00 – Telecurso Ensino Fundamental | 18:30 – Notícias da Cidade |
| 09:00 – Jornal da Manhã | 19:30 – Ciranda |
| 10:30 – A hora da Criançada | 21:00 – Jornal da Noite |
| 11:30 – Culinária da Ana | 22:00 – Mundo dos Negócios |
| 13:00 – Jornal da Tarde | 23:00 – Filme em Casa |
| 14:00 – Esporte DA GENTE | 01:00 – Sem Censura |

Fonte: *Jornal da Gente*, 18 jan. 2011.

Texto C:



Texto D:



RESPOSTA COMENTADA

Todos os textos são predominantemente descritivos. O texto A é o resumo de duas novelas. O objetivo não é narrar a história, mas descrever as cenas de um capítulo. O texto B é o resumo da programação de uma emissora de televisão. Por isso, os programas são listados, na ordem em que são exibidos. O texto C é um gênero textual que traz informações sobre o tempo. E o texto D é um classificado de jornal, em que o autor procura mostrar as características do produto que deseja vender.

Após realizar a Atividade 1, você ainda pode estar se perguntando por que o texto A – resumo de novela – é descritivo. O tipo textual descritivo também pode utilizar verbos de ação (marcas próprias do tipo narrativo), como nos textos de receitas de cozinha, em que se descreve uma sucessão de ações (fazer, pegar, pôr na água, descascar etc.). Assim, as categorias de língua – substantivos, adjetivos, verbos, advérbios etc. – não são suficientes para determinar um tipo textual. É preciso, ainda, levar em consideração a finalidade do gênero textual.

ELEMENTOS DO TIPO TEXTUAL DESCRITIVO

Um texto em que predominam sequências textuais descritivas apresenta um “observador”, um “**TEMA-NÚCLEO**”, que pode ser um objeto, um ser animado ou inanimado, ou um processo e um “conjunto de dados” selecionados para descrever o tema-núcleo.

Assim, no exemplo extraído de *O cortiço*, Aluísio Azevedo é o observador, a personagem Rita é o tema-núcleo e “trajo de domingo, trazia casaquinho branco, uma saia que lhe deixava ver o pé sem meia num chinelo de polimento com enfeites de marroquim de diversas cores...” são alguns dados selecionados para descrever o tema-núcleo.

TEMA-NÚCLEO

Pode ser um objeto, um ser animado ou inanimado, ou ainda, um processo. Por exemplo, se descrevermos as partes de uma casa, o tema-núcleo dessa descrição é a casa.

FULVO

Amarelo ferruginoso.

BONOMIA

Modo de ser ou de atuar, que revela bondade e simplicidade de maneiras.

TOLEIRONA

Feminino de toleirão; muito tolo, bobo.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 3

2. a. Identifique, em cada fragmento de texto, o segmento ou segmentos que serve(m) para descrever.

1) A mulher chamava-se Piedade de Jesus; teria trinta anos, boa estatura, carne ampla e rija, cabelos fortes de um castanho **FULVO**, dentes pouco alvos, mas sólidos e perfeitos, cara cheia, fisionomia aberta, um todo de **BONOMIA TOLEIRONA**, desabotoando-lhe pelos olhos e pela boca numa simpática expressão de honestidade simples e natural.

Fonte: Azevedo (1997).

II) “RIO – A chuva que cai sobre o Rio de Janeiro desde o fim da tarde de ontem já matou pelo menos 79 pessoas, segundo o secretário estadual de Saúde e Defesa Civil, Sérgio Côrtes (...)”.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/04/05/chuva-forte-alaga-diversos-pontos-do-rio-provoca-mortes-916250646.asp>

III) “PORTO ALEGRE – O morador de rua Vanderlei Pires, 35 anos, negou que tenha se pintado, como afirma a polícia, e diz que espera por Justiça para punir os responsáveis (...)”.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/cidades/mat/2010/04/06/quero-ser-castigado-por-deus-se-estiver-mentindo-diz-morador-de-rua-pintado-em-porto-alegre-916260353.asp>

2.b. Quando um texto é predominantemente descritivo, é possível identificar o tema-núcleo. Esse é o caso do fragmento de texto (I) da questão anterior. Qual é o tema-núcleo?

RESPOSTA COMENTADA

2.a. Em (I), os segmentos descritivos são: “Piedade de Jesus; teria trinta anos, boa estatura, carne ampla e rija, cabelos fortes de um castanho fulvo, dentes pouco alvos, mas sólidos e perfeitos, cara cheia, fisionomia aberta, um todo de bonomia toleirona, desabotoando-lhe pelos olhos e pela boca numa simpática expressão de honestidade simples e natural.”

Em (II), os segmentos descritivos são: “RIO”, “Rio de Janeiro”, “desde o fim da tarde de ontem”, “matou pelo menos 79 pessoas”, “secretário estadual de Saúde e Defesa Civil, Sérgio Côrtes”.

E, por último, em (III), os segmentos descritivos são: “PORTO ALEGRE”, “morador de rua Vanderlei Pires, 35 anos”.

2.b. O tema-núcleo de (I) é a personagem “Piedade de Jesus”.

Após realizar a atividade 2.a, você deve ter percebido que sequências descritivas podem aparecer inseridas em outros tipos textuais. O texto I é um fragmento de um romance, em que o objetivo é contar uma história. Já os textos II e III são fragmentos de reportagens de jornal, em que o objetivo é narrar um fato. Assim, os dois gêneros textuais utilizados

na atividade – romance e reportagem de jornal – são predominantemente narrativos, mas apresentam também sequências descritivas, responsáveis pela identificação dos respectivos temas-núcleos.

AS OPERAÇÕES DE NOMEAR, LOCALIZAR/SITUAR E QUALIFICAR

Ao descrever, o observador *nomeia, localiza/situa e qualifica* o tema-núcleo.



Kriss Szkurlatowski

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1148655>

Que é nomear?

Quando pedimos, na primeira aula, que você separasse algumas figuras em duas classes, com certeza, você não deve ter tido dificuldades. Por quê? Todos os seres do mundo têm um nome e fazem parte de determinadas classes. Reconhecemos e categorizamos os elementos do mundo real por meio de nosso conhecimento. O conhecimento que você tem dos seres do mundo lhe permite diferenciar, por exemplo, um animal de uma fruta.

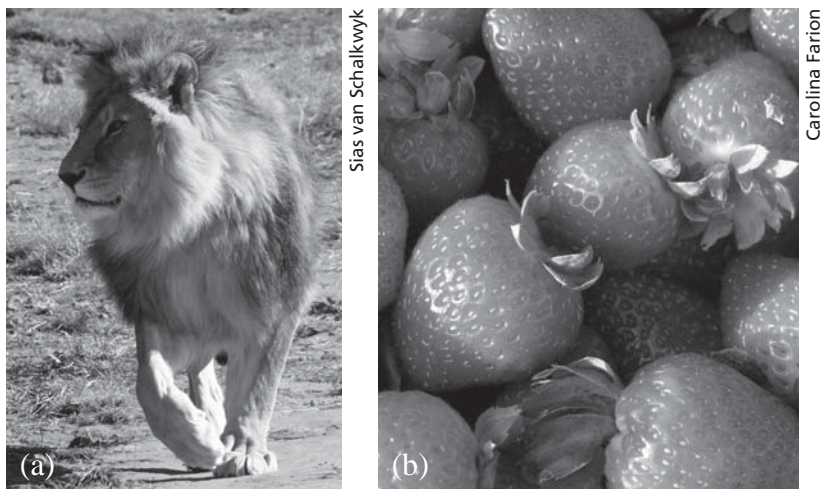


Figura 21.2: É o nosso conhecimento de mundo que nos permite diferenciar um leão, de morangos, por exemplo, e assim nomeá-los adequadamente.

Fontes: (a) <http://www.sxc.hu/photo/1289832> e (b) <http://www.sxc.hu/photo/1262326>.

Assim, “nomear” faz com que existam seres, e estes são classificados em função de sua semelhança ou diferença em relação a outros seres. Nomear, então, é dar existência a um ser, identificando-o.

Podemos utilizar diferentes categorias da língua para dar existência aos seres: (a) a denominação; (b) a indeterminação; (c) a atualização (ou a concretização); (d) a dependência; (e) a designação; (f) a quantificação; (g) a enumeração.

Vejamos, agora, cada uma dessas categorias da língua.

a) A “denominação” identifica os seres, por meio de *substantivos comuns* (1) ou de *substantivos próprios* (2).

Exemplos:

(1) Uma *raposa*, sentindo muita fome...

(2) Tudo era matéria às curiosidades de *Capitu*. (...) passados alguns dias do ajuste com o agregado, fui ver a minha amiga; eram dez horas da manhã. D. *Fortunata*, que estava no quintal, nem esperou que eu lhe perguntasse pela filha (...).

Fonte: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/html/romance/marm08.htm>

b) A “indeterminação” produz um falso anonimato. Pode ser aplicada a personagens pela denominação por meio de *substantivo comum* (1), pelo uso da *inicial de um nome próprio* (2), ou mesmo pelo uso de *asteriscos* em lugar do nome (3). É comum, por exemplo, encontrarmos

em alguns textos de jornal e revista apenas as iniciais do nome de uma pessoa que não pode, ou não quer, ser identificada.

Exemplos:

(1) Certa vez, um *homem*...

(2) A.D., de 45 anos, disse que a polícia...

(3) A primeira daquelas barbas era de um amigo de Pedro, um **CAPUCHO**, um italiano, frei ***. Podia escrever-lhe o nome, – ninguém mais o conheceria, – mas prefiro esse sinal trino, número de mistério, expresso por estrelas, que são os olhos do céu.

Fonte: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Esaú e Jacó. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.

CAPUCHO

Relativo aos capuchinhos; frade da ordem dos capuchinhos.

c) A “atualização” (ou concretização), por meio de *artigos definidos e indefinidos*, produz diferentes efeitos: de singularidade (1), de familiaridade (2), de evidência (3) ou de idealização (4).

Exemplos:

(1) “Uma máquina de lavar pra quem gosta do bom e do melhor. Mas prefere o melhor.” (A *singularização* é um procedimento por meio do qual se procura distinguir um ser ou um objeto de todos os outros possíveis, tornando-o único.)

(2) A Ana acaba de chegar. (O produtor do texto sabe quem é Ana.)

(3) “No meio do caminho tinha *uma* pedra

Tinha *uma* pedra no meio do caminho

Tinha *uma* pedra

(...)”.

Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. No meio do caminho. In: *Poesia e prosa*. Alguma poesia. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983, p. 80.

(4) Não me interessam os convites, os presentes, *a* festa... Eu só consigo ver a cerimônia do meu casamento.

d) A “dependência” produz, entre outros, efeitos discursivos de apreciação (1), com o uso dos *possessivos*.

Exemplo:

(1) “Quem degusta o sorvete DA CASA aprova *seu* sabor único, especial e incomparável.”

e) A “designação”, por meio de *demonstrativos*, produz efeitos discursivos de tipificação (1).

Exemplo:

(1) (...) Todas as enchentes atingem mais as pessoas pobres, que moram em regiões inadequadas. Não é mais possível permitir que as pessoas ocupem áreas irregulares. É preciso que os administradores públicos antevejam *isso* – disse Lula, ressaltando que *esta* é a pior chuva da história do Rio de Janeiro (...).

Fonte: Jornal *O Globo* online; <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/04/06/chuva-no-rio-governo-federal-envia-ajuda-ao-estado-lula-pede-combate-as-ocupacoes-irregulares-916260959.asp>

f) A “quantificação”, por meio de *quantificadores*, produz efeitos discursivos de objetividade (1) ou de subjetividade (2).

Exemplos:

(1) “27% dos voos atrasaram no Santos Dumont e 48% no Galeão”.

Fonte: *Jornal do Brasil* online; acessado em 06/04/2010. <http://jbonline.terra.com.br/>

(2) “A mulher chamava-se Piedade de Jesus; teria *trinta* anos, boa estatura...”

Fonte: AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1997.

DÊITICOS

Quando um pronome situa ou indica os seres no espaço, tem uma *função dêitica*, como, por exemplo, quando se usam *este*, *esse* ou *aquele*, para indicar maior ou menor proximidade em relação ao falante ou ao ouvinte. Exemplo: *Este* ano vai ser melhor.

g) A “enumeração”, por meio de **DÊITICOS**, de *artigos*, ou de *nomes no plural não precedidos de artigo*, permite fazer listas de seres e objetos, qualidades, lugares e ações.

Exemplo:

Lista de chá de panela

- Garfos
- Facas
- Colheres
- Pratos
- Bacias
- Panelas
- Toalhas de prato...

Outra operação do tipo textual descritivo é a de *localizar/situar* os seres no tempo e no espaço.

Que é localizar/situar?



Hayat Alyaqout

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1030819>

A operação de “localizar/situar” consiste em determinar o lugar que um ser ocupa no espaço e no tempo, por meio de advérbios ou nomes que dão ideia de tempo e espaço.

O observador pode fornecer (1) dados precisos ou, ao contrário, (2) localizar o tempo e o espaço de forma incerta, vaga, sem identificação particular.

Exemplos:

(1) *RIO* – Deve chover até *sexta-feira* em todo o *Estado do Rio de Janeiro*, com alerta para a *região serrana* e o *norte fluminense*, segundo informações do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (Cptec) do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Uma frente fria vinda de *São Paulo* causou o temporal que atingiu o *Rio* na *madrugada desta segunda-feira*. As fortes chuvas e ventos de até 70 km/h provocaram estragos em todas as cidades.

Fonte: *Jornal da Gente*, 10 jan. 2011.

(2) *Era uma vez, em uma cidade bem distante*, uma princesa que vivia muito triste. *Certo dia...*

(Fragmento característico de contos de fadas).

E a terceira e última operação do tipo textual descritivo é a de qualificar.

Que é qualificar?

“Qualificar” é atribuir um sentido particular aos seres que nomeamos, de maneira objetiva ou subjetiva.

Ao selecionar os dados, o observador pode priorizar aspectos objetivos ou subjetivos do tema-núcleo. Por exemplo, a descrição da personagem Rita de *O cortiço* é objetiva, porque o autor-observador procura mostrar, por meio de detalhes, uma imagem bastante próxima da realidade. É possível fazer um retrato da personagem.

Agora leia este trecho de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis:

“— Juro! Deixe ver os olhos, Capitu.

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, ‘olhos de cigana oblíqua e dissimulada.’ Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra idéia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...”

Fonte: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/html/romance/marm08.htm>

Nesse trecho, a passagem descritiva “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” é subjetiva, porque o observador descreve os olhos da personagem Capitu a partir de um ponto de vista pessoal, ou seja, apresenta-nos a impressão que tem da personagem, criando uma imagem vaga e imprecisa.

Dessa forma, o uso da categoria da qualificação – substantivos e adjetivos permite construir uma visão objetiva ou subjetiva do mundo e produzir efeitos de realidade/ficção.

CONCLUSÃO: DESCREVER PARA QUÊ?

Descrevemos para nomear, localizar/situar e qualificar. Alguns textos são predominantemente descritivos, como os anúncios, a bula de remédio e a receita culinária; outros apresentam apenas algumas sequências descritivas, como as reportagens de jornal, as fábulas e os contos.

Nesses gêneros textuais, o tipo textual descritivo fornece detalhes importantes que ajudam o leitor a entender melhor o que lê.

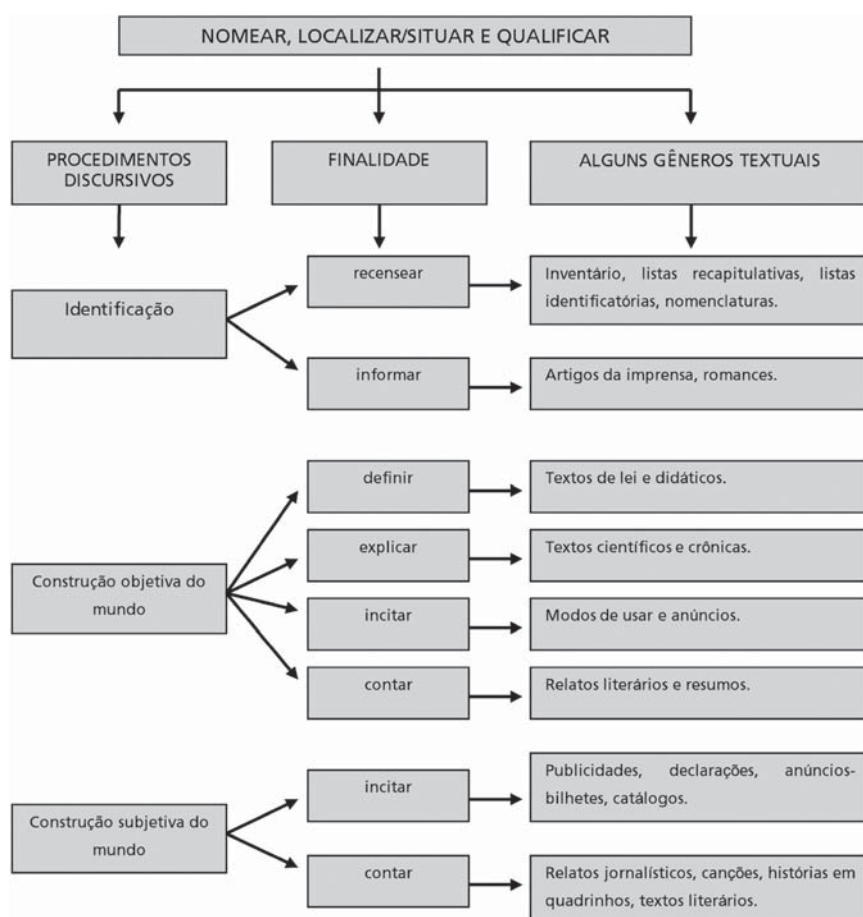


Figura 21.3: Procedimentos discursivos, finalidades e alguns gêneros textuais do tipo textual descritivo.

Fonte: Adaptado de Charaudeau (2008, p. 131).

Agora, para fixar os conceitos trabalhados ao longo desta aula, realizaremos mais uma atividade.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

Leia um trecho do capítulo III do romance *O cortiço*, em que Aluísio Azevedo descreve o amanhecer de um cortiço.

“Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu **DE UMA ASSENTADA**, sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na **INDOLÊNCIA** de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da **AURORA**, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

A roupa lavada, que ficara de véspera nos **CORADOUROS**, umedecia o ar e punha-lhe um farto acre de sabão **ORDINÁRIO**. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.

Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o **MARULHAR** das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que **ALTERCAVAM**, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saíam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.

(...)

A primeira que se pôs a lavar foi a Leandra, por **ALCUNHA** a ‘Machona’, portuguesa feroz, berradora, pulsos cabeludos e grossos, **ANCA** de animal do campo. Tinha duas filhas, uma casada e separada do marido, Ana das Dores, a quem só chamavam a “das Dores” e outra donzela ainda, a Nenen, e mais um filho, o Agostinho, menino levado dos diabos, que gritava tanto ou melhor que a mãe. A das Dores morava em sua casinha à parte, mas toda a família habitava no cortiço.

Ninguém ali sabia ao certo se a Machona era viúva ou desquitada; os filhos não se pareciam uns com os outros. A das Dores, sim, afirmavam que fora casada e que largara o marido para meter-se com um homem do comércio; e que este, retirando-se para a terra e não querendo soltá-la ao desamparo, deixara o sócio em seu lugar. Teria vinte e cinco anos.

Nenen dezessete. **ESPIGADA**, franzina e forte, com uma proazinha de orgulho da sua virgindade, escapando como **ENGUIA** por entre os dedos dos rapazes que a queriam sem ser para casar. Engomava bem e sabia fazer roupa branca de homem com muita perfeição.

(...)”

Fonte: Azevedo (1997).

ACRE

Gosto azedo, picante; cheiro forte, penetrante.

ALCUNHA

Apelido.

ALTERCAVAM (VERBO ALTERCAR)

Discutir com ardor.

ANCA

Quadril, cadeira.

AURORA

Luz brilhante e rósea que precede o nascer do sol.

CORADOURO

Lugar em que se expõe a roupa ensaboada para clarear.

DE UMA ASSENTADA

De uma só vez.

ENGUIA

Peixe alongado, parecido com uma cobra, comestível, que pode dar choque elétrico quando atacado.

ESPIGADA (FEMININO DE ESPIGADO)

Diz-se de pessoa que é alta e magra.

INDOLÊNCIA

Apatia, negligência, indiferença, preguiça.

MARULHAR

Agitar(-se) (o mar), formando marulhos ou ondas.

ORDINÁRIO

De qualidade inferior, de pouco valor, barato.

Uma das características do estilo de época da literatura denominado de naturalismo é apresentar o ambiente físico e social em detalhes, como se o narrador-observador estivesse munido de uma lente de aumento que lhe permitisse compor e decompor os pormenores de cada cena.

O romance *O cortiço* é predominantemente narrativo, mas apresenta passagens descritivas, como a que você acabou de ler. Nessa passagem, o próprio cortiço ganha vida (“antropomorfização”).

1. Qual é o tema-núcleo desse fragmento de texto?

2. Ao descrever, o observador *nomeia*, *localiza/situa* e *qualifica* o tema-núcleo.

a) Quais personagens são nomeadas por meio de substantivos próprios?

b) Na passagem “Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono”, utiliza-se a figura de linguagem chamada metonímia, ou seja, emprega-se o termo “cabeça” no lugar de “pessoa”. Pensando nas categorias de língua utilizadas para denominar, indeterminar, atualizar, criar dependência, designar, quantificar e enumerar, que efeito de sentido tal figura de linguagem provoca na descrição?

c) No trecho lido, o narrador-observador fornece dados precisos ou, ao contrário, localiza o tempo e o espaço de forma incerta, vaga, sem identificação particular? Justifique com passagens do texto.

d) Destaque uma passagem em que a caracterização ou qualificação do ambiente fornece ao leitor elementos para a caracterização das figuras humanas.

3. Nos romances naturalistas são comuns personagens dominados pelos instintos. Porém, em *O cortiço*, Aluísio Azevedo transforma também o leitor em um ser sensitivo. Leia mais uma vez o quarto parágrafo do texto e identifique passagens em que nós, leitores, percebemos o cortiço:

- a) pela visão;
- b) pela audição;
- c) pelo tato;
- d) pelo olfato.

4. Os moradores do cortiço são comparados a insetos e animais ("zoomorfização"), tendo sua individualidade desprezada perante a força do coletivo. Observe as sequências descritivas:

"...o cabelo todo para o alto do casco;..."

"...não se preocupavam em não molhar o pêlo,..."

"...fossando e fungando contra as palmas da mão."

A que animais podemos relacionar os termos destacados?

RESPOSTA COMENTADA

1. No fragmento do romance lido, o cortiço é personificado, ou seja, ganha vida. Assim, o tema-núcleo é o amanhecer do cortiço.

2. a) Leandra, conhecida por Machona; Ana das Dores, mais chamada de "das Dores"; Nenen e Agostinho.

b) Em *O cortiço*, o objetivo não é descrever uma pessoa em específico, mas toda uma coletividade. Assim, para mostrar o amanhecer desordenado do cortiço, o autor-observador opta por indeterminar os personagens que aparecem à porta de suas casas, reduzindo-os a "cabeças". Tal efeito de sentido é produzido pelo uso da metonímia. Além disso, é uma forma de dar relevo a um aspecto que qualifica as personagens: o rosto mostra que as pessoas não acordam dispostas, mas sonolentas, inchadas.

- c) O narrador-observador fornece dados precisos. As ações se passam em um cortiço, às cinco horas da manhã: “Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava...”
- d) Todo o terceiro parágrafo. A título de exemplo, podemos citar: “um fartum acre de sabão ordinário”, “uma palidez grisalha e triste”. Na realidade, o cheiro acre, azedo vinha dos moradores do cortiço, pessoas tristes e pálidas, ordinárias socialmente.
3. a) Passagens em que percebemos o cortiço pela visão: “...das portas surgiam cabeças...”; “De alguns quartos saíam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio...”
- b) Passagens em que percebemos o cortiço pela audição: “ouviam-se bocejos”; “as xícaras a tilintar”; “os choros abafados”.
- c) Passagem em que percebemos o cortiço pelo tato: “...o cheiro quente do café aquecia...” (relaciona o olfato “cheiro” ao tato “aquecia”). Esse cruzamento de sensações se chama sinestesia.
- d) Passagem em que percebemos o cortiço pelo olfato: “o cheiro quente do café”. Também é um exemplo de sinestesia.
4. Nas sequências descritivas citadas, os personagens do cortiço são comparados a animais. Assim, temos casco: de tartaruga, de cavalo; pêlos: de qualquer animal de pêlo; fossando e fungando: de porco.

RESUMO

O tipo textual “descritivo” caracteriza-se por nomear, localizar/situar e qualificar os seres no mundo, de maneira objetiva/subjetiva. Nesse tipo textual, o autor-observador não relata, como no narrativo, as transformações de estado que vão ocorrendo progressivamente com pessoas ou objetos, mas as propriedades e os aspectos desses elementos num certo estado.

Um texto em que predominam sequências textuais descritivas apresenta um “observador”, um “tema-núcleo”, que pode ser um objeto, um ser animado ou inanimado, ou um processo, e um “conjunto de dados” selecionados para descrever o tema-núcleo.

Ao descrever, o observador nomeia, *localiza/situa* e *qualifica* o tema-núcleo.

“Nomear” é dar existência a um ser, identificando-o. Podemos utilizar diferentes categorias de língua para dar existência aos seres: (a) a denominação, (b) a indeterminação, (c) a atualização (ou a concretização), (d) a dependência, (e) a designação, (f) a quantificação e (g) a enumeração. Já “localizar/situar” é determinar o lugar

que um ser ocupa no espaço e no tempo, por meio de advérbios ou nomes que dão ideia de tempo e espaço. E, por último, “qualificar” é atribuir um sentido particular aos seres que nomeamos, de maneira objetiva ou subjetiva.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, faremos um estudo mais detalhado sobre o tipo textual “narrativo”. Até lá!

Narração: a vida em movimento

*Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas*

AULA

22

Meta da aula

Apresentar as características principais do tipo textual narrativo.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer alguns elementos organizacionais e estruturais de textos em que predominam sequências narrativas;
2. identificar marcas explícitas e implícitas da sucessão cronológica;
3. observar os diferentes valores dos tempos verbais na construção narrativa;
4. explicar como o tempo e o espaço contribuem para o desenvolvimento da narrativa;
5. identificar os diferentes pontos de vista do narrador e suas implicações para a objetividade/subjetividade dos relatos.

INTRODUÇÃO

Na Aula 21, estudamos o tipo textual descritivo. Dando continuidade ao estudo dos tipos textuais, vamos analisar, agora, o narrativo.

Com certeza, você já teve de contar um fato a alguém ou já leu uma reportagem de jornal. Nessas duas situações, os textos são predominantemente narrativos. E por quê? Por que dizemos que o enunciado “Carlos é um menino inteligente e trabalhador” é descritivo e “Carlos trabalhou de manhã e foi à escola à noite” é um enunciado narrativo? Que características esse último enunciado apresenta para que seja chamado de narrativo? Que é narrar?

DEFINIÇÃO E FUNÇÃO DO TIPO TEXTUAL

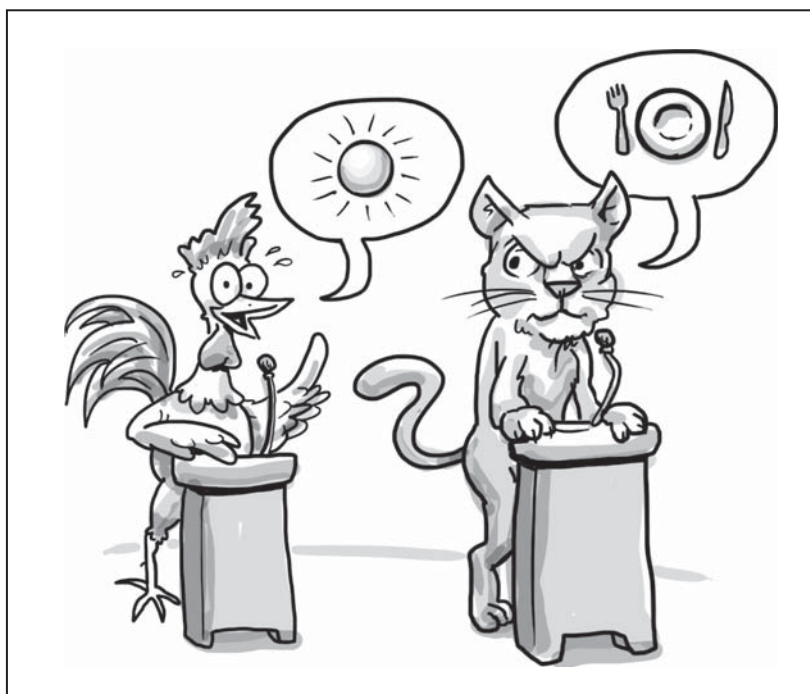
Na Aula 19, estudamos que o tipo textual “narrativo” caracteriza-se por descrever as ações do mundo de acordo com os objetivos dos diferentes protagonistas: contar, recordar, noticiar... É por isso que a narração não discorre sobre uma história; ela é uma história.

Dessa forma, o texto narrativo é o relato de um acontecimento em que atuam personagens. Gramaticalmente, percebe-se o predomínio de verbos do passado, além de advérbios, conjunções temporais e a reprodução do discurso do outro.

Vamos começar analisando um pequeno texto – uma **FÁBULA**.

FÁBULA

Gênero textual que apresenta, normalmente, personagens animais humanizados, a fim de expor algum ensinamento, alguma preocupação moralizante.



O gato e o galo

Um gato, morto de fome, capturou um galo e ficou imaginando uma boa desculpa, qualquer que fosse, para que seu desejo de devorá-lo fosse justificado.

O gato, então, acusou o galo de causar aborrecimentos aos homens, já que cantava à noite e não os deixava dormir.

O galo se defendeu dizendo que não cantava à noite, mas nas primeiras horas do dia, e que fazia isso em benefício dos homens, pois assim eles podiam acordar cedo para irem ao trabalho.

O gato, não tendo um argumento melhor, respondeu ao galo: “Apesar de você ter uma boa desculpa, eu não posso ficar sem jantar.” E, assim, comeu o galo.

Quem é mau caráter, sempre vai achar uma desculpa para legitimar suas ações.

Fonte: Texto adaptado da fábula de Esopo.

Assim, o texto lido, a fábula “O gato e o galo”, é predominantemente narrativo, ou seja, apresenta personagens (o gato e o galo) e um narrador que relata fatos (a captura do galo pelo gato, o diálogo entre os dois personagens e a morte do galo). Além dessas duas características, na narração, há mudança de um estado para outro (ponto de vista dinâmico) e, por isso, entre os enunciados, há uma relação de anterioridade e posterioridade: primeiro o gato sente fome, depois, captura o galo e assim por diante.

CARACTERÍSTICAS DO TIPO TEXTUAL NARRATIVO

Para que um texto seja classificado como predominantemente narrativo, precisa apresentar algumas características básicas. Listaremos apenas algumas, tendo em vista que não é possível fazer um estudo completo sobre o tema em uma abordagem tão breve como esta.

1ª: Uma narrativa se apoia numa sucessão cronológica de ações.

Os fatos narrativos, normalmente, são identificados pelo uso do pretérito perfeito do indicativo (algumas vezes, pelo presente do indicativo) ou do gerúndio e pelo uso do pretérito imperfeito.

A estruturação cronológica da sequência de ações leva obrigatoriamente a um fim. Caso contrário, será uma simples descrição de ações.

Na fábula “O gato e o galo”, temos a seguinte sequência:

Quadro 22.1: Sequência de ações da fábula “O gato e o rato”

| | |
|---------------|---|
| Primeira ação | Um gato, morto de fome, capturou um galo. |
| Segunda ação | O gato acusou o galo de causar aborrecimentos aos homens com o seu canto. |
| Terceira ação | O galo se defendeu. |
| Quarta ação | O gato comeu o galo. |

O tempo verbal predominante é o pretérito perfeito do indicativo: “capturou”, “ficou”, “acusou”, “defendeu”... Em algumas passagens, o pretérito imperfeito do indicativo também é utilizado: “cantava”, “deixava”... O pretérito imperfeito dá ideia de continuidade de ação (no passado), e o perfeito, de ação acabada.

Na Aula 17, estudamos que, em textos narrativos, os tempos verbais mais usados são os tempos do passado. Isso porque, nesse caso, o emprego de verbos no passado provoca uma atitude mais relaxada, tende a haver um distanciamento em relação aos fatos narrados, como no exemplo (A), a seguir. Quando o tempo presente do indicativo (tempo do mundo comentado) é utilizado, há uma atitude de maior engajamento, aproximam-se os fatos, como se tivéssemos recorrido a uma câmara de *zoom*, aumentando, portanto, a tensão narrativa, como no exemplo (B), na sequência. Veja a diferença:

(A) Um gato, morto de fome, *capturou* um galo... (pretérito perfeito do indicativo).

(B) Um gato, morto de fome, *captura* um galo... (presente do indicativo).

Como você deve ter percebido, no exemplo (A), há um maior distanciamento entre o tempo em que as ações ocorrem e o fato narrado. Já em (B), a impressão que temos é a de que estamos presenciando a cena no momento em que ela ocorre. Assim, o tempo presente aproxima os fatos, cria uma expectativa, um suspense maior.

Além dos tempos verbais, outras marcas linguísticas explícitas evidenciam a sucessão cronológica nas narrativas. Por exemplo, na fábula, encontramos: “O gato, *então*, acusou o galo (...)”, “E, *assim*, comeu o galo”. As palavras “então” e “assim” assinalam a passagem do tempo, como também as expressões: “a seguir”, “em seguida”, “depois”, “aí”...

Entretanto, nem sempre percebemos a sucessão cronológica dos fatos por meio de marcas explícitas. Às vezes, essa sucessão é marcada por algumas relações implícitas:

(1) relação de condição/ação;

Exemplo:



Carlos abriu a gaveta e pegou a camisa. (Para que a segunda ação se realize, é indispensável que a primeira seja executada antes, ou seja, se Carlos não abrisse a gaveta, não teria como pegar a camisa.)

(2) relação de motivação/ação;

Exemplo:



Um gato sente fome e captura um galo para jantar. (Motivado pela fome, o gato captura um galo, levando-o a querer devorar a presa.)

(3) relação de causa/consequência;

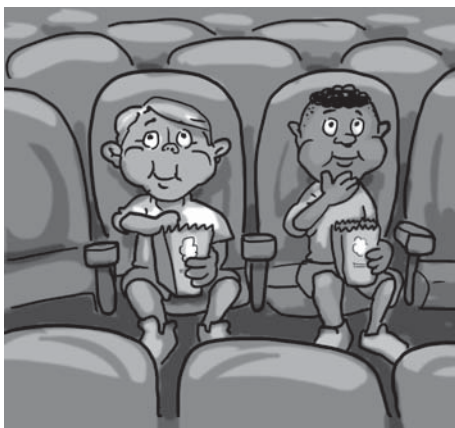
Exemplo:



Choveu tanto que as ruas ficaram alagadas. (A chuva é a causa do alagamento das ruas – a consequência.)

(4) em função de uma ordem cultural estabelecida;

Exemplo:



Os meninos foram ao cinema. Primeiro, compraram os ingressos; depois, a pipoca e, em seguida, foram se sentar na sala onde o filme seria exibido. (Para que os meninos assistissem ao filme em uma sala de cinema, eles precisavam primeiro comprar os ingressos. O nosso conhecimento cultural do mundo é que nos permite agir de forma adequada em uma missa, em um restaurante, em um casamento etc.)

(5) pela presença de diálogo;

Exemplo:



O telefone toca: trimmmmm...

– Alô! Ana?

– Oi, Amanda! Eu precisava mesmo falar com você...

(Um diálogo revela claramente a passagem do tempo.)

(6) ou, também, por meio de marcas gráficas: divisão de capítulos, uma separação de seções por meio de espaços em branco mais amplos...



Outra característica da narrativa é a mudança de estado.

2ª: Toda narrativa implica uma diferença entre estados do mundo ou situações. Isso significa dizer que a sucessão de ações também é verificada por meio de diferenças de estados.

Se colocamos uma água para ferver, sabemos que o tempo passou quando a água que estava fria ficou quente. Da mesma forma, na fábula lida, a estruturação cronológica da sequência de ações leva obrigatoriamente a um fim, que dá a razão de ser de todas as ações narradas. No início do texto, o galo está vivo e, ao final, morto.

Outra característica do tipo textual narrativo é a intriga.

3ª: Toda narrativa apresenta uma intriga, um problema, um conflito a ser resolvido.

Na fábula lida, um gato faminto capturou um galo e, daí, teve vontade de devorar a presa. Assim, “comer o galo” seria a forma de resolver o problema: “matar a fome”.

A quarta e última característica que veremos, nesta aula, é a integração de ações.

4ª: Toda narrativa deve apresentar uma integração de ações.

Essa característica diz respeito à coerência do texto. Se excluirmos o 2º parágrafo do texto, em que o gato faz uma acusação ao galo, o 3º parágrafo, em que o galo se defende, não fará sentido. Se não há acusação, não haverá defesa.

Agora, vamos identificar algumas dessas características em um texto predominantemente narrativo.

CONTO

É um gênero textual predominantemente narrativo. Não é uma narrativa longa. Possui os mesmos elementos de um romance, mas evita análises, complicações do enredo, desenrolando, normalmente, um só incidente.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

1. Leia alguns trechos de um conto de Dalton Trevisan.

Apelo

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite pela primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos.

Uma hora da noite eles se iam e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, como a última luz na varanda.

E comecei a sentir falta das primeiras brigas por causa do tempero da salada – o meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora?

(...)

Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: (...). Venha para casa, Senhora, por favor.

(TREVISAN, Dalton. In: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=19005>)



Você pode assistir à narração do texto que você acabou de ler acessando o link a seguir: <http://www.youtube.com/watch?v=ORVv5hMPVXE>

Após a leitura do texto, responda:

a) Por que podemos afirmar que o texto é narrativo?

b) Uma narrativa se apoia numa sucessão cronológica de ações. Pelas ações do narrador-personagem, verificamos sentimentos sucessivos e opostos. Levando em consideração a ordem em que os fatos ocorrem, no conto, que sentimentos a ausência da mulher provoca no narrador-personagem? Justifique com passagens do texto.

c) Além das ações indicadas pelos verbos, a sucessão cronológica no texto está explicitamente marcada por algumas palavras e expressões. Copie algumas.

d) Toda narrativa apresenta um conflito (intriga). Identifique o conflito da narrativa, levando em consideração o título do texto.

e) Nos 2º, 3º e 4º parágrafos do texto, há o predomínio de formas verbais no pretérito perfeito do indicativo. Já o 5º e último parágrafo é iniciado com verbos no presente do indicativo. Essa mudança não acontece por acaso. Explique em que medida essa alteração no tempo verbal contribui para intensificar a situação em que se encontra o narrador-personagem.

RESPOSTA COMENTADA

a) O conto lido – “Apelo” – é narrativo, por apresentar, além de outras características, logo de início, um narrador-personagem que relata fatos (as consequências da saída da esposa, chamada de Senhora, do lar).

b). Num primeiro momento, o narrador-personagem sente alívio: “não senti falta”, “bom chegar tarde”. Porém, com a passagem do tempo, sente saudade: “Toda a casa era um corredor deserto”, “Para não dar parte de fraco, (...) fui beber com os amigos”, “eu ficava só, sem o perdão de sua presença”, “comecei a sentir falta das primeiras brigas”, “Venha para casa, Senhora, por favor”.

c). Além das ações indicadas pelos verbos, a sucessão cronológica no texto está explicitamente marcada por algumas palavras e expressões, como: “amanhã”, “primeiros dias”, “com os dias”.

d) O conflito do texto gira em torno, como o título sugere, de um apelo do narrador para que sua mulher (a “Senhora”) retorne ao lar. Depois de perdê-la é que o marido sente sua falta.

e) Nos 2º, 3º e 4º parágrafos, o narrador-personagem toma consciência da perda da esposa e relata fatos que acontecem por causa dessa ausência: “O leite pela primeira vez coalhou”, “A notícia de sua perda veio aos poucos”, “ninguém os guardou (os jornais) debaixo da escada”, “até o canário ficou mudo”, “fui beber com os amigos”... Nesses parágrafos, então, há um distanciamento em relação aos fatos narrados. Porém, com o passar do tempo, a ausência da esposa é sentida com mais intensidade pelo narrador. Assim, para aproximar os fatos e evidenciar a situação de total abandono e solidão, no último parágrafo, os verbos aparecem no presente do indicativo: “Não tenho botão na camisa, calço a meia furada”, “Nenhum de nós sabe”.

Agora que já listamos e identificamos algumas características, veremos os elementos básicos que fazem parte de um texto predominantemente narrativo.

ELEMENTOS DO TIPO TEXTUAL NARRATIVO

Normalmente, um texto narrativo apresenta um ou mais personagens, um narrador, que pode ou não participar da história, um enredo e dados do ambiente e do tempo em que os fatos ocorrem. Vejamos cada um desses elementos.

Os personagens



Figura 22.1: Os personagens são alguns dos elementos que compõem um texto narrativo.

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/n/ne/nextiad/1282784_silhouettes_9.jpg

Uma narrativa deve apresentar personagens humanos ou humanizados. Os personagens são os seres que atuam, que vivem a história. Quando a história é encenada, os personagens são os atores e atrizes, como acontece nas novelas.

Você já deve ter ouvido falar em protagonista, antagonista, aliados... Existe certa hierarquia entre os personagens (*actantes*). Os “*actantes principais*”, isto é, os *protagonistas* e os *antagonistas*, são os responsáveis pela ação principal, seja como agentes, seja como pacientes. Os “*actantes secundários*” – *aliados* e *oponentes* – auxiliam ou contrariam (n)a realização das ações.

Nas novelas e filmes, o antagonista é conhecido, popularmente, como *vilão*.

Na fábula “O gato e o galo”, que lemos nesta aula, os personagens são o gato e o galo. Os dois são *actantes principais*, porém, o gato é o *antagonista*. Assim, com base nas ações dos personagens do texto, é possível caracterizar o gato como um animal de mau caráter, falso e forte, e o galo, como um animal indefeso.

Em textos narrativos curtos, normalmente o número de personagens é pequeno. Verificamos a utilização de todos os tipos de personagens em narrativas longas, como em romances e novelas.

O foco narrativo

Toda narrativa tem um narrador, que não pode ser confundido com o autor do texto. O “autor” é aquele que assina o texto, ou seja, aquele que escreve. O “narrador” é aquele que coloca a história em cena, que a organiza. Pode adquirir diversas identidades, segundo relate uma história real ou fictícia, podendo o próprio autor, sem disfarce, assumir a narração de uma história, ou passar essa responsabilidade para um personagem.

A tradição escolar fala do “narrador de 1ª pessoa”, a que corresponde o papel de personagem e a **NÃO ONISCÊNCIA** narrativa, e do “narrador de 3ª pessoa”, a que corresponde o papel de observador e a **ONISCÊNCIA** narrativa. Um narrador em 3ª pessoa, onisciente, apresenta-nos uma visão mais distanciada da narrativa. Ele oferece, também, para o leitor, uma série de informações que o narrador em primeira pessoa, por ser particularizado, não pode fornecer.

Observe os exemplos:

- (A) Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

NÃO ONISCÊNCIA

É o contrário de oniscência.

ONISCÊNCIA

É a capacidade de saber tudo, incluindo pensamentos, sentimentos, vida, passado, presente, futuro e todo o universo. Dizemos, por exemplo, que “Deus” é onisciente.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava, nem cheirava:
Engolia com voracidade.
(...)

(BANDEIRA, Manuel. *O bicho*.)

- (B) Nunca vi bicho mais feroz do que o homem, animal que vive armado. (...) Nem gosto de falar. Tive um amiguinho japonês (cachorro, bem entendido) que contava de duas cidades de seu país completamente destruídas por uma tal bomba atômica. Trabalho de americano... Gente que dizem gostar muito de cachorro... Morreu gente e cachorro, naquelas explosões, de dar pena. (...)

(LESSA, Orígenes. *Confissão de um vira-lata*.)

No primeiro exemplo (A), o narrador está em 1ª pessoa, ou seja, é um narrador-personagem, visto que ele também participa da história (no caso, o narrador-personagem vê um bicho). Observe que os verbos estão na 1ª pessoa do singular: “Vi ontem um bicho”. Assim, nesse exemplo, o autor é o poeta Manuel Bandeira e o narrador é o **EU LÍRICO**.

No segundo exemplo (B), o narrador também está em 1ª pessoa, pois é um narrador-personagem. O autor do texto é Orígenes Lessa, mas o narrador é um cão vira-lata: “Tive um amiguinho japonês (cachorro, bem entendido)”.

Agora releia o trecho da fábula:

- (C) Um gato, morto de fome, capturou um galo e ficou imaginando uma boa desculpa, qualquer que fosse, para que seu desejo de devorá-lo fosse justificado.

O gato, então, acusou o galo de causar aborrecimentos aos homens, já que cantava à noite e não os deixava dormir. (...)

Na fábula, no exemplo (C), os verbos estão em 3ª pessoa, caracterizando um narrador onisciente, ou seja, aquele que não participa da história como personagem e, por isso, sabe tudo o que vai acontecer ou que já aconteceu.

EU LÍRICO

É o “eu” que fala no poema e que nem sempre corresponde à voz do autor.



Um narrador em 1ª pessoa tem um conhecimento limitado dos fatos, porque ele está vivendo cada minuto das ações no momento em que elas ocorrem.

Os tipos de discurso

Um terceiro elemento de um texto narrativo é a presença do discurso, ou seja, as várias possibilidades de que o narrador dispõe para apresentar a fala dos personagens.

Quando o narrador apresenta a fala da personagem de modo integral, sem interferências, diz-se tratar de um “discurso direto”. Para registrá-lo, o narrador pode fazer uso de um verbo dito **ILOCUCIONAL** (falar, dizer, perguntar, retrucar etc.) seguido de dois pontos (:) e de travessão (–) na linha seguinte. Também é comum a separação da fala das personagens por meio de aspas (“ ”) no lugar dos travessões.

Exemplo:

“O galo, não tendo um argumento melhor, respondeu ao galo: *‘Apesar de você ter uma boa desculpa, eu não posso ficar sem jantar’*.”

O narrador pode valer-se também do “discurso indireto”. Nesse caso, em lugar de apresentar a fala das personagens, tal como ocorre em um diálogo, o narrador reconstrói, por meio de sua linguagem, o que os personagens teriam dito.

Exemplo:

“O galo se defendeu dizendo que não cantava à noite, mas nas primeiras horas do dia, e que fazia isso em benefício dos homens, pois assim eles podiam acordar cedo para irem ao trabalho.”

No exemplo extraído da fábula, o narrador reproduz, em 3ª pessoa, o que o galo respondeu ao gato.

Pode ocorrer, ainda, o “discurso indireto livre”, em que há a combinação de diferentes pontos de vista. O narrador insere “falas-pensamento” das personagens no seu próprio discurso, dificultando a identificação precisa de quem seria o responsável pelo que está sendo dito (narrador ou personagem).

VERBO

ILOCUCIONAL

É o verbo que tem a função, assim como as marcas gráficas (aspas e travessão), de indicar que está sendo introduzida a fala de um personagem.

BOLANDEIRA

Máquina de descarregar algodão.

CAMBEMBES

Habitantes da região de Viçosa (município brasileiro do estado de Alagoas). Os cambembes eram índios de uma subtribo dos caetés.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Vi%C3%A7osa_\(Alagoas\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vi%C3%A7osa_(Alagoas)). Texto adaptado.

Exemplo:

“Sinhá Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da **BOLANDEIRA**. Doidice. Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice. **CAMBEMBES** *podiam ter luxo*? E estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos.”

(RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*.)

No trecho extraído de *Vidas secas*, romance do escritor Graciliano Ramos, o narrador nos apresenta o que o personagem Fabiano pensava a respeito do sonho de sua mulher, a Sinhá Vitória. Como a fala de Fabiano não vem marcada por um verbo de elocução ou pela pontuação canônica (dois pontos e travessão), confunde-se com a do próprio narrador.

O tempo



Figura 22.2: O tempo é um dos elementos de um texto narrativo.

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/m/mo/modeh30000/1237683_clock.jpg

O “tempo”, em uma narrativa, pode ser definido como a duração da ação. Pode ser “cronológico” ou “psicológico”.

O *tempo cronológico* é submetido a uma série de divisões, servindo como ponto de referência nos intercâmbios comunicativos. Apresenta os fatos de acordo com a ordem dos acontecimentos.

Já o *tempo psicológico* é a maneira pela qual a passagem do tempo é vivenciada, ou seja, é o tempo que transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou dos seus personagens. Quando a narrativa volta no tempo por meio das recordações do narrador, tem-se o *flashback*.

Na fábula lida, “O gato e o galo”, sabemos que o tempo é cronológico pela sucessão de ações. Porém, não é indicado com precisão (algo como, por exemplo, “janeiro de 1980”). Uma fábula procura trazer ensinamentos, conselhos, constatações, que podem ser válidos por muito tempo.

O espaço

O “espaço” é o lugar em que a narrativa ocorre. Quando a narrativa é longa, as ações podem se desenrolar em vários ambientes.

Em alguns textos, como nas fábulas, nem sempre o espaço é especificado de forma explícita. Às vezes, fica subentendido.

Outros textos, como as notícias, precisam indicar o tempo e o espaço com precisão para dar mais credibilidade, valor de verdade ao enunciado.

Leia, a seguir, um trecho de uma notícia extraída do jornal *O Estado de S. Paulo* online, de 24 de janeiro de 2009:

Gato recebe por sete meses benefício do Bolsa Família

AE – Agência Estado

CAMPO GRANDE – Billy, um gato com 4 anos de idade, foi cadastrado no Bolsa Família como Billy da Silva Rosa, e recebeu durante sete meses o benefício do governo, R\$ 20 por mês. A descoberta ocorreu quando o agente de saúde Almiro dos Reis Pereira foi até a casa do bichano convocá-lo para a pesagem no posto de saúde, conforme exige o programa no caso de crianças: “Mas o Billy é meu gato”, disse a dona da casa ao agente.

(...)

O golpe foi identificado em setembro e o benefício foi suspenso. (...)

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,gato-recebe-por-sete-meses-beneficio-do-bolsa-familia,312279,0.htm> (24 de janeiro de 2009).

Na notícia extraída do jornal, temos dados precisos a respeito do espaço e do tempo. O fato aconteceu no Mato Grosso do Sul, no município de Campo Grande, no ano de 2008. A descoberta da fraude se deu em setembro de 2008.

O enredo

O enredo é a própria história narrada. “Enredar” significa “tecer”, “entrelaçar os fatos”.

Os enredos ora se organizam sob o ponto de vista dos personagens, ora sob o ponto de vista das ações. Às vezes, não é dada uma solução para o problema apresentado.

Os enredos podem ser desenvolvidos de várias formas. Citaremos dois tipos de enredos:

(A) *Apresentação de um problema aos personagens.*

A busca da solução para o problema.

O encontro da solução.

(B) *Situação inicial*, em que os personagens e o espaço são apresentados.

Quebra da situação inicial, em que um acontecimento modifica a situação apresentada.

Estabelecimento de um conflito, em que surge uma situação a ser resolvida, que quebra a estabilidade de personagens e acontecimentos.

Desenvolvimento, em que se busca uma solução para o conflito. É o desenrolar da história.

Clímax, em que o ponto de maior tensão da narrativa se verifica.

Conclusão, em que tudo se reorganiza segundo um novo equilíbrio.

Algumas histórias são interrompidas sem que todas essas fases estejam presentes no percurso. As fases também podem não ocorrer sempre nessa ordem.

Na fábula “O gato e o galo”, o clímax, ou seja, o ponto de maior tensão é o momento em que o gato come o galo: “E assim comeu o galo”.

Na notícia lida, a passagem que indica a quebra da situação inicial é o momento em que a fraude foi descoberta: “A descoberta ocorreu

quando o agente de saúde Almiro dos Reis Pereira foi até a casa do bichano convocá-lo para a pesagem no posto de saúde, conforme exige o programa no caso de crianças: (...)”

Para fixar esses conceitos, vamos continuar a análise do conto “Apelo”, de Dalton Trevisan.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1, 4 e 5

Releia o conto “Apelo”, de Dalton Trevisan, e responda as perguntas:

2. A análise do foco narrativo do conto é fundamental para a compreensão do texto.

a) Qual é o foco narrativo do texto? Justifique sua resposta.

b) O foco narrativo, nesse texto, faz com que as informações sobre a mulher chamada de “Senhora” sejam apresentadas de forma objetiva ou subjetiva? Explique.

3. Transcreva do conto as informações dadas sobre:

a) O tempo.

b) O espaço.

4. Em que medida a construção do tempo e do espaço contribui para o desenvolvimento do conto?

RESPOSTAS COMENTADAS

2. a) O foco narrativo está em 1ª pessoa. O narrador é o marido que sente falta da esposa e apela para que ela volte.

b) Como o narrador está em 1ª pessoa, todas as informações sobre a importância da mulher para a organização da casa e para a vida do narrador são mediadas pela visão subjetiva que o marido tem dela. O narrador começa a sentir a ausência da esposa a partir do momento em que percebe as pequenas coisas que se alteram na rotina quando a “Senhora” sai de casa.

3. a) No 1º parágrafo, o narrador afirma que a esposa partiu há um mês. Além disso, ele diz que, na primeira semana depois da separação, não sentiu falta da esposa.

b) O espaço a que se refere o narrador é a residência do casal, ressaltando as alterações provocadas no ambiente (a desorganização, a sensação de solidão) em função da ausência da esposa.

4. O tempo transcorrido desde a separação e os efeitos da ausência no espaço descritos pelo narrador aumentam a sensação de solidão e a saudade que ele sente da mulher. É possível também perceber que o narrador-personagem vê a mulher como aquela que “comanda” a casa, fazendo as tarefas. Ele não sente saudade da afetividade.

Antes de terminar esta aula, vale a pena, ainda, verificar como as narrativas podem ser iniciadas.

COMO SE PODE INICIAR UMA NARRATIVA?

O narrador, para iniciar o texto, pode utilizar duas estratégias básicas:

1ª: Iniciar a história diretamente com o fato narrativo, sem qualquer introdução que prepare o leitor. Nesse caso, as informações que são indispensáveis para o entendimento do texto ora são fornecidas (ou inferidas) em partes durante a leitura, ora são fornecidas em blocos, por meio de um *flashback*.

2ª: Iniciar a história com uma introdução, que pode ser *resumitiva* (resume, no parágrafo inicial, os elementos básicos da trama), *documental* (cria verossimilhança ao que vai ser narrado), *dramática* (imita uma encenação. O cenário e os personagens são descritos como que congelados, antes de sua atuação), *situacional* (fornece dados de que vai

necessitar o leitor para um perfeito entendimento do relato), *descritiva* (descreve a situação espacial, a fim de valorizar o discurso ou criar uma relação de verossimilhança).

A fábula lida “O gato e o galo”, por exemplo, é iniciada diretamente pelo fato narrativo inicial. Já a notícia é iniciada por uma introdução *resumitiva e situacional*.

CONCLUSÃO

Como exposto, o tipo textual narrativo mostra a vida em movimento. Narramos para contar, noticiar, recordar... Alguns textos são predominantemente narrativos, como as notícias, as fábulas, os contos, as lendas...; outros apresentam apenas algumas sequências narrativas, como as cartas de leitor e textos de horóscopos.

Em todos esses gêneros textuais, o tipo textual narrativo é centrado no desenrolar das ações; logo, a marca linguística predominante é o verbo.

Para fixarmos os conceitos trabalhados, vamos realizar uma atividade final. Iniciamos esta aula com uma fábula escrita em **PROSA**; agora, vamos terminar o nosso estudo com uma fábula em forma de poema.

PROSA

O texto escrito em prosa apresenta linhas contínuas e parágrafos, ao contrário dos textos poéticos, em que há maior liberdade de expressão.

ATIVIDADES FINAIS

Atendem aos Objetivos 1, 2, 3, 4 e 5

Normalmente, as narrativas aparecem em forma de prosa. Porém, os poemas também podem ser utilizados para contar histórias. São poemas narrativos, como o que vamos ler agora:

Tendo a cigarra cantado durante o verão
Apavorou-se com o frio da próxima estação.
Sem mosca ou verme para se alimentar,
Com fome, foi ver a formiga, sua vizinha,
Pedindo-lhe alguns grãos para aguentar
Até vir uma época mais quentinha!
“Eu lhe pagarei”, disse ela,
“Antes do verão, palavra de animal,
Os juro e também o capital.”



A formiga não gosta de emprestar,
É esse um de seus defeitos.
“O que você fazia no calor de outrora?”
Perguntou-lhe ela com certa esperteza.
“Noite e dia, eu cantava no meu posto,
Sem querer dar-lhe desgosto.”
“Você cantava? Que beleza!
Pois, então, dance agora!”

Fonte: LA FONTAINE, Jean. *A cigarra e a formiga*. Trad. Bocage.

O poema que você acabou de ler é uma fábula escrita por Jean de La Fontaine, poeta francês que viveu de 1621 a 1695. No século XVIII, o poeta Bocage traduziu os textos poéticos de La Fontaine para a língua portuguesa.



Figura 22.3: Jean de La Fontaine.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Jean_de_La_Fontaine.jpg

A fábula é composta de uma narrativa e de uma moral, que pode estar explícita ou não. Tomando como referência a fábula de La Fontaine, responda as questões que seguem:

1. Caracterize o narrador, identificando o grau de interferência na narrativa.

2. Como é representada a passagem do tempo na fábula?

3. Por que, na fábula, há a preferência pela reprodução das falas dos personagens em discurso direto (aquele em que o narrador apresenta a fala da personagem de modo integral, sem interferências)?

4. Monteiro Lobato, na primeira metade do século XX, recriou algumas fábulas de La Fontaine. Sobre o tema “a cigarra e a formiga”, Monteiro nos deixou duas versões: a formiga má e a formiga boa. Leia um pequeno trecho da versão “A formiga má”:

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com seu cruel manto de gelo.

A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se, nem folhinhas que comesse.

(...)

– Que fazia durante o bom tempo?

– Eu... eu cantava!...

– Cantava? Pois dance agora, vagabunda! – e fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu (...) e quando voltou a primavera, o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta (...)

Moral: Os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade.

Fonte: LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, s/d.

Na versão de Monteiro Lobato, na narrativa, há o predomínio dos tempos verbais do pretérito. Já na moral, há o presente. Justifique esse emprego.

5. O espaço, na versão de Monteiro Lobato, é descrito com mais dramaticidade. Em que isso contribui para a caracterização da personagem formiga?

6. Na versão original, de La Fontaine, a moral implícita defende a ordem estabelecida por uma sociedade que só valoriza a produção de bens materiais. A própria cigarra promete à formiga: “‘Eu lhe pagarei’, disse ela, ‘Antes do verão, palavra de animal, / Os juro e também o capital’.” Como Monteiro Lobato subverte essa ordem?

7. Como são iniciadas as duas versões da fábula “A cigarra e a formiga”?

RESPOSTA COMENTADA

1. Na fábula, os verbos que representam a voz do narrador estão em 3ª pessoa, caracterizando um narrador onisciente, ou seja, aquele que não participa da história como personagem e, por isso, sabe tudo o que vai acontecer ou que já aconteceu. O narrador interfere na narrativa, pois emite juízo de valor: “A formiga não gosta de emprestar/É esse um dos seus defeitos.”
2. A passagem do tempo é representada pela sequência das estações do ano. Na fábula, o verão é um tempo anterior, e o inverno, o tempo em que ocorrem as ações principais: “Tendo a cigarra cantado durante o verão/Apavorou-se com o frio da próxima estação”.
3. O discurso direto confere mais vida e valor de verdade à narrativa. Além disso, nas fábulas, os animais são personificados, ou seja, agem como seres humanos. Dessa forma, o discurso direto é mais uma estratégia de aproximar a história da vida real.
4. Na narrativa, há o relato de fatos já ocorridos, daí o predomínio dos tempos do pretérito; já na moral, há o presente indicando o caráter eterno do ensinamento.
5. Na versão de Monteiro Lobato, o espaço — “na Europa, em pleno inverno” — é descrito com mais dramaticidade: “quando a neve recobria o mundo com seu cruel manto de gelo”, intensificando a crueldade da formiga por não ter acolhido a cigarra. Nesse sentido, vale a pena observar o emprego de adjetivos como “cruel”, de caráter subjetivo.
6. Na versão de Monteiro Lobato, o trabalho do artista é valorizado como um bem cultural: “a cigarra ali morreu (...) e quando voltou a primavera, o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta (...)”.
7. As duas versões são iniciadas por uma introdução resumitiva.

RESUMO

O tipo textual “narrativo” caracteriza-se por descrever as ações do mundo de acordo com os objetivos dos diferentes protagonistas. A narração não discorre sobre uma história; ela é a própria história.

Dessa forma, o texto narrativo é o relato de um acontecimento em que atuam personagens. Gramaticalmente, percebe-se o predomínio de verbos do passado, além de advérbios, conjunções temporais e a reprodução do discurso do outro. Quando o discurso do personagem é reproduzido fielmente, tem-se o “discurso direto”; quando o narrador o reproduz com as suas próprias palavras, tem-se o “discurso indireto” e, por fim, quando há a mistura desses dois discursos, tem-se o “discurso indireto livre”.

Para que um texto seja classificado como predominantemente narrativo, precisa apresentar algumas características básicas, como sucessão cronológica de ações, diferença entre estados do mundo ou situações, intriga e integração de ações. Além dessas características básicas, normalmente, um texto narrativo apresenta um ou mais personagens, um narrador que pode participar da história (narrador em 1ª pessoa) ou não participar (narrador em 3ª pessoa), um enredo (a história que está sendo narrada) e dados do ambiente e do tempo (que pode ser cronológico ou psicológico) em que os fatos ocorrem.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, faremos um estudo mais detalhado sobre o tipo textual “argumentativo”. Até lá!

Argumentação: a polêmica em foco

*Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas*

AULA

23

Meta da aula

Apresentar as características principais do tipo textual argumentativo.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar alguns elementos organizacionais e estruturais de textos em que predominam sequências argumentativas, como a relação causa/consequência, tema/tese;
2. reconhecer algumas características linguísticas do tipo textual argumentativo;
3. identificar relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.;
4. identificar os diferentes tipos de raciocínio que permitem organizar a lógica argumentativa.

INTRODUÇÃO

Na Aula 19, estudamos que a terminologia “tipo textual” designa uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). De acordo com essas características, um texto pode apresentar, predominantemente, sequências de um determinado tipo textual: narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo ou injuntivo.

Na Aula 21, estudamos o tipo textual descritivo; na 22, o narrativo. Agora, vamos estudar o argumentativo. Tais tipos são os que, normalmente, aparecem nos livros didáticos.

DEFINIÇÃO E FUNÇÃO DO TIPO TEXTUAL

Os jornais, normalmente, apresentam uma seção denominada “carta do leitor”. Os textos dessa seção se organizam, geralmente, em sequências argumentativas. Observe:

BALBÚRDIA

Desordem, tumulto.

BANDALHA

Bagunça.

PIROTECNIA

Técnica de fins artísticos que consiste em utilizar o fogo e/ou explosivos e fogos de artifício, a fim de entreter o público.

Caos urbano

É desanimador ter que trabalhar no Centro do Rio todos os dias e perceber que o trânsito virou uma **BALBÚRDIA**. Os guardas municipais ficam apitando quando o semáforo abre e fecha e permitem que motoristas mal-educados estacionem de forma irregular, inclusive, com a formação de filas duplas de veículos. Consequentemente, o engarrafamento nas ruas do Centro já se tornou crônico durante todo o dia, por conta dessa consentida **BANDALHA** praticada por carros particulares e oficiais e, o pior, com apoio dos flanelinhas. O Centro do Rio precisa de um choque de ordem, mas que seja eficiente e permanente, sem **PIROTECNIA**.
João Fernandes, RJ.

Fonte: *Jornal da Gente* (10 mar. 2010, p. 6).

A carta do leitor é um gênero textual cujo autor expressa opiniões (favoráveis ou não) a respeito não só de assuntos publicados em revistas, jornais, como também de fatos ocorridos na vida em sociedade, ou, ainda, do tratamento dado a esses fatos.

Na carta lida, o autor denuncia a desordem no trânsito, no Centro da cidade do Rio de Janeiro. É um texto predominantemente argumentativo. O autor da carta monta sua argumentação por meio de relações de causa/consequência (causa: “o livre estacionamento irregular, com a formação de filas duplas de veículos”; consequência: “engarrafamento”). Reclama que os guardas municipais, ao invés de multarem os carros que estão estacionados de forma irregular, “ficam apitando quando o semáforo abre e fecha”.

Percebe-se, ainda, no texto argumentativo, o predomínio de relações e progressões lógicas de ideias, palavras e/ou expressões valorativas (“é desanimador”, “o trânsito virou uma balbúrdia”, “motoristas mal-educados”, “engarrafamento crônico”, “consentida bandalha”, “choque de ordem”, “eficiente e permanente, sem pirotecnia”) e **PERÍODOS COMPOSTOS POR COORDENAÇÃO** (“O Centro do Rio precisa de um choque de ordem, mas que seja eficiente...” – oração coordenada sindética adversativa) e **POR SUBORDINAÇÃO** (“Os guardas municipais ficam apitando *quando* o semáforo abre e fecha...” – oração subordinada adverbial temporal).

Acabamos de ler e observar algumas características de um texto argumentativo, mas o que é argumentar? Que características uma carta do leitor, uma resenha crítica e um editorial apresentam que fazem desses gêneros textos argumentativos?

Já estudamos que o tipo textual “argumentativo” caracteriza-se pela presença de um argumentador que, diante de um tema polêmico, apresenta uma tese, apoiada em argumentos a fim de convencer um público-alvo.

Vejamos, agora, algumas características de um texto argumentativo.

CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICAS

De um modo geral, as sequências argumentativas apresentam:

- (a) Linguagem denotativa, objetiva. O leitor é convencido pela força dos argumentos. Assim, não é comum a utilização de figuras de linguagem e da linguagem conotativa.
- (b) Argumentos do produtor do texto, baseados em fatos e dados.
- (c) Citações e/ou referências. O produtor do texto introduz direta ou indiretamente pareceres de especialistas ou de pessoas respeitadas no meio em que se insere o assunto abordado (o chamado “argumento de

PERÍODOS COMPOSTOS POR COORDENAÇÃO

São os períodos formados por duas ou mais orações coordenadas entre si, isto é, cada oração coordenada tem autonomia estrutural em relação às outras, ou seja, nenhuma delas funciona como termo da outra.

PERÍODOS COMPOSTOS POR SUBORDINAÇÃO

São períodos que, sendo constituídos de duas ou mais orações, têm uma oração principal e, pelo menos, uma oração a ela subordinada. A oração subordinada está sintaticamente vinculada à oração principal, podendo funcionar como termo essencial, integrante ou acessório da oração principal.

autoridade”). Também é comum a utilização da voz do “senso comum” ou da sociedade, como, por exemplo, quando se citam provérbios e ditados populares.

(d) Perguntas retóricas, ou seja, perguntas feitas sem a intenção de obter uma resposta, aquele tipo de pergunta direcionada ao interlocutor a fim de provocá-lo.

(e) Períodos compostos por subordinação, principalmente os que exprimem relações de causa/consequência e concessão. Nesse caso, há o uso de conjunções subordinativas causais (porque, visto que, já que etc.) e concessivas (embora, ainda que, se bem que, conquanto etc.).

(f) Períodos compostos por coordenação, principalmente os que exprimem contraste, contraexpectativa (coordenadas adversativas) e os que indicam conclusão (coordenadas conclusivas). Nesse caso, há o uso de conjunções coordenativas adversativas (mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto etc.) e conclusivas (logo, portanto, pois, assim, por isso, dessa forma etc.).

(g) Expressões adverbiais que indicam a “posição” do produtor do texto: sinceramente, infelizmente, como já sabemos, não bastasse isso etc.

(h) Expressões valorativas positivas ou negativas, como por exemplo, na carta do leitor que acabamos de ler, “é desanimador”, “o trânsito virou uma balbúrdia”, “motoristas mal-educados”, “engarrafamento crônico”, “consentida bandalha”, “choque de ordem”, “eficiente e permanente, sem pirotecnia”.

(i) Organizadores textuais – elementos que estabelecem relações entre partes maiores do texto, como introdução, desenvolvimento e conclusão, e entre os parágrafos (“por exemplo”, “dessa forma”, “do mesmo modo”; “não só... mas também”; “por um lado... por outro lado”; “em primeiro lugar... em segundo lugar”; “para começar... finalmente”; “por fim”; “para concluir”; “em síntese”; “como já foi dito” etc.). Tais elementos arrumam as informações no texto.

Não é comum os textos argumentativos apresentarem uma progressão temporal. Os conceitos são genéricos, abstratos e, em geral, não se prendem a uma situação de tempo e espaço. Daí, o emprego de verbos no presente do indicativo (“mundo comentado”). Outros tempos verbais, quando são utilizados, normalmente, aparecem em exemplos e citações.

ELEMENTOS DO TIPO TEXTUAL ARGUMENTATIVO

Em um texto argumentativo, há um (a) “argumentador” que, diante de um (b) “tema”, apresenta uma (c) “tese” sustentada em (d) “argumentos”, com o objetivo de convencer o leitor.

(a) O argumentador: é o produtor do texto que, ao construir a argumentação, tem por objetivo persuadir o leitor, a fim de que este aceite a ideia que é defendida. A argumentação cumprirá mais facilmente o objetivo se o argumentador tiver credibilidade e autoridade, ou se estiver no exercício de um direito ou de um dever para falar sobre o assunto. Por exemplo, o falecido Herbert de Souza, sociólogo e ativista dos direitos humanos, conhecido por Betinho, que, mesmo sem exercer cargos públicos, fazia campanhas sociais, em função de sua credibilidade; um advogado, que tem autoridade para defender um réu; um médico, que pode opinar sobre assuntos ligados à saúde e assim por diante.

(b) O tema: é o assunto de que trata o texto.

(c) A tese: enuncia o ponto de vista que será objeto de demonstração.

(d) Os argumentos: são elementos abstratos, geralmente apresentados em ordem crescente de importância e que justificam a tese. Para argumentar, são utilizados fatos, exemplos, citações de autores ou peritos reconhecidos, ou dados que ajudam a comprovar a validade da tese.

Exemplo:

Tema: Pena de morte

Tese: Uma pessoa não tem o direito de tirar a vida de outra, por mais terrível que tenha sido o delito cometido, e a pena de morte não diminui a criminalidade.

Argumentos:

(1) Há registros históricos de pessoas executadas injustamente, pois as provas de sua inocência evidenciaram-se após a sentença.

(2) Nos países em que a pena de morte é adotada, o índice de criminalidade não diminuiu.

(3) Violência gera mais violência.

Conclusão: Não é a pena de morte que vai resolver o problema da criminalidade em um país. Basta que a lei atinja os infratores com justiça e eficiência.

Assim, todo texto argumentativo apresenta uma “asserção de partida” (A¹) (tese), uma “asserção de chegada” (A²) (conclusão) e uma

(ou várias) “asserção(ões) de passagem” (argumento(s)) que permite(m) passar de uma (“asserção de partida”) à outra (“asserção de chegada”).

ATIVIDADE



ARTIGO DE OPINIÃO

Gênero textual em que o autor tem por objetivo defender um ponto de vista e criticar outros com os quais este entra em conflito. Para tanto, cita e analisa uma série de fatores relacionados ao assunto, a fim de comprovar a sua tese.

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Vamos continuar analisando as características de um texto argumentativo. Agora, vamos ler um ARTIGO DE OPINIÃO.

TEMA EM DISCUSSÃO: *O crescimento das favelas*

NOSSA OPINIÃO

Falta ação do poder público

As favelas nos grandes centros urbanos crescem assustadoramente. As causas são conhecidas por todos: a migração do campo, a ausência de uma política de planejamento familiar, as falhas da rede pública de ensino e a inexistência de uma política habitacional adequada à população de baixa renda.

Investir em educação e criar campanhas de controle da natalidade, colocando à disposição das mulheres os meios necessários é imprescindível. É claro que os resultados só serão percebidos a longo prazo, mas se as ações não forem implementadas agora, o problema da favelização só tende a aumentar.

Falta ainda ação do poder público para reassentar os que moram em áreas de risco,

combater os loteamentos clandestinos e a ocupação desordenada das encostas. Vale ressaltar que, enquanto essas três últimas ações não forem tomadas, muitas pessoas continuarão morrendo em função das fortes chuvas que provocam o deslizamento de terras e, consequentemente, o soterramento de casas. Depois que as tragédias acontecem, não adianta chorar o leite derramado.

Em última análise, todas essas medidas serão benéficas para os moradores das grandes favelas, que hoje vivem de forma precária, sem serem atendidos em suas necessidades básicas, como saúde e saneamento. Resta saber se isso é interesse do poder público.

Fonte: *Jornal da Gente* (17 jan. 2000).

a) No artigo de opinião, o tema em discussão é a “favelização”. A tese do artigo está em destaque. Que tese o autor do texto procura defender?

b) Uma das características de um texto argumentativo é a relação de causa/consequência. O articulista inicia o texto já enumerando as causas do processo de favelização. Quais são?

c) Quais argumentos são desenvolvidos, no 3º parágrafo, pelo articulista?

d) Todo texto argumentativo apresenta uma asserção de partida (A¹) (tese), uma asserção de chegada (A²) (conclusão) e uma (ou várias) asserção(ões) de passagem (argumento(s)) que permite(m) passar de uma (asserção de partida) à outra (asserção de chegada). Já identificamos a tese e alguns fatores citados pelo articulista como causas do processo de favelização. Agora, identifique a “asserção de chegada”, ou seja, a que conclusão chega o autor do texto?

e) Um texto argumentativo, normalmente, apresenta uma linguagem objetiva, denotativa. No entanto, no artigo de opinião lido, no 3º parágrafo, o autor utilizou um ditado popular próprio da linguagem conotativa, figurada: “não adianta chorar o leite derramado”. Pelo contexto, o que o autor quis dizer com esse ditado?

RESPOSTA COMENTADA

a) O autor do artigo de opinião procura defender a tese de que falta ação do poder público para impedir o aumento da favelização que atinge as grandes cidades.

b) As causas do processo de favelização citadas pelo articulista são: “a migração do campo, a ausência de uma política de planejamento familiar, as falhas da rede pública de ensino e a inexistência de uma política habitacional adequada à população de baixa renda”.

c) No 3º parágrafo, o articulista desenvolve o 2º e o 3º argumentos citados no 1º parágrafo: “a inexistência de uma política de planejamento familiar” e “as falhas da rede pública de ensino”.

d) O autor do texto chega à conclusão de que a adoção de medidas para conter a favelização “será benéfica para os moradores das grandes favelas, que hoje vivem de forma precária, sem serem atendidos em suas necessidades básicas, como saúde e saneamento. Resta saber se isso é interesse do poder público.”

e) Se o governo não reassentar os que moram em áreas de risco, combater os loteamentos clandestinos e a ocupação desordenada das encostas, muitas pessoas continuarão morrendo em função das fortes chuvas que provocam o deslizamento de terras e, conseqüentemente, o soterramento de casas. Assim, depois que tragédias acontecem, “não adianta chorar o leite derramado”, ou seja, não adianta lamentar, pois não é possível mudar o que já aconteceu.

Já analisamos mais um texto em que as sequências argumentativas predominam. Vamos continuar a nossa aula, estudando os modos de raciocínio que permitem organizar a lógica argumentativa.

MODOS DE RACIOCÍNIO

Os modos de raciocínio permitem organizar a lógica argumentativa em relação ao que é chamado razão demonstrativa.

Assim, os argumentos apoiam-se em alguns modos de raciocínio:

- (1) dedução;
- (2) explicação;
- (3) escolha alternativa;
- (4) concessão restritiva.

A dedução

A “dedução” parte do geral para o particular, do abstrato para o concreto, da causa para a consequência.

Exemplo:

(A¹) Está chovendo. (A²) Logo, devo levar o guarda-chuva. (Causa → consequência.)



Figura 23.1: Mulher com seu guarda-chuva aberto, protegendo-se da chuva.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/121928>

Existem vários tipos de dedução: por silogismo, pragmática, por cálculo e condicional. A “dedução por silogismo” é a mais conhecida. Consiste em partir de uma premissa geral e particular para chegar a uma conclusão. Baseia-se numa relação de “consequência implicativa” (se A^1 ... então, logo, portanto A^2).

Exemplo:

Premissa geral: (Se) Todo homem é mortal. (A^1)

Premissa particular: (Se) João é homem.

Conclusão: (Logo) João é mortal. (A^2)

O silogismo só é verdadeiro se apresentar premissas verdadeiras e uma conclusão logicamente derivada das premissas.

Se você desejar se aprofundar no assunto, exemplos dos outros tipos estão em Charaudeau (2008), cuja indicação completa se encontra nas referências bibliográficas.

A explicação

A “explicação” parte também de uma premissa (A^1) para chegar a uma conclusão (A^2). Nesse tipo de raciocínio, a conclusão representa a origem, o motivo, a razão e até a causa mental da premissa (A^1). Da mesma forma, (A^1) representa a consequência de (A^2).

Exemplo:

(A^1) João não fez uma boa prova, (A^2) *porque* não conseguiu estudar. (Consequência \leftarrow causa.)

A escolha alternativa

A “escolha alternativa” coloca em oposição duas relações argumentativas, deixando a possibilidade de escolha ou mostrando a incompatibilidade que resultaria da conjunção das duas.

Exemplos:

Você pode escolher: (A¹) *ou* eu aumento o seu salário e o seu trabalho, (A²) *ou* reduzo a sua jornada de trabalho e você passa a ter mais tempo livre.

Você (A¹) *ou* será condenado (A²) *ou* será inocentado.

A concessão restritiva

A “concessão restritiva” consiste em aceitar A¹ como verdadeira e, ao mesmo tempo, retificar a relação argumentativa. Em outras palavras, aceita-se a asserção de partida, porém contesta-se que ela possa levar à conclusão proposta ou subentendida.

Exemplos:

(A¹) *Embora* você seja um excelente funcionário, (A²) não posso conceder-lhe aumento salarial.

(A¹) *Admito* que sua argumentação esteja bem fundamentada, (A²) *mas* você sabe que é pura demagogia.

ATIVIDADE

Atende aos Objetivos 3 e 4

2. Nos pequenos textos a seguir, identifique o tipo de raciocínio utilizado na organização das ideias. Em seguida, destaque também o elemento linguístico que contribui para estabelecer a relação lógico-discursiva.

a) É perfeitamente compreensível que um político de oposição ataque a maneira pela qual o presidente da República substituiu determinado ministro. (...) Mas é totalmente **ESDRÚXULO** que tais **INVECTIVAS** e patrulhamentos partam de um de seus auxiliares diretos, no caso a ministra de Administração Federal, Luíza Erundina.

Fonte: *Jornal do Brasil*, (10 mar. 1993, p. 8).



ESDRÚXULO

Que é esquisito, extravagante.

INVECTIVA

Palavra insultosa que se lança sobre algo ou alguém de forma veemente; injúria, ofensa.

b) A chuva continua. Portanto, é preciso que os moradores abandonem as casas que estão em áreas de risco.

c) "(...) se os governadores, prefeitos e o presidente da República se entendessem em torno de um amplo programa habitacional para as famílias de baixa renda, estariam criadas as condições para se conter a degradação de cidades como o Rio."

Fonte: *O Globo* (04 jul. 2006).

d) Na sua lista de presentes, não se esqueça de incluir um lindo retrato. Ou você não pretende continuar viajando e tirando fotos?

e) Carlos faltou à aula, porque estava doente.

RESPOSTA COMENTADA

No texto (a), o tipo de raciocínio é a "concessão restritiva", e o elemento linguístico utilizado para estabelecer tal relação é a conjunção adversativa "mas".

No enunciado (b), o tipo de raciocínio é a "dedução", e o elemento linguístico utilizado para estabelecer tal relação é a conjunção conclusiva "portanto".

No texto (c), o tipo de raciocínio é também a "dedução", e o elemento linguístico utilizado para estabelecer tal relação é a conjunção condicional "se" e fica subentendida a conjunção conclusiva "logo" ou "então" ("se ... então") em: "logo (então) estariam criadas as condições (...)". Trata-se da dedução condicional.

No texto publicitário (d), o tipo de raciocínio é a "escolha alternativa", e o elemento linguístico utilizado para estabelecer tal relação é a conjunção alternativa "ou".

No enunciado (e), o tipo de raciocínio é a "explicação", e o elemento linguístico utilizado para estabelecer tal relação é a conjunção explicativa "porque".

Antes de finalizar esta aula, vale a pena, ainda, estudarmos como podemos organizar um texto argumentativo. Os livros didáticos, normalmente, apresentam várias sugestões. Vamos apresentar uma.

Quadro 23.1: Sugestão de organização de um texto argumentativo

| TÍTULO | |
|---|--|
| INTRODUÇÃO Asserção de partida | Apresentação do “tema” e da “tese” que será defendida. |
| DESENVOLVIMENTO Asserção de passagem | Argumentos favoráveis à tese. |
| | Argumentos contrários à tese. |
| CONCLUSÃO Asserção de chegada | Posicionamento em relação ao tema e observação final. |

Na sugestão de organização de um texto argumentativo, para uma mesma tese, o produtor apresenta argumentos favoráveis e contrários. E, na conclusão, posiciona-se a favor ou contra, sem, no entanto, dizer explicitamente “eu acho”, “eu acredito” etc. É possível expressar um ponto de vista sem utilizar a primeira pessoa verbal, como, por exemplo, em: “É preciso que a lei faça valer os direitos dos cidadãos...”, “Se essa situação continuar, o povo sofrerá as consequências” etc.

Voltando ao exemplo da “pena de morte”, temos:

Quadro 23.2: Organização de um texto argumentativo

| TÍTULO: A pena de morte: justiça ou crime? | |
|--|--|
| INTRODUÇÃO Asserção de partida | TEMA: Pena de morte. Tese: Para muitas pessoas, a pena de morte é uma forma de fazer justiça; para outras, mais um tipo de crime. |
| DESENVOLVIMENTO Asserção de passagem | Argumentos favoráveis: (1) Diminuiria a superlotação dos presídios. (2) Intimidaria os criminosos. (3) A justiça seria feita com a vida da pessoa que cometeu o crime. Etc. |
| | Argumentos contrários: (1) Há registros históricos de pessoas executadas injustamente, pois as provas de sua inocência evidenciaram-se após a sentença. (2) Nos países em que a pena de morte é adotada, o índice de criminalidade não diminuiu. (3) Violência gera mais violência. Etc. |
| CONCLUSÃO Asserção de chegada | Posicionamento em relação ao tema e observação final: A pena de morte é um assunto que deve ser discutido com muita responsabilidade. Por enquanto, resta à justiça atingir os infratores com eficiência, a fim de que os direitos dos cidadãos de bem sejam respeitados. |

Como se vê, não é difícil produzir um texto argumentativo. Antes de começar a redigir, é preciso que você já tenha bem claro qual tese vai defender e quais argumentos utilizará.

CONCLUSÃO

Como vimos no decorrer desta aula, quem produz um texto argumentativo tem como objetivo persuadir um leitor ou ouvinte, seu interlocutor, para que ele aceite uma determinada ideia. A todo momento argumentamos: quando justificamos por que não fomos a um ou a outro lugar; quando expomos as razões por que não cumprimos determinada tarefa; quando fazemos escolhas etc. Para tanto, precisamos ter mais do que ideias logicamente encadeadas; precisamos, também, atrair o leitor, cativá-lo e passar-lhe convicção, como fazem os textos publicitários e os que falam de política.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

Para terminar esta aula, vamos analisar um outro texto argumentativo – o EDITORIAL. Como a imprensa procura demonstrar imparcialidade (o que nem sempre consegue), evita expressar opiniões nas notícias veiculadas. Por isso, existem seções específicas, em um jornal, em que o corpo editorial do jornal se manifesta e defende opiniões, como a “carta do leitor” (são os editores que selecionam as cartas que serão publicadas) e o “editorial”.

EDITORIAL

É um gênero textual argumentativo. Normalmente, não é assinado, pois não representa a opinião pessoal de um jornalista, mas a opinião oficial do veículo de comunicação.

Leia o texto a seguir:

A RELAÇÃO SEXUAL SEM PRESERVATIVOS ENTRE JOVENS E ADOLESCENTES

Refletir sobre a gravidez e as DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) na adolescência gera muito mais perguntas do que respostas. Costuma-se atribuir as taxas de gravidez na adolescência à falta de informação. Embora seja difícil não estabelecer esse vínculo, parece que ele não é determinante.

Pesquisa realizada em 2002, batizada de Gravad (Gravidez na Adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil), com jovens de 18 a 24 anos das cidades de Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ) e Salvador (BA) revela que, apesar de 70% dos jovens entrevistados declararem usar algum tipo de proteção na primeira relação sexual, somente um terço, ou seja, 24% segue utilizando algum método, mesmo não tendo interesse em engravidar. Isso significa que, com o uso da pílula, o preservativo masculino deixa de ser utilizado e, com isso, as chances de serem contraídas doenças sexualmente transmissíveis são maiores.

Muitos jovens até admitem que a informação existe, mas que não é possível absorver tudo o que é “passado” pela escola e, às vezes, também pela família e pelos órgãos públicos. Assim, o problema maior não é a gravidez precoce que leva muitos jovens a deixarem a escola e comprometerem seu próprio futuro pessoal e profissional, ampliando a desigualdade social, mas as doenças que essa relação sexual, sem preservativos, pode desencadear. Um filho é um presente; e uma DST? Destino?! Irresponsabilidade?! De quem?

Talvez o pensamento mágico dos adolescentes que influencia a maneira de buscar a si mesmos, o imediatismo e a onipotência que lhes são característicos sejam fatores que possam justificar a não utilização de preservativos nas relações sexuais. Não há menina que não saiba que pode engravidar, mas todas imaginam que isso jamais irá acontecer com elas.

Portanto, se as informações existem, cabe ao poder público viabilizar novas estratégias de conscientização dos jovens para os riscos de uma relação sexual sem segurança. Da mesma forma, cabe aos pais deixarem alguns “tabus” de lado, a fim de conversarem mais abertamente com os filhos. Sem dúvida, a escola sozinha não faz milagres!

Fonte: *Jornal da Gente* (10 jan. 2010, p. 2).

1. Identifique os seguintes elementos do editorial:

- 1º Parágrafo: Introdução

a) O tema:

b) A tese:

- 2º, 3º e 4º Parágrafos: Desenvolvimento

c) Os argumentos:

- 5º Parágrafo: Conclusão

d) O posicionamento em relação ao tema e a observação final:

2. A conclusão a que chega o texto é coerente ou contraditória em relação à introdução e aos argumentos apresentados? Por quê?

3. Destaque do 1º parágrafo um exemplo de conjunção que estabelece a articulação entre frases. Que sentido tem? Que tipo de raciocínio foi utilizado?

4. No texto argumentativo, encontramos expressões que evidenciam a posição do produtor do texto. Identifique uma dessas expressões, no último parágrafo do texto.

RESPOSTA COMENTADA

1. a) O tema do editorial é a gravidez e as DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) na adolescência.

b) No editorial, é defendida a tese de que a falta de informação não é a única causa da gravidez e das DSTs na adolescência.

c) 1º argumento: Pesquisa realizada em 2002, batizada de *Gravada* (Gravidez na Adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil), com jovens de 18 a 24 anos das cidades de Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ) e Salvador (BA) revela que, apesar de 70% dos jovens entrevistados declararem usar algum tipo de proteção na primeira relação sexual, somente um terço, ou seja, 24% segue utilizando algum método, mesmo não tendo interesse em engravidar.

2º argumento: Muitos jovens admitem que a informação existe, mas que não é possível absorver tudo o que é “passado” pela escola, pela família e pelos órgãos públicos.

3º argumento: O problema maior não é a gravidez precoce que leva muitos jovens a deixarem a escola e comprometerem seu próprio futuro pessoal e profissional, ampliando a desigualdade social, mas as doenças que essa relação sexual sem preservativos pode desencadear.

4º argumento: O pensamento mágico dos adolescentes que influencia a maneira de buscar a si mesmos, o imediatismo e a onipotência que lhes são característicos são fatores que justificam a não utilização de preservativos nas relações sexuais. Não há menina que não saiba que pode engravidar, mas todas imaginam que isso jamais irá acontecer com elas.

d) O posicionamento em relação ao tema e a observação final: As informações sobre gravidez precoce e DSTs existem, porém, cabe ao poder público viabilizar novas estratégias de conscientização dos jovens para os riscos de uma relação sexual sem segurança. Da mesma forma, cabe aos pais deixarem alguns “tabus” de lado, a fim de conversarem mais abertamente com os filhos, pois a escola sozinha não faz milagres.

2. A conclusão a que chega o texto é coerente com a introdução e com os argumentos apresentados, porque o autor do texto consegue mostrar que os jovens e adolescentes, em sua maioria, têm acesso às informações e, talvez, por uma questão de “relaxamento”, não têm o hábito de usar preservativos nas relações sexuais. Além disso, como é mostrado no 2º parágrafo, uma pesquisa revela que, apesar de 70% dos jovens entrevistados declararem usar algum tipo de proteção na primeira relação sexual, somente um terço, ou seja, 24% segue utilizando algum método, mesmo não tendo interesse em engravidar.

3. A conjunção “embora” estabelece a articulação entre frases e apresenta um sentido de concessão. No trecho em que a conjunção é empregada, o tipo de raciocínio é a “concessão restritiva”. Tal raciocínio consiste em aceitar a asserção de partida (“Embora seja difícil não estabelecer esse vínculo”. “Esse vínculo” significa que a falta de informação é uma das causas da gravidez precoce e das DSTs na adolescência”), porém, contesta-se que ela possa levar à conclusão proposta ou subentendida (“parece que ele não é determinante”. “Ele” significa o vínculo entre falta de informação e gravidez precoce e DSTs na adolescência).

4. Uma expressão que evidencia a posição do produtor do texto é “sem dúvida”.

RESUMO

O tipo textual argumentativo caracteriza-se pela presença de um argumentador que, diante de um tema polêmico, apresenta uma tese, apoiada em argumentos, a fim de convencer um público-alvo.

De um modo geral, as sequências argumentativas apresentam: linguagem denotativa; argumentos do produtor do texto e citações e/ou referências; períodos compostos por subordinação, principalmente, os que exprimem relações de causa/consequência e concessão; períodos compostos por coordenação, principalmente, os que exprimem contraste, contraexpectativa e os que indicam conclusão; expressões adverbiais que indicam a posição do produtor do texto; expressões valorativas positivas ou negativas; conectores interfrásticos e organizadores textuais.

Não é comum os textos argumentativos apresentarem uma progressão temporal. Normalmente, os conceitos são genéricos e não se prendem a uma situação de tempo e espaço. Daí o emprego de verbos no presente (“mundo comentado”).

Em um texto argumentativo, é possível organizar a lógica argumentativa em relação ao que é chamado de “razão demonstrativa”. Assim, os argumentos apoiam-se em alguns modos de raciocínio: (1) dedução (parte do geral para o particular, do abstrato para o concreto, da causa para a consequência), (2) explicação (parte de uma premissa – a consequência – para chegar a uma conclusão, que representa a origem, o motivo, a razão e até a causa mental da consequência), (3) escolha alternativa (coloca em oposição duas relações argumentativas, deixando a possibilidade de escolha ou mostrando a incompatibilidade que resultaria da conjunção das duas) e (4) concessão restritiva (consiste em aceitar a asserção de partida, porém contesta-se que ela possa levar à conclusão proposta ou subentendida).

Portanto, um bom texto argumentativo é aquele que, além de ter as ideias bem encadeadas, consegue atrair o leitor, conquistando a sua adesão.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, faremos um estudo sobre o tipo textual, chamado por Patrick Charaudeau de “modo enunciativo de organização do discurso”.

Modos de organização do discurso: o enunciativo

Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas

AULA 24

Meta da aula

Apresentar a maneira como o locutor se coloca no ato de comunicação.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar a relação de influência do locutor sobre o interlocutor (*comportamento alocutivo*);
2. identificar a relação do locutor consigo mesmo (*comportamento elocutivo*);
3. identificar a relação do locutor com um terceiro (*comportamento delocutivo*);
4. relacionar os principais mecanismos de impessoalização do texto.

INTRODUÇÃO

Nas últimas aulas, você estudou não só tipos e gêneros textuais, como também os modos de organização do discurso. Ao longo da sua vida de estudante, de alguma forma, você deve ter ouvido falar desses conceitos, que, inclusive, fazem parte do conteúdo programático da maioria dos livros didáticos de Português. Mas há um modo de organização do discurso de que (acreditamos) você nunca ouviu falar. Trata-se do *modo enunciativo* de organização do discurso, um modo que, podemos dizer, “gerencia” os outros, já que intervém na encenação dos outros três modos – o descritivo, o narrativo e o argumentativo, que você já conhece.

Vejamos, então, como o *modo enunciativo* “comanda” os outros modos.

O MODO ENUNCIATIVO DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO

O *modo enunciativo* aponta para a maneira pela qual o sujeito falante age na encenação comunicativa. Tem, portanto, uma função particular na organização do discurso, que é a de dar conta da maneira como o locutor se posiciona:

- (1) em relação ao interlocutor;
- (2) em relação a si mesmo;
- (3) em relação ao que lhe é exterior.

Vamos, agora, considerar cada uma dessas três possibilidades.

Primeira posição do sujeito falante em relação a seu interlocutor > COMPORTAMENTO ALOCUTIVO

O sujeito falante enuncia sua posição em relação ao interlocutor no momento em que, com o seu dizer, impõe um comportamento ao interlocutor, agindo sobre ele. O interlocutor, por sua vez, é “obrigado” a responder ou a reagir.

Nessa “relação de influência” do locutor sobre o interlocutor – a que chamaremos *comportamento alocutivo* –, o primeiro, ou seja, o sujeito falante atribui “papéis linguageiros” (comportamentos) a si mesmo e a seu interlocutor. Esses papéis são de dois tipos:

a) O sujeito falante se enuncia em “posição de superioridade” em relação ao interlocutor, impondo a este a execução de uma ação. Essa imposição do locutor sobre o interlocutor estabelece entre os dois uma “relação de força”. É o que acontece, por exemplo, quando damos uma ordem a alguém (*injunção*), ou interpelamos alguém (*interpelação*).

O esquema seguinte ilustra a relação:

Relação de força
(locutor/interlocutor)

+ -

Exs.:

“Saia” *daqui!* (injunção)



Você “*não está autorizado*” a sair antes do término do expediente!
(injunção)

“Bom-dia!” (interpelação)

“Táxi!” (interpelação)



b) O sujeito falante se enuncia em “posição de inferioridade” em relação a seu interlocutor, ao assumir papéis em que precisa do saber e da experiência do interlocutor. Faz, então, ao interlocutor uma “solicitação”, estabelecendo-se entre ambos uma “relação de petição”. É o que acontece quando fazemos pedidos (petição) ou perguntas (interrogação) a nosso interlocutor.

O esquema seguinte ilustra a relação:

Relação de força
(locutor/interlocutor)
- +

Exs.:

“Solicito” providências o mais rápido possível. (petição)

Você “pode” me ajudar? (petição)



“Alguém telefonou?” (interrogação)

“Você acha correto o que Ana fez ao irmão?” (interrogação)



No *comportamento alocutivo*, seja na *relação de força*, seja na *relação de petição*, o projeto de fala do sujeito falante é sempre voltado para o interlocutor (*Relação de influência*: EU → TU), por isso são marcas linguísticas características desse comportamento os pronomes pessoais de 2ª pessoa (tu, você, vocês) e o modo imperativo, os quais apontam imediatamente para o interlocutor.

Os pronomes “você” e “vocês” são considerados de 2ª pessoa, apesar de levarem o verbo para a 3ª pessoa, por se reportarem à 2ª pessoa do discurso, ou seja, a pessoa com quem se fala. Por isso são chamados “pronomes de 2ª pessoa indireta”.

Você deve estar lembrado que são três as pessoas do discurso: 1ª) a pessoa que fala; 2ª) a pessoa com quem se fala e 3ª) a pessoa de que se fala.

ATIVIDADES



Atendem ao Objetivo 1

1. Todos os enunciados a seguir dão conta da posição do sujeito falante em relação a seu interlocutor (comportamento alocutivo). As categorias modais de “injunção” e “interpelação” configuram uma *relação de superioridade* e as categorias de “petição” e “interrogação” configuram uma *relação de inferioridade* do locutor com relação ao interlocutor. Identifique essas categorias modais:

a) “Eu estou certo, não estou?”

b) “Você pode vir aqui?”

c) “Proibido fumar”

d) “Ei, você aí!”



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1151676>

2. Os enunciados (a) e (b), da questão anterior, são frases interrogativas. Por que, então, não classificamos esses enunciados como sendo todos exemplos da categoria modal de “interrogação”?

3. Aponte os papéis languageiros do locutor nos enunciados (c) e (d), da questão número 1.

4. As placas de sinalização com os enunciados “Silêncio!”, “Proibido fumar”, “Entre sem bater” etc. são exemplos de que categorial modal?

RESPOSTA COMENTADA

1. Em (a), a categorial modal é a “interrogação”; em (b), a “petição”; em (c), a “injunção” e, por último, em (d), a “interpelação”.

2. Os enunciados (a) e (b) se apresentam linguisticamente como interrogativas, mas, em cada um deles, são atribuídos ao locutor diferentes papéis languageiros. Em (a), o locutor faz uma interrogação (pergunta); em (b), uma petição (pedido).

3. Em (c), o locutor faz uma injunção (ordem) e, em (d), uma interpelação (apelo).

4. As placas de sinalização com os enunciados “Silêncio!”, “Proibido fumar”, “Entre sem bater” etc. são exemplos da categoria modal da “injunção”. O locutor estabelece, atribui ou impõe uma ação para ser realizada pelo interlocutor.

Continuando... veremos a segunda maneira pela qual o sujeito falante age na encenação comunicativa.

Segunda posição do sujeito falante em relação a si mesmo. O sujeito falante enuncia seu ponto de vista sobre o mundo sem que o interlocutor esteja implicado em sua tomada de posição > COMPORTAMENTO ELOCUTIVO

Nesse tipo de enunciação, o sujeito falante revela o seu ponto de vista sobre o mundo de maneira subjetiva.

Esse ponto de vista pode ser:

a) Ponto de vista do “modo de saber”, que determina como o locutor tem conhecimento de determinada coisa. É o que ocorre quando fazemos uma constatação ou quando demonstramos *saberlignorância* sobre algo.

Exs.:

“Percebo” que este carro está com problemas. (constatação)

Já “sei” o que foi decidido na reunião. (saber)

“Desconheço” o que foi decidido na reunião. (ignorância)

b) Ponto de vista da “avaliação”, que determina como o locutor julga determinado fato ou situação. É o que acontece quando damos uma opinião, ou fazemos uma apreciação sobre algo.

Exs.:

“Acho” que não devemos deixá-lo sozinho, já que seu quadro clínico se agravou. (opinião)

“Estou satisfeito” com seu trabalho. (apreciação)



c) Ponto de vista da “motivação”, que especifica a razão que leva o sujeito a realizar seu projeto de fala. É o que ocorre quando analisamos as motivações de nossos propósitos, tais como a *obrigação*, a *possibilidade* e o *querer*.

Exs.:

“Preciso” *ajudá-lo urgentemente*. (obrigação)

“Sou capaz” *de consertar esta torneira*. (possibilidade)

“Desejo” *que seja muito feliz*. (querer)

d) Ponto de vista do “engajamento”, que determina o grau de adesão ao projeto de fala do locutor. Realiza-se por meio da *promessa*, *aceitação/recusa*, *acordo/desacordo* e *declaração*.

Exs.:

“Juro” *dizer toda a verdade*. (promessa)

“Consinto” *que você saia com a minha filha*. (aceitação)

“Eu me oponho” *à realização deste casamento*. (recusa)

“Estou totalmente de acordo” *com essa parceria*. (acordo)

“De jeito nenhum. Não concordo” *com essa parceria*. (desacordo)

“Mostrarei” *o caminho que deve seguir*. (declaração)

e) Ponto de vista da “decisão”, que determina o tipo de decisão (*proclamação*) que o ato da enunciação realiza.

Exs.:

“Eu os declaro” *marido e mulher!* (proclamação)

“Bom, vamos começar” *esta sessão*. (proclamação)

As marcas linguísticas do *comportamento elocutivo*, que é centrado no próprio sujeito falante, são os pronomes de 1ª pessoa.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

5. Uma pessoa, ao ser entrevistada sobre a possibilidade de implantação da pena de morte no Brasil, respondeu:

Eu sei (a) que, para muitas pessoas, a pena de morte é uma forma de fazer justiça; para outras, mais um tipo de crime. Mas, *observo* (b) também que nem todas as pessoas têm uma opinião formada a respeito do assunto. Eu mesma *não sei* (c) se seria uma boa solução. *Acho uma pena* (d) pessoas inocentes morrerem, tendo em vista que há registros históricos de pessoas executadas injustamente, pois as provas de sua inocência evidenciaram-se após a sentença. Por outro lado, também *não concordo* (e) que bandidos continuem fazendo o que querem. *Gostaria* (f) muito de que a justiça atingisse os infratores com mais eficiência, sem que para isso fosse necessário condená-los à morte.

Na resposta, o falante (o entrevistado) revela explicitamente sua posição sobre o tema da pena de morte. É o chamado *comportamento elocutivo*. Identifique as categorias modais presentes no pequeno texto da entrevista lida.

RESPOSTA COMENTADA

5. “Eu sei (a: saber) que, para muitas pessoas, a pena de morte é uma forma de fazer justiça; para outras, mais um tipo de crime. Mas, observo (b: constatação) também, que nem todas as pessoas têm uma opinião formada a respeito do assunto. Eu mesma não sei (c: ignorância) se seria uma boa solução. Acho uma pena (d: apreciação) pessoas inocentes morrerem, tendo em vista que há registros históricos de pessoas executadas injustamente, pois as provas de sua inocência evidenciaram-se após a sentença. Por outro lado, também não concordo (e: discordância) que bandidos continuem fazendo o que querem. Gostaria (f: querer) muito de que a justiça atingisse os infratores com mais eficiência, sem que para isso fosse necessário condená-los à morte.”

E, agora, a terceira e última maneira pela qual o sujeito falante age na encenação comunicativa.

Terceira posição do sujeito falante em relação a um terceiro, ou seja, ao que lhe é exterior > COMPORTAMENTO DELOCUTIVO

O sujeito falante se apaga do seu ato de enunciação e não implica o seu interlocutor, retomando o que já foi dito por terceiros. Nesse caso, a enunciação é aparentemente objetiva, sem marcas da subjetividade do locutor e podem ocorrer dois casos:

ASSERÇÃO

Afirmação categórica.

a) O locutor diz como o mundo existe por meio de uma **ASSERÇÃO**.

Assim, a *asserção* é uma modalidade, isto é, uma categoria de língua do *ato delocutivo*, que não depende dos interlocutores da situação comunicativa. Caracteriza-se pela forma de apresentar a verdade de uma proposição, ou seja, *um modo de dizer*. Em “Paulo veio à aula”, é afirmada “a vinda de Paulo” e, em “Paulo não veio à aula”, é negada “a vinda de Paulo”. Nos dois exemplos, é enunciada uma verdade que não se fundamenta na existência de determinados elementos do conteúdo do enunciado, mas no acontecimento de discurso. A frase negativa também enuncia uma verdade.

b) O locutor relata “o que o outro diz e como diz”. É o caso do

DISCURSO RELATADO.

No discurso reportado (relatado), o enunciador toma por objeto outro ato de enunciação.

Ex.: “*Ele me*” *havia dito que...*

DISCURSO RELATADO

Também chamado de *discurso indireto*, é a incorporação de palavras e frases de uma terceira pessoa ao próprio discurso do narrador/locutor.

A fidelidade pode estar presente no discurso reportado, em graus diferentes, de acordo com uma intenção clara, ou não, da parte do relator. Por exemplo, o enunciado “Ele morreu”, ao ser reproduzido, pode ser alterado para “Ele foi assassinado”, no discurso reportado.

ATIVIDADES



Atendem ao Objetivo 3

6. A asserção é marcada por alguns adjetivos ou substantivos: “É bom que...”, “É uma tristeza que...”, e alguns advérbios: “provavelmente”, “evidentemente” etc., que introduzem algum tipo de modalização. Alguns advérbios, de acordo com o lugar que ocupam no enunciado, produzem diferentes efeitos de sentido. Explique a diferença entre as duas asserções a seguir:

a) *Ele trabalha “efetivamente”.*

b) *“Efetivamente”, ele trabalha!*

7. Nos enunciados a seguir, em qual ou quais os interlocutores estão apagados? Explique.

a) “Parece que ele não virá à reunião.”

b) “Parece-me que ele não virá à reunião.”

c) “Eu devo partir às cinco horas.”

d) “Devem ser cinco horas.”

8. Transforme os enunciados elocutivos em delocutivos, utilizando a modalidade “discurso reportado”.

a) “Meu carro está ruim.”

b) “Tenho aptidão intelectual suficiente para passar no concurso.”

RESPOSTA COMENTADA

6. Na asserção (a), o advérbio, no final, significa que a pessoa (ele) trabalha “direito, muito”. Já na asserção (b), ao colocar o advérbio no início, o sentido passa a ser de “realmente, de verdade”.

7. Nas expressões impessoais, a distinção entre delocutivo e elocutivo pode ser feita com o auxílio do pronome “me” que assinala a responsabilidade do locutor. Assim, em (a) e (d) os interlocutores estão apagados; logo, são enunciados delocutivos.

Já em (b) e (c), percebe-se a presença do locutor pelo emprego do pronome de 1ª pessoa “me”, em (b) e “eu”, em (c).

8. a) *Ele (ou ela) disse que o carro dele (ou dela) estava ruim.*
b) *Ele (ou ela) disse que tem aptidão suficiente para passar no concurso.*

Como vimos, no *comportamento delocutivo*, as marcas do locutor e do interlocutor estão apagadas e o propósito da enunciação se impõe por si mesmo por meio da asserção ou do *discurso relatado*, o que implica um efeito de objetividade.

Pode-se, também, apagar a presença do locutor num texto por meio da *impessoalização*.

A IMPESSOALIZAÇÃO DO TEXTO

Muitas vezes não queremos, ou não precisamos, revelar quem executou determinadas ações em nossos textos.

Assim, por exemplo, se quiser contar a alguém que troquei o estofamento do sofá e das poltronas da minha sala e que pintei as paredes da sala, eu poderia dizer simplesmente:

(1) *O sofá e as poltronas foram reformados, e as paredes foram pintadas.*

ou

(2) *Foi trocado o estofamento do sofá e das poltronas e foram pintadas as paredes da sala.*

Não haveria a menor necessidade e pareceria até muito estranho se eu escrevesse:

(3) *O estofador trocou o estofamento do sofá e das poltronas e o pintor pintou as paredes da minha sala.*

E isso porque, nesses casos, não há a menor necessidade de se explicitar o agente dessas ações.

Há situações em que não queremos mesmo revelar quem praticou uma determinada ação e usamos, então, o recurso da *impessoalização*.

Por exemplo, imaginemos uma situação em que dou por falta de alguma coisa na minha bolsa. Como não sei quem mexeu na bolsa e como não quero acusar injustamente qualquer pessoa, posso simplesmente dizer:

(4) *Mexeram na minha bolsa.*

Você deve ter reparado que usamos estruturas linguísticas diferentes para impessoalizar o agente nas frases (1) e (2), de um lado, e (4), de outro.

Nas frases (1) e (2), usamos a *voz passiva* e, na (4), a 3ª pessoa plural do verbo, *indeterminando o sujeito da oração*.

Vejamos, então, algumas estratégias linguísticas para indeterminar o sujeito.

Estratégias linguísticas para impessoalização do texto

Começemos pela voz passiva. Mas antes disso, é necessário recordar brevemente o que é a voz passiva.



As vozes do verbo

São três as vozes do verbo:

a) Na voz ativa, o sujeito pratica a ação expressa pelo verbo.

Ex.: O menino *quebrou* a vidraça.

b) Na voz passiva, o sujeito sofre a ação expressa pelo verbo.

Ex.: A vidraça *foi quebrada* pelo menino.

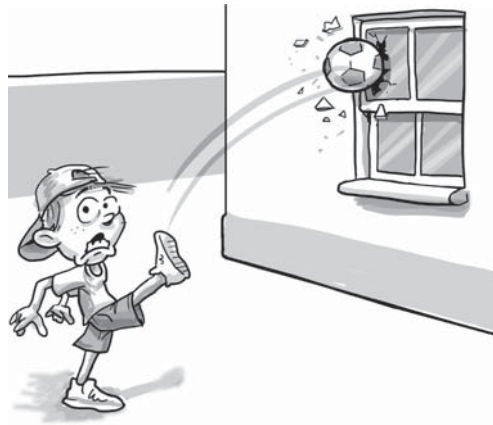
c) Na voz reflexiva, o sujeito pratica e sofre a ação expressa pelo verbo.

Ex.: O menino *se cortou*.

Vamos nos deter na voz ativa e na voz passiva, voltando aos exemplos (a) e (b):

(a) O menino *quebrou* a vidraça.

(b) A vidraça *foi quebrada* pelo menino.



Se você observar, a informação veiculada – a quebra da vidraça – é a mesma nos dois enunciados (a) e (b). O que as diferencia é o foco, ou seja, a *focalização* (você se lembra da focalização, elemento de coerência, que estudamos na Aula 10?).

Então, como íamos dizendo, passa-se a mesma informação nos enunciados (a) e (b), mas com foco diferente, isto é, com “mudança de perspectiva”:

Em *O menino quebrou a vidraça*, a cena é vista pela perspectiva do “menino” e, em *A vidraça foi quebrada pelo menino*, a informação é a mesma, mas desta feita, vista por outra perspectiva – a da quebra da vidraça.

Provavelmente, o dono da casa que teve a sua vidraça quebrada escolheria a 1ª versão, na voz ativa, para se queixar aos pais do menino infrator.

Perceber essa diferença de foco é muito importante quando estamos escrevendo um texto, pois poderemos escolher a partir de qual perspectiva vamos construir o nosso enunciado.

Em relação à voz passiva, é bom lembrar, ainda, que a passiva pode ser expressa de duas formas:

1ª com o auxílio do verbo SER + o particípio passado do verbo principal: Ex.: “foi quebrada”. Essa passiva se chama *passiva analítica*;

2ª com o auxílio do pronome “se” + o verbo da oração principal. Ex.: “quebrou-se”. Essa passiva se chama *sintética* ou *pronominal*.

Assim, poderíamos escrever a frase (b), que está na voz passiva, de duas formas:

(b1) *A vidraça foi quebrada pelo menino.* (Passiva analítica)

(b2) *Quebrou-se a vidraça.* (Passiva sintética ou pronominal)

Você pode observar que apenas em (b1) aparece o *agente da voz passiva*, ou seja, aquele que praticou a ação na voz passiva, já que sabemos que o sujeito, na voz passiva, é paciente, isto é, sofre a ação expressa pelo verbo.

No português moderno, o agente da passiva não aparece na voz passiva sintética (no português antigo, chamado *português arcaico*, esse agente podia aparecer na passiva sintética).

Em (b2), então, temos um caso de impessoalização.

É claro que podemos impessoalizar o texto em (b1), também: “*A vidraça foi quebrada.*” Tudo vai depender de nossa intenção: queremos, ou não queremos (ou podemos) revelar o agente?

Mas atenção!

Quando usamos a voz passiva sintética, o sujeito fica colocado depois do verbo: “*Quebrou-se a vidraça*” (“a vidraça” é o sujeito).

Se o sujeito estiver no plural – cuidado! – o verbo deverá ir para o plural, também: “*Quebraram-se vidraças.*”

Vamos, agora, organizar as estratégias linguísticas de impessoalização que aprendemos até agora:

1ª Voz passiva: analítica (sem agente da passiva explícito) e sintética;

2ª Indeterminação do sujeito

Uma 3ª estratégia poderia ser o emprego do infinitivo. Vejamos como isso acontece, tomando, de novo, o exemplo (1):

Reformar o sofá e as poltronas. Pintar as paredes.

Ou, ainda, o imperativo:

Reforme o sofá e as poltronas. Pinte as paredes.

Vamos completar o nosso quadro:



Estratégias linguísticas de impessoalização:

1ª Emprego da voz passiva: analítica (sem agente da passiva explícito) e sintética.

2ª Indeterminação do sujeito.

3ª Emprego do infinitivo.

4ª Emprego do imperativo.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 4

9. Construa quatro versões do texto seguinte.

A cozinheira cortou os legumes. Colocou-os na panela, na água fervente. Depois, ela acrescentou a carne e os temperos.

Na primeira versão, apague o agente e utilize a passiva com o verbo “ser”.

Na segunda, faça o mesmo, mas use a passiva com o pronome “se”.

Na terceira, use o infinitivo.

Na quarta, o imperativo.

RESPOSTA COMENTADA

1ª versão: Os legumes foram cortados e colocados na panela, na água fervente. Depois, foram acrescentados a carne e os temperos.

2ª versão: Cortaram-se e colocaram-se os legumes na panela, na água fervente. Depois, acrescentaram-se a carne e os temperos.

3ª versão: Cortar os legumes e colocá-los na panela, na água fervente.

4ª versão: Corte os legumes e coloque-os na panela. Depois acrescente a carne e os temperos. (Observe que as formas de impessoalização das respostas 3 e 4 – uso do infinitivo e do imperativo – são muito comuns num gênero textual bastante conhecido: o das receitas culinárias!).

CONCLUSÃO

Vimos, então, na aula de hoje, como o modo enunciativo atravessa os outros modos de organização do discurso, mostrando a posição do locutor no ato de comunicação, em relação ao interlocutor, a si mesmo e a terceiros. E um ponto muito importante, em nosso estudo de hoje, foi aprender estratégias para descartar o agente, ou seja, impessoalizar nossos textos quando assim o desejarmos.

Estamos chegando ao final desta aula e você já deve ter percebido que, ao produzir um texto, o locutor pode ou não se “colocar dentro do texto”, ou seja, “tomar partido de forma explícita”. Às vezes, para não se comprometer com a informação, prefere impessoalizar o texto.

Antes de terminarmos esta aula, faremos mais uma atividade.

ATIVIDADES FINAIS

Atendem aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

1. Apresentamos vários textos publicitários. Identifique a modalidade enunciativa (alocutiva, elocutiva ou delocutiva) de cada um.

a) “Resprin. E ponto final nos sintomas da gripe.”

Resprin

b) “Minha cozinha é Dell Anno” – Deborah Secco.

Dell Anno

c) “Sou Pró-Você. Sou Pró-Genérico.”

Medicamento Genérico

d) “É o fim da linha. Da linha de expressão, é claro.”

Imedeen

e) “Ninho fases. Agora você pode continuar dando Ninho para o seu filho por muito mais tempo.”

Ninho

2. Leia os versos seguintes:

“A terra é o chão
onde se planta a semente
e se cravam os pés
feito bandeira.
(...)”

Fonte: MURRAY, Roseana. O homem e os quatro elementos. In: *Caminhos da magia*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2001, p. 15.

“Não me convidaram
Pra essa festa pobre (...)
Não me sortearam
A garota do ‘Fantástico’
Não me subornaram
Será que é o meu fim
Ver TV a cores...”

Fonte: Cazuza (1998)

a) Nos versos apresentados, que recurso foi utilizado para impessoalizar cada texto?

b) Os dois textos apresentam o locutor em posições diferentes em relação ao interlocutor e ao que é dito. Como o locutor se posiciona em cada texto (ou seja, qual a modalidade enunciativa)?

RESPOSTA COMENTADA

1. (a) *Modalidade delocutiva.*
 (b) *Modalidade elocutiva.*
 (c) *Modalidade elocutiva.*
 (d) *Modalidade delocutiva.*
 (e) *Modalidade alocutiva.*

2. (a) *Os verbos em destaque do poema de Roseana Murray estão na voz passiva sintética, sem indicação do agente. Já os verbos destacados da letra da música cantada por Cazuza estão na 3ª pessoa do plural, indeterminando o sujeito. A intenção é generalizar a ideia sobre os responsáveis pela exclusão daquele que está falando.*
 (b) *No texto de Roseana Murray, a modalidade enunciativa é a delocutiva ("asserção"), tendo em vista que os interlocutores estão apagados. Já na letra da música de Cazuza, a modalidade enunciativa é a elocutiva, já que o sujeito falante enuncia seu ponto de vista, e as marcas linguísticas evidenciam a 1ª pessoa.*

RESUMO

O modo enunciativo ocupa uma posição especial dentre os modos de organização do discurso, já que "comanda" os outros. O *enunciativo* aponta para a maneira pela qual o sujeito falante age na encenação comunicativa e tem, portanto, uma função particular na organização do discurso, que é a de dar conta da maneira como o locutor se posiciona em relação ao interlocutor (*comportamento alocutivo*), em relação a si mesmo (*comportamento elocutivo*) e, em relação ao que lhe é exterior (*comportamento delocutivo*). No *comportamento delocutivo*, as marcas do locutor e do interlocutor estão apagadas. É comum apagarem-se as marcas do locutor, impessoalizando-se o texto. São estratégias de impessoalização o emprego da voz passiva (analítica e sintética), a indeterminação do sujeito, o emprego do infinitivo e do imperativo.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos analisar os usos da língua nas diversas situações de comunicação.

Registros de língua e situação de comunicação

*Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas*

AULA 25

Meta da aula

Analisar os registros de língua nas diversas situações comunicativas.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer que as línguas não são estáticas e que têm formas variáveis porque as sociedades são divididas em grupos;
2. distinguir as variantes diatópicas, diastráticas e diafásicas;
3. adequar o uso linguístico à situação comunicativa;
4. analisar os diferentes níveis em que ocorre a variação linguística (sons, morfologia, sintaxe e léxico);
5. reconhecer que as variantes linguísticas se manifestam tanto na escrita quanto na fala;
6. destacar características da língua oral em oposição às da língua escrita.

INTRODUÇÃO

Você já assistiu a alguma novela de época? Isto é, a alguma novela passada no início do século passado, ou ainda, num tempo um pouco anterior?

Se a sua resposta for positiva – e acreditamos que seja –, você já parou um instante para observar a linguagem, ou seja, a maneira de falar dos personagens? E isso envolve as gírias usadas na época, o vocabulário, a maneira de estruturar a frase, de pronunciar os sons etc.

Com certeza, você vai achar diferenças em relação à nossa língua atual.

E você sabe o porquê disso tudo? Isso ocorre exatamente porque as línguas não estão paradas. As línguas não são fenômenos estáticos. Elas variam no tempo e no espaço e é sobre essa variabilidade linguística que vamos conversar na aula de hoje.

A VARIAÇÃO NO TEMPO



Gianni Testore

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/852177>

Como estávamos dizendo, não precisamos voltar muito no tempo para encontrarmos diferenças entre o português que falamos hoje e o falado no século XIX, por exemplo. Imagine, então, as diferenças entre

o português atual e o falado na época do descobrimento? E temos de pensar mais longe ainda, porque a língua portuguesa já existia quando os portugueses chegaram ao Brasil...

Um pouco de história da língua...

O português, como também as outras línguas românicas (entre as quais, se podem citar o francês, o italiano, o espanhol, o romeno, o catalão), provêm de uma variedade do latim (idioma falado pelos romanos, daí, o nome “línguas românicas”), o chamado latim vulgar (popular), muito diferente do latim culto, chamado latim clássico. Foi esse latim popular que foi levado pelos romanos para a Península Ibérica (onde ficam Portugal e Espanha) e que, depois de muitos anos de história e de transformações linguísticas, foi trazido pelos portugueses para o Brasil. A língua portuguesa, no Brasil, sofreu outras influências, primeiro da língua *tupi*, língua dos indígenas que aqui habitavam e, mais tarde, com a chegada dos escravos, da influência africana.



Figura 25.1: Península Ibérica.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Iberian_map_europe.svg

Como se vê, a variação linguística é **INERENTE** ao fenômeno linguístico. Mas olhando a nossa língua da perspectiva atual, às vezes, temos dificuldade em acreditar que ela não está “parada”.

INERENTE

Ligado de modo íntimo e necessário; inseparável.

Como já dizia o grande linguista francês André Martinet (1978, p. 177):

Tudo conspira para convencer os indivíduos da imobilidade e homogeneidade da língua que praticam: a estabilidade da forma escrita, o conservadorismo da língua oficial e da língua literária e a incapacidade em que se encontram de lembrarem de como falavam há dez ou vinte anos.

Além disso, não devemos esquecer que as mudanças linguísticas são lentas, ou seja, não se dão de um dia para o outro.

As variações entre épocas distintas são chamadas de variantes diacrônicas. Chamamos arcaísmos aos termos que já estão em desuso em nossos dias, e neologismos, às novas criações.

Exemplo de um texto arcaico:

Fragmento de uma fábula (séculos XIII/XIV):

Comta-sse que hũa vez hu lobo avia gramde fame e achou carniça que auia muytos ossos (...).

[Conta-se que uma vez um lobo estava com muita fome e achou uma carniça que tinha muitos ossos. (...)]

Mas as línguas não variam somente no tempo, pois, se assim o fosse, como explicar que o latim vulgar tenha originado línguas diferentes, como o português, em face do italiano e do francês, todas essas línguas latinas ou românicas?

Isso ocorre porque as línguas variam também no espaço. As línguas variam, ainda, em função de outros fatores, que veremos a seguir.

VARIANTES DIATÓPICAS, DIASTRÁTICAS E DIAFÁSICAS

As línguas apresentam formas variáveis porque as sociedades estão divididas em grupos. Como já vimos, há as pessoas que habitam países diferentes e que, por isso mesmo, falam línguas diferentes. Há as pessoas que vivem no mesmo país, mas em regiões diferentes. Há, ainda, os que

são de uma ou outra classe social, os que têm esta ou aquela profissão; há o grupo dos mais jovens e o dos mais velhos, e por aí vai...

Cada um desses grupos apresenta variações na maneira de usar a sua língua materna, e essa determinada variedade linguística dá uma identidade a esses grupos.

Variantes diatópicas



Benjamin Earwicker

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/747124>



Luiz Baltar

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/493500>

As línguas podem, então, apresentar variações de região para região, ou seja, de lugar para lugar. Você já reparou como há variação nas falas, aqui mesmo, dentro do Brasil?

Quando alguém começa a falar, já sabemos se é carioca, paulista, baiano etc. ou até mesmo, português.

Costuma-se chamar as variações de uma região para outra de *variantes diatópicas*.

De região para região de um país, existem diferenças na maneira de falar, no vocabulário, em certas estruturas de frases e nos sentidos atribuídos a determinadas palavras e expressões. Por exemplo, “macaxeira”, no Norte e no Nordeste, é a conhecida “mandioca” ou o “aipim”, do Rio de Janeiro. Em algumas regiões brasileiras, é comum a utilização do pronome “tu”; em outras, não. No Maranhão, no Espírito Santo e no Rio Grande do Sul, uma pessoa diria o seguinte: “Tu já terminaste o trabalho?” Na maioria dos outros estados, a mesma frase seria dita da seguinte forma: “Você já terminou o trabalho”? São essas “diferenças” na língua que chamamos de variação diatópica.

Veja o trecho seguinte, em que **ANTÔNIO GONÇALVES DA SILVA**, mais conhecido como Patativa do Assaré, manifesta características do falar nordestino.

**ANTÔNIO
GONÇALVES DA
SILVA**

Mais conhecido como Patativa do Assaré (Assaré, Ceará, 5 de março de 1909 – 8 de julho de 2002), foi um poeta popular, compositor, cantor e improvisador brasileiro.

(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Patativa_do_Assar%C3%A9)

MUCUNZÁ

No Ceará, é um prato cozido de milho branco.

Cante lá, que eu canto cá

Poeta, cantô da rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

(...)

Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele morá,
Tê armoço de feijão

E a janta de **MUCUNZÁ**,
Vivê pobre, sem dinhêro,
Trabaiando o dia intêro,
Socado dentro do mato,

(...)

(ASSARÉ, 2003)

Além da variação diatópica, como dissemos há pouco, a fala das pessoas também varia segundo o seu grau de instrução, segundo a sua posição social etc.

Variantes diastráticas

As variantes de um grupo social para outro chamam-se *variantes diastráticas*. Incluem-se nesse tipo, as gírias, os **JARGÕES**, a linguagem dos jovens, dos velhos, das mulheres, dos homens, dos médicos etc.

Assim, pessoas que exercem uma mesma atividade, ao se comunicarem, costumam empregar termos técnicos, próprios da profissão. Por exemplo, um médico diz: “**CARDIOPATIAS CONGÊNITAS**”, “**INSUFICIÊNCIA CORONARIANA**”, “**CEFALEIA**” etc. Para uma pessoa que não exerce a mesma atividade profissional, a compreensão fica comprometida.

Da mesma forma, se você pergunta a um jovem o que significam expressões ou vocábulos, tais como (a) “dar uma força”, (b) “ficante” e (c) “azarar”, provavelmente, ele não terá dificuldades em responder que significam, respectivamente, (a) encorajar, ajudar; (b) o rapaz ou moça que “fica”, que tem uma relação afetiva sem compromisso, passageira; (c) cortejar. Uma pessoa mais velha terá mais dificuldades para reconhecer o significado dessas gírias. Essas variações provocadas pelo uso que diferentes grupos fazem da língua são chamadas de *variação diastrática*.



Justyna Furmanczyk

Figura 25.2: A diferença entre a linguagem de adultos e jovens também constitui uma variante diastrática.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/481932>

JARGÃO

Linguagem própria de certos grupos profissionais.

CARDIOPATIA CONGÊNITA

Alteração no desenvolvimento embrionário de uma estrutura cardíaca normal. As alterações do fluxo sanguíneo, resultantes desta falha, podem influenciar o desenvolvimento estrutural e funcional do restante do sistema circulatório. (Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cardiopat%C3%AAnita>)

INSUFICIÊNCIA CORONARIANA

Coronária é a artéria que leva sangue para o músculo cardíaco. Se há alguma obstrução ao fluxo, ocorre insuficiência coronariana.

CEFALEIA

É o termo médico para dor de cabeça.

Variantes diafásicas

E, por último, existem as variantes provocadas pela forma como as pessoas se expressam em diferentes situações de comunicação.

Se as variantes marcarem as diferenças de uma situação de comunicação para outra, como, por exemplo, situações que exigem uma linguagem mais formal e outras, que permitem uma linguagem mais coloquial etc., diremos que estamos considerando as *variantes diafásicas*.

Por exemplo, não é adequado, um senador, em uma sessão do Congresso, dirigir-se a outro senador da seguinte forma: “Tá na cara que você tá querendo enrolar a gente.” Espera-se que, um senador, numa sessão do congresso, utilize a norma culta da linguagem, ou seja, adeque a sua linguagem à situação formal de comunicação. Ele poderia ou deveria dizer: “É evidente que Vossa Excelência está querendo ludibriar todos” ou “É inquestionável que Vossa Excelência está tentando enganar a todos nós.”

Acabamos de ver que as línguas apresentam formas variáveis porque as sociedades estão divididas em grupos. Por isso, existem as variantes *diatópicas*, *diastráticas* e *diafásicas*. Você achou esses nomes um pouco esquisitos? Bem, se soubermos a sua origem, isto é, a sua etimologia, poderemos compreender melhor o sentido dessas palavras. Esses nomes – as variantes *diatópicas*, *diastráticas* e *diafásicas* – foram usados por um linguista romeno, de grande projeção, chamado Eugenio Coseriu. Eles são formados a partir do prefixo grego – *dia* – que quer dizer “através de”. Assim, *diatópica* significa, literalmente, “através do lugar”, já que *topos* é lugar em grego. *Diastrática*, por sua vez, “através dos estratos sociais”, e *diafásica*, “através de fases, situações”. Há ainda a variante *diacrônica*. Se *chronos* é “tempo”, em grego, é fácil saber o porquê do nome. Não acha? Ficou mais fácil agora?

ADEQUAÇÃO DO USO DA LINGUAGEM À SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

O uso da linguagem pode ser comparado ao uso da roupa.

Você vai a uma solenidade de formatura de camiseta, bermuda e sandália havaiana? Ou, ao contrário, você vai à praia de terno e gravata?



Figura 25.3: Já imaginou ir a uma formatura de bermuda e chinelo?!

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/660438>

Decerto que não. Mas não há nada de errado com a roupa. Deve-se pensar, isso sim, na adequação da roupa à situação.

ADEQUAÇÃO, então, é a “palavra-chave”.

Dessa forma, o conceito de “certo” ou “errado” em relação ao uso linguístico deve ser substituído pelo de ADEQUADO ou NÃO ADEQUADO. É tão inadequado usar palavras formais numa conversa de bar entre amigos (como, por exemplo, nesse fragmento de conversa: “eu concordo com o senhor, sobretudo, quando relata o fato ocorrido...”) quanto usar gírias e expressões muito coloquiais (por exemplo: “valeu, bicho!”) numa entrevista de emprego.

Os interlocutores devem, portanto, “ajustar-se” à situação de comunicação, desempenhando os “papéis” esperados para aquela determinada situação. Por exemplo, numa “situação de aula”, espera-se que o professor assuma determinados papéis: explique, interrogue, anime, dê comandos, avalie e tudo isso, por meio de uma linguagem adequada a essa situação. Não seria adequado, por exemplo, o professor empregar gírias de uso vulgar.

ATIVIDADES



RANGO

É uma gíria, equivalente à comida.

Atendem aos Objetivos 1, 2 e 3

1. Imagine as seguintes situações:

Um professor português muda-se para o Brasil e começa a lecionar em um colégio no Recife. Logo na primeira semana, foi chamado pela direção, porque um pai reclamou que ele havia ofendido a filha. É que ele chamara a menina de rapariga, sem saber que, no Nordeste do Brasil, rapariga significa prostituta.

a) Com que significado o professor português pretendeu utilizar a palavra rapariga ao falar com a aluna?

b) Que tipo de variação linguística gerou o problema? Justifique.

Um professor universitário, em um congresso internacional, expressa-se da seguinte forma: “Se a gente não resolve as coisas como têm que ser, a gente corre o risco de ter, num futuro próximo, pouco RANGO nos lares brasileiros. A inflação deve ser contida. A gente deve buscar um Brasil mais justo.”

c) A fala do professor é adequada à situação de comunicação – congresso internacional? Explique.

d) Que variante não foi levada em consideração pelo professor?

2. O trecho a seguir foi extraído de uma crônica em que mãe e filho conversam sobre o presente que ele pretendia lhe dar no Dia das Mães.



"(...)

- Posso escolher meu presente do Dia das Mães, meu fofinho?
 - Não, mãe. Perde a graça. Este ano, a senhora vai ver. Compro um barato.
 - Barato? Admito que você compre uma lembrancinha barata, mas não diga isso a sua mãe. É fazer pouco-caso de mim.
 - Ih, mãe, a senhora está por fora mil anos. Não sabe que barato é o melhor que tem, é um barato!
 - Deixe eu escolher, deixe...
 - Mãe é ruim de escolha. Olha aquele *blazer* furado que a senhora me deu no Natal!
 - Seu porcaria, tem coragem de dizer que sua mãe lhe deu um *blazer* furado?
 - Víu? Não sabe nem o que é furado? Aquela cor já era, mãe, já era! (...)"
- (ANDRADE, 1988)

No texto anterior, Drummond se apoia em uma variação linguística para produzir humor. Qual é essa variação? Justifique.

RESPOSTA COMENTADA

1. a) Ao chamar a aluna de "rapariga", o professor queria dizer "jovem, moça, garota, mocinha, senhorita".

b) Em Portugal, a palavra “rapariga”, diferentemente do que acontece no Brasil, é usada para designar uma jovem, uma mulher. O equívoco foi ocasionado por causa de uma variante diatópica.

c) A fala do professor é inadequada à situação de comunicação. Em um congresso universitário, espera-se que o professor utilize uma linguagem mais formal.

d) O professor não levou em consideração as variantes diafásicas. Tais variantes marcam as diferenças de uma situação de comunicação para outra, ou seja, determinadas situações exigem uma linguagem mais formal, como um congresso universitário; outras permitem uma linguagem mais coloquial, como uma conversa entre dois amigos.

2. Drummond se apoia na variação diastrática para criar uma situação humorística. O filho emprega expressões de gíria, e a mãe as entende em seu sentido literal, denotativo. Ele usa “um barato” com sentido de “interessante, atual”, mas a mãe entende como “de pouco valor”; ele emprega “furado” no sentido de “inadequado; que não agradou”, mas a mãe entende como “com furos”.

É na pronúncia e no vocabulário que percebemos mais nitidamente as variações linguísticas. No entanto, a variação pode ocorrer em qualquer nível da língua.

SIBILANTE

Nome dado, às vezes, ao /s/ e ao /z/, porque a articulação desses fonemas produz ruído semelhante ao silvo (som produzido pela cobra) ou assobio.

CONSOANTE LATERAL

São as consoantes pronunciadas ao fazer passar a corrente de ar nos dois cantos da boca ao lado da língua. Em português, são laterais apenas as consoantes “l” e “lh”.
(Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fonema>)

NÍVEIS EM QUE OCORRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A variação ocorre em todos os níveis da língua: nível dos sons, da morfologia, da sintaxe e do vocabulário. Vamos dar apenas alguns exemplos em cada nível.

No nível dos sons

- A pronúncia do “s” para os cariocas é chiada, ao contrário da dos paulistas, que pronunciam o “s” como **SIBILANTE**;
- O “l” no final de sílaba é pronunciado como um “u” em todo o Brasil, com exceção dos gaúchos, que o pronunciam como **CONSOANTE LATERAL** mesmo;

- A pronúncia de nomes proparoxítonos como se fossem paroxítonos, como por exemplo, “abobra”, em vez de abóbora”; “xicra”, em vez de “xícara” etc.

No nível da MORFOLOGIA

- A conjugação de certos verbos irregulares: muitas vezes, os verbos irregulares são conjugados, por **ANALOGIA**, como os regulares. Ex.: “se eu pôr”, quando deveria ser “se eu puser”; “ele manteu”, quando deveria ser “ele manteve” etc.

MORFOLOGIA

Estudo da formação e flexão das palavras.

ANALOGIA

Relação de semelhança.

No nível da SINTAXE

- Os desvios de concordância verbal e nominal: em certas situações, em registros de pessoas menos escolarizadas, não se realiza a concordância verbal e nominal. Nesses casos, são comuns construções como “o pessoal foram”, “a gente fizemos”, “eles brigou muito” etc.;
- Os desvios de regência verbal: são comuns, também, como “ela namora com João” (resultante da confusão entre o verbo “namorar”, que não pede preposição “com” e o verbo “casar”, que se constrói com a preposição: “casou com João”).

SINTAXE

Parte da gramática que estuda a estruturação das palavras na frase, e das orações no discurso.

No nível do vocabulário

Ocorre variação, por exemplo, de região para região: no Rio de Janeiro se diz “tangerina”, já no Nordeste é “mexerica” e, no Sul, “bergamota”. Outro exemplo: no português do Brasil, dizemos o “mouse” (linguagem da informática) do meu computador; em Portugal, diz-se “rato” etc.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 4

3. Acabamos de estudar que a variação ocorre em todos os níveis da língua: nível dos sons, da morfologia, da sintaxe e do vocabulário. Observe os exemplos a seguir e identifique não só o tipo de variação, bem como em que nível da língua ocorre.

a) Uma pessoa pronuncia: “sustança” por “substância”, “incelença” por “excelência” e “bicicreta” por “bicicleta”.

b) Conversa entre dois amigos: um fala “presunto” no lugar de “corpo de pessoa assassinada”.

c) “A gente fomos junto ao cinema.”

d) Conversa entre dois adolescentes, em que um diz para o outro: “Ei, bicho! Estou azarando uma mina legal!”

e) Um gaúcho diz: “Meu pai atravessou a sinaleira e pechou.”

f) Um vendedor ambulante diz para o outro: “Se eu manter você na barraca, vou ficar sempre com prejuízo.”

RESPOSTA COMENTADA

3. a) Variação diastrática no nível dos sons. Em “sustança” ocorre a monotongação do ditongo crescente em posição final (o ditongo “ia” é reduzido à vogal “a”) e a eliminação da consoante muda; em “incelença” ocorre a nasalização da vogal átona inicial e também a monotongação do ditongo final. Já em “bicicreta” ocorre a troca do “l” pelo “r”.

b) Variação diafásica no nível do vocabulário: termos muito coloquiais empregados em situação descontraída.

c) Variação diastrática no nível da sintaxe, muito frequente em pessoas com baixo nível de escolaridade. O correto seria: “A gente foi junto ao cinema” ou “Nós fomos juntos ao cinema”.

d) Variação diafásica no nível do vocabulário, pelo uso de gírias, em uma situação descontraída.

e) Variação diatópica no nível do vocabulário. No Sul, “sinaleira” é o semáforo (ou “sinal”, muito usado no Rio de Janeiro) e “pechar” é bater.

f) Variação diastrática no nível da morfologia: “se eu manter você”. O correto seria “se eu mantiver você”.

As variedades linguísticas que acabamos de estudar se manifestam tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita.

A FALA E A ESCRITA

As relações entre fala e escrita não podem ser tratadas de maneira estanque, como se cada uma fosse colocada num compartimento e analisada isoladamente.

Se, por um lado, a proximidade entre a fala e a escrita pode ser muito estreita, por outro, a distância pode ser mais marcada, ou seja, podemos nos comunicar tanto por meio da fala quanto da escrita, o que não quer dizer que fala e escrita sejam sempre intercambiáveis. Assim, ao falarmos com um colega de classe, ou em família, temos o hábito de não pronunciar o “r” final dos verbos no infinito ou, ainda, de abreviar as palavras, dizendo, por exemplo: “Preciso *estudá pro concurso*.” Ao passarmos para a língua escrita, numa prova, por exemplo, já procederíamos de outra forma, usando a língua escrita de acordo com a norma culta. Dessa forma, essas relações devem ser analisadas, segundo o professor Marcuschi (2001, p. 10), “dentro de um quadro mais amplo no contexto das práticas comunicativas e dos gêneros textuais”.

É preciso considerar algumas distinções entre a fala e a escrita. Uma primeira diferença é que, na fala, o texto é recebido à medida que é produzido; ao contrário da escrita, em que o texto só é lido depois de estar pronto. Dessa primeira diferença decorrem outras:

1ª) Podemos planejar o texto escrito, enquanto o texto falado tem planejamento e execução simultâneos, daí as pausas, as repetições, as hesitações, características da fala.

2ª) Podemos alternar os papéis de falante e ouvinte, no texto falado, e considerar, ainda, que o ouvinte pode interromper o fluxo da conversa, tomando a palavra, havendo, assim, um envolvimento maior de um interlocutor no texto do outro. No texto escrito, mesmo que se queira criar um diálogo, não será um diálogo em tempo real, mas uma simulação do diálogo.

3ª) Construimos textos com períodos mais curtos e menos orações subordinadas no texto falado, ao contrário do texto escrito, em que – por haver possibilidade de refletir antes de escrever – ocorrem períodos mais bem elaborados e complexos.

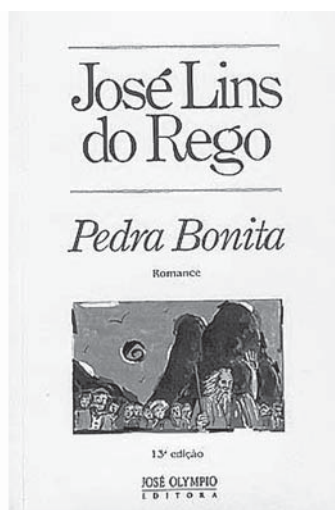
A reprodução da língua falada é um recurso também explorado pela literatura, tendo em vista que confere mais vida ao texto.

Observe, no trecho seguinte, algumas das características da língua falada, como o uso de gírias (“bicho de mulher”, “se pegando nas danças”...) e de expressões populares e regionais (“andar por aí atrás das outras”, “novilho capado”).

– Menino, eu nada disto sei dizer. A outro eu não falava, mas a ti eu digo. Eu não sei que gosto tem esse bicho de mulher. Eu vi Aparício se pegando nas danças, andar por aí atrás das outras, contar histórias de namoro. E eu nada. Pensei que fosse doença, e quem sabe não é? Cantador assim como eu, Bentinho, é mesmo que novilho capado. Tenho desgosto. A voz de Domício era de quem falava para se confessar:

– Desgosto eu tenho, pra que negar?

(REGO, 1999)



ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 5 e 6

4. a) O texto seguinte é a transcrição da fala de uma pessoa. Tente reescrevê-lo, fazendo as adaptações necessárias para que fique o mais próximo possível de um texto escrito.

Bem, eu tava ali, no ponto... no ponto, esperando o ônibus e aí... aí u home chegô e gritou assalto, assalto, perdeu tudo, se deu mal. Eu fiquei desesperada, né! Quem tava ali... ali no ponto... correu. Não ficô ninguém. Você sabe, né? É mermo horrível. Ah... eu acho que tem de ter mais policiamento nas ruas. Aí, eu talvez não teria passado por isso. É triste perder o pouco que a gente tem.

b) As variantes linguísticas se manifestam tanto na escrita quanto na fala. Observe que, no texto acima, a pessoa fala "tava", "home", "chegô" e "mermo". De qual tipo de variação se trata?

RESPOSTA COMENTADA

4. a) *Eu estava no ponto de ônibus, quando chegou um homem gritando: "Assalto! Assalto! Perdeu tudo! Se deu mal!" Eu fiquei desesperada. É horrível! As pessoas que também estavam no ponto correram. Não ficou ninguém. É mesmo horrível. É preciso ter mais policiamento nas ruas. Se tivesse, talvez eu não passasse por essa situação, pois é triste perder o pouco que temos.*

b) *A fala das pessoas varia segundo o seu grau de instrução, segundo a sua posição social. Assim, no texto, a pessoa fala "tava", "home", "chegô" e "mermo". Trata-se de variação diastrática no nível dos sons.*

CONCLUSÃO

Vimos, na aula de hoje, que as línguas variam de região para região, de grupo social para grupo social e de situação para situação. Todos esses fatores se articulam, tornando ainda mais complexo o fenômeno da variação. Por exemplo, dentro do falar carioca, podemos identificar uma

variante culta e uma variante popular e, dentro dessa variante popular, um falar formal e um informal. E o mais importante disso tudo é que não existe uma variante melhor do que a outra. Não se pode falar que haja um padrão de linguagem superior. Temos de pensar em “variante adequada” ou “variante inadequada” à situação de comunicação, a qual irá indicar a variedade que se ajusta melhor à situação concreta. E você, ao escrever seus textos e ao se comunicar na sua vida diária, deve ficar atento à variação para escolher o uso adequado a cada situação comunicativa.

Para finalizar, vamos realizar mais uma atividade.

TOADA

Tom, som de instrumentos ou vozes; qualquer cantiga de melodia simples e monótona.

REGATÃO

Vendedor que usa barco para percorrer uma região.

ALVARENGA

Canoa, pequena embarcação.

MORCEGAR

Tirar partido, explorar ou saltar de/ tomar um veículo em movimento.

CAJARANA

Nome de uma árvore e de um fruto.

PUPUNHA

Fruto da pupunheira.

CARAPANÃ

Nome dado aos mosquitos sugadores de sangue, em algumas regiões do Brasil. São conhecidos em outros estados como muriçoca, pernilongo, sovela ou mosquito-prego.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 2, 4, 5 e 6

Leia um pequeno trecho de uma crônica de Wilson Liberato.

Nossa língua brasileira

Fui dar um passeio em Rondônia. Lá pelas tantas, comecei a perceber que não estava entendendo a conversa do povo. Eu, que falo português do centro-oeste mineiro, achei **TOADA** na fala da região. Cheguei numa beira de porto e pus sentido na prosa em redor. Decorei alguma coisa, que divido agora com o leitor. (...) Eis meu relato:

O **REGATÃO** saltou do **ALVARENGA** onde estava **MORCEGANDO** e berrou:

– Açaí, **CAJARANA**, cupuaçu e **PUPUNHA**! Loção contra **CARAPANÃ**, **MUCUIM**, **MUTUCA** e **PIUM**. Vai levar, patrão? (...)

Procurei um táxi, mas desanimei ao ouvir o informante dizer:

– Aqui, **BK** é só pra quem tá **BAMBURRADO**. Tu tá?

E saiu rindo, apontando para mim e falando:

– **BRABO** aqui vai de **CATRAIA**! (...)

Logo que pude, abri buraqueira (fugi) para não ser forçado a fazer uso de uma assistência (ambulância) com destino a um hospício; nem para ser submetido a um baculejo (revista policial). Claro! Do jeito que fiquei, talvez pensassem que eu estava bodado (maluco) (...). Logo eu, que sou tão virado (trabalhador)!

É uma faceta (epa!) da nossa língua... brasileira ou portuguesa? (LIBERATO, 2000).



Figura 25.4: Pupunha.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pupunha>

1. No texto, o autor emprega várias palavras e expressões próprias de Rondônia. Essas palavras e expressões são exemplos de qual variedade linguística? Justifique.

2. No relato do narrador do texto, são transcritas algumas falas de pessoas que vivem em Rondônia. Observe: “– Aqui, BK é só pra quem tá bamburrado. Tu tá?”. Destaque desse exemplo alguma característica da língua oral.

MUCUIM (ou MICUIM)

Também conhecido como carrapato-pólvora, é a larva do carrapato-estrela, espécie nativa do Brasil e muito comum nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Na natureza, é encontrada em animais silvestres, em especial, na anta e na capivara.

MUTUCA

Também conhecida por botuca, é uma espécie de mosca grande.

PIUM

Também conhecido por borrachudo, é um inseto minúsculo que voa em grupo e cobre a vítima de picadas doloridas. As picadas incham, demoram para cicatrizar e deixam marcas duradouras na pele.

BK

Táxi.

BAMBURRADO

De bamburrar, fazer fortuna repentina no garimpo. No texto significa que, em Rondônia, só as pessoas que têm (bastante) dinheiro usam táxi.

BRABO

Pobre, trabalhador sem dinheiro.

CATRAIA

Canoa, pequena embarcação.

3. Quando o falante diz “tu tá” no lugar de “você está”, mostra que a linguagem também varia segundo o grau de instrução e a posição social de uma pessoa. De qual variação linguística estamos falando?

4. A situação de comunicação em que os fatos se desenrolaram permite que o texto seja escrito em uma linguagem mais coloquial. Como se chamam as variantes que marcam as diferenças de uma situação de comunicação para outra? Justifique com exemplos do texto.

RESPOSTA COMENTADA

1. São exemplos de variedade diatópica no nível do vocabulário. Como o autor informa, trata-se de palavras e expressões utilizadas por falantes de um determinado lugar do Brasil (Rondônia).
2. No relato do narrador do texto, são transcritas algumas falas de pessoas que vivem em Rondônia. Observe: “– Aqui, BK é só pra quem tá bamburrado. Tu tá?”. Nesse exemplo, percebe-se o uso de expressão regional “bamburrado” e abreviação de palavras: “pra” no lugar de “para” e “tá” no lugar de “está”.
3. Quando o falante diz “tu tá” no lugar de “você está”, mostra que a linguagem também varia segundo o grau de instrução e posição social de uma pessoa. Trata-se da variação diastrática, pois em “tu tá” ocorre mistura de tratamento: “tu – 2ª pessoa do singular” e “tá – abreviação de está – verbo na 3ª pessoa do singular”.
4. As variantes que marcam as diferenças de uma situação de comunicação para outra são as variantes diafásicas. Podemos citar como exemplo, dentre outros, algumas expressões utilizadas no texto: “Lá pelas tantas”, “Logo eu, que sou tão virado”, “É uma faceta (epa!) da nossa língua”.

RESUMO

As línguas não são fenômenos estáticos. Elas variam no tempo e no espaço. As variações entre épocas distintas são chamadas de *variantes diacrônicas*. As línguas apresentam formas variáveis porque as sociedades estão divididas em grupos.

Cada um desses grupos apresenta variações na maneira de usar a sua língua materna, e essa variedade linguística dá uma identidade a esses grupos. As variações de região para região chamam-se *variantes diatópicas*; as variações de um grupo social para outro chamam-se *variantes diastráticas* e as variações de uma situação para outra chamam-se *variantes diafásicas*. A variação ocorre em todos os níveis da língua (nível dos sons, da morfologia, da sintaxe e do vocabulário) e as variedades linguísticas se manifestam tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita. Não existe uma variante melhor, ou pior do que a outra. A situação de comunicação é que irá indicar a variedade que se ajusta melhor à situação concreta.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na nossa próxima aula, vamos começar a trabalhar com a estruturação do texto escrito a partir da conceituação do que é uma frase, uma oração, um período e um parágrafo. Até lá!

Estruturação do texto escrito: conceituação de frase, oração, período e parágrafo

Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas

AULA

26

Meta da aula

Apresentar como se estrutura o parágrafo escrito na composição do texto.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. distinguir *ato de fala*, *frase*, *oração* e *período*;
2. identificar *frase de situação* e *frase nominal*;
3. reconhecer quando há necessidade da mudança de parágrafo para a expressão de ideias diferentes ou relevantes;
4. identificar mecanismos que contribuem para dar relevo às ideias (colocação e ênfase).

INTRODUÇÃO

O texto escrito estrutura-se a partir de frases e de orações, que se organizam em períodos, que constituem os parágrafos, que irão formar os capítulos etc., em torno de unidades de sentido.

É sobre essa composição/organização textual que conversaremos na aula de hoje.



Abdulaziz Almansour

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1276682>

O ATO DE FALA, A FRASE

Quando nos dirigimos a alguém, somos sempre movidos por uma intenção. Por exemplo, quando uma pessoa faz uma pergunta como “Você sabe onde fica o ponto de ônibus mais próximo?”, não espera um “sim” ou um “não”, “sei” ou “não sei” como resposta, mas espera que você indique onde fica o ponto de ônibus. Vimos isso, ao estudarmos a *intencionalidade* – um dos fatores pragmáticos da textualidade (ver Aulas 2 e 3).

Assim, nas interações sociais, somos sempre movidos por intenções: pedir ou dar informações; pedir desculpas; agradecer; elogiar; censurar; dar uma ordem; fazer uma promessa; fazer uma ameaça; iniciar, dar continuidade ou encerrar uma conversa etc. Esse comportamento verbal, por meio do qual “fazemos alguma coisa”, expressando nossa intenção, simplesmente falando, chama-se “ato de fala” (do inglês, *speech act*).

A “teoria dos atos de fala” iniciou-se com os trabalhos do filósofo britânico John L. Austin (1911-1960) e, depois, foi levada adiante por John Searle (1932-), professor americano da Universidade de Berkeley, na Califórnia. Segundo esses estudiosos, pode-se agir por meio da linguagem. A publicação (póstuma), em 1962, da obra de Austin – *How to do things with words* (livro que reúne doze conferências pronunciadas em 1955 pelo filósofo inglês na Universidade de Harvard) – constitui o verdadeiro início dessa teoria.



Figura 26.1: John L. Austin.

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:JLAustin.jpg>



Figura 26.2: John Searle.

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:John_searle2.jpg

O nome “ato de fala” revela, então, que, muitas vezes, ao falar, já estamos agindo, como, por exemplo, quando se diz: “Eu vos declaro marido e mulher”. Na verdade, ao dizer essa frase, o padre está consumando o matrimônio, e só ele tem legitimidade para fazê-lo. Assim, esses atos não são meras descrições, narrações ou argumentações, eles produzem ações.

E os *atos de fala* se expressam por meio de frases.

GRAMATICALIDADE

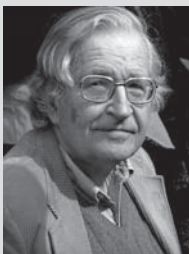
Correção gramatical, aquilo que é correto segundo a gramática normativa.



Frase é todo enunciado capaz de estabelecer comunicação; é a unidade mínima da comunicação.

NOAM CHOMSKY

Linguista norte-americano, criador da chamada Gramática Gerativa Transformacional, teoria em que a linguagem é conceitualizada como uma propriedade inata do cérebro/mente humanos (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Noam_Chomsky).



Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Chomsky.jpg>

A parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se organizam em frases se chama **SINTAXE**.

Não basta agrupar as palavras para se ter uma frase. Para tal, há necessidade de um mínimo de **GRAMATICALIDADE**.

Mas isso não significa, apenas, correção gramatical. É preciso que o agrupamento de palavras seja inteligível, para que se constitua uma frase. A esse respeito, vale lembrar a célebre “frase” de **CHOMSKY**:

“Incolores ideias verdes dormem furiosamente.” (*Colorless green ideas sleep furiously.*)

Nesse caso, vemos que o enunciado apresenta gramaticalidade (ordenação das palavras, concordância verbal etc.), mas é um enunciado ininteligível, pela incompatibilidade semântica de seus elementos. Apenas num plano poético, ou metafórico, faria sentido.

Com isso, percebemos que não basta que a frase seja gramatical para que seja inteligível. Ela precisa apresentar outras características, dentre as quais se destacam:

- Ausência de ambiguidades (sobre a ambiguidade, rever Aula 13).
- Ausência de **TAUTOLOGIAS**.
- Ausência de contradições.
- Emprego adequado de conectores na conexão interfrástica (rever Aula 6).

TAUTOLOGIA

Repetição da mesma ideia por meio de palavras diferentes. Ex. *João ficou desempregado porque perdeu o emprego.*

As frases, portanto, prestam-se a várias atitudes comunicativas. Podem indicar uma ação (“Paulo chegou atrasado.”), ou expressar nossas intenções (“Quero descansar no fim de semana.”) por meio dos atos de fala. Podem, ainda, exteriorizar nossas emoções (“Socorro!”, “Que horror!”).

Já vimos o que é uma frase e quais características deve apresentar. Agora, analisaremos a constituição de uma frase e veremos o que são frases nominais e frases de situação.

CONSTITUIÇÃO DA FRASE

As frases podem ser constituídas por uma só palavra ou por várias; podem ser formadas com ou sem verbo. Vejamos:

a) Constituídas de uma só palavra.

Exs.:

(1) “Atenção!”

(2) “Amanheceu.”

b) Constituídas de várias palavras, com verbo ou sem verbo.

Exs.:

(1) “Vou aproveitar esse lindo dia!” (com verbo: “aproveitar”)

(2) “Que dia lindo!” (sem verbo)

A frase sem verbo, constituída só de nomes, chama-se frase nominal.

FRASES NOMINAIS E FRASES DE SITUAÇÃO OU DE CONTEXTO

As *frases nominais* – formadas que são apenas por nomes (substantivo, adjetivo e pronome) – são muito usadas nos provérbios populares. Ex.: “*Dia de muito, véspera de nada.*” Servem também ao propósito dos textos descritivos, quando se quer explicitar detalhes, como vimos, na Aula 21.

Ex.:

(1) “Tempo claro a parcialmente nublado, com chuva isolada no final do dia.” (informação sobre o tempo)

(2) “Cada macaco no seu galho.” (provérbio)

As *frases de situação*, também chamadas de *frases de contexto* – formadas apenas por nomes ou por nomes e verbos – só ganham significado com o auxílio do contexto, da situação em que estão inseridas. Estão nesse caso as advertências (“Cuidado!”), alguns anúncios (“Ovos frescos.”), um juízo (“Ladrão!”), as saudações (“Boa tarde!”), uma exclamação (“Psiu!”) etc.

Depois de estudarmos o que são frases nominais e de situação, veremos que as frases, segundo a finalidade de quem fala ou escreve, podem ser de cinco tipos.

MODALIDADES DE FRASE

A frase é sempre acompanhada de uma entoação, de uma melodia. Se a frase tem verbo, a entoação marca o fim do enunciado. Se a frase não tem verbo, a entoação é a única marca por meio da qual se pode reconhecer a frase. Por exemplo, uma frase de situação, como “Silêncio!”, sem a entoação, seria uma simples palavra, sem nenhum valor significativo.

Segundo a finalidade de quem fala ou escreve, as frases podem ser de cinco tipos:

a) *frase declarativa*: “Ele perdeu muito dinheiro no jogo.”

b) *frase interrogativa*: “Por que ele perdeu tanto dinheiro no jogo?”

c) *frase imperativa*: “Não perca seu dinheiro jogando.”

d) *frase exclamativa*: “Quanto dinheiro ele perdeu no jogo!”

e) *frase optativa* (expressa um desejo): “Tomara que ele não perca dinheiro no jogo!”

Já sabemos o que é uma frase. Agora, veremos quando uma frase pode ser chamada de oração.

A ORAÇÃO E O PERÍODO

Vamos estudar, agora, o que é uma oração e quando se constituem os períodos.

A oração

Dá-se o nome de *oração* à frase constituída de verbo. A frase pode conter uma ou mais orações.

A frase contém apenas uma oração quando apresenta um só verbo ou **LOCUÇÃO VERBAL**:

LOCUÇÃO VERBAL

É formada por um verbo auxiliar (conjugado) + verbo principal (no infinitivo, gerúndio ou particípio). A locução constitui um todo; os verbos auxiliares apenas indicam as flexões.

Ex.:

- (1) “*Chegamos* cedo ontem.” (um só verbo)
 (2) “*Vou trabalhar* até tarde hoje.” (uma locução verbal)

A frase contém mais de uma oração quando há nela mais de uma forma verbal.

Ex.:

- (3) “*Acordei* cedo, *arrumei* a casa rapidamente e *fui* para o trabalho.”
 1ª oração 2ª oração 3ª oração
- (4) “*Sabemos* que você não *gostou* da festa.”
 1ª oração 2ª oração

O período

Dá-se o nome de *período* à frase organizada em orações.

O período pode ser:

a) *simples*, quando for constituído de apenas uma oração, como os exemplos (1) e (2);

b) *composto*, quando for constituído de duas ou mais orações, como os exemplos (3) e (4).

A oração do período simples se chama *oração absoluta*.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1 e 2

1. Leia o pequeno trecho a seguir, extraído de um romance de Erico Verissimo. Identifique se as frases são nominais ou de situação. Justifique a sua resposta.

“A cama de ferro, a colcha branca, o travesseiro com fronha de morim. O lavatório esmaltado, a bacia e o jarro. Uma mesa de pau, o tinteiro niquelado, papéis, uma caneta. Quadros nas paredes.”

(Fonte: VERISSIMO, Erico. *Clarissa*, p. 220.)

2. Observe a resposta que Fernando Alonso, corredor da Fórmula 1, deu ao repórter após o GP da China, em abril de 2010:

“Se ele não fosse meu companheiro de equipe, não haveria tanto falatório sobre isso. Para mim, foi uma manobra normal, e definitivamente não vai comprometer nossa relação.”

(Fonte: http://esporte.uol.com.br/f1/especial/2010_frases_china.jhtm)

a) A resposta de Alonso é formada por várias frases. São frases nominais ou de situação? Justifique.

b) A resposta de Alonso é um período constituído por várias orações. Separe as orações.

3. Observe os seguintes enunciados: “Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”; “Eu te condeno a dez meses de trabalho comunitário.”; “Declaro aberta a sessão.”; “Ordeno que você saia.”; “Eu te perdoo.” Todos esses enunciados são frases constituídas por verbos. Logo, são orações. Por que podemos afirmar que não são simples frases, mas verdadeiros “atos de fala”?

RESPOSTA COMENTADA

1. No pequeno trecho extraído do romance *Clarissa*, de *Erico Verissimo*, há apenas frases nominais. São frases formadas apenas por nomes (substantivos: “cama”, “colcha”, “travesseiro”..., adjetivos: “branca”, “esmaltado”, “niquelado”... e locuções adjetivas: “de ferro”, “de morim”, “de pau”...) e, na passagem citada, estão sendo usadas para descrever um ambiente, em detalhes.

2. a) A resposta de Alonso é formada por várias frases de situação, porque há necessidade do contexto para ser compreendida.

Por exemplo: “Quem é o companheiro de equipe de Alonso?”, “O pronome ‘isso’ se refere a qual acontecimento?”, “De qual manobra se fala?”. Assim, o leitor precisa saber que, nessa resposta de entrevista, Fernando Alonso fala sobre a repercussão da ultrapassagem que fez sobre o companheiro Felipe Massa na entrada dos boxes, no GP da China, em abril de 2010.

b) A resposta de Alonso é um período constituído por 4 orações. São elas: 1ª oração: “Se ele não fosse meu companheiro de equipe,”; 2ª oração: “não haveria tanto falatório sobre isso.”; 3ª oração: “Para mim, foi uma manobra normal,” e 4ª oração: “e definitivamente não vai comprometer nossa relação.”

3. Os enunciados: “Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”; “Eu te condeno a dez meses de trabalho comunitário”; “Declaro aberta a sessão”; “Ordeno que você saia”; “Eu te perdoo” são frases constituídas por verbos. Logo, são orações. Porém, não são simples frases, mas verdadeiros “atos de fala”, porque, no exato momento em que são proferidos, realizam a ação denotada pelo verbo; não servem para descrever nada, mas sim para executar atos (ato de batizar, condenar, perdoar, abrir uma sessão, etc.), sendo que as pessoas que as proferem têm de ter legitimidade para fazê-lo, ou seja, não é qualquer pessoa que pode proferi-las. Nesse sentido, dizer algo é fazer algo. Com efeito, dizer, por exemplo, “Declaro aberta a sessão” não é informar sobre a abertura da sessão, é abrir a sessão.

Passemos, agora, ao estudo do parágrafo.

O PARÁGRAFO

Dá-se o nome de *parágrafo* ao segmento do texto escrito constituído por um ou mais de um período.

Na página impressa, o parágrafo é, normalmente, assinalado por um ligeiro recuo da margem esquerda da folha. Atualmente já se costuma encontrar textos com parágrafos sem esse recuo da margem esquerda.

Vamos falar agora do parágrafo regular, ou seja, “padrão”. No parágrafo-padrão, desenvolve-se a ideia central do texto a que se juntam outras, secundárias.

Sabemos que o texto é um todo organizado de sentido, ou seja, de ideias associadas e, se esse todo é dividido em parágrafos, nada mais

natural que, a cada parágrafo, deva corresponder uma dessas ideias, que seriam as ideias relevantes em que o autor do texto pensou para dividir o seu assunto e compor o seu texto.

Assim, em princípio, cada parágrafo deve corresponder a uma ideia diferente (ainda que associada à ideia anterior) e/ou relevante.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 3

4. Observe o bloco de texto seguinte. Trata-se de uma reportagem publicada na versão online do jornal *O Globo*. Juntamos os parágrafos de forma proposital. O que temos agora é um único bloco de texto, em que estão reunidas uma ideia central e outras a ela associadas. Indique onde começa e onde termina cada parágrafo.

O estresse no trabalho aumenta o risco de doença cardíaca em mulheres com menos de 50 anos, segundo um estudo feito com mais de 12 mil enfermeiras. A pesquisa, realizada na Dinamarca e publicada na revista científica "Occupational and Environmental Medicine", sugere que a pressão no trabalho tem maior efeito sobre a saúde de mulheres mais jovens do que nas que chegaram aos 50 ou 60 anos. Segundo os pesquisadores do Glostrup University Hospital, outros fatores de risco podem ter papel mais importante no desenvolvimento de problemas cardíacos nas mulheres mais velhas. A entidade beneficente britânica British Heart Foundation recomenda que pessoas que estão sofrendo estresse no trabalho tentem lidar com o problema de maneira positiva. Estudos anteriores já tinham ligado a tensão no trabalho a um aumento de riscos de problemas cardíacos nos homens, mas poucas pesquisas haviam sido feitas investigando o impacto do estresse sobre as mulheres.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/vivermelhor/mat/2010/05/07/estresse-no-trabalho-afeta-mais-coracao-da-mulher-com-menos-de-50-diz-estudo-916525704.asp>

a) 1º parágrafo:

b) 2º parágrafo:

c) 3º parágrafo:

d) 4º parágrafo:

RESPOSTA COMENTADA

4. a) 1º parágrafo: começa em “O estresse no trabalho...” e termina em “...que chegaram aos 50 ou 60 anos”. Nesse primeiro parágrafo, introduz-se o assunto que será abordado: “O estresse no trabalho aumenta o risco de doença cardíaca em mulheres com menos de 50 anos de idade.”

b) 2º parágrafo: começa em “Segundo os pesquisadores...” e termina em “...mulheres mais velhas”. Nesse parágrafo, expõe-se a opinião de pesquisadores do Glostrup University Hospital sobre o tema em questão.

c) 3º parágrafo: começa em “A entidade beneficente britânica...” e termina em “...de maneira positiva”. Nesse terceiro parágrafo, expõe-se a sugestão de uma entidade beneficente britânica sobre como lidar com o estresse no trabalho.

d) 4º parágrafo: começa em “Estudos anteriores...” e termina em “...sobre as mulheres”. Nesse quarto e último parágrafo, conclui-se o texto, reforçando que poucas pesquisas haviam sido feitas sobre o impacto do estresse sobre as mulheres.

Pode-se observar, portanto, que cada parágrafo desenvolve um tópico relativo e articulado ao tema central do texto.

Ao produzirmos nossos textos, podemos enfatizar determinados elementos, alterando a ordem regular dos termos em uma frase. Vejamos como utilizar esse recurso linguístico.

COLOCAÇÃO DOS TERMOS NA FRASE: ORDEM E ÊNFASE

Todas as línguas têm seus mecanismos particulares para ordenar os termos na frase em função do rumo do raciocínio, da sequência lógica em que os fatos se sucedem no espaço e no tempo, do destaque dado a esta ou àquela ideia e, sobretudo, da clareza das frases.

Na língua portuguesa, como também nas demais línguas românicas, a ordem regular, ordinária (prototípica), é a chamada *ordem direta*,

segundo a qual os fatos são encadeados de acordo com uma sequência lógica: primeiro, quem praticou a ação (o sujeito); depois, a ação (o verbo) e, em seguida, os complementos do verbo, constituindo-se, então, o conhecido esquema SVC (sujeito/verbo/complemento) da ordem direta.

Muitas vezes, porém, essa sequência é alterada. As gramáticas chamam de *inversão* a figura que designa a alteração da ordem direta. Ocorre, então, a *inversão* quando qualquer termo está fora de sua posição normal, isto é, fora da *ordem direta*.

E por que isso ocorre?

Exatamente para dar destaque a determinada ideia. Quando se desloca algum termo da sua posição normal, quebra-se uma expectativa, fazendo sobressair o termo envolvido nesse deslocamento.

Por exemplo, se deslocarmos um termo, trazendo-o para o início da frase, fatalmente ele será enfatizado.

Comparemos as seguintes versões:

“Comprei os ingressos ontem.” (*ordem direta*)

“Os ingressos, comprei-os ontem.” (*ordem inversa*)

Obviamente, você deve ter reparado que a expressão “os ingressos” ganha relevo na segunda frase. E isso ocorre em função de seu deslocamento para a esquerda. Agora, o “foco” incide sobre “os ingressos”, provavelmente, por alguma intenção do locutor em enfatizar essa expressão.

Dessa forma, em tese, podemos dar destaque a qualquer elemento do enunciado. Tudo vai depender da intenção do locutor, ou seja, do foco ou perspectiva que este quer selecionar.

Observemos o trecho seguinte:

“João da Silva, motorista de caminhão, atropelou ontem duas crianças, em frente à escola, porque estava dirigindo em alta velocidade.”

Nesse trecho, a ênfase da notícia recai sobre “quem” praticou o atropelamento: “João da Silva”.

Vamos variar as posições para observar os efeitos de sentido decorrentes da mudança de foco:

- Ênfase na “profissão”: “*Motorista de caminhão*, João da Silva, atropelou ontem duas crianças, em frente à escola, porque estava dirigindo em alta velocidade.”

- Ênfase nas “vítimas”: “*Duas crianças* foram atropeladas ontem, em frente à escola, pelo motorista de caminhão João da Silva, que dirigia em alta velocidade.”
- Ênfase no “porquê”: “*Por dirigir em alta velocidade*, o motorista de caminhão, João da Silva, atropelou ontem duas crianças, em frente à escola.”
- Ênfase no “quando”: “*Ontem*, João da Silva, motorista de caminhão, atropelou duas crianças, em frente à escola, porque estava dirigindo em alta velocidade.”
- Ênfase no “onde”: “*Na frente da escola*, João da Silva, motorista de caminhão, atropelou ontem duas crianças, porque estava dirigindo em alta velocidade.”

Como você pode observar, o locutor é quem vai decidir qual ideia quer pôr em “relevo”.

ATIVIDADES



Atendem ao Objetivo 4

5. Observe as seguintes manchetes de jornais e identifique qual elemento de cada enunciado está sendo destacado.

a) “Dunga convoca seleção para a Copa sem Adriano, Ganso, Neymar e Ronaldinho Gaúcho” (<http://oglobo.globo.com/esportes/copa2010/mat/2010/05/11/dunga-convoca-selecao-para-copa-sem-adriano-ganso-neymar-ronaldinho-gaucha-916552875.asp>).

b) “Niterói terá a primeira Unidade de Polícia Pacificadora fora da cidade do Rio” (Fonte: Jornal *O Globo* online, 29/03/2011. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2011/03/29/niteroi-tera-primeira-unidade-de-policia-pacificadora-fora-da-cidade-do-rio-924115131.asp>).

c) “Acidente com sete carros na ponte para trânsito em Niterói mais uma vez.” (Fonte: Jornal *O Fluminense* online, 11/05/2010. Disponível em: <http://jurnal.ofluminense.com.br/editorias/cidades/colisao-entre-seis-carros-na-ponte-para-transito-de-niteroi>).

6. Na frase a seguir, a ênfase está no “cargo”: “técnico da seleção brasileira de futebol”. Agora, varie as posições dos elementos e observe os efeitos de sentido decorrentes da mudança de foco:

“Treinador da seleção brasileira, Dunga, anunciou, nesta terça-feira, na sede da CBF, os jogadores que irão disputar a Copa do Mundo da África do Sul.”

Fonte: Texto adaptado do Jornal *O Fluminense online*, 11 maio 2010.

a) Ênfase no “quando”:

b) Ênfase em “quem” praticou a ação de “anunciar”:

c) Ênfase no “onde”:

RESPOSTA COMENTADA

5. Na manchete (a), a ênfase recai sobre “quem” praticou a ação de convocar os jogadores para a seleção brasileira de futebol: “o técnico Dunga”.

Na manchete (b), a ênfase recai no “onde”: “Niterói”.

E, na manchete (c), a ênfase recai na “causa”: “acidente na Ponte”.

6. a) Ênfase no “quando”: Nesta terça-feira, o treinador da seleção brasileira, Dunga, anunciou, na sede da CBF, os jogadores que irão disputar a Copa do Mundo da África do Sul.

b) Ênfase em “quem” praticou a ação de “anunciar”: Dunga, treinador da Seleção Brasileira, anunciou, nesta terça-feira, na sede da CBF, os jogadores que irão disputar a Copa do Mundo da África do Sul.

c) Ênfase no “onde”: Na sede da CBF, treinador da Seleção Brasileira, Dunga, anunciou, nesta terça-feira, os jogadores que irão disputar a Copa do Mundo da África do Sul.

Um fato curioso, que você deve ter notado, é que a posição de destaque sempre se dá pelo deslocamento dos termos para a esquerda.

No português do Brasil, bem como em outras línguas, é muito comum esse deslocamento à esquerda. São as construções de tópico, muito usadas na língua oral. Destaca-se o que se quer enfatizar para a posição de tópico:

“O *carro*, já levei para o conserto.” (em vez de “Já levei o carro para o conserto.”).

Na língua escrita, mantém-se a *topicalização*, mas com uma construção mais formal, em que se retoma o objeto deslocado – o *tópico* – por meio de um pronome pessoal oblíquo átono (o, a, os, as), constituindo o que se chama, em sintaxe, de *objeto direto pleonástico*:

“O carro, já o levei para o conserto.”

CONCLUSÃO

Chegamos ao final de mais uma aula e, com certeza, você deve ter percebido como podemos expressar nossas intenções por meio de simples enunciados: frases, orações e períodos. Além disso, a ordem dos elementos em um enunciado não é uma escolha aleatória, pelo contrário, deixa evidente o ponto de vista que o locutor adota ao passar a informação e a sua intenção de enfatizar este ou aquele elemento.

ATIVIDADES FINAIS

Atendem aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

1. Observe o texto a seguir e identifique qual elemento está sendo destacado.

“Uma falha em um circuito elétrico deixa moradores e comerciantes de grande parte da região central de São Paulo sem luz desde a manhã desta terça-feira (...).”

Fonte: *Folha online*, 11/05/2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u733415.shtml>

-
2. A topicalização é um recurso presente nos mais diversos gêneros textuais. Ela revela, entre outros aspectos, marcas enunciativas do sujeito-produtor relacionadas ao direcionamento que este pretende dar à leitura ou à interpretação da fala.

No domínio jornalístico, o veículo de comunicação informa a partir de um determinado ponto de vista. Identifique, em cada enunciado a seguir, qual elemento está sendo enfatizado, mostrando a possível ideologia que o veículo de comunicação quer passar.

a) “Grávida, Cláudia Schiffer posa para capa de revista.”

(Fonte: Revista *Caras* online, 11/05/2010. Disponível em: <http://www.caras.com.br/secoes/fashion/noticias/23436/>).

b) “Grávida e nua, a top model Claudia Schiffer estrela a capa da edição de junho da revista ‘Vogue’ alemã. O bebê da bela deve nascer ainda neste mês de maio.”

(Fonte: Revista *Caras* online, 11 maio 2010. Disponível em: <http://www.caras.com.br/secoes/fashion/noticias/claudia-schiffer-e-capa-de-revista-gravida-vogue-alema>).

c) “‘Dividido’, Flamengo inicia no Maracanã luta por vaga na semifinal.”

(Fonte: UOL Esporte, 12/05/2010. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/libertadores/ultimas-noticias/2010/05/12/dividido-flamengo-inicia-luta-por-vaga-na-semifinal-da-libertadores.jhtm>).

3. O texto a seguir é o título de uma publicidade do Ceará.

“Nada como um dia depois do outro com uma noite no meio.”

É possível entender o texto publicitário descontextualizado? Por quê?

RESPOSTA COMENTADA

1. No texto extraído da Folha online, a ênfase recai sobre a “causa” da falta de luz na região central de São Paulo: “uma falha no circuito elétrico.”
2. Na manchete (a), o termo topicalizado é o “estado” de Cláudia Schiffer: “grávida”.

Já no enunciado (b), no lead da manchete (a), dois termos são topicalizados: “grávida e nua”. Em nossa sociedade, é perfeitamente aceitável que uma mulher tire fotos estando “grávida” para guardar de recordação, porém, exibir fotos, numa revista, estando grávida e “nua” pode surpreender algumas pessoas. A intenção da revista não é “chocar”, mas mostrar até que ponto a feminilidade pode ser bonita e que é possível ter uma imagem positiva do corpo em todas as circunstâncias.

Na manchete (c), o termo topicalizado é a “situação” em que se encontra o time do Flamengo: “dividido”, tendo em vista que dois jogadores foram convocados para o Mundial na África do Sul e dois acompanharão o torneio pela televisão. Se o Flamengo ganhar, o jornal poderá dizer “Mesmo dividido, o Flamengo ganhou” e, se o time perder, a derrota será atribuída à “divisão” do time.

3. Não é possível entender o texto publicitário descontextualizado. Ele só adquire sentido se relacionado ao contexto em que se insere, ou seja, à imagem, ao texto, à marca e ao slogan. É, portanto, uma frase de situação. Agora, observe o texto publicitário:

O título da publicidade do Ceará recria uma fórmula fixa – o provérbio “Nada como um dia após o outro”, desconstruindo-o, ao lhe acrescentar uma expressão nova: “com uma noite no meio”. Descontextualizado, o leitor não tem como recuperar o que está implícito. Porém, associando-se o texto verbal ao visual, é possível concluir que a palavra “dia” relaciona-se à imagem do mar, da praia num dia de sol; e a palavra “noite” relaciona-se à imagem de um casal dançando. Assim, a publicidade sugere que Fortaleza é uma cidade maravilhosa e que tem atrações de dia e de noite.



Fonte: Gonzales (2003, p. 39).

RESUMO

Na comunicação diária com nossos semelhantes, somos movidos por intenções. O comportamento verbal por meio do qual expressamos essas intenções se chama ato de fala. A ideia veiculada por atos de fala é que se pode agir por meio da linguagem. Os atos de fala se expressam por meio de frases. Frase é todo enunciado capaz de estabelecer comunicação. A frase que não tem verbo se chama frase nominal e a frase que só ganha sentido com o auxílio do contexto se chama frase de situação. Outras modalidades da frase são a frase declarativa, a imperativa, a interrogativa, a exclamativa e a optativa. A frase que possui verbo é uma oração, e a oração forma períodos, que podem ser simples (apenas uma oração) ou compostos (mais de uma oração). Os períodos se agrupam em parágrafos, os quais giram em torno de uma ideia nuclear associada a outras, secundárias. Na língua portuguesa, as palavras – que expressam as ideias – são regularmente colocadas na ordem direta (sujeito/verbo/complemento). Pode ocorrer também que haja inversão dessa ordem, com o objetivo de dar ênfase a determinada ideia. No português do Brasil, especialmente na língua oral, são comuns os deslocamentos à esquerda – as construções de tópico.

LEITURAS RECOMENDADAS

DIVIDIDO, Flamengo inicia luta por vaga na semifinal da Libertadores. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/libertadores/ultimas-noticias/2010/05/12/dividido-flamengo-inicia-luta-por-vaga-na-semifinal-da-libertadores.jhtm>>. Acesso em: 20 maio 2011.

DUNGA convoca seleção para a copa sem Adriano, Ganso, Neymar e Ronaldinho Gaúcho. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/esportes/copa2010/mat/2010/05/11/dunga-convoca-selecao-para-copa-sem-adriano-ganso-neymar-ronaldinho-gaucha-916552875.asp>>. Acesso em: 20 maio 2011.

ESTRESSE no trabalho afeta mais o coração da mulher com menos de 50, diz estudo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/vivermelhor/mat/2010/05/07/>>

estresse-no-trabalho-afeta-mais-coracao-da-mulher-com-menos-de-50-diz-estudo-916525704.asp>. Acesso em: 20 maio 2011.

FALHA em circuito deixa parte do centro de São Paulo sem luz. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u733415.shtml>>. Acesso em: 20 maio 2011.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 16. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1995.

GONZALES, Lucilene. *Linguagem publicitária*: análise e produção. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2003. Disponível em: <http://books.google.com.br>.

GRÁVIDA e nua, a top model Claudia Schiffer estrela a capa da edição de junho da revista *Vogue* alemã. O bebê da bela deve nascer ainda neste mês de maio. Disponível em: <<http://www.caras.com.br/secoes/fashion/noticias/23436/>>. Acesso em: 20 de maio 2011.

GRÁVIDA, Claudia Schiffer é capa de revista: Grávida e nua, a top model Claudia Schiffer estrela a capa da edição de junho da revista *Vogue* alemã. O bebê da bela deve nascer ainda neste mês de maio. Disponível em: <<http://www.caras.com.br/secoes/fashion/noticias/claudia-schiffer-e-capade-revista-gravida-vogue-alema>>. Acesso em: 20 maio 2011.

Niterói terá a primeira Unidade de Polícia Pacificadora da cidade do Rio. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2011/03/29/niteroi-tera-primeira-unidade-de-policia-pacificadora-fora-da-cidade-do-rio-924115131.asp>>. Acesso em: 20 maio 2011.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos continuar falando sobre o parágrafo. Vamos estudar as formas de articulação de parágrafos no texto: o “tópico frasal” e as estratégias de desenvolvimento do parágrafo. Até lá!

Tópico frasal e estratégias de desenvolvimento do parágrafo

Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas

AULA

27

Meta da aula

Apresentar como se estrutura o parágrafo escrito na composição do texto.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer o parágrafo-padrão: a introdução (ou *tópico de parágrafo*), o desenvolvimento e a conclusão;
2. identificar o tipo de *tópico de parágrafo* utilizado em um texto;
3. identificar diferentes estratégias de desenvolvimento do parágrafo;
4. relacionar parágrafos por meio de expressões adequadas à transição;
5. articular modos de desenvolvimento de parágrafo a tipos textuais.

Pré-requisito

Para que você aproveite plenamente esta aula, volte à Aula 7 e reveja o conceito e os exemplos de "encadeadores discursivos".

INTRODUÇÃO

Na aula passada, vimos as noções de *frase*, *oração*, *período* e *parágrafo* e começamos a estudar a constituição do parágrafo.

Hoje, vamos continuar analisando a estruturação do parágrafo escrito, a partir de um parágrafo, que chamaremos de *parágrafo-padrão*, isto é, o parágrafo que apresenta uma estrutura mais básica: uma introdução, que chamaremos de *tópico de parágrafo*, o desenvolvimento e a conclusão.

O PARÁGRAFO-PADRÃO

Garcia (1995) propõe a expressão “parágrafo-padrão” para designar o tipo de parágrafo básico, que, sobretudo na descrição e na argumentação, é constituído de duas e ocasionalmente de três partes, assim delimitadas: uma *introdução*, representada por um ou dois períodos curtos, na qual se apresenta a ideia-núcleo, a que o autor chama de *tópico frasal*; o desenvolvimento, no qual essa ideia-núcleo é explicada; e uma *conclusão* (menos frequente).

Vamos chamar o *tópico frasal* de *tópico de parágrafo*, como também o faz Abreu (2004), para não confundi-lo com aquelas expressões de tópico que aprendemos na aula passada e que também podem ser chamadas de *tópico frasal*, como, por exemplo, em: “*As compras*, já chegaram.”, caso em que a expressão “as compras” funciona como um *tópico de frase*, ou *tópico frasal*.

O TÓPICO DE PARÁGRAFO

Na grande maioria dos textos escritos, o *tópico de parágrafo* apresenta a ideia-núcleo do parágrafo, por meio de uma *generalização*. E o que estamos querendo dizer com isso?

Estamos querendo dizer que é comum iniciar esse parágrafo expressando uma opinião, declarando ou definindo algo, e fazemos isso a partir de uma *generalização*, ou seja, falamos primeiro do geral, para depois nos aprofundarmos nas ideias específicas, desenvolvendo-as. Esse comportamento verbal caracteriza o chamado *método de raciocínio dedutivo*, em que se parte do todo para as partes, do geral para o particular.

Vamos, então, analisar alguns modos de iniciar o parágrafo.

1) *Declaração inicial*: é o tipo mais comum e, como o próprio nome indica, quer dizer que se começa o parágrafo fazendo-se uma declaração.

Ex.: “Já está provado cientificamente que a incidência de câncer de pulmão é muito maior em pessoas que fumaram durante toda a vida.”



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1319309>

É interessante observar que esse tipo de tópico ocorre no mundo comentado, ou comentário (verbos no presente do indicativo e engajamento do locutor em relação ao que fala).

Outro tipo de tópico de parágrafo muito comum é a alusão histórica, desta feita, no mundo narrado, ou narrativa.

2) *Alusão histórica*: inicia-se o parágrafo fazendo alusão a fatos fictícios ou reais. Esse recurso desperta sempre a curiosidade e o interesse do leitor.

Ex.: “Ao término da Segunda Guerra Mundial, a capital alemã, Berlim, foi dividida em quatro áreas. Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e União Soviética passaram a comandar e administrar cada uma destas regiões.”

Outro modo de iniciar o parágrafo é fazendo uso de uma definição.

3) *Definição*: é frequentemente um recurso didático. Inicia-se o parágrafo por meio de uma definição.

Ex.: “A Pragmática é o ramo da Linguística que analisa a linguagem no contexto da comunicação, preocupando-se com os objetivos da comunicação e estudando os significados linguísticos que se deduzem a partir de um contexto extralinguístico: contexto discursivo, situacional etc.” (Aula 3)

A divisão é também um recurso didático para se iniciar o parágrafo.

4) *Divisão*: apresenta-se o tópico de parágrafo por meio da divisão das ideias a serem desenvolvidas. Essa maneira de se iniciar o parágrafo, por suas características de objetividade e clareza, constitui-se num eficiente método didático de se introduzir um assunto. Ex.:



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1125969>

Há muito que o Natal deixou de ser uma festa religiosa. No seu aspecto positivo, virou festa de conagração, sobretudo no seio da família; é a data em que todos voltam a comer juntos, ao menos um peru e uma rabanada. No aspecto negativo, é o grande festim do consumo, presidido por esse chato e mercadológico “Bom Velhinho”, que seria tolerável num filme de Frank Capra.

Fonte: CONY, Carlos Heitor. No meio do silêncio. In: *Folha de S. Paulo*, 25/12/1996.

A partir das duas ideias apresentadas, “O Natal virou festa de conagração” e “O Natal virou o grande festim do consumo”, o autor do texto procura, nos parágrafos que desenvolverá a seguir, resgatar o sentido original da festa natalina, independentemente de sua conotação religiosa.

Podemos iniciar o parágrafo de uma maneira também bastante instigante, fazendo uma pergunta ao leitor.

5) *Interrogação*: o parágrafo começa por uma pergunta, constituindo-se o *desenvolvimento* pela resposta a essa pergunta. Ex.:

Quem dá nome aos seres? Ao primeiro homem, conta o livro do Gênesis, foi dado o poder de nomear. O poder de nomear significava para os antigos hebreus dar às coisas a sua verdadeira natureza, ou reconhecê-la. Esse poder é o fundamento da linguagem, e, por extensão, o fundamento da poesia.

Fonte: BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1977.

Outra modalidade de tópico, usada em textos narrativos, é a omissão de dados identificadores.

6) *Omissão de dados identificadores*: esse tópico cria um efeito de suspense, ao se omitirem ou ao se ocultarem elementos que irão aparecer no desenvolvimento do parágrafo.

Ex.: “Esta semana surgiu um elemento novo no cenário político brasileiro. Não se trata de uma nova proposta. É apenas mais uma ‘vergonha’ para os que dizem que governam em nome do povo.”

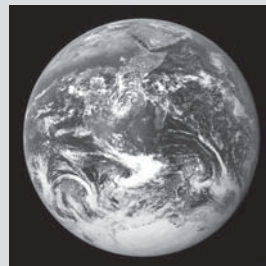
Para fixarmos os conceitos trabalhados até aqui, vamos realizar uma atividade.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1 e 2

1. Os parágrafos do texto dissertativo a seguir não aparecem em sequência lógica. Reorganize-os, numerando-os primeiramente, a fim de descobrir a sequência que realiza o desenvolvimento das ideias e a estrutura dissertativa (introdução, desenvolvimento e conclusão).



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:The_Earth_seen_from_Apollo_17.jpg

O paradoxo da água

(...)

(a) A água é realmente a substância mais comum na Terra. No entanto, 97% dela estão nos mares, sendo assim imprópria para o uso agrícola e industrial e para o consumo humano. Outros 2% estão nas calotas polares, em forma de gelo ou neve. Resta, assim, apenas 1% de água doce, aquela disponível nos rios, lagos e lençóis freáticos. Essa água é extremamente mal distribuída. Países como o Canadá e a Finlândia têm muito mais do que precisam, enquanto o Oriente Médio praticamente nada tem.

Parágrafo de nº _____.

(...)

(b) O verdadeiro dilema é conseguir que, com uma população mundial em constante crescimento, os recursos sejam mais bem distribuídos e que sua qualidade seja mantida. A história ensina que o ser humano administra melhor aquilo que é tratado como bem econômico. A água, que está na base de todas as cadeias produtivas, faz jus a esse tratamento.

Parágrafo de nº _____.

(c) (...) Mantidos os atuais níveis de consumo, estima-se que em 2050 dois quartos da humanidade viverão em regiões **PREMIDAS** pela falta crônica de recursos **HÍDRICOS** de qualidade. É um dado gravíssimo quando se leva em consideração que 60% das doenças conhecidas estão relacionadas de alguma forma com a escassez de

PREMIDAS

Espremidas, comprimidas, apertadas.

HÍDRICOS

Relativo a águas.

água. Como isso é possível em um planeta com tantos recursos hídricos? O problema pode ser equacionado em dois termos: má distribuição e má gestão. O primeiro se deve à própria natureza, o segundo é culpa do homem.

Parágrafo de nº _____.

(d) O Brasil, dono da maior reserva hídrica do mundo – 13,7% da disponibilidade de água doce do planeta –, expressa internamente esse paradoxo. Dois terços da água estão concentrados na região com menor densidade populacional, a Amazônia. Isso significa que um brasileiro de Roraima tem 1.000 vezes mais água à disposição do que um conterrâneo que vive no interior de Pernambuco.

Parágrafo de nº _____.

(e) Uma das visões mais espetaculares do século passado foi a primeira imagem da Terra feita do espaço, na década de 60: uma gigantesca massa azul, com 70% de sua superfície coberta por água. Neste início de século, uma preocupação recorrente – e justificada – é a de que a água, tão abundante, se torne paradoxalmente cada vez mais escassa para uso humano.

Parágrafo de nº _____.

Fonte: LIMA, João Gabriel de. In: http://veja.abril.com.br/121005/p_088.html

2. Agora que você já organizou as partes do texto em sequência lógica, como o tópico de parágrafo (introdução) é iniciado? Explique.

RESPOSTA COMENTADA

1. Parágrafo 1 (e); parágrafo 2 (c); parágrafo 3 (a); parágrafo 4 (d); parágrafo 5 (b).

2. Existem vários modos de iniciar um parágrafo. No texto da revista *Veja*, inicia-se o tópico de parágrafo (introdução) fazendo alusão a um fato passado (“Uma das visões mais espetaculares do século passado foi...” – com verbo do mundo narrado, o Pretérito Perfeito “foi”) e, ainda no mesmo parágrafo, fazendo uma declaração (“Neste início de século, uma preocupação recorrente – e justificada – é a de que a água...” – com verbo do mundo comentado, o Presente do Indicativo “é”).

ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO DO PARÁGRAFO

No desenvolvimento do parágrafo, conforme o próprio nome indica, detalha-se a ideia-núcleo apresentada no *tópico de parágrafo*.

São várias as estratégias que podem ser acionadas para a explanação da ideia-núcleo. Mas isso vai depender, em grande parte, do assunto e da finalidade da exposição. A seguir, com base em Garcia (1995), listamos algumas estratégias.

1) *Desenvolvimento por detalhes*: a ideia-núcleo é especificada por meio de pormenores.

Ex.: Tópico de parágrafo: O desequilíbrio entre a oferta e a demanda de água no Brasil.

O pesquisador adverte que, apesar de 77% de as águas de superfície da América estarem no Brasil, o país é um dos que mais sofrem com o desequilíbrio entre a oferta e a demanda, o desperdício, a poluição ambiental e a violação da área de preservação dos cursos d’água. “Nem as águas subterrâneas estão protegidas. A falta de controle técnico nas perfurações e a construção sem a proteção sanitária adequada estão permitindo a contaminação dos lençóis freáticos e a limitação da vida útil da produção”, explica (...)

Fonte: Ciência e tecnologia: água potável: petróleo do século XXI. In: Revista *Amazônia*, ano 21, nº 3, p. 40 e 41.

2) *Desenvolvimento por confronto*: isto é, confronto entre ideias, fatos, seres etc. Nesse tipo de desenvolvimento, utiliza-se tanto o *contraste* (baseado nas diferenças) quanto o *paralelo* (baseado nas semelhanças).

Ex.: Tópico de parágrafo: Diferença entre mecanismos linguísticos e mecanismos gramaticais de coesão textual.

As relações de sentido se manifestam por meio de mecanismos linguísticos, que podem ser relacionados a dois grupos: o *gramatical* e o *lexical*. No grupo dos mecanismos gramaticais, as relações de sentido se manifestam por certas categorias ligadas a um *sistema fechado*, que diz respeito à gramática da língua. Já o grupo dos mecanismos lexicais, como o próprio nome aponta, manifesta-se, por intermédio do *sistema aberto* do léxico, constantemente enriquecido por novas palavras, formadas dentro da língua, ou a ela acrescentadas por empréstimos a outras línguas.

Fonte: Aula 5 (Desenvolvimento por *contraste*).

Ex.: Tópico de parágrafo: A natureza e a essência do ser humano.

Antecipando-se a Freud, Shakespeare dizia que o homem é feito da mesma matéria de seus sonhos. O medo, a angústia, o ciúme, o ódio, a luxúria, o amor assaltam nossas noites e se aferram à nossa alma, tornando-a frágil ou forte, má ou generosa. Em última instância, somos o que sonhamos, dizia o autor de Hamlet. (Desenvolvimento por *paralelo*.)

Fonte: *Tudo* – O livro do conhecimento, nº 165.

3) *Desenvolvimento por citação de exemplo*: frequentemente é utilizada no desenvolvimento de parágrafos didáticos.

Ex.: Tópico de parágrafo: As péssimas condições de infraestrutura urbana causam a morte de mais de 50 mil pessoas por dia.

Morrem 50 mil pessoas por dia por causas vinculadas estritamente à péssima infraestrutura urbana, como ingestão de água contaminada ou condições sanitárias inadequadas. Mais 70 milhões vivem em ambientes onde a fumaça do fogo com que se cozinha causa danos à saúde.

Fonte: Ainda na caverna. In: *Folha de S. Paulo*, 27/05/1996).

4) *Desenvolvimento por definição*: também muito frequente na exposição didática, podendo articular-se a outros tipos de desenvolvimento, com a apresentação de exemplos e a descrição de detalhes.

Ex.: Tópico de parágrafo: O verdadeiro objetivo da educação, segundo William Godwin.

O verdadeiro objetivo da educação, escreveu William Godwin na primeira frase de seu *Enquirer* (1797), “como o de qualquer outro processo moral, é a geração de felicidade”. Não conheço definição melhor do objetivo da educação, mas, como todas as definições, essa é regressiva, fazendo-nos recuar em busca de outras mais abrangentes. O que, por exemplo, se quer dizer com a palavra geração? Trata-se de um processo natural que requer apenas estímulo ou de um regime reforçado por uma técnica especial de ensino? Poderá a felicidade ser definida de forma a incluir as vontades contraditórias de qualquer grupo comum de pessoas?

Fonte: READ, Henert. *A redenção do robô*. São Paulo, Summus, 1986.

5) *Desenvolvimento por fundamentação da ideia-núcleo*: nesse tipo de desenvolvimento apresentam-se as razões, as justificativas que irão sustentar a ideia-núcleo.

Ex.: Tópico de parágrafo: Que lembra o Natal?

(...) o Natal, mesmo sem qualquer conotação religiosa, sem qualquer compromisso confessional, lembra uma antiga e inarredável aspiração humana a de um Deus entre nós, com a nossa carne. (...)

Independentemente do dogma e da fé, é comovente a história daquela judiazinha de 15 anos que aceitou sem espanto o anúncio do anjo de que geraria um Deus. Daquele carpinteiro que de repente, sem aviso prévio, foi comunicado de que sua mulher geraria um Deus – e se tornou guardião da mulher e do menino (...)

Fonte: CONY, Carlos Heitor. No meio do silêncio. In: *Folha de S. Paulo*, 25/12/1996.

6) *Desenvolvimento por explanação das ideias em cadeia*: é comum o autor, após apresentar a *ideia-núcleo* no *tópico de parágrafo*, dividi-la em partes e analisar ou discutir cada uma dessas partes.

Ex.: Tópico de parágrafo: Os brasileiros consomem remédios de forma exagerada e sem consultar o médico.

O brasileiro exagera nos remédios, consumindo-os sem consultar o médico e colocando sua saúde em risco.

Levante a mão quem jamais tomou um remedinho “receitado” por um amigo ou foi até a farmácia comprar um medicamento e saiu



Kroma Kromalski

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/447543>

de lá levando dois ou mais na sacola. Manter um estoque em casa também é comum. Só que, além dos costumeiros analgésicos e produtos contra a febre, a maioria faz questão de guardar sobras de antibióticos e de outras drogas controladas. A mania é justificada pelo preço dos itens (normalmente altos) ou em nome da precaução. Afinal, quando surgirem dores de cabeça ou de estômago, por exemplo, a solução estará ao alcance da mão, no armarinho do banheiro, em cima da geladeira, no criado-mudo e até na bolsa. Pesquisa encomendada pelo laboratório Bayer ao instituto Marplan mostrou que 49% das mulheres entrevistadas em oito capitais brasileiras não saem de casa sem um analgésico a tiracolo (...). Esse é apenas um dos sintomas da tendência para a automedicação que o Brasil tem. A característica, evidentemente, não está livre de efeitos colaterais.

Usar remédios sem prescrição médica é um hábito muito frequente entre nós. O comportamento é confirmado por algumas estatísticas. O País é o quarto consumidor de medicamentos e o oitavo mercado do mundo, movimentando cerca de R\$ 16 bilhões por ano. Como a maioria das pessoas não tem dinheiro para adquirir os itens, significa que há uma parcela comprando demais. Pouca gente tem acesso a remédios. Quem tem, usa-os de forma descontrolada. Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), do Ministério da Saúde, cerca de 50% dos medicamentos controlados são vendidos sem exigência de prescrição médica. Os produtos com tarja vermelha são o principal alvo dessa venda fácil. O controle é mais rígido com as drogas com tarja preta (podem causar dependência), pois uma via da receita fica retida na farmácia. Um dos desdobramentos dessa situação é que muita gente usa substâncias potentes sem necessidade (...)

Fonte: BOCK, Lia; TARANTINO, Mônica. Atração perigosa. In: *Isto é*, nº 1671, 10 out. 2001, pp. 80-5. Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/41619_ATRACAO+PERIGOSA?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage.

Acabamos de ver que podemos desenvolver nossos textos utilizando variadas estratégias lógico-expositivas, levando em consideração, é claro, o assunto e a finalidade do texto.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 3

3. A seguir, reproduzimos vários trechos de textos, a fim de que você identifique a estratégia lógico-expositiva que é utilizada para o desenvolvimento da ideia-núcleo.

- a) Uma das questões que desafiam a imaginação humana é saber se estamos ou não sozinhos no universo, (...). (...) a Nasa (...) afirmou ter descoberto que ao menos uma região da superfície de Marte já esteve impregnada de água (...).

A virtual certeza de que sinais de água seriam encontrados em Marte não basta para diminuir o impacto da descoberta. É só a prova que dá materialidade à suspeita. Além de a própria água ser necessária para a vida como a conhecemos, seu estado de agregação líquido indica que as temperaturas não eram extremas, o que multiplica as possibilidades biológicas no passado do planeta.

Fonte: *Folha de S. Paulo*. Opinião, p. A2, Folhapress, 04/03/2004.

- b) Durante anos, os brasileiros cresceram ouvindo três afirmações de que Deus nasceu por aqui: o Brasil não tem furacões ou terremotos, o brasileiro é um homem cordial e nesta terra não existe racismo. (...) É uma opinião forjada pelas histórias do cotidiano. No Rio Grande do Sul, um jovem negro de 19 anos foi atropelado por uma BMW. O motorista, branco, não socorreu o rapaz alegando tratar-se de um negro numa bicicleta roubada. O mesmo argumento serviu ao neurologista, também branco, para justificar a demora no atendimento ao rapaz, que fora levado ao Hospital Nossa Senhora das Graças, em Canoas (...)

Fonte: A cor do Brasil. In: *Revista Isto É*, nº 1405, Prensas Três. São Paulo, Editora Três, 4 de setembro de 1996.

- c) (...)

Para a gente entender a maldade é preciso entender, antes, os dois poderes de que somos feitos. Somos feitos de uma mistura de amor e de poder. Amor é um sentimento que nos liga a determinadas coisas, e vai desde o simples gostar até o estar apaixonado. O amor quer abraçar, ficar perto, proteger. Amo meu cachorrinho: quero brincar com ele, tenho saudade dele. Se ele morre, eu vou chorar. Gosto da minha casa (...)

Fonte: ALVES, Rubem. Carta a um adolescente. In: *Correio Popular*. Campinas, 24/11/1996.

- d) A ciência aplicada pode fazer muito bem, mas também muito mal. Por exemplo, as reações nucleares no Sol geram a energia que é fonte de vida na Terra. Mas a energia nuclear é também a das bombas que foram lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki. A mesma ciência pode nutrir a vida, mas também destruí-la. É capaz do melhor e do pior; as mesmas técnicas podem engendrar imensos benefícios, mas também provocar calamidades devastadoras.

Fonte: THUAN, Trinh Xuan. In: *O agrimensor do cosmo* – Entrevistas a Edmond Blattchen. São Paulo, Unesp/UEPA – Universidade Estadual do Pará, 2002.

RESPOSTA COMENTADA

Em (a), tem-se o desenvolvimento por fundamentação da ideia-núcleo. Procura-se mostrar que a descoberta de água em Marte é um indício de que, no passado, houve vida no planeta.

Em (b), tem-se o desenvolvimento por citação de exemplo, a fim de argumentar, contrariamente, à tese de que, no Brasil, não existe racismo.

Em (c), tem-se o desenvolvimento por definição, articulado com a apresentação de exemplos.

Em (d), tem-se o desenvolvimento por confronto, a partir da citação de exemplos.

ARTICULAÇÃO DO PARÁGRAFO: EXPRESSÕES DE TRANSIÇÃO

Já sabemos o que é um *tópico de parágrafo* e vimos algumas possibilidades de desenvolvimento do parágrafo. Mas como fazer a transição de um parágrafo para outro?

Ao escrever um texto, qualquer um de nós, com um mínimo de sensibilidade, é capaz de perceber quando se passa de uma ideia à outra. Ou seja, após apresentarmos a *ideia-núcleo*, passamos a desenvolvê-la, associando a essa primeira ideia, outras, secundárias, mas não menos importantes.

Dessa forma, devemos dispor em parágrafos diferentes essas ideias articuladas e igualmente relevantes, relacionando-os por meio de expressões adequadas a essa transição. Mas que expressões seriam essas?

Se você voltar à Aula 7, você verá todos esses elementos. São os *encadeadores discursivos*, que podem ser *operadores argumentativos* ou

operadores de sequencialização. Tais elementos, portanto, desempenham perfeitamente a tarefa de “ligar” uma ideia à outra, fazendo a transição entre os parágrafos.

Vejamos alguns exemplos, só para recordar:

Exs.:

- 1) A vinda dos imigrantes foi ao encontro não só da necessidade que o Brasil tinha de mão de obra mais qualificada para as fábricas como também da substituição dos negros nas lavouras, não se descartando, ainda, certo desejo de embranquecimento da raça brasileira.

Consequentemente, os imigrantes trazem ao país novos padrões de comportamento, estilos de viver, hábitos, formando uma grande massa de consumidores que irá interferir no consumo existente, modificando-o.

- 2) Imagine um mundo com secas, tempestades e fome, com ilhas e regiões costeiras inundadas, onde milhões de pessoas morrem por causa da poluição do ar e das águas, enquanto outras buscam refúgio em lugares mais seguros e alguns ainda lutam entre si pelos escassos recursos naturais.

Em contraponto, imagine um mundo com ar e água limpos, com tecnologia, onde casas, transportes e indústrias estejam a serviço de toda a população, onde todos compartilhem os benefícios do desenvolvimento, da industrialização e de recursos naturais; imagine ainda que esta situação possa se sustentar de uma geração para outra (...)

Fonte: ANNAN, Kofi. (Secretário-Geral da ONU) In: *Folha de S. Paulo*. Tendências/Debates, 30/06/2002.

MODOS DE DESENVOLVIMENTO DE PARÁGRAFOS E TIPOS TEXTUAIS

O desenvolvimento do parágrafo articula-se, muitas vezes, ao tipo de texto.

Por exemplo, a *enumeração por detalhes* presta-se bem ao *texto descritivo*. Já o *texto argumentativo*, dentre outras possibilidades, desenvolve-se bem a partir de uma *declaração inicial* no *tópico de parágrafo*, inserindo-se no *mundo comentado*, como vimos.

O parágrafo desenvolvido por meio de *exemplos específicos* e de *definições* articula-se perfeitamente aos *textos expositivos*. O *desenvolvimento por confronto*, como também o *desenvolvimento por fundamentação da ideia-núcleo*, ou ainda, por *explanação das ideias em cadeia*, presta-se bem ao propósito de *textos expositivos e argumentativos*.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 3 e 4

4. Leia os parágrafos a seguir. Em seguida, relacione-os, utilizando encadeadores discursivos adequados à transição. Se você tiver dúvidas sobre o que são “encadeadores discursivos”, volte à Aula 7.

É preocupante o crescimento da violência nos grandes centros urbanos.
(...)

A polícia procura explicar o índice elevado da violência em alguns estados brasileiros: a quantidade de armas comercializadas ilegalmente, o fácil acesso à bebida e às drogas e o aumento da pobreza. Quanto maiores a pobreza e o desemprego, mais intensas a violência e a criminalidade.

_____ das causas mencionadas, existe outra, difícil de quantificar, mas visível a olho nu por quem quer que viva numa grande cidade brasileira: a deterioração das condições de convivência social, ou seja, além dos problemas materiais tradicionalmente elencados como “fatores sociais” da violência – desemprego, fome, falta de moradia –, verifica-se uma degradação geral da vida cotidiana, motivada por um emaranhado de pequenos e grandes transtornos: trânsito, barulho, poluição, filas. Isso significa dizer que, não só as drogas, as armas vendidas ilegalmente e a pobreza geram violência, mas também o estresse do dia a dia.(...)

_____, além de providências urgentes como o efetivo policiamento das cidades, não podem deixar de ser consideradas propostas que visem à diminuição do caos urbano, fator responsável pela elevação dos níveis de estresse, frustração, impaciência e agressividade dos cidadãos.

Fonte: Texto adaptado. *Folha de S. Paulo*, 09/07/1994.

5. Em aulas anteriores, você estudou os diferentes tipos textuais (narrativo, descritivo, argumentativo...). Releia o texto da questão 4 e responda às perguntas:

a) O texto que você acabou de ler apresenta, predominantemente, sequências de qual tipo textual?

b) O desenvolvimento do parágrafo articula-se, muitas vezes, ao tipo de texto. Qual estratégia foi utilizada para o desenvolvimento da ideia-núcleo?

RESPOSTA COMENTADA

4. O terceiro parágrafo acrescenta mais uma causa geradora da violência nos centros urbanos, daí ser previsível o emprego do conector de adição "Além de".

O último parágrafo (quarto parágrafo) apresenta uma conclusão do enunciador. Logo, você deve utilizar uma conjunção conclusiva: portanto, logo, por conseguinte, assim, dessa forma.

5.a) O texto apresenta, predominantemente, sequências do tipo textual argumentativo.

b) O segundo e o terceiro parágrafos expõem as causas, as razões do aumento da violência nos centros urbanos. Trata-se de desenvolvimento por fundamentação da ideia-núcleo.

As sugestões apontadas não esgotam as possibilidades de organização dos parágrafos. O importante é que a preocupação maior daquele que escreve seja expor e fundamentar suas ideias de maneira clara, objetiva e convincente.

CONCLUSÃO

Chegamos ao final de mais uma aula e você deve ter percebido que existem muitas formas de expor as ideias, de desenvolver o raciocínio. Ao fazer a escolha, é importante ter em mente que o desenvolvimento do parágrafo articula-se, muitas vezes, ao tipo de texto. Assim, se o objetivo é descrever, a enumeração por detalhes é uma boa forma de desenvolver o parágrafo; mas se o objetivo é expor, as definições e os exemplos específicos atendem melhor ao tipo textual expositivo, e assim por diante.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2, 3, 4 e 5

O artigo transcrito abaixo foi publicado no jornal *O Globo*, no dia 15 de agosto de 2002. Leia-o com atenção para responder as perguntas a seguir.

O extermínio como solução final

(1º. parágrafo) Em épocas de forte percepção de insegurança, são lançadas numerosas propostas sobre a segurança pública. Entre elas, há uma ideia recorrente no imaginário de alguns setores que ressurgue inevitavelmente no contexto atual.

(2º. parágrafo) É a noção de que o crime pode ser extirpado, eliminando-se fisicamente os criminosos, como se acaba com uma epidemia destruindo o micróbio que a causa. Essa ideologia do extermínio é representada no Brasil não só por membros da ultradireita ou por pessoas iradas que acabaram de sofrer uma agressão, como também é expressa friamente por figuras com uma certa representatividade social.

(3º. parágrafo) Assim, o prefeito do Rio de Janeiro [César Maia] declarou que “se morrerem dez delinquentes, que morram. Cem, quinhentos, mil, quantos for necessário para restabelecer a ordem pública”, (...) Segundo os dados da polícia, os policiais em serviço no estado do Rio mataram um total de 351 pessoas entre janeiro e maio deste ano. Extrapolando para todo o ano, podemos estimar em 850 as mortes em intervenções policiais durante 2002.

(...)

(4º. parágrafo) Obviamente, não podemos acreditar que todos os mortos eram delinquentes, dado que eles não tiveram oportunidade de defesa num tribunal. Pesquisas no Rio e em São Paulo nos anos 1990 mostraram que um número considerável dessas mortes em intervenções policiais resulta de disparos pelas costas e à queima-roupa e outros claros indicadores de execução sumária.

(...)

(5º. parágrafo) A segunda premissa equivocada é o nexos causal entre violência policial e ordem pública. O prefeito parece pensar

que se mata pouco e, que se matássemos mais, poderíamos atingir a paz social. (...)

(...)

(6º. parágrafo) Ao contrário, o uso excessivo da força por parte da polícia, traduzido em execuções sumárias e mortes por balas perdidas, é um dos ingredientes do quadro que nos levou à situação atual. Inclusive, a percepção que o criminoso tem de que pode ser morto extralegalmente deve contribuir a que ele seja, por sua vez, cada vez mais violento, pois não tem nada a perder.

(7º. parágrafo) Em suma, as declarações do prefeito não são apenas moralmente repugnantes, mas estimulam o crime na forma de execuções sumárias e são, no melhor dos casos, inócuas para resolver o cenário de insegurança.

(...)

(8º. parágrafo) Queremos tratar os criminosos como animais e depois nos espantamos que eles nos tratem da mesma forma. É preciso acabar com a ilusão perversa de que, virando bárbaros, conseguiremos acabar com a barbárie.

Fonte: CANO, Ignácio. In: *O Globo*, 15/08/2002.

1. O texto dissertativo apresenta, normalmente, três partes essenciais: o *tópico de parágrafo* (introdução), o desenvolvimento e a conclusão. Numere os parágrafos do texto em estudo e identifique:

a) O parágrafo em que é feita a introdução do texto:

b) Os parágrafos que constituem o desenvolvimento do texto:

c) O(s) parágrafo(s) de conclusão:

2. Como o tópico de parágrafo (introdução) é iniciado? Explique.

3. O desenvolvimento é formado pelos parágrafos que fundamentam a tese. Normalmente, em cada parágrafo é apresentado e desenvolvido um argumento. Cada argumento pode ser desenvolvido por meio de procedimentos como:

- I) *desenvolvimento por detalhes;*
- II) *desenvolvimento por confronto;*
- III) *desenvolvimento por citação de exemplo;*
- IV) *desenvolvimento por definição;*
- V) *desenvolvimento por fundamentação da ideia-núcleo;*
- VI) *desenvolvimento por explanação das ideias em cadeia.*

Reconheça, no desenvolvimento do texto, o(s) parágrafo(s) em que é feito o uso de:

a) Desenvolvimento por detalhes:

b) Desenvolvimento por confronto:

c) Desenvolvimento por citação de exemplo:

d) Desenvolvimento por fundamentação da ideia-núcleo:

4. Identifique, no texto, alguns *encadeadores discursivos* (operadores argumentativos ou operadores de sequencialização) que fazem a transição de um parágrafo a outro.

RESPOSTA COMENTADA

- 1.a) No 1º parágrafo, é feita a introdução do texto;
 - b) os parágrafos 2, 3, 4, 5 e 6 constituem o desenvolvimento do texto;
 - c) os parágrafos 7 e 8 concluem o texto.
2. O tópico de parágrafo (a introdução) é iniciado com a omissão de dados identificadores. Nessa introdução, o autor do texto diz que “numerosas propostas sobre a segurança pública são lançadas e que uma ressurge no contexto atual”. Apenas no segundo parágrafo, o leitor toma ciência da proposta que ressurge: “A

pena de morte.” Quando o tópico de parágrafo é iniciado com a omissão de dados identificadores, cria-se um efeito de suspense.

3.a) Desenvolvimento por detalhes: *parágrafo 2;*

b) desenvolvimento por confronto: *parágrafo 6, em relação ao quinto parágrafo;*

c) desenvolvimento por citação de exemplo: *parágrafos 3 e 4;*

d) desenvolvimento por fundamentação da ideia-núcleo: *parágrafo 5.*

4. O terceiro parágrafo é introduzido pelo operador que marca uma relação de conclusão: *“Assim.”*

O quinto parágrafo é iniciado por um operador que estabelece o “mapeamento” do texto: *“A segunda premissa”.*

O sexto parágrafo é iniciado por um operador que introduz um argumento que tem orientação argumentativa contrária: *“Ao contrário.”*

E, o sétimo parágrafo é iniciado também por um operador que marca uma relação de conclusão: *“Em suma.”*

RESUMO

O *parágrafo-padrão*, isto é, o parágrafo que apresenta uma estrutura básica, constitui-se de uma introdução, que chamaremos de *tópico de parágrafo*, do desenvolvimento e da conclusão. Há várias maneiras de se iniciar o parágrafo: com *declaração, alusão histórica, definição, divisão, interrogação e omissão de dados identificadores*. No desenvolvimento do parágrafo, detalha-se a ideia-núcleo apresentada no *tópico de parágrafo*. São várias as estratégias que podem ser acionadas para a explanação da ideia-núcleo: desenvolvimento por *detalhes*, por *confronto*, por *citação de exemplos*, por *definição*, por *fundamentação da ideia-núcleo* e por *explanação das ideias em cadeia*. Devemos dispor em parágrafos diferentes as ideias relevantes, relacionando-as por meio de expressões adequadas a essa transição, tais como os *operadores discursivos (operadores argumentativos e operadores de sequencialização)*. O desenvolvimento do parágrafo articula-se, muitas vezes, ao tipo de texto.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos trabalhar com a “reescritura” de textos: *síntese e revisão*. Até lá!

Processos de produção e recepção do texto: reescrituração, síntese e revisão

*Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas*

AULA

28

Metas da aula

Analisar processos de reescrituração textual
(síntese) e produzir esse tipo de texto,
revisando-o.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer o resumo como síntese das ideias principais de um texto, e não como cópia do mesmo;
2. ordenar as ideias do texto para proceder à sua redução;
3. reconhecer diferentes tipos de resumo;
4. identificar as etapas de elaboração de um resumo;
5. articular a finalidade sociocomunicativa do texto a determinados tipos de resumo.

INTRODUÇÃO

Na aula de hoje, vamos trabalhar com a *reescrituração textual*, que pode dar-se em dois níveis: a *síntese* e a *ampliação* de um texto original (escrito por outra pessoa). É claro que você pode também reescrever seu texto (por exemplo, uma redação que tenha feito), após ser corrigida pelo professor. Mas não é desse tipo de reescrituração que vamos tratar hoje. O foco de nossa conversa incidirá, sobretudo, na *síntese* de ideias. E isso porque sabemos da dificuldade dos alunos para resumir as ideias de um texto.

Na maioria das vezes, quando se pede a alguém para fazer o *resumo* de um texto, o resultado é a reprodução (cópia) do texto original, construindo-se uma espécie de “colagem”. Essa “colagem” de segmentos do texto original não é um resumo e esse tipo de reprodução mostra que o texto não foi bem compreendido.

Então, o que é um resumo? E como fazer um resumo?

O RESUMO

Resumir um texto significa criar um novo texto, com as próprias palavras, utilizando somente as informações mais importantes do texto original. Assim, o resumo é a condensação das ideias ou fatos contidos no texto, sem perder de vista as suas ideias essenciais, a progressão e o encadeamento dessas ideias.



Ivan Prole

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1223589>

Para proceder à tarefa de resumir, em primeiro lugar, é preciso ter bem clara a finalidade do resumo. Isto é, a que aplicação prática se prestará?

A que necessidade sociocomunicativa precisará atender?

Os jornais apresentam várias informações em forma de resumos. Veja:



Helmut Gevert

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/490932>

Resumo das Novelas

Jogo Perigoso

Heitor descobre que é traído por Milena e pede satisfações. Vitória percebe que alguém está desviando dinheiro da empresa e pensa logo no marido Jonas. Bruno pede Cecília em casamento, mas não sabe que Pietra (sua ex-namorada) está preparando uma armadilha para os dois pombinhos.

Co

Cl
do
El
mã
ca:
Sir
Pa
ao
en

Fonte: *Jornal da Gente* (18 jan. 2011).

EXPOSIÇÃO

- **Museu de Arte Contemporânea (MAC)** (Mirante da Boa Viagem, s/nº, Boa Viagem, 2620-2400). Arte Contemporânea Brasileira – Coleções João Sattamini e MAC de Niterói. O acervo abrange a consolidação da arte abstrata no país desde os anos 50. Permanente.
- **Museu do Ingá** (Rua Presidente Pedreira, 78, Ingá, 2621-7788) – Acervo Banerj, mostra do acervo histórico, gravuras em metal de Eduardo Sued e obras de Milton da Costa e Maria Leontina. Das 11 às 17 h (ter a dom). Gratuito. Permanente.

Fonte: *Jornal da Gente* (9 maio 2010, p. 7).

FILME

- **Busca Implacável** (TV DA GENTE, às 23 h). Com Liam Neeson, Arben Bajraktaraj, Xander Berkeley, Radivoje Bukvic. França, 2008, cor, 93 min. Ação. – No filme, o personagem Bryan Mills (Liam Neeson) é um ex-agente do governo, que deixou o emprego para que pudesse passar mais tempo com Kim (Maggie Grace), a filha que teve com sua ex-esposa Lenore (Famke Janssen). Bryan passa, então, a trabalhar com antigos colegas, realizando serviços leves de segurança particular. Um dia, Kim pede ao pai autorização para viajar a Paris com uma amiga. O pai nega, tendo em vista que ele sabe bem os perigos que ela correria em um país estrangeiro. Depois de muita insistência, Kim consegue viajar. Só que o temor de Bryan se concretiza, já que logo após a chegada, Kim e sua amiga desaparecem.

Fonte: *Jornal da Gente* (9 maio 2010, p. 7).

Muitas vezes, há exigências metodológicas e didáticas para a elaboração dos resumos, norteados, por exemplo, a sua extensão, ou seja, o espaço a ser ocupado pelo resumo, ou um limite de palavras para ele.

Vejamos, agora, os tipos de resumo.

Tipos de resumo

1) *Resumo extensivo*: trata-se, na verdade, de uma **PARÁFRASE** do texto original. E isso porque não se pode cortar qualquer informação do

PARÁFRASE

Explicação ou interpretação de um texto com outras palavras.

texto original. Ele pode ser alterado na forma, e a solução, nesse caso, é substituir as palavras, expressões e construções do texto original por outras equivalentes no sentido, porém mais curtas.

2) *Resumo seletivo*: o texto original pode ter informações eliminadas. Cortam-se, portanto, as informações consideradas menos importantes. Nesse caso, os cortes variarão, dependendo do espírito crítico do leitor, já que distintas situações podem gerar prioridades diferentes para as informações veiculadas pelo texto. Geralmente são cortadas introduções desnecessárias, informações redundantes etc.

3) *Resumo estético*: o texto sofre alterações para ter sua qualidade melhorada, com a eliminação de segmentos considerados de mau gosto ou desnecessários.

4) *Resumo acadêmico*: o resumo se prende a finalidades de trabalho escolar, como as **RESENHAS** de livros, anotações de estudo etc.

Agora que já estudamos os tipos de resumo, vale a pena citar duas regras básicas que devem ser utilizadas em um resumo.

RESENHA

Resumo crítico do conteúdo de um livro.

Regras básicas a serem utilizadas num resumo

Cancelamento: cancelar palavras que se referem a detalhes, quando esses não são necessários à compreensão das outras partes do texto.

Generalização: substituir elementos por outros mais gerais que os incluam.

Assim, em um resumo, podemos cancelar termos desnecessários à compreensão global do texto ou substituir elementos específicos por outros mais gerais, a fim de incluir o maior número possível de informações. Vejamos, agora, o que deve e o que não deve ter um resumo.

O que um resumo deve ter e o que não deve ter

- um texto resumido, de modo geral, não apresenta introdução;
- o resumo deve seguir a ordem do texto (um defeito frequente em textos resumidos é a falta de encadeamento entre as partes resumidas);
- o resumo não deve conter elementos estranhos ao texto (nunca inserir exemplos ou ideias que não estejam no texto original);

- o resumo não deve apresentar apreciações sobre aspectos do texto;
- o resumo deve ser redigido como se o próprio autor o tivesse feito (não devem constar dos resumos frases como: “O autor afirma...”, “O autor supõe...”);
- o resumo não deve apresentar conclusões que não sejam do próprio autor do texto.

Para fixarmos os conceitos trabalhados até aqui, vamos fazer uma atividade.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1, 2 e 3

1. Leia um trecho de reportagem da revista *Veja*.

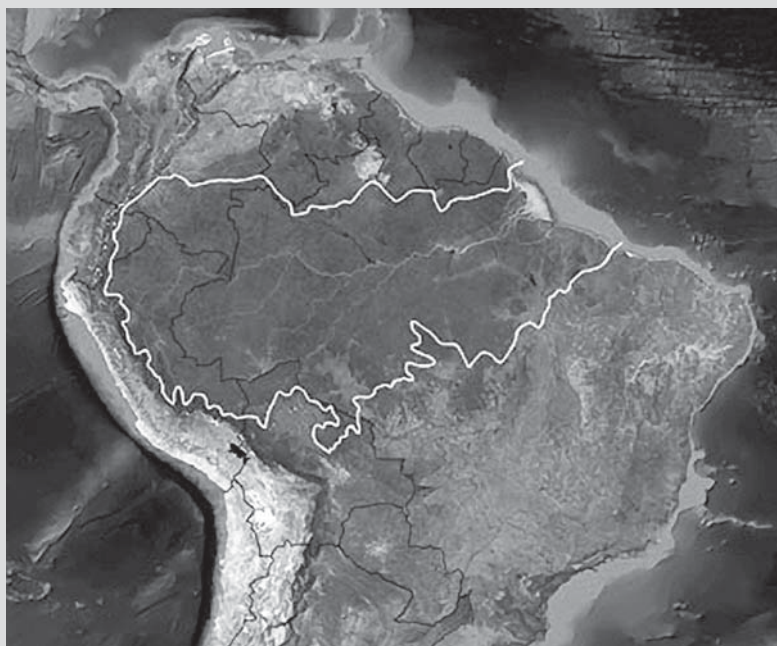


Figura 28.1: Mapa da ecorregião da Amazônia.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Amazon_rainforest.jpg

O risco de pagar para ver

No ritmo atual, a devastação mudará o ciclo de chuvas e logo poderá ser tarde demais para salvar a Floresta Amazônica.

A Floresta Amazônica está sendo devastada como se nunca fosse acabar. Já não é possível continuar nesse ritmo, pois estamos nos aproximando do ponto em que não haverá mais volta. Simulações feitas em computador pelo meteorologista Carlos Nobre, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, de São José dos Campos, indicam que a floresta desaparecerá quando a perda atingir entre 40% e 60% da cobertura vegetal. Não falta muito, pois nos últimos quarenta anos, a mata encolheu 17%. A razão disso é o delicado equilíbrio do sistema de chuvas na região. Metade da precipitação pluviométrica é formada pelas massas de ar úmido provenientes do Oceano Atlântico, uma fonte inesgotável de umidade. O restante é alimentado pela transpiração das plantas e pela evaporação da água dos rios, do solo e da superfície das folhas. Essa fonte é destruída com a vegetação. No ritmo atual de devastação, a maior floresta tropical do planeta será substituída por uma vegetação típica de cerrado em apenas cinquenta anos. Ou em trinta, de acordo com o prognóstico mais pessimista, que levou em conta a possível aceleração no ritmo de desmatamento.

(...)

Fonte: COSTAS, Ruth. O risco de pagar para ver. In: Revista Veja, Edição 1926, 12 out. 2005. Disponível em: http://veja.abril.com.br/121005/p_114.html

Agora, responda qual dos textos abaixo é um resumo. Justifique.

(a) “No ritmo atual, a devastação mudará o ciclo de chuvas e logo poderá ser tarde demais para salvar a Floresta Amazônica.”

(b) A Floresta Amazônica está sendo devastada. Simulações feitas pelo meteorologista Carlos Nobre, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, de São José dos Campos, indicam que a floresta desaparecerá quando a perda atingir entre 40% e 60% e, para que isso aconteça, não falta muito, pois nos últimos quarenta anos, a mata encolheu 17%. Isso porque parte da precipitação pluviométrica é formada pelas massas de ar úmido provenientes do Oceano Atlântico e o restante é alimentado pela transpiração das plantas e pela evaporação da água dos rios, do solo e da

superfície das folhas. No ritmo atual de devastação, a Floresta Amazônica será substituída por uma vegetação típica de cerrado em apenas cinquenta ou trinta anos.

(c) O ser humano está cada vez mais destruindo a Floresta Amazônica. Algumas medidas devem ser tomadas para que isso não continue. Simulações feitas em computador pelo meteorologista Carlos Nobre, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, de São José dos Campos, indicam que a floresta desaparecerá quando a perda atingir entre 40% e 60% da cobertura vegetal. Não falta muito, pois nos últimos quarenta anos, a mata encolheu 17%. Quando o homem vai perceber que está destruindo uma fonte de oxigênio do planeta?

2. Qual tipo de resumo foi utilizado para condensar as ideias da reportagem da revista *Veja*?

3. Nessa atividade, vamos trabalhar com um processo mental muito importante para a produção de um resumo: a sumarização, na qual, guiado por uma certa lógica, você deverá selecionar as informações relevantes e destacar as desnecessárias.

Veja o modelo:

Ontem à tarde, Pedro encontrou Maria no shopping. Ela estava usando um casaco de couro muito bonito.

Sumarização: Pedro encontrou Maria.

Informações excluídas: Circunstâncias que envolvem o fato (no shopping), qualificações/descrições de personagens (Ela estava usando um casaco de couro muito bonito).

Agora, é a sua vez!

a) Uma raposa muito felpuda, sentindo muita fome, foi até um vinhedo atrás de uvas.

Sumarização: _____

Informações excluídas: _____

b) Pedro, na noite de sábado, saiu com uns amigos para mais uma noitada. Conversaram, dançaram, brincaram, comeram e beberam.

Sumarização: _____

Informações excluídas: _____

c) "RIO – A chuva que cai sobre o Rio de Janeiro desde o fim da tarde de ontem já matou pelo menos 79 pessoas, segundo o secretário estadual de Saúde e Defesa Civil, Sérgio Côrtes. (...)"

Fonte: Chuva (2010).

Sumarização: _____

Informações excluídas: _____

FRANK CAPRA



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Frank_Capra.JPG

Francesco Rosario Capra, mais conhecido como Frank Capra (nasceu em Bisacquino – Sicília, 18 de maio de 1897 e morreu em La Quinta – Califórnia, 3 de setembro de 1991) foi um cineasta estadunidense.

Fonte: Capra (2011)

d) Há muito que o Natal deixou de ser uma festa religiosa. No seu aspecto positivo, virou festa de conagração, sobretudo no seio da família, é a data em que todos voltam a comer juntos, ao menos um peru e uma rabanada. No aspecto negativo, é o grande festim do consumo, presidido por esse chato e mercadológico 'Bom Velhinho', que seria tolerável num filme de **FRANK CAPRA**.

Fonte: Cony (1996).

Sumarização: _____

Informações excluídas: _____

RESPOSTA COMENTADA

1. Os textos (a) e (c) não são bons resumos do trecho de reportagem da revista *Veja*. Em (a), tem-se a cópia de uma parte da reportagem que não apresenta todas as informações importantes. Em (c), tem-se a inclusão de comentários pessoais misturados às ideias do texto original. O texto (b), portanto, é o melhor resumo, porque condensa as informações principais do texto original.
2. Para condensar as ideias da reportagem da revista *Veja*, foi utilizado o resumo seletivo, ou seja, a introdução desnecessária e as informações redundantes ou menos importantes foram eliminadas.
- 3.a) Sumarização: Uma raposa foi até um vinhedo.
Informações excluídas: qualificações do personagem (“muito felpuda”); estado do personagem (“sentindo muita fome”); finalidade (“atrás de uva”).
- b) Sumarização: Pedro saiu com uns amigos.
Informações excluídas: circunstâncias que envolvem o fato (na noite de sábado), finalidade (“para mais uma noitada”), ações dos personagens (“Conversaram, dançaram, brincaram, comeram e beberam”).
- c) Sumarização: A chuva que cai sobre o Rio de Janeiro já matou pelo menos 79 pessoas.
Informações excluídas: circunstâncias que envolvem o fato (“desde o fim da tarde de ontem”), autor da afirmação (“segundo o secretário estadual de Saúde e Defesa Civil, Sérgio Côrtes”).
- d) Sumarização: O Natal deixou de ser uma festa religiosa. No seu aspecto positivo, virou festa de conagração. No aspecto negativo, é o grande festim do consumo.
Informações excluídas: circunstâncias que envolvem o fato (“há muito”, “sobretudo no seio da família”), justificativas para as afirmações (“é a data em que todos voltam a comer juntos, ao menos um peru e uma rabanada”, “presidido por esse chato e mercadológico ‘Bom Velhinho’, que seria tolerável num filme de Frank Capra”).

Acabamos de treinar a estratégia da sumarização em pequenos textos. Fácil, porque, com essa estratégia, selecionamos apenas a informação principal e descartamos as demais. Agora, estudaremos as etapas da elaboração de um resumo: a compreensão e a reelaboração.

A elaboração do resumo

A operação de resumir um texto pode ser dividida em duas etapas: (a) a compreensão do texto e (b) a reelaboração do texto.

(a) Compreensão do texto

Se não entendemos um texto, como poderemos fazer um resumo desse texto?

Compreender um texto significa não só entender as frases literalmente, mas também perceber as conexões entre elas e a coesão total do texto. Assim, para se elaborar um bom resumo, é fundamental, antes de tudo, compreender o “conteúdo global” do texto, pois não se pode ir resumindo à medida que se vai fazendo a primeira leitura.

A *compreensão* do texto se dá por meio de dois processos paralelos: o processo de análise do texto e o processo de conexões das informações por meio de nosso *conhecimento de mundo*.

(b) Reelaboração do texto

O grau de dificuldade para se fazer o resumo vai depender basicamente de dois fatores:

- da complexidade do próprio texto (o assunto tratado, seu vocabulário, suas relações lógicas e estruturação sintático-semântica) etc.;
- da competência do leitor (seu amadurecimento intelectual, o grau de informações que possui, a familiaridade com os temas explorados).

Proposta de etapas para a *reelaboração* do texto:

1ª: Reconhecer as condições do resumo. É preciso saber se o resumo deve, obrigatoriamente, ocupar um espaço determinado, ou não, e é preciso saber também a sua finalidade para que se possa fazer uma seleção dos pontos fundamentais de forma mais coerente;

2ª: Ler uma vez o texto ininterruptamente, do começo ao fim. Essa “leitura global” é importante, pois já vimos que um texto não é um aglomerado de frases. Assim, sem se ter noção de seu conjunto, será mais difícil entender o significado preciso de cada uma das partes. Observação: essa primeira leitura deve ser feita com a preocupação de responder genericamente à seguinte pergunta: “De que trata o texto?”

3ª: Fazer uma segunda leitura, seletiva. A segunda leitura é mais do que necessária:

- para compreender melhor o significado das palavras difíceis (deve-se recorrer ao dicionário, se preciso for);
- para captar o sentido das frases mais complexas (longas, com elementos ocultos, com inversões);
- e, principalmente, para compreender bem o sentido das palavras relacionais, responsáveis pelas conexões entre porções de texto (*assim, isto, isso, aquilo, aqui, lá, daí, sua, ele, ela, dessa forma, a seguir, por exemplo, ou seja* etc.). É desejável que se empreguem marcadores luminosos para que seja possível visualizar os itens básicos desses encadeamentos.

Nessa leitura, é provável que já se façam comparações com outros elementos que já tenhamos armazenado em nossa memória e que, por isso mesmo, possam contribuir para que se tenha já uma

noção mais segura das ideias relevantes do texto original. Mas, na verdade, só se começa a tarefa de resumir mesmo após várias leituras de todo o texto.

Como identificar as unidades de sentido? Para identificar as unidades de sentido, é fundamental seguir o encadeamento do pensamento do autor do texto. Daí a importância de destacarmos os conectores responsáveis por esse encadeamento:

- *mas , porém, todavia* etc. → contrariedade;
- *então, logo, assim, por isso* etc. → conclusão;
- *porque, na verdade, dessa forma* etc. → demonstração;
- *por quê?* → interrogação;
- *porque, visto que, já que* etc. → causa, resposta, explicação, justificativa;
- *embora, mesmo que, ainda que* etc. → concessão.

Além disso, para evitar erros no resumo, deve-se, inicialmente, determinar “quem” fala no texto. Os casos mais frequentes são:

- o autor fala em seu próprio nome: o texto pode ser em primeira pessoa do singular, ou do plural ou, ainda, em terceira pessoa;
- o autor evoca o pensamento de outras pessoas, contra os quais ele se posiciona. Nesse caso, é preciso ter cuidado para não atribuir ao autor pensamentos que não são dele para não gerar contradições;
- o autor faz com que personagens falem, sem revelar o que ele próprio pensa. Nesse caso, é imprescindível indicar a autoria do ponto de vista expresso.

4ª: Tentar fazer, num terceiro momento, uma segmentação do texto. Essa segmentação, dependendo da estruturação e da extensão do texto, pode ser feita de duas maneiras:

- por parágrafos: quando o texto a ser resumido é pequeno, a segmentação por parágrafos pode ser um bom indicador, ou seja, pode-se adotar, como primeiro critério de segmentação,

essa divisão analítica, em parágrafos, pois já sabemos que os parágrafos se estruturam em torno de uma ideia-núcleo (*tópico de parágrafo*) e ideias associadas desenvolvidas nos parágrafos seguintes;

- por um critério de segmentação mais funcional, no caso de textos mais longos (o capítulo de um livro, por exemplo). Nesse caso, a segmentação vai depender do *tipo* de cada texto.

Por exemplo, se o texto for *argumentativo*, pode-se dividi-lo em blocos de ideias que tenham alguma afinidade de sentido;

Se o texto for *narrativo*, cabe observar a organização do enredo e suas diversas partes;

Se for *descritivo*, cabe observar o movimento do texto: do geral para o específico; do específico para o geral; do objetivo para o subjetivo, do subjetivo para o objetivo etc.

5ª: Fazer uma síntese, com *frases nominais*, da ideia ou das ideias centrais de cada fragmento do texto. Deve-se tentar fazer essa síntese usando palavras mais abstratas e mais abrangentes.

6ª: Dar a redação final ao texto, com as próprias palavras, procurando não só condensar os segmentos, como também encadeá-los na progressão em que se sucedem no texto, estabelecendo relações entre eles.

7ª: Rever o trabalho: é o momento de verificar se o texto produzido apresenta-se como um todo coerente e de realizar correções e adaptações.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 4 e 5

4. Na aula passada, estudamos as várias formas de desenvolvimento de parágrafos. O texto a seguir foi utilizado para exemplificar o desenvolvimento por explanação das ideias em cadeia. Releia-o.

- 1 O brasileiro exagera nos remédios, consumindo-os sem consultar o médico e colocando sua saúde em risco.

Levante a mão quem jamais tomou um remedinho “receitado” por um amigo ou foi até a farmácia comprar um medicamento e saiu de lá levando dois ou mais na sacola. Manter um estoque em casa também é comum. Só que, além dos costumeiros analgésicos e produtos contra a febre, a maioria faz questão de guardar sobras de antibióticos e de outras drogas controladas. A mania é justificada pelo preço dos itens (normalmente altos) ou em nome da precaução. Afinal, quando surgirem dores de cabeça ou de estômago, por exemplo, a solução estará ao alcance da mão, no armário do banheiro, em cima da geladeira, no criado-mudo e até na bolsa. Pesquisa encomendada pelo laboratório Bayer ao instituto Marplan mostrou que 49% das mulheres entrevistadas em oito capitais brasileiras não saem de casa sem um analgésico a tiracolo (...). Esse é apenas um dos sintomas da tendência para a automedicação que o Brasil tem. A característica, evidentemente, não está livre de efeitos colaterais.

Usar remédios sem prescrição médica é um hábito muito frequente entre nós. O comportamento é confirmado por algumas estatísticas. O País é o quarto consumidor de medicamentos e o oitavo mercado do mundo, movimentando cerca de R\$ 16 bilhões por ano. Como a maioria das pessoas não tem dinheiro para adquirir os itens, significa que há uma parcela comprando demais. Pouca gente tem acesso a remédios. Quem tem, usa-os de forma descontrolada. Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), do Ministério da Saúde, cerca de 50% dos medicamentos controlados são vendidos sem exigência de prescrição médica. Os produtos com tarja vermelha são o principal alvo dessa venda fácil. O controle é mais rígido com as drogas com tarja preta (podem causar dependência), pois uma via da receita fica retida na farmácia. Um dos desdobramentos dessa situação é que muita gente usa substâncias potentes sem necessidade. (...)

(...)

Fonte: BOCK, Lia; TARANTINO, Mônica. Atração perigosa. In: Isto é, nº 1671, 10 out. 2001, pp. 80-5. Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/41619_ATRACAO+PERIGOSA?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage

5. Faça uma primeira leitura do texto e procure identificar:

a) o tipo textual:

b) o gênero de texto:

c) o(s) autor(es):

d) a que público se destina:

e) o assunto:

6. Na reportagem da revista *IstoÉ*, é utilizado o *desenvolvimento por explanação das ideias em cadeia*, ou seja, após apresentar a ideia-núcleo no *tópico de parágrafo* ("O brasileiro exagera nos remédios, consumindo-os sem consultar o médico e colocando sua saúde em risco."), o texto é dividido em mais duas partes, em que são analisados vários dados relacionados à ideia-núcleo. Nessas duas partes, que outros tipos de desenvolvimento de parágrafo são empregados?

7. Identifique o(s) termo(s) a que fazem referência os elementos gramaticais e lexicais abaixo:

a) "O brasileiro exagera nos remédios, consumindo-os sem consultar o médico e colocando sua saúde em risco." (Linha 1)

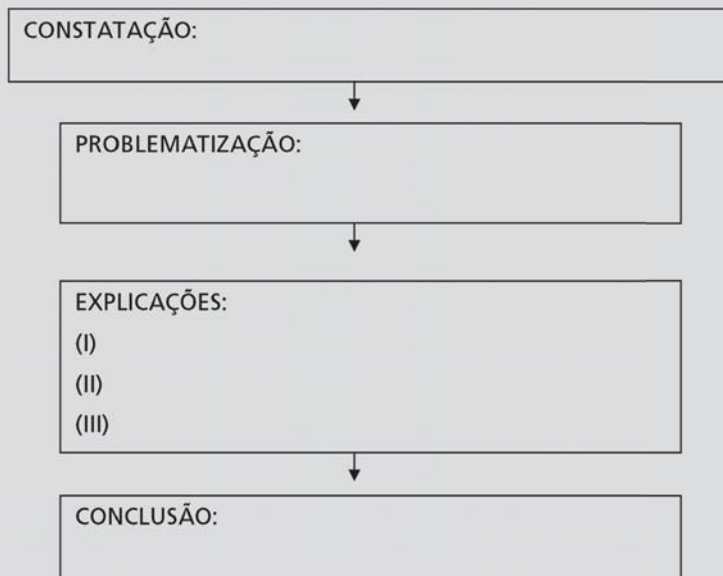
b) "Levante a mão quem jamais tomou um remedinho 'receitado' por um amigo ou foi até a farmácia comprar um medicamento e saiu de lá levando dois ou mais na sacola." (Linha 3)

c) "Esse é apenas um dos sintomas da tendência para a automedicação que o Brasil tem." (Linha 14)

d) "O comportamento é confirmado por algumas estatísticas." (Linha 18)

e) "Quem tem, usa-os de forma descontrolada." (Linha 22)

8. Agora, vamos fazer a segmentação do texto. Complete o esquema a seguir, organizando resumidamente as ideias do texto.



9. Junte as informações que você utilizou para completar o esquema anterior, a fim de produzir um pequeno resumo.

RESPOSTA COMENTADA

5. a) O tipo textual: texto expositivo. Caracteriza-se por expor, definir, enumerar e explicar fatos e elementos de informação. Os textos em que predominam as sequências expositivas possuem estruturas que partem, em geral, de uma constatação, saindo para a problematização e, em seguida, para uma explicação, constituindo uma conclusão.

b) O gênero de texto: reportagem de revista.

c) O(s) autor(es): Lia Bock e Mônica Tarantino.

d) A que público se destina: leitores da revista IstoÉ.

e) O assunto: a automedicação.

6. Como dissemos, na reportagem da revista IstoÉ, é utilizado o desenvolvimento por explanação das ideias em cadeia, ou seja, após apresentar a ideia-núcleo no tópico de parágrafo ("O brasileiro exagera nos remédios, consumindo-os sem consultar o médico e colocando sua saúde em risco."), o texto é dividido em mais duas

partes, em que são analisados vários dados relacionados à ideia-núcleo. Para tanto, são oferecidos detalhes (desenvolvimento por detalhes) e exemplos (desenvolvimento por citação de exemplos).

7. a) O pronome oblíquo “os” retoma “remédios”.

b) O advérbio de lugar “lá” retoma “farmácia”, e a expressão “dois ou mais” refere-se a “medicamento”.

c) O pronome demonstrativo “esse” refere-se à afirmação anterior: “49% das mulheres entrevistadas em oito capitais brasileiras não saem de casa sem um analgésico a tiracolo”.

d) O substantivo “comportamento” retoma toda a oração anterior: “Usar remédios sem prescrição médica é um hábito muito frequente entre nós”.

e) O pronome oblíquo “os” retoma “remédios”.

8. CONSTATAÇÃO: O brasileiro exagera nos remédios, consumindo-os sem consultar o médico.

PROBLEMATIZAÇÃO: Os brasileiros compram e tomam remédios indicados por amigos. Além disso, mantêm um estoque em casa.

EXPLICAÇÕES:

(I) Preço dos remédios.

(II) Precaução.

(III) Cerca de 50% dos medicamentos controlados são vendidos sem exigência de prescrição médica.

CONCLUSÃO: Muita gente usa substâncias potentes sem necessidade.

9. O brasileiro exagera nos remédios, consumindo-os sem consultar o médico. A mania é justificada pelo preço dos itens (normalmente altos) ou em nome da precaução. Além disso, 50% dos medicamentos controlados são vendidos sem exigência de prescrição médica. Um dos desdobramentos dessa situação é que muita gente usa substâncias potentes sem necessidade.

Aprender as técnicas de como fazer um bom resumo é importante para todos os que lidam com a produção e a recepção de textos, seja em que nível for, seja em que disciplina for.

CONCLUSÃO

Ao fazer um resumo, portanto, você deve verificar se o texto produzido pode ser compreendido por um leitor que não conhece o original; se as relações entre as ideias do texto original estão claramente explicitadas por conectivos e verbos adequados; se o vocabulário utilizado está adequado ao gênero e se o texto cumpre o objetivo a que se propõe. Além disso, ao final desta aula, você deve ter percebido que é muito importante reler o que se escreve, ou seja, fazer uma revisão do texto que você produziu.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2, 3, 4 e 5

1. Releia o resumo da Aula 8 e responda as perguntas a seguir:

A coesão pode ser focalizada tanto do ponto de vista da *gramática* (sistema fechado), quanto do ponto de vista do *léxico* (sistema aberto). A *coesão referencial*, como mecanismo gramatical, assinala, por meio da utilização de formas linguísticas apropriadas, elementos já mencionados anteriormente no texto. Quando a remissão é feita a algum elemento da situação comunicativa, a coesão se chama *exofórica*. Ao contrário, quando a remissão se faz a elementos presentes no texto, ela se chama de *endofórica* (ou *correferência*). A *coesão referencial*, ou *por referência*, envolve dois termos: o primeiro, a que denominamos “forma referencial, ou remissiva”, que faz remissão a outro(s) do universo textual e o segundo, denominado “elemento de referência ou referente textual”. A remissão pode ser feita *para trás*, constituindo uma *anáfora*, ou *para a frente*, constituindo uma *catáfora*. Há, ainda, outro tipo de *coesão endofórica*. É a substituição por zero: omite-se um termo, ou todo um enunciado, recuperáveis pelo contexto. É o que se chama *elipse*. O *paralelismo estrutural*, também mecanismo gramatical de coesão, ocorre quando há a presença de traços gramaticais comuns, a mesma ordem das palavras ou a mesma estrutura frásica em segmentos textuais contínuos.

A operação de resumir um texto pode ser dividida em duas etapas: a compreensão do texto e a reelaboração do texto.

Após realizar a primeira leitura do texto, procure identificar:

a) o tipo textual:

b) o gênero de texto:

c) a que público se destina:

d) o assunto:

2. Qual tipo de resumo foi utilizado para condensar as ideias da Aula 8?

RESPOSTA COMENTADA

1.a) *Tipo textual: texto expositivo.*

b) *Gênero de texto: acadêmico.*

c) *A que público se destina: alunos de graduação em Letras.*

d) *Assunto: coesão textual por meio de mecanismos gramaticais (coesão referencial e paralelismo estrutural).*

2. *Foi utilizado, para condensar as ideias da Aula 8, o resumo acadêmico, ou seja, aquele que ajuda o aluno a recordar o que foi estudado na aula.*

Segundo a escritora Maria Teresa Serafini (1992, p. 184-185), há divergências sobre o conceito do que seja um resumo. A autora conta o seguinte fato para justificar a sua opinião:

O jornal italiano *L'Espresso* ("Elogio do resumo", 17 de outubro de 1982) pediu a doze escritores, jornalistas e críticos literários que resumissem em quinze linhas datilografadas uma obra literária à sua escolha. Alguns apresentaram efetivamente só os fatos principais do texto, criando uma ficha parecida com as que se encontram nas enciclopédias e nos manuais de literatura. Outros, ao contrário, apresentaram pouco conteúdo do texto e escreveram um comentário crítico.

Ítalo Calvino, em outro jornal – *La Repubblica* ("Pouco Papo!", de 22 de outubro de 1982) –, comparou os resumos dos doze escritores e inaugurou uma discussão:

– Existe diferença entre resumo e comentário?

– Ao selecionar as informações que consideramos mais importantes, não estaríamos fazendo um comentário?

Deixamos essas questões em aberto para você pensar...

RESUMO

Resumir um texto significa criar um novo texto, com as próprias palavras, utilizando somente as informações mais importantes do texto original. Para proceder à tarefa de resumir, é preciso ter bem clara a *finalidade* do resumo e a que necessidade sociocomunicativa precisará atender. A partir dessa finalidade, apresentam-se tipos de resumo: resumo *extensivo*, *seletivo*, *estético* e *acadêmico*. A operação de resumir um texto pode ser dividida em duas etapas: a compreensão do texto e a reelaboração do texto. Nessa última, algumas etapas devem ser observadas: reconhecimento das condições do resumo, leitura global do texto original, leitura seletiva, determinação do processo de resumo adotado, síntese das ideias centrais, redação final e revisão.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos ultrapassar os limites da linguagem verbal para alcançar outras linguagens: vamos estudar as possibilidades de expressão do texto não verbal. Até lá!

Multiplicidade de linguagens: texto verbal x texto não verbal

*Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas*

AULA

29

Meta da aula

Analisar outras formas de linguagem, além da linguagem verbal.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar semelhanças e diferenças entre a linguagem verbal e a não verbal;
2. reconhecer diferentes tipos de linguagem não verbal;
3. relacionar linguagem não verbal e tipos de textos;
4. identificar mecanismos de "leitura" de um texto não verbal.

INTRODUÇÃO

Logo na primeira aula de nosso curso – quando aprendemos, dentre outros conceitos, o conceito de texto e vimos quais as propriedades que diferenciam um texto de um “não texto” –, vimos, também, que o conceito de texto, antes muito preso à linguagem verbal, vem-se estendendo a outras manifestações da linguagem.

Assim, o texto é agora encarado como atividade linguística concreta, percebida tanto pela visão quanto pela audição.

Nossa aula de hoje trata exatamente dessa perspectiva da manifestação textual: a multiplicidade de linguagens por meio das quais se expressam os textos.

AINDA, E SEMPRE, O TEXTO

Vamos retomar alguns pontos, no estudo do texto, a partir da definição de texto apresentada por Fávero e Koch (1994), na qual se considera o texto dentro dessa perspectiva mais ampla.

Para Fávero e Koch (1994, p. 25), o termo *texto* pode ser tomado em duas acepções:

texto, em sentido *lato*, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos. Em se tratando da linguagem verbal, temos o *discurso*, atividade comunicativa de um falante, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou por este e seu interlocutor, no caso do diálogo) e o evento de sua enunciação. O discurso é manifestado, linguisticamente, por meio de textos (em sentido *estricto*).

Observamos, então, que esse conceito de texto se alarga para acolher outros tipos de linguagem, por meio das quais o ser humano se comunica com seu semelhante, representa o mundo, influencia os outros e exterioriza seus sentimentos e pensamentos.

Os homens, portanto, sempre se valeram de múltiplas linguagens para veicular sentidos. Podem-se exprimir por meio de uma única linguagem, como a verbal, com as palavras; por meio da linguagem gestual, como a língua de sinais, ou da linguagem plástica da pintura, por exemplo, com formas e cores. Mas podem, também, manifestar-se, simultaneamente, por linguagens diferentes, como ocorre na televisão, no cinema, no teatro, nas histórias em quadrinhos.

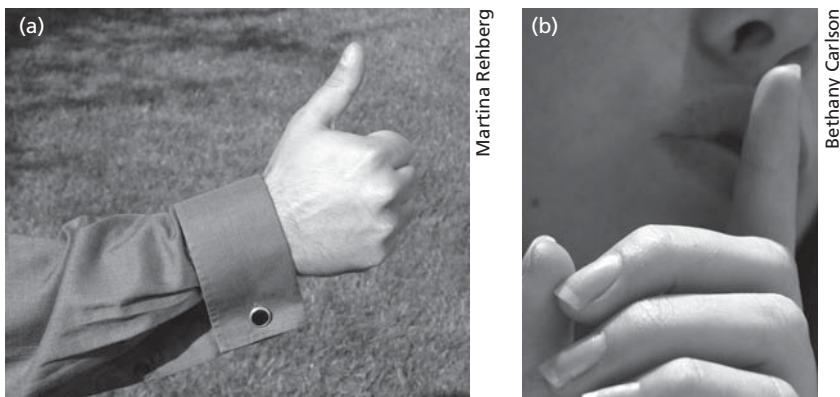


Figura 29.1: A linguagem gestual é um exemplo de linguagem não verbal, pois também é um meio utilizado pelo ser humano para se comunicar.

Fontes: (a) <http://www.sxc.hu/photo/1023909>; (b) http://www.sxc.hu/pic/m/b/be/bewinca/764088_shhhh.jpg

TEXTO VERBAL E TEXTO NÃO VERBAL: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

É correto dizer, então, que não só a linguagem verbal, mas também a não verbal exprimem sentidos, com a diferença de que, na primeira, esses signos são constituídos de sons da língua (rosa, livro, azul) e, na segunda, de outros tipos de signos, como as cores, os gestos, as formas, os sons musicais. Mas tudo é linguagem, tudo é texto, tudo é expressão.

Aguiar (2004, p. 28) explica bem essa diferença:

(...) percebemos que, na verdade, estamos diante de duas linguagens. Uma é objetiva, definidora, cerebral, lógica e analítica, voltada para a razão, a ciência, a interpretação e a explicação. A outra é muito mais difícil de definir, porque é a linguagem das imagens, das metáforas, dos símbolos, expressa sempre em totalidades que não se decompõem analiticamente. No primeiro caso, estão as palavras escritas ou faladas; no segundo, os gestos, a música, as cores, as formas que se dão de modo global.

Outra diferença básica entre essas duas formas de expressão é a “linearidade” da primeira, em relação à “não linearidade” da segunda. Na linguagem verbal, a leitura é, então, realizada sequencialmente, do início para o fim, da esquerda para a direita. Já no texto não verbal, uma imagem, por exemplo, pode ser explorada, inteiramente, de uma só vez, visto que nele falta a dimensão temporal.

SIGNO

Sinal indicativo, indício, marca (HOUAISS, 2008).

SIGNO

LINGUÍSTICO

Um objeto linguístico dotado simultaneamente de forma (*significante*) e de sentido (*significado*). Por exemplo, a palavra da língua portuguesa “cachorro” tem uma forma particular, que consiste numa sequência de fonemas destituídos de sentido, e também um significado particular – um tipo específico de animal. O conceito de “signo linguístico” foi introduzido no início do século XX pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure (adaptado de TRASK, 2004).

SINESTÉSICAS

Adjetivo relativo à sinestesia, que é cruzamento de sensações; associação de palavras ou expressões em que ocorre combinação de sensações numa só impressão. Por exemplo, quando dizemos “um perfume doce” (olfato + paladar).

MANACÁ

Arbusto ornamental de flores aromáticas.

Explicando melhor: no texto verbal, os **SIGNOS** e os sons que o compõem se sucedem, isto é, vêm um em seguida ao outro, tanto no espaço da linha (língua escrita) quanto no tempo da fala (língua falada).

Ao contrário, no texto não verbal, vários signos podem aparecer ao mesmo tempo. Quando observamos um quadro, ou uma fotografia, por exemplo, captamos, de imediato, a totalidade de seus elementos, para só depois nos determos nos elementos e irmos decompondo essa totalidade. Esse processo analítico de decomposição pode variar de pessoa a pessoa, diferentemente do que ocorre com o texto verbal, cuja apreensão se dá da mesma forma para leitores ou ouvintes, ou seja, vai-se percebendo a cadeia sonora, ou vão-se lendo as palavras à medida que o texto é falado ou lido.

Assim, o texto verbal se concretiza por meio da linguagem articulada (a língua), ao passo que o não verbal se constitui a partir de imagens sensoriais, como as visuais, as olfativas, as auditivas, as **SINESTÉSICAS** e, inclusive, as gustativas.

Veja mais alguns exemplos de textos que misturam as sensações:

(1) Aquela criança tem um olhar tão doce (olhar: visão; doce: paladar).

(2) “Esta chuvinha de água viva esperneando luz e ainda com gosto de mato longe, meio baunilha, meio **MANACÁ**, meio alfazema” (Mário de Andrade) (paladar, visão e olfato).



Laura Morariu

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1198215>



(3) “Sem fio, sem antena, sem chiados. Sem palavras”, Siemens Mobile (Veja: 4/2/04) (visão + audição).

poderão não ser uniformes. Cada pessoa poderá destacar detalhes não percebidos por outra e isso porque a apreensão dos elementos desse texto visual vai depender das experiências e gostos pessoais, enfim, da maneira como cada um “vê” o quadro.

Outra diferença, considerada importante, entre a imagem e o texto verbal, segundo Vestergaard e Schrøder (2000, p. 30), é que, neste, há sempre um verbo conjugado num tempo definido, enquanto, naquele, as imagens são atemporais. Já sabemos que o tempo verbal é um recurso **DÊITICO** que ancora a linguagem ao contexto, na medida em que, por meio desse recurso, podemos indicar se o evento ou estado a que esse enunciado se refere é simultâneo ou anterior ao momento em que foi proferido.

A semelhança entre as linguagens verbal e não verbal consiste basicamente na possibilidade de as duas serem veículos do pensamento do enunciador, ou seja, como acabamos de ver, por meio de uma, ou de outra, o ser humano consegue se expressar e se comunicar, recriando a realidade.

DÊITICO

É o adjetivo referente à “dêixis”, faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar. A designação dêitica ou mostrativa figura ao lado da designação simbólica ou conceptual, em qualquer língua
(Fonte: *Dicionário de linguística e gramática*).

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1 e 2

1. Leia a citação a seguir:

“Na era da informação tudo é texto. Um *slogan* político ou publicitário, um anúncio visual sem nenhuma palavra, uma canção, um filme, um gráfico, um discurso oral que nunca foi escrito, enfim, os mais variados arranjos organizados para informar, comunicar, veicular sentidos são textos. O texto não é, pois, exclusividade da palavra. Para a consagrada bailarina e coreógrafa Martha Graham, a dança é uma forma de comunicação, logo, é texto – ainda que o código do emissor e do receptor-expectador não sejam os mesmos” (MACHADO, 1999).

EPITÁFIO

É um texto que se coloca sobre um túmulo e que se propõe como um resumo da existência daquele que está enterrado.

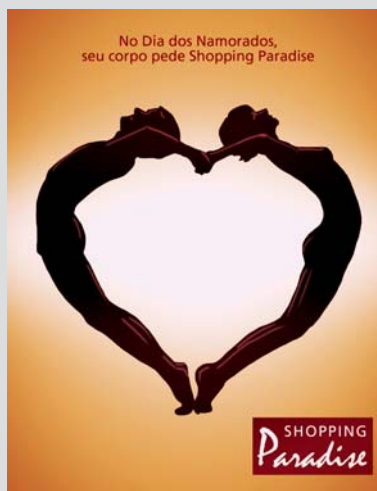
Segundo a autora do trecho lido, Irene Machado, “tudo é texto”. Uma imagem, uma palavra, uma expressão corporal etc. produzem sentido(s) e, por isso, são textos. A partir da afirmação de Irene Machado, pode-se dizer que o poema a seguir é um texto? Verbal ou não verbal? Justifique.

EPITÁFIO PARA UM BANQUEIRO

n e g ó c i o
e g o
ó c i o
c i o
o

Fonte: Paes (1976).

2. Observe a publicidade seguinte:



a) Essa peça publicitária é exemplo de texto verbal/não verbal? Por quê?

b) Explique a relação existente entre a mensagem verbal e a visual.

RESPOSTA COMENTADA

1. O exemplo é um poema concreto em que há a junção do aspecto verbal (palavras, sons) e do não verbal (imagem criada pela disposição das palavras e letras no papel). Logo, é um texto verbal e não verbal. O poema, por ser breve, e pela própria disposição na página, sugere uma inscrição numa lápide (um epitáfio). Semanticamente, vemos que as palavras sintetizam a trajetória de vida de um banqueiro: negócios, ego, ócio, cio e, finalmente, a morte, representada pelo “zero” na última linha. Observe que as palavras “ego”, “ócio” e “cio” estão contidas em “negócio”, fato que é ressaltado pelo alinhamento visual dos signos.

2.a) A peça publicitária em análise é exemplo de texto verbal e não verbal, ou seja, há uma mensagem verbal – “No Dia dos Namorados seu corpo pede Shopping Paradise” –, mas essa mensagem está ancorada à não verbal, visual. O objetivo, no texto não verbal, não é expor verbalmente o que se quer dizer ou o que se está pensando, mas comunicar, por meio da imagem, das cores, da disposição das figuras no papel. No caso desta publicidade, complementa o conteúdo do texto escrito. Na peça publicitária original, a tela é preenchida por tons que vão do amarelo ao laranja, “cores quentes”, como convém ao tema do amor, da paixão, o que se afina muito bem, portanto, ao Dia dos Namorados.

b) O texto visual ratifica e expande o texto escrito por meio da seguinte estratégia: o desenho de um coração, formado por corpos, remete para a simbologia do “coração” como representação de amor, carinho, o que se articula muito bem a uma publicidade voltada para o Dia dos Namorados.

A ARTICULAÇÃO ENTRE A LINGUAGEM NÃO VERBAL E OS TIPOS DE TEXTOS

O texto não verbal é uma cópia exata da realidade?

Podemos ter essa impressão, em relação à fotografia, ao cinema, ou à televisão. Mas é apenas uma impressão, pois não se pode dizer, por exemplo, que uma foto seja um retrato fiel da realidade que representa e isso porque o fotógrafo dispõe de inúmeros recursos para alterar essa realidade, priorizando o ângulo que lhe interessa: jogo de luz, enquadramento do ângulo etc. Hoje em dia, com as técnicas de Photoshop, inclusive, podem-se alterar as imagens, escondendo-se defeitos, alterando linhas de expressão, modelando corpos, enfim, transformando e recriando o real.

Dessa forma, podemos dizer que o texto não verbal ressignifica a realidade e a transforma de acordo com o ponto de vista de quem o produz. Cria-se, então, um efeito de verdade, uma simulação da realidade.

E como o texto não verbal se apropria da realidade?

Em princípio, o texto não verbal pode ser considerado predominantemente descritivo, já que apreende a realidade num ponto estático no tempo.

Por exemplo, a foto de uma noiva na porta da igreja é descritiva, pois capta a realidade singular daquele momento, e não uma transformação de estado, o que caracterizaria uma narrativa.

Por outro lado, podemos organizar uma sequência de fotos:



Tanja Jans

1ª: a noiva, na porta da igreja;

2ª: a noiva, de braço com o pai, entrando na igreja;

3ª: a noiva chegando ao altar e sendo recebida pelo noivo.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/776970>

Nesse caso, a sequência de fotos está numa progressão narrativa, ou seja, revela transformação de estados, configurando-se, portanto, a narração, e não a descrição. As histórias em quadrinhos, as fotonovelas e o cinema fazem uso dessa disposição de imagens em progressão.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 3

3. Como vimos, o texto não verbal é predominantemente descritivo, mas também pode sugerir uma progressão narrativa. Observe o anúncio publicitário a seguir, do Governo Federal.



Fonte: <http://www.transportes.gov.br/pare/CAMP8.htm>

a) A disposição das imagens no anúncio sugere uma progressão narrativa? Justifique.

b) Se o anúncio fosse veiculado apenas com o texto verbal – “Estupidamente gelada. Não dirigir quando beber. Esse é o código” –, causaria o mesmo impacto? Por quê?

RESPOSTA COMENTADA

3.a) A disposição das imagens no anúncio sugere uma progressão narrativa, ou seja, que alguém morreu no trânsito, por conta de ingestão de bebida alcoólica.

b) Se o anúncio fosse veiculado apenas com o texto verbal – “Estupidamente gelada. Não dirigir quando beber. Esse é o código” – não causaria o mesmo impacto, pois faltaria a parte principal da mensagem, a mais significativa, por sugerir a morte. Esse efeito de sentido se dá apenas pelo texto visual. Explicando melhor: na construção visual da mensagem, vemos dois signos que se relacionam por similaridade: duas garrafas (provavelmente de

cerveja) e dois pés juntos. A relação entre esses dois signos sugere que a bebida levou ao acidente que ocasionou a morte do indivíduo. A articulação entre o texto verbal e o não verbal é extremamente chocante, pois obriga, de forma brutal, o leitor a tomar consciência da realidade.

MECANISMOS DE “LEITURA” DE UM TEXTO NÃO VERBAL

A “leitura” de um texto não verbal exige, além de algumas competências, sensibilidade para perceber sentidos além da barreira das palavras.

Muitos conceitos que já aprendemos em nosso curso poderão ser testados e aplicados agora. Por exemplo, os conceitos de sentido de língua e sentido de discurso, metáfora, ambiguidade, reiteração de figuras etc.

Mas vamos começar por um de que ainda não tratamos diretamente. O conceito de *figuras* e de *temas*.

Figuras e temas

As *figuras* são elementos concretos que revestem um *tema*. Assim, por exemplo, se eu quiser falar do tema “pureza”, posso me valer de figuras como a *pomba branca*, uma *criança*, a *Virgem Maria* (para os católicos) etc. E é claro que, para compreender perfeitamente os efeitos de sentido que desejo transmitir, o meu interlocutor deverá perceber a articulação metafórica entre o *tema* e as *figuras* que o representam.

Não podemos perder de vista que os mecanismos da linguagem verbal não servem, às vezes, à não verbal. Por exemplo, os recursos sonoros, como aliterações, rimas, ritmo são próprios da linguagem verbal.

A linguagem não verbal (visual), por sua vez, pode lançar mão de outros recursos que explorem signos de outra natureza, como ocorre, com a oposição de cores, de luz e sombra, de formas.

É comum, em filmes, que o diretor tire proveito dessas oposições para destacar efeitos de sentido. Por exemplo, muitas vezes, as cores colaboram para sugerir ou expressar sentimentos de alegria ou de tristeza, de medo, pavor. Acreditamos que você mesmo já deve ter visto inúmeros

filmes que apresentam cenas com tons escuros, negros, carregados, para traduzir uma atmosfera de pânico, terror, tristeza. Ou, ao contrário, excesso de luminosidade para sugerir leveza e felicidade.

A linguagem não verbal, às vezes, vale-se de formas para retratar a fala dos personagens. Um exemplo típico é o das histórias em quadrinhos, em que o discurso direto, ou seja, a fala dos personagens é indicada por um balãozinho, com um apêndice que aponta para o personagem que está falando. Muitas vezes, esse balãozinho vem com desenhos, ondinhas, bolinhas – elementos que significam dentro do contexto em que estão inseridos.

Aprendemos, então, a “ler” um texto não verbal da mesma maneira que aprendemos a ler um texto verbal.

ATIVIDADES



Atendem ao Objetivo 4

4. Observe o anúncio veiculado em 2004.



Fonte: <http://www.aids.gov.br>

A campanha publicitária do Governo Federal contra a Aids combina a linguagem verbal com a não verbal. Tem a finalidade de informar as pessoas, sensibilizá-las e conscientizá-las sobre o risco de contrair a Aids, caso não se faça uso de um preservativo.

a) Observe o lado direito da imagem. Provavelmente, em que época do ano foi veiculada? O que levou você a perceber isso?

SURREALISTA

Vem da palavra “surrealismo” que deu nome a um movimento artístico e literário, surgido primeiramente em Paris dos anos 20, inserido no contexto das vanguardas que viriam a definir o modernismo no período entre as duas Grandes Guerras Mundiais. O surrealismo enfatiza o papel do inconsciente na atividade criativa.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Surrealismo>

b) Observe a imagem principal do anúncio (o texto não verbal). Considerando-se o texto verbal, o que a utilização da camisinha, como aquário, sugere?

5. Agora, observe a pintura do SURREALISTA René Magritte:



Figura 29.2: *Presságios favoráveis* (1944), de René Magritte.

O título da tela é *Presságios favoráveis*. Em 1944, o mundo ainda vivia a II Guerra Mundial. Levando em consideração o que aprendemos na aula de hoje, estabeleça uma relação entre o título, a imagem da tela e o ano da pintura.

RESPOSTA COMENTADA

4.a) Provavelmente, o anúncio foi veiculado durante o carnaval, pois a imagem mostra uma camisinha rodeada de confetes e serpentinas.
b) A utilização da camisinha, como aquário, sugere a total impermeabilidade: nem água passa por ela. Pode sugerir, também, que o espermatozoide não escapa, fica preso, dentro da camisinha.

5.a) A obra *Presságios favoráveis* foi criada em 1944, por René Magritte, um artista surrealista. A palavra “presságio” significa um “fato ou sinal que prenuncia o futuro”, e “favorável” é “o que favorece, auxilia”. Nesse sentido, a obra transmite o sentimento de uma população cansada de conflitos e, mais ainda, a vontade de um dia reconquistar a harmonia, a paz. Assim, a pomba da paz e as flores devem ser interpretadas como a antevisão do pintor quanto ao fim da II Guerra Mundial. As flores, no original, são pintadas em cores suaves, em tons pastel, e a pomba voa num céu róseo, semelhante ao céu da aurora, ou seja, do nascer do dia, podendo simbolizar, dessa forma, um recomeço.

CONCLUSÃO

Você deve ter percebido que, às vezes, um texto não verbal é mais eficiente que um texto verbal, pois este é linear e, por isso, só permite apreender a totalidade da cena depois da enumeração progressiva de cada elemento que a compõe, enquanto aquele permite a imediata apreensão da realidade. Cabe destacar, no entanto, que muitas articulações podem ser estabelecidas entre a expressão oral e escrita e outros meios de expressão. Aprender a “ler” uma canção, uma charge, um cartaz, um filme supõe uma tomada de consciência desses diferentes códigos e o aprimoramento da capacidade de “ler” além das palavras.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

1. Leia o texto a seguir, publicado em 1988, pela *Folha de S. Paulo*.

Este texto tem mil palavras

Como você pode ver, uma garotinha está deitada displicentemente no colo de um senhor bem velhinho e bem simpático. Ela parece um anjo. Loirinha, cabelo castanho-claro, encaracolado, nariz e boca perfeitos, ar inteligente e sadio, uma dessas crianças que a gente vê em anúncios. Pelo jeito deve ter uns três ou quatro anos, não mais que isso. Ela está vestida num desses macaquinhos de flanela, com florezinhas azuis e vermelhas e uma malha creme por baixo. Calçando um tênis transadíssimo nas discretas cores amarelo,

vermelho e azul, o que nos mostra que a mocinha não é apenas novinha, mas moderninha também. O velhinho tem um tipo bem italiano. O boné cinza é típico desses senhores que a gente vê passeando pelo Bixiga nos domingos à tarde. Estatura mediana, cabelos e bigodes branquinhos, rosto e mãos enrugadas que traem uma idade bem avançada. Paletó marrom e calça cinza, ambos de lã, malha creme, abotoada até o último botão, como faz todo senhor que se preze. Embaixo da malha, uma camisa azul mas bem azul mesmo, que destoa de todo o conjunto. (...) Com a cabeça entre o ombro e a barriga do velhinho e os pés apoiados numa almofada de crochê de cor creme. Nas mãos, ela traz um livro de histórias cheio de desenhos coloridos. Livro esse que, olhando atentamente, você verá que se trata da história da Bela Adormecida. O que, aliás, é muito engraçado, porque enquanto a bela conta a história da Bela Adormecida, o velho é que adormeceu. Ele dorme a sono solto. (...) O jardim atrás, ligeiramente desfocado, complementa esse clima de sonho. Atrás do balanço verde, onde os dois estão sentados, vê-se uma cerca de madeira também verde, só que num tom mais escuro, que os decoradores costumam chamar de verde-império. (...) A presença de plantas tão variadas e viçosas nos permite pensar que ou a família tem um jardineiro aplicado ou alguém na família gosta muito de jardinagem. Mas isso já é divagação demais. E já basta a menina que está divagando no colo do avô. Isso mesmo: do avô. Porque o velho que você está vendo só pode ser o avô dela. Pela intimidade com que ela está comodamente instalada no colo dele, percebe-se que não pode ser visita, pessoa de cerimônia. E sim alguém bem chegado, alguém da família. (...) Só pode ser mesmo um avô ouvindo pela milésima vez a mesma história. Que para ele deve ser sempre igual e para ela deve ser sempre diferente. Ela, por sua vez, não deve se importar que seu ouvinte durma. Afinal, ela só quer colo e aquela mão terna, enrugada e querida em volta da sua cintura pequenina. Mesmo desatento, ele está dando a ela seu tempo e seu carinho sonolento. Porque o balanço de jardim pode ser gostoso de sentar. Mas como você pode ver não é o local mais confortável para se dormir. Principalmente num dia frio como esse, num descampado de uma varanda. Mas o fato é que ele não sente a dureza do balanço porque dorme e ela, igualmente, não sente a dureza da madeira e a frieza do tempo por vários motivos: primeiro porque sonha e no sonho não há desconforto ou frio. E segundo, porque ela tem a barriga do avô como travesseiro, o braço dele como edredom e uma almofada como encosto para seus pés e seu tênis multicolorido. Juntos os dois, ali na varanda, vivem um momento que ela vai se lembrar sempre e ele não vai se lembrar de nada. Inclusive nada da história. Por isso que ela vai ter que contar e recontar essa história para o

avô centenas de vezes. Principalmente para reviver os trechos que ele perdeu com seus cochilos. Assim como você vai ter que ler e reler muitas vezes esse texto até conseguir enxergar toda a beleza e ternura contidas nessa cena. Ou pelo menos uma pequena parte dela.

UMA FOTO SERIA MELHOR

19 de agosto

Dia do fotógrafo

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 19 ago. 1988, com anúncio da Fotóptica.



Se você quiser ler o texto na íntegra, pode consultar os links a seguir:
http://www.cespe.unb.br/concursos/uern_2010/arquivos/UERNE10_001_1.pdf
http://saojudasce.blogspot.com/2007_08_01_archive.html
 Ou o livro:
 FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998, p. 378-380.

O texto que você acabou de ler faz uma homenagem aos fotógrafos e mostra que, às vezes, uma imagem vale mais que mil palavras.

a) A homenagem feita pela Fotóptica é um texto verbal, em que se evidencia a importância da imagem em determinadas situações. Explícite algumas diferenças entre o texto verbal e o não verbal.

b) Identifique o tipo textual predominante no texto lido. Se fosse um texto não verbal, o tipo textual seria o mesmo? Por quê?

c) Se, no lugar do texto verbal, fosse colocada uma foto, o mecanismo de “leitura” seria o mesmo? Justifique.

RESPOSTA COMENTADA

1.a) A linguagem verbal e a não verbal exprimem sentidos, com a diferença de que, na primeira, os signos são constituídos de sons da língua e, na segunda, de outros tipos de signos, como as cores, os gestos, as formas, os sons musicais. A segunda diferença básica entre essas duas formas de expressão é a “linearidade” da primeira, em relação à “não linearidade” da segunda. E, ainda, uma terceira diferença é que no texto verbal há sempre um verbo conjugado num tempo definido, enquanto no texto não verbal, as imagens são atemporais.

b) O tipo textual predominante no texto lido é o descritivo. Se o texto fosse não verbal também seria descritivo, porque reproduziria um dado concreto e singular da realidade, situado num ponto estático do tempo.

c) Se no lugar do texto verbal fosse colocada uma foto, o mecanismo de “leitura” não seria o mesmo. Isso porque, na linguagem verbal, a leitura é realizada sequencialmente, do início para o fim, da esquerda para a direita. Já no texto não verbal, uma pintura, por exemplo, pode ser explorada, inteiramente, de uma só vez, visto que falta a dimensão temporal. Assim, quando observamos um quadro, ou uma fotografia, por exemplo, captamos, de imediato, a totalidade de seus elementos, para só depois nos determos nos elementos e irmos decompondo essa totalidade. Esse processo analítico de decomposição pode variar de pessoa a pessoa, diferentemente do que ocorre com o texto verbal, cuja apreensão se dá da mesma forma para leitores ou ouvintes, ou seja, vai-se percebendo a cadeia sonora, ou vão-se lendo as palavras à medida que o texto é falado ou lido.

RESUMO

Os homens sempre se valeram de múltiplas linguagens para veicular sentidos. Podem-se exprimir por meio de uma única linguagem, como a verbal, a gestual (língua de sinais) etc. E podem, também, manifestar-se, simultaneamente, por linguagens diferentes, como ocorre na televisão, no cinema, no teatro etc. A linguagem verbal e a não verbal exprimem sentidos, com a diferença de que na primeira, os signos são constituídos de sons da língua e, na segunda, de outros tipos de signos, como as cores, os gestos, as formas, os sons musicais. Outra diferença básica entre essas duas formas de expressão é a “linearidade” da primeira, em relação à “não linearidade” da segunda. O texto não verbal ressignifica a realidade e a transforma de acordo com o ponto de vista de quem o produz. Em princípio, o texto não verbal pode ser considerado predominantemente descritivo, já que apreende a realidade num ponto estático no tempo, mas a sucessão de imagens cria uma progressão narrativa. Aprendemos a “ler” um texto não verbal, da mesma maneira que aprendemos a ler um texto verbal.

A linguagem dos signos e das cores no texto visual: relações motivadas – ícones, índices, símbolos

*Rosane Monnerat
Ilana Rebello Viegas*

AULA

30

Meta da aula

Analisar a linguagem icônico-cromática nos textos visuais.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer as relações arbitrárias entre significante e significado;
2. reconhecer as relações motivadas entre significante e significado;
3. distinguir ícones, índices e símbolos;
4. relacionar a simbologia das cores à construção de significados no texto.

INTRODUÇÃO

SINCRETISMO

Fusão de elementos culturais diversos.

FERDINAND DE SAUSSURE
(GENEVA, 26 DE NOVEMBRO DE 1857 – MORGES, 22 DE FEVEREIRO DE 1913)

Foi um linguista e filósofo suíço cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística como ciência e desencadearam o surgimento do estruturalismo. Além disso, o pensamento de Saussure estimulou muitos dos questionamentos presentes na linguística do século XX.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Saussure>



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ferdinand_de_Saussure.jpg

Vamos retomar o “fio da meada” da aula anterior para continuar falando das muitas formas de linguagem por meio das quais o homem se comunica.

Conforme vimos, o homem manifesta seus pensamentos e suas emoções por meio de muitas linguagens, sendo a linguagem verbal, ou das palavras, a mais comum. O ser humano pode-se valer de uma única forma de linguagem ou, também, usar simultaneamente várias linguagens para veicular seu pensamento. É o que ocorre quando se combinam, por exemplo, num mesmo texto, palavras, cores e formas.

Todas essas linguagens são possibilidades expressivas que se articulam num texto para expressar sentidos.

É sobre esse **SINCRETISMO** de expressão por meio de signos variados que falaremos na aula de hoje.

No estudo dos signos, começaremos pelo *signo linguístico*, a que já nos referimos brevemente na Aula 14.

O SIGNO LINGUÍSTICO

O *signo linguístico* foi descrito por **FERDINAND DE SAUSSURE** em seu *Curso de Linguística Geral*. Constitui-se de uma combinação de um conceito e uma imagem sonora, ou seja, é uma entidade em que sons ou sequências de sons estão ligados a significados ou conteúdos semânticos.

Os *signos linguísticos* são empregados para a realização de conteúdos psíquicos, sendo, dessa forma, instrumentos de comunicação e representação, na medida em que, por meio deles, configuramos a realidade linguisticamente.

Se considerarmos, portanto, a linguagem verbal, que tem a língua como código, os signos linguísticos são, efetivamente, os responsáveis pela representação das ideias. Esses signos são as próprias palavras da língua, que, por meio da fala e da escrita, representam nossos pensamentos.

Os signos linguísticos apresentam, então, dois componentes: o *significante* e o *significado*.



O *significante* é a parte material do signo (o som e as letras);
O *significado* é a parte abstrata, conceitual, a ideia.

SIGNIFICANTE: r o s a /rosa/ (as letras e o som)

SIGNIFICADO: (conceito, ideia)



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1279291>

Assim, o signo linguístico é toda uma unidade portadora de sentido.

A ARBITRARIEDADE DO SIGNO LINGUÍSTICO

No *signo linguístico*, não há nenhuma relação natural entre o *significado* e o *significante*, isto é, um *significante* não implica necessariamente determinado significado e nenhum *significado* implica necessariamente determinado *significante*.

Exemplificando, o conceito ou ideia que representa a realidade “casa” se concretiza por meio da cadeia sonora /kaza/, em português.

Esse mesmo conceito se representa por outras cadeias sonoras, relativas à palavra *house*, em inglês, e à palavra *maison*, em francês, por exemplo.

Essa relação não obrigatória, ou seja, imotivada, “arbitrária” entre significado e significante constitui o que se convencionou chamar de *arbitrariedade do signo linguístico*.



Se você quiser ler um pouco mais sobre o signo linguístico, pode acessar o link a seguir:
CARVALHO, Castelar de. *Saussure e a língua portuguesa*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Imagine uma brasileira que esteja trabalhando como empregada doméstica na casa de uma família portuguesa. Certa manhã, a dona da casa, antes de sair para um compromisso, dá a seguinte recomendação:

“Minha filha Ritinha ainda está a dormir. Quando ela acordar, faz-me um favor: pega-a na cama, põe-lhe uma cueca e uma camisola e dá-lhe um copo de leite.”

A dona da casa saiu e a empregada brasileira ficou confusa, pois, no Brasil, “cueca” é peça do vestuário masculino e “camisola” é roupa feminina de dormir. Aproveitando a situação exposta, explique a relação arbitrária entre significante e significado.

RESPOSTA COMENTADA

No signo linguístico, não há nenhuma relação natural entre o significado e o significante, isto é, um significante não implica necessariamente determinado significado e nenhum significado implica necessariamente determinado significante.

Assim, a empregada doméstica brasileira ficou confusa, porque pensou que, no idioma português, os significantes “cueca” e “camisola” sempre remetessem, respectivamente, à “peça do vestuário masculino” e à “roupa feminina de dormir”. No entanto, em Portugal, “cueca” significa “calcinha” e “camisola”, “blusa”.

A RELAÇÃO MOTIVADA ENTRE SIGNIFICADO E SIGNIFICANTE

Acabamos de estudar que, na linguagem verbal, o significante é a imagem acústica (os sons que formam a palavra “flor”, por exemplo) e o significado é o conceito (como concebemos a “flor”).

As linguagens não verbais, como a música, a pintura, o cinema e muitas outras, também se aproveitam dos signos, que se compõem também de significantes (cor, forma, som, movimento etc.) e de significados (os conceitos expressos).

Vejamos um exemplo prático: os sinais de trânsito.

As cores vermelho, amarelo e verde são significantes que remetem, respectivamente, aos significados de “parar”, “esperar” e “seguir”. Esses são códigos aceitos e usados por toda a sociedade, como decorrência da função social da linguagem.

Há casos, porém, em que a relação entre o significante e o significado é motivada, ou seja, trata-se de “signos motivados”, que apresentam uma relação direta entre significado e significante, como ocorre, por exemplo, nas **ONOMATOPEIAS**.

Há, ainda, outros casos de relações motivadas, as que se estabelecem, por exemplo, nos signos em que aparecem **ANALOGIAS** entre uma imagem e o conceito que ela carrega. Por exemplo, entre a “cruz” e o “cristianismo”.

ONOMATOPEIA

Vocábulo que procura imitar um som ou ruído. Ex.: tique-taque, que imita o som de um relógio.

ANALOGIA

Relação ou semelhança entre coisas ou fatos.

SÍMBOLOS, ÍCONES E ÍNDICES

O signo representa a realidade designada. Pierce (1995) defende a ideia de signo como “algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém”. Sendo assim, essa relação envolve três elementos: o *signo*, ou representante; o *objeto*, ou referente, e o *interpretante*. Dependendo do modo como se estabelece a relação entre o signo e o objeto que ele representa – o referente –, o signo pode ser denominado *símbolo*, *ícone* ou *índice*.

O *símbolo* constitui-se a partir de uma relação estabelecida por meio da analogia e significa por meio de uma convenção estabelecida pela sociedade, sendo, portanto, um sinal artificial, como, por exemplo, os sinais de trânsito, como vimos há pouco ou, um coração, que simboliza amor, carinho (como vimos em uma das atividades da Aula 29), ou, ainda, a cor branca para significar pureza, paz etc.



Figura 30.1: A pomba branca pode ser considerada um símbolo porque se convencionou que ela representa a paz.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1195513>

O *ícone* constitui-se por meio de uma relação estabelecida pela similaridade (semelhança) entre o signo e o objeto. Essa similaridade pode estar apoiada em propriedades físicas (por exemplo, um brinquedo que representa o objeto que o originou), ou em uma possível semelhança de uso (um cabo de vassoura, por exemplo, representando um cavalo, ou uma bruxa). A relação icônica é a base das *metáforas*. Exemplo: imagens, quadros, fotografias etc.



Nick Goodchild

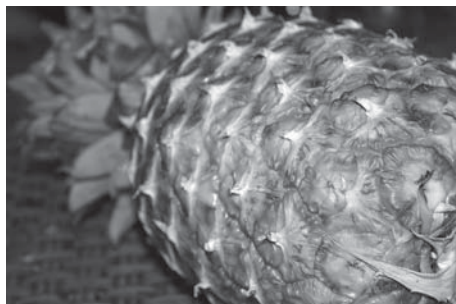
Figura 30.2: Na imagem, o cabo da vassoura que serve de locomoção para a bruxa torna-se um ícone para a imagem que se tem de uma bruxa.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1087848>

Vejamos mais um exemplo de *ícone*:

Se selecionarmos um conjunto de frutas tropicais – por exemplo: abacaxi, banana, laranja, manga etc. –, dizemos que essas frutas, com a exuberância de suas cores, podem ser consideradas como um *ícone* de nosso país, o Brasil, país tropical. Vale lembrar, a esse respeito, que foi por se apresentar com arranjos de frutas tropicais na cabeça que **CARMEN MIRANDA** passou a ser considerada um *ícone* da cultura nacional.

Como dissemos, a relação icônica é a base das metáforas. Se utilizarmos, por exemplo, a palavra “abacaxi” numa frase como: “Resolva esse abacaxi para mim”, ou “descasque esse abacaxi para mim” (obviamente em sentido “conotativo”), estaremos fazendo uso de uma metáfora, estabelecendo uma relação de semelhança entre a dificuldade de se descascar um abacaxi – fruta espinhosa – e a situação difícil em que a pessoa que proferiu a frase se encontra.



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/781413>

CARMEN MIRANDA

Maria do Carmo Miranda da Cunha (Portugal: Marco de Canaveses, 9 de fevereiro de 1909 – Estados Unidos: Los Angeles, 5 de agosto de 1955), mais conhecida como Carmen Miranda, foi uma cantora e atriz brasileira, nascida em Portugal. Sua carreira artística transcorreu no Brasil e nos Estados Unidos entre as décadas de 1930 e 1950. Trabalhou no rádio, no teatro de revista, no cinema e na televisão. Chegou a receber o maior salário até então pago a uma mulher nos Estados Unidos. Seu estilo eclético faz com que seja considerada precursora do tropicalismo, movimento cultural brasileiro surgido no final da década de 1960.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Carmen_Miranda



Figura 30.3: Carmen Miranda no filme *Entre a loura e a morena* (*The Gang's All Here*, 1943), de Busby Berkeley.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Carmen_Miranda_in_The_Gang%27s_All_Here_trailer_cropped.jpg



Na linguagem verbal, prevalecem os signos arbitrários, uma vez que não existe um fato que explique a conexão entre uma palavra e o que ela denota. Isso significa que os signos icônicos são raros, como o caso das expressões onomatopaicas, que estudamos há pouco.

CONTIGUIDADE

Relação de proximidade.

Finalmente, o *índice* se constitui por meio de uma relação direta, real e causal entre o signo e o objeto. Essa é uma *relação de CONTIGUIDADE*, que se caracteriza a partir de ideias como: *pertence a, a partir de, causa e efeito*. É a base das relações de *metonímia*. Assim, nuvens negras são *índice* de chuva, a fumaça é *índice* de fogo etc.



Jari Aho

Figura 30.4: A fumaça é considerada um índice de fogo porque há uma relação direta, causal, entre fumaça e fogo.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/802961>

O trinômio *ícone, índice e símbolo*, segundo Vestergaard e Schrøder (2000), pode ser visto como uma divisão de signos em grau decrescente de naturalidade: o *ícone* representa um signo cuja conexão com o objeto fundamenta-se num certo tipo de similaridade; o *índice*, numa relação de contiguidade e, por último, o *símbolo*, numa convenção.

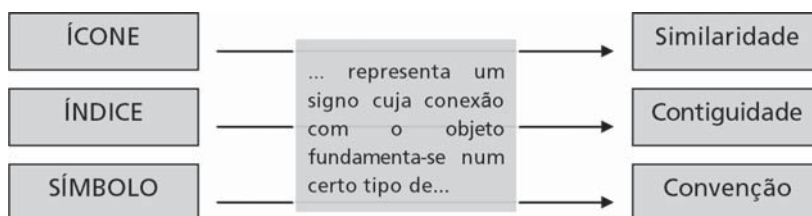


Figura 30.5: Ícone, índice e símbolo segundo Vestergaard e Schrøder.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 2 e 3

2. Explique por que, no enunciado a seguir, a relação entre significante e significado é motivada.

“Não aguento mais essa situação: todo dia vou trabalhar de ônibus que nem sardinha em lata.”

3. Dependendo do modo como se estabelece a relação entre signo e referente, um signo pode ser denominado *símbolo*, *índice* ou *ícone*. Assim, identifique se os signos abaixo são *símbolo*, *índice* ou *ícone*, justificando.

a) Parece que *choveu*, pois o *chão está molhado*.

b) Ana está usando uma *aliança no dedo anular da mão esquerda*. Deve ter *casado*!

c) Os *olhos* da menina são dois *diamantes*.

RESPOSTA COMENTADA

2. A relação entre o significante e o significado pode ser motivada, quando ocorrer uma relação direta entre significado e significante, como, por exemplo, nas onomatopeias e nas analogias,

No enunciado: “Não aguento mais essa situação: todo dia vou trabalhar de ônibus que nem sardinha em lata”, a relação entre o significante (sardinha em lata) e o significado (o aperto, dentro do ônibus) é motivada por meio de uma analogia. A “sardinha em lata” é um produto industrializado em que o peixe – sardinha – vem prensado. Assim, dizer que “o ônibus estava que nem sardinha em lata” significa que estava lotado e, conseqüentemente, as pessoas estavam “prensadas”, “amassadas” uma às outras, como “sardinhas em lata”.

3.a) No enunciado “Parece que choveu, pois o chão está molhado”, “chão molhado” é um índice, pois a relação com “chuva” é de contigüidade.

b) No enunciado “Ana está usando uma aliança no dedo anular da mão esquerda. Deve ter casado!”, “aliança no dedo anular esquerdo” é um símbolo, pois a relação com “casamento, compromisso” é convencional.

c) No enunciado “Os olhos da menina são dois diamantes”, “diamante” é um ícone, pois a relação com “olhos” é de similaridade.

A IMAGEM E AS CORES

A comunicação humana se dá, sobretudo, pela linguagem verbal, como sabemos. Mas a comunicação visual, nos dias de hoje, vem-se impondo com força total na sociedade contemporânea, aparecendo nos *outdoors*, nas telas *high-tech*, na televisão, no computador... E tudo isso, principalmente, por meio de imagens.

E o que é uma imagem?

“A imagem é basicamente uma síntese que oferece traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade” (NEIVA JÚNIOR, 1986, p. 5).

Vamos focalizar, agora, um desses elementos visuais: a COR.

As cores significam, mas esses significados podem não ser os mesmos para todas as culturas, pois as comunidades humanas têm estruturas de pensamento **SUBJACENTES** próprias, construídas a partir de suas experiências sociais e históricas e expressas por meio de linguagens que lhes são significativas.

SUBJACENTES

Que está por baixo, que não se manifesta claramente.

Com isso, queremos dizer que há diferenças culturais na percepção do significado das cores. Por exemplo, nas culturas ocidentais, o *branco* significa, além de paz, alegria. Daí, as noivas usarem vestidos brancos no dia do casamento. O *preto*, ao contrário, é sinal de tristeza, luto, cor da morte, do medo e das trevas. Mais recentemente, observou-se o uso político da cor preta para simbolizar protesto.

Em grande parte dos países orientais, no entanto, o luto é representado pelo branco. Isso porque na cultura desses países, a morte é vista como elevação espiritual, sendo, portanto, o branco a cor que mais se destina a tal situação; é a cor, inclusive, usada pelas viúvas.

O branco e o preto significam dentro de uma polaridade positiva/negativa. Em outras palavras, o branco, de um lado, opõe-se ao preto, de outro, sugerindo, respectivamente, na nossa cultura ocidental, as ideias de bem (branco: luz, conhecimento) e mal (preto: trevas, ignorância).

Vejamos alguns exemplos:

“Ela é a *ovelha negra* da família” (negativo); “A situação está *preta*” (negativo); “Preciso *clarear* as minhas ideias” (positivo).

Paralelamente, outros códigos culturais são caracterizados pela polaridade. Por exemplo, a dicotomia entre os gêneros masculino e feminino: *azul*, para os meninos e *rosa*, para as meninas.



Acesse o link a seguir:
<http://veja.abril.com.br>
 Agora observe a capa da revista *Veja*: a palavra “menina” escrita com letras em rosa e a palavra “menino”, escrita com letras em azul.

No caso do *vermelho*, observa-se também a polaridade, mas desta feita, em relação à mesma cor – vermelho: ao mesmo tempo em que indica sangue, guerra, vingança e ódio (valor negativo), também simboliza a paixão, o amor do apaixonado ao oferecer rosas, vermelhas (valor positivo).

Como curiosidade, vejamos alguns “valores” (ou significados das cores) em nossa cultura:

Verde: esperança;

Azul: tranquilidade;

Amarelo: riqueza.

O amarelo, em especial, na cultura brasileira, é a cor do uniforme da “seleção canarinho”, simbolizando, portanto, a alegria, o ouro (da bandeira), o maduro das nossas frutas e a tropicalidade de nosso país.

Assim, a bandeira brasileira oferece uma simbologia cromática (de cores) muito interessante: o verde simboliza as nossas matas; o amarelo, o ouro; o azul, o nosso céu e o branco, a paz.

Resta mencionar que o uso inteligente da cor pode propiciar maior funcionalidade aos espaços, equilíbrio, harmonia, saúde e bem-estar psicossocial.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 4

4. Observe algumas capas da revista *Veja* nos links indicados a seguir:

- Capa A: 25/03/2009 – Pedofilia – Quando o inimigo é da família
<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=2009#>
- Capa B: 01/07/2009 – Michael Jackson 1958 – 2009
<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=2009#>
- Capa C: 27/01/2010 – Haiti – Do caos à esperança
<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=2010#>
- Capa D: 23/08/1995 – A construção da beleza
<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=1995>
- Capa E: 28/11/2001 – A ciência da boa forma
<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=2001#>
- Capa F: 17/09/2003 – Equilíbrio mental
<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=2003>

Nas capas (A), (B) e (C), a cor “preto” predomina. Na capa (D), é o “vermelho” que predomina; na (E), o amarelo e, por último, na (F), o azul. Relacione a simbologia das cores, em nossa cultura ocidental, ao texto principal veiculado em cada capa de revista.

RESPOSTA COMENTADA

Nas capas (A), (B) e (C), o “preto” predomina e significa, respectivamente, “violência”, “luto” e “destruição”. Assim, o “preto” tem uma carga semântica negativa. Já o “vermelho” e o “amarelo” são cores quentes, estimulantes e alegres. Representam energia. Daí serem as cores predominantes nas capas (D) e (E), relacionadas à saúde e à beleza. E, por último, o “azul” predomina na capa (F), pois está relacionado à tranquilidade, à saúde emocional e ao equilíbrio.

CONCLUSÃO

Ao final desta aula, você deve ter percebido como é importante analisar a linguagem dos signos e das cores no texto visual. Tudo produz sentido. Se a comunicação por imagens por si só já possui uma enorme força apelativa, as imagens com cores vivas têm uma força ainda maior. A repetição das combinações de cores com incorporações ou vinculação a determinados contextos positivos ou negativos também participa da formação do repertório e do imaginário dos leitores.

Além disso, apesar de diferentes, todas essas linguagens não se excluem, muito pelo contrário, imbricam-se a todo instante, como se observa, por exemplo, no texto publicitário.

Em seguida, propomos a análise de um texto publicitário, em que se articulam o texto verbal e o não verbal.

Tratamos, então, as cores como processo comunicativo, focalizando as diversidades culturais que decorrem desse processo.

ATIVIDADES FINAIS

Atende aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

1. No texto publicitário, o mundo dos sonhos deve ser retratado de tal forma que conquiste o leitor, daí a utilização de cores alegres. Na cultura ocidental, normalmente, o vermelho é associado ao amor; o laranja, à energia; o amarelo, à alegria; o verde, à esperança; o azul, à tranquilidade; o preto, ao luto; o cinza, à seriedade e o branco, à paz, à limpeza e à pureza.

A seguir, reproduzimos dois textos publicitários da campanha de 2010 contra a Aids, patrocinada pelo Governo Federal, na época do Carnaval. Procure relacionar a simbologia das cores aos textos veiculados nas campanhas.

Texto 1:



Texto 2:



Fonte: <http://www.aids.gov.br>

Texto 1: “O que você fez eu tô dentro.”

Cores principais da campanha: laranja e amarelo.

Texto 2: “Esqueceu de mim? Faça o teste de Aids.”

Cores principais da campanha: verde e roxo.

2. Às vezes, a relação entre significante e significado é motivada e, dependendo do modo como se estabelece essa relação, um signo pode ser denominado *símbolo*, *índice* ou *ícone*.

Assim, acesse os links indicados, observe as capas da revista *Veja*, a seguir, e identifique se os signos são *símbolo*, *índice* ou *ícone*, justificando.

Capa A: Stress – Como conviver com ele (Relógio associado ao stress.)

Revista *Veja*, 26/02/97

<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=1997>

Capa B: Corruptos – Estamos perdendo a guerra contra essa praga (Um homem – provavelmente político – com a cara de um rato.)

Revista *Veja*, 25/05/2005.

<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=2005>

RESPOSTA COMENTADA

1. O texto (1) foi veiculado antes do Carnaval. As cores predominantes – o laranja e o amarelo – combinam com essa festa, pois o laranja é uma cor quente, alegre e estimulante, tal como o amarelo e o vermelho. A mensagem para quem vai curtir o carnaval é de prevenção. O slogan "Camisinha. Com amor, paixão ou só sexo mesmo. Use sempre" busca atingir tanto os apaixonados quanto quem quer apenas curtir. Além disso, pode-se pensar numa analogia com os sinais de trânsito, conhecidos por todas as pessoas, independentemente de nível social ou cultural, e lembrar que o amarelo é o sinal que veicula o significado de "atenção", o que se articula bem com o sentido de prevenção que a campanha pretende transmitir.

Já o texto (2) foi veiculado após o Carnaval, incitando as pessoas que praticaram sexo sem camisinha a fazerem o teste de Aids. Nesse texto, a embalagem da camisinha é da cor "roxa", que é, normalmente, associada à tristeza. Entretanto, a cor que predomina é o "verde", comumente associado à esperança, à calma, à cura. Assim, quem fez sexo sem camisinha não deve perder a esperança, a vontade de viver e, por isso, deve fazer o teste para poder se cuidar.

2. O tema da revista (A) é o stress, daí a utilização de um relógio. Normalmente, uma pessoa fica estressada com a correria do dia a dia, com a necessidade de cumprir todos os compromissos e todas as obrigações. Assim, o "relógio" simbolizando a correria do dia a dia pode ser tomado como símbolo de "stress", numa relação convencional.

Já o tema da revista (B) é a corrupção. A imagem é de um político com cara de rato. O "rato" é considerado um animal nocivo ao homem, desprezível. A revista atribui as características do rato a um político corrupto. Dessa forma, o "rato" pode ser tomado também como símbolo de "corrupção".

Um símbolo é um signo cuja relação signo/objeto não é imediata, pois não há necessariamente similaridade ou contiguidade com o objeto, sendo quase sempre tomado de forma arbitrária, só significando dentro de uma convenção estabelecida pela sociedade.

RESUMO

O ser humano pode-se valer de uma única forma de linguagem ou, também, usar simultaneamente várias linguagens para veicular seu pensamento. É o que ocorre quando se combinam, por exemplo, num mesmo texto, palavras, cores e formas. Todas essas linguagens são possibilidades expressivas que se articulam num texto para expressar sentidos por meio de signos. O *signo linguístico* constitui-se de uma combinação de um conceito (*significado*) e uma imagem sonora (*significante*), que se articulam numa *relação de arbitrariedade*, o que significa dizer que não há nenhuma relação natural entre o significado e o significante. Há casos, porém, em que a relação entre o significante e o significado é motivada. É o que ocorre com as onomatopeias e, ainda, com os símbolos, ícones e índices. As cores, expressas nas imagens, têm significados culturalmente partilhados.

Português I

Referências

Aula 16

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1996.

KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2001.

Aula 17

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed., revista. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1996.

KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2001.

WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el langage*. Madrid: Gredos, 1968.

Aula 18

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

LAPA, Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 9. ed., rev. e acresc. Coimbra: Coimbra Editora Limitada, 1977.

CARNEIRO, Agostinho Dias. Uma sinopse de uma gramática textual. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/arquivos/html/romance/marm08.htm>>. Acesso em: 06 abr. 2011.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Scipione, 1997.

CARNEIRO, Agostinho Dias. Uma sinopse de uma gramática textual. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHUVA forte alaga diversos pontos do Rio e provoca mortes. *O Globo*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/04/05/chuva-forte-alaga-diversos-pontos-do-rio-provoca-mortes-916250646.asp>>. Acesso em: 06 abr. 2011.

QUERO ser castigado por Deus se estiver mentindo, diz morador de rua pintado em Porto Alegre. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cidades/mat/2010/04/06/quero-ser-castigado-por-deus-se-estiver-mentindo-diz-morador-de-rua-pintado-em-porto-alegre-916260353.asp>>. Acesso em: 06 abr. 2011.

Aula 22

CARNEIRO, Agostinho Dias. Uma sinopse de uma gramática textual. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

GATO recebe por sete meses benefício do Bolsa Família. 24 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,gato-recebe-por-sete-meses-beneficio-do-bolsa-familia,312279,0.htm>>. Acesso em: 29 abr. 2011.

Aula 23

CARNEIRO, Agostinho Dias. Uma sinopse de uma gramática textual. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

Aula 24

ABREU, Antônio Suárez. *Curso de redação*. 12. ed., São Paulo: Ática, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.
- ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.
- COSERIU, Eugenio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- LIBERATO, Wilson. Nossa língua brasileira. *O Pergaminho*, Formiga, MG, 21 out. 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- MARTINET, André. *Elementos de linguística geral*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- NUNES, José Joaquim. *Crestomatia arcaica*. 7. ed. Porto: Livraria Clássica Editora, 1970.
- REGO, José Lins do. *Pedra bonita*. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

- AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CUNHA, Celso; LINDLEY CINTRA, Luís F. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 16. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1995.
- PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- TRASK, R. L. *Dicionário de linguística e linguagem*. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

A COR do Brasil. *Isto é*, São Paulo: Editora Três, 4 set. 1996.

ABREU, Antônio Suárez. *Curso de redação*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2004.

AINDA na caverna. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 maio 1996.

ALVES, Rubem. Carta a um adolescente. *Correio Popular*. Campinas, 24 nov. 1996.

ANNAN, Kofi. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 jun. 2002. Seção Tendências/Debates.

BOCK, Lia; TARANTINO, Mônica. Atração perigos: O brasileiro exagera nos remédios, consumindo-os sem consultar o médico e colocando sua saúde em risco. *Isto é*, São Paulo, n. 1671, 10 out. 2001, p. 80-85. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/41619_ATRACAO+PERIGOSA?pathImagens=&path=&actualA rea=internalPage>. Acesso em: 04 jul. 2011.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.

CANO, Ignácio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 ago. 2002.

CIÊNCIA e tecnologia: água potável: petróleo do século XXI. *Amazônia*, ano 21, n. 3, 2011. p. 40-41.

CONY, Carlos Heitor. No meio do silêncio. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 dez. 1996.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 16. ed., Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1995.

LIMA, João Gabriel de. O paradoxo da água: setenta por cento da superfície do planeta é coberta por água – mas só 1% de todo esse enorme reservatório é próprio para o consumo do homem: o desafio é evitar a poluição, o desperdício e distribuir melhor esses recursos hídricos. *Veja*, edição 1926, 12 out. 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/121005/p_088.html>. Acesso em: 04 jul. 2011.

OPINIÃO. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 04 mar. 2004. p. A2.

READ, Henert. *A redenção do robô*. São Paulo, Summus, 1986.

THUAN, Trinh Xuan. *O agrimensur do cosmo*: entrevistas a Edmond Blattchen. São Paulo, Unesp/UEPA, 2002.

BOCK, Lia; TARANTINO, Mônica. Atração perigosa. *Isto é*, n. 1671, 10 out. 2001, p. 80-85. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/41619_ATRACAO+PERIGOSA?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage>. Acesso em: 22 jun. 2011.

CARNEIRO. Agostinho Dias. *Redação em construção: a escritura do texto*. 2. ed. ampl. Rio de Janeiro: Moderna, 2001.

CHUVA forte alaga diversos pontos do Rio e provoca mortes. *O Globo online*, 06 abr. 2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/04/05/chuva-forte-alaga-diversos-pontos-do-rio-provoca-mortes-916250646.asp>>. Acesso em: 06 abr. 2010.

CONY, Carlos Heitor. No meio do silêncio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 dez. 1996.

COSTAS, Ruth. O risco de pagar para ver. *Revista Veja*, n. 1926, 12 out. 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/121005/p_114.html>. Acesso em: 22 jun. 2011.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FRANK Capra. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Frank_Capra>. Acesso em: 29 jun. 2011.

JORNAL DA GENTE, São Paulo, p. 7, 09 maio 2010. Disponível em: <<http://tudoeste.com.br/?Pub=5>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

JORNAL DA GENTE, São Paulo, 18 jan. 2011. Disponível em: <<http://tudoeste.com.br/?Pub=5>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

MACHADO, Anna Rachel (Coord.) *Resumo*. São Paulo: Parábola, 2004. (Leitura e produção de textos técnicos acadêmicos, v. 1).

SERAFINI, Maria Teresa. *Como escrever textos*. Trad. Maria Augusta Bastos de Mattos. São Paulo: Globo, 1992.

Aula 29

AGUIAR, Vera Teixeira. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: UNESP, 2004.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. São Paulo: Vozes, 2009.

ESTE TEXTO tem mil palavras. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 ago. 1988.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

HOUAISS, Antonio. *Mini Houaiss-dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MACHADO, Irene A. Texto & Gêneros: fronteiras. In: DIETZSCH, Julia Martins (Org.). *Espaços da linguagem na educação*. São Paulo: Humanitas, 1999.

PAES, José Paulo. *Anatomias*. São Paulo: Cultrix, 1976.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004.

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VESTERGAARD, Torben; SCHRØDER, Kim. *A linguagem da propaganda*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Aula 30

A CIÊNCIA da boa forma. *Veja*, São Paulo, 28 nov. 2001. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=2001#>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

A CONSTRUÇÃO da beleza. *Veja*, São Paulo, 23 ago. 1995. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=1995>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

AGUIAR, Vera Teixeira. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: UNESP, 2004.

CARVALHO, Castelar de. *Saussure e a língua portuguesa*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

CORRUPTOS: estamos perdendo a guerra contra essa praga. *VEJA*, São Paulo, 25 maio 2005. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=2005>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

EQUILÍBRIO mental. *Veja*, São Paulo, 17 set. 2003. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=2003>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

FERDINAND de Saussure. In: WIKIPEDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Saussure>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Annablume, 2000.

HAITI: do caos à esperança. *Veja*, São Paulo, 27 jan. 2010.

MICHAEL Jackson: 1958 – 2009, *Veja* São Paulo, 01 jul. 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=2009#>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

NEIVA JÚNIOR, Eduardo. *A imagem*. São Paulo: Ática, 1986.

PEDOFILIA: quando o inimigo é da família. *Veja*, São Paulo, 25 mar. 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=2009#>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

PIERCE, Charles. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

STRESS: conviver com ele. *Veja*, São Paulo, 26 fev. 1997. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=1997>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

ARQUIVO de capas. *Veja*, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/busca/resultado-capas.shtml?Vyear=2004>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

VESTERGAARD, Torben; SCHRØDER, Kim. *A linguagem da propaganda*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

